



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA -PPGSCA**

CARLOS AUGUSTO DA SILVA

**ÁREA DE INTERFACE CERAMISTA PRETÉRITA: A COLEÇÃO
ARQUEOLÓGICA JOSÉ ALBERTO NEVES**



**MANAUS-AM
2016**

CARLOS AUGUSTO DA SILVA

**ÁREA DE INTERFACE CERAMISTA PRETÉRITA: A COLEÇÃO
ARQUEOLÓGICA JOSÉ ALBERTO NEVES**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de
Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do
Amazonas como exigência para a obtenção do título de
DOUTOR em Sociedade e Cultura na Amazônia.**

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

**Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Maria Melo
Sampaio**

**MANAUS-AM
2016**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Carlos Augusto da
S586á Área de Interfaces ceramistas Pretéritas: a coleção Arqueológica
José Alberto Neves : a Coleção Arqueológica José Alberto Neves /
Carlos Augusto da Silva. 2016
211 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Eduardo Góes Neves
Coorientadora: Patrícia Maria Melo Sampaio
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. A Cerâmica arqueológica. 2. Paisagens. 3. Terra preta de índio em Urucurituba-Am. 4. história antiga no médio Rio Amazonas. I. Neves, Eduardo Góes II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CARLOS AUGUSTO DA SILVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas como exigência para a obtenção do título de DOUTOR em Sociedade e Cultura na Amazônia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Eduardo Góes Neves - Orientador.
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP)

Prof. Dr. Claide de Paula Moraes.
Universidade Federal do Oeste do Para (UFOPA)

Prof. Dra. Helena Pinto Lima (MPEG)

Prof. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe (UFAM/PPGCASA)

Prof. Dr. Francisco Jorge dos Santos (UFAM/PGSCA)

DEDICO

À Helena Borges, minha esposa; aos meus filhos, Carlos Augusto Borges da Silva e Carlos Alberto Borges da Silva, parceiros de encarar o trabalho e a luta pelas estradas da vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Clóvis Inácio da Silva (*in memoriam*) e Umberta Gomes da Silva, pelos ensinamentos e pela dedicação.

À Professora Doutora Terezinha de Jesus Pinto Fraxe, pelo elevadíssimo incentivo de me apoiar para realizar o curso de Pós-Graduação.

Ao Doutor James Petersen (*in memoriam*), que na etapa de campo em 1999, me encorajou quando falou: “*Tijolo, você é um bom auxiliar de campo*”, tradução de Eduardo Góes Neves.

Aos meus irmãos, principalmente Paulo, Maria e Francisco, companheiros de viagens de canoa para frequentarmos a Escola São Francisco, em Manaquiri-AM, onde a Professora Marina me ensinou as primeiras letras do ABC.

Ao meu querido irmão Chico, que, mais uma vez, conseguiu recurso para custear a etapa de campo em Urucurituba-AM; sem isso não teria realizado essa etapa.

Ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pelo apoio, nas pessoas do arquiteto Almir de Oliveira e da arqueóloga Elaine Walderlei, por terem se engajado à causa de abraçar a Coleção Arqueológica José Alberto Neves.

Ao Danilo Rodrigues, Daniel Borges, Denílson Borges e Haydeé Borges, pelo apoio e pela amizade.

Aos sobrinhos Anderson, Brenda, Nayanne, Mariane, Daniel Borges Filho, Heloísa Helena, Eduardo, Carmem, Laurinha, Gabriel, Erivelton, Márcio, Andreza, Adriane, Andrea, Sandra, Eduardo Amisterdan, Railson, Fábio, Fabrício, Givanildo, Marlene, Marli, Wanderson, Vanessa, Anderson Silva, Ariane, Sagide, Adaíde, Ataíde, Thaís, Paula, William e Robertinha – meus incentivos, apoio e carinho por todos.

Ao Professor José Alberto Neves, pela profunda dedicação e respeito pela coleção arqueológica, que constitui verdadeiras assinaturas das sociedades humanas que nos últimos mil anos deixaram seus testemunhos encravados no tapete negro de terra preta, na área da atual cidade de Urucurituba-AM.

À Professora Noeme, dedicada educadora, parceira do Professor José Alberto Neves, pelo trato à Coleção Arqueológica.

À Professora Doutora Patrícia Sampaio, por ter-me aceitado nos dois primeiros anos do curso.

Ao Professor Doutor Eduardo Góes Neves, por ter-me aceitado na continuação da orientação sobre os vestígios deixados pelas ações das sociedades humanas pré-colombianas. E por ter-me aceitado nas etapas de campo na Amazônia, desde de 1999, período em que tive a oportunidade de presenciar como as sociedades conseguiram realizar a construção de monumentos cuja ferramenta era somente a inteligência.

À Helena Borges, após sua jornada à escola de ensino infantil, por contribuir com a leitura dos textos sobre a arqueologia.

Ao Professor Doutor Michael Henckenberger, pelas informações em campo, que me dissera que, em arqueologia, deve-se ir à profundidade do imaginário do modo de vida das sociedades, que criaram paisagens com o objetivo de se manterem no ambiente.

Ao arqueólogo Robert Bartone (Bobi) pelo ensinamento no trato de exumar urnas funerárias na Amazônia Central.

À Professora Heloísa Borges, pelas contribuições em disponibilizar minhas viagens pelo interior do Amazonas, na Escola de Campo, pois, nas horas em que não estou em sala de aula, fico às voltas tentando interagir com os moradores sobre onde há vestígios cerâmicos ou terras pretas.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura, pelas contribuições na literatura sobre o pensamento social da Amazônia.

Aos colegas do Doutorado, pela parceria em trocas de literatura que foram importantes para os passos do meu objeto de estudo.

Aos colegas Raul Peringo, Catarina Calheiros e Daniel Azevedo que foram importantes para a realização das etapas de campo, em Urucurituba-AM.

Ao colega Luciano Silva, Diretor da Divisão de Arqueologia do Museu Amazônico, que conseguiu os equipamentos para a análise da Coleção Arqueológica; e pela ajuda na formatação do banco de dados.

Ao Secretário de Meio Ambiente de Urucurituba-AM, o senhor Afrânio da Silva Lucena, pelo apoio logístico em campo; ele que é defensor do patrimônio arqueológico.

Ao Doutor Arnaldo, da CIVILCORP, por disponibilizar o recurso financeiro para a restauração do mobiliário para acondicionar a coleção arqueológica.

À empresa Ecology, por ter contribuído com a aquisição do desumidificador para estabilizar a climatização do ambiente.

Ao Professor Henrique dos Santos Pereira, por ter contribuído para as minhas viagens pelos rios Madeira e Purus, no sentido de realizar o levantamento preliminar do potencial arqueológico nas unidades de conservação desses rios.

À Fernanda Miranda, pela parceria em contribuir comigo no primeiro ano do curso, ao me liberar para frequentar as aulas.

À Professora Doutora Sandra do Nascimento Noda, pelos ensinamentos epistemológicos e pela contribuição com a confecção do projeto para concorrer ao curso de Doutorado.

A todos os colegas do Centro de Ciências do Ambiente: Antônio Sérgio, Francisco Reis, Socorro, Luiz, Dona Dorinha, Professora Maria Olívia, Professora Ana Gomes, Professora Kátia Cavalcante.

Aos colegas da Prefeitura do Campus Francisco Gaspar; Edson Silva de Medeiros, que me tirou do bico da morte; Eleir de Almeida Colares; Walklin Ferreira de Souza; Roberto Blanco; Aduino Uchôa; Sérgio Ayres da Cruz.

Ao Professor Doutor Francisco Jorge dos Santos, por ter-me lançado no mundo da arqueologia.

Às Professoras Doutoras Adorea Rebello da Cunha Albuquerque e Ivani Ferreira de Faria, do Departamento de Geografia, pelas informações sobre a Amazônia.

À colega Maria das Graças Luzeiro, do Departamento de Pós-Graduação em Geografia da UFAM, pela contribuição em ler os textos sobre a arqueologia.

Aos colegas da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Olavo, Sandrinha, Izamar e Mário.

Ao Custódio Rodrigues e à Jane Cony, meus colegas do Museu Amazônico, profundos conhecedores desse acervo.

Ao NUSEC, da Faculdade de Ciências Agrárias da UFAM.

Aos alunos do curso de Arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

À Professora Doutora Helena Pinto Lima, pelo ensinamento sobre a indústria ceramista na Amazônia Central.

Aos colegas Nogueira e Ângela, pelo apoio e pela conversa sobre a arqueologia no Amazonas.

Aos colegas Marcos Vinícius, Solange e Camila, por me terem conseguido a literatura que trata sobre a arqueologia do Amazonas.

Ao Professor Doutor Ernesto Serra Pinto, por ter-me liberado para frequentar o curso de Doutorado.

A todos os colegas do Projeto Amazônia Central, com os quais ao longo dos anos convivi em vários pontos da Amazônia.

Aos colegas do Lago do Limão, em Iranduba-AM; em especial ao senhor Hermenegildo Gomes, com o qual sofri um acidente a bordo de um helicóptero, do qual, com os poderes divinos, saímos ilesos.

Ao Centro de Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Amazonas, por ter-me liberado para o curso de Doutorado.

Ao José Maria (Livraria Nacional), pelo fornecimento de bibliografia para o ensaio desse trabalho.

Aos colegas da Comissão Permanente de Concurso (COMPEC-UFAM) Renatinho, Rômulo Marques e Azel.

Às colegas Suzy Pedrosa e Michelle Pedrosa, pelo apoio em elaborar os mapas e a arte final do texto.

Ao Professor Edson Augusto Brazão Castro, pela revisão dos textos.

A todos, fico eternamente grato.

EPÍGRAFES

Os mortos são quase sempre enterrados nas casas, juntamente com seus braceletes, sua bolsa de guardar fumo e outros pertences. O sepultamento é feito no mesmo dia da morte. Os pais e demais parentes velam o corpo por entre prantos e lamentos, até à hora do enterro. Alguns dias depois, prepara-se uma grande quantidade de caxiri e convidam-se todos os amigos e parentes do morto, realizando-se uma festa onde se entremeiam choro e lamentações com cantos e dança, tudo em memória do falecido. Algumas das casas grandes possuem mais de cem sepultamentos em seu interior.

Alfred Russel Wallace, Viagens pelos rios Negro e Amazonas, (p.302).

Os tarianas, os tucanos e algumas outras tribos têm o curioso costume de desenterrar os mortos cerca de um mês depois do sepultamento, colocando o corpo em adiantado estado de putrefação dentro de uma urna funerária, a qual é posta sobre o fogo. Pouco depois, as partes voláteis começam a esturricar, desprendendo-se da urna um terrível mal cheiro. No final, fica no fundo apenas a massa informe carbonizada, a qual é reduzida a um pó bem fino, sendo esparzidas nos grandes cochos (tinas escavadas em tronco de árvores) de caxiri. Os presentes bebem toda essa bebida, acreditando que as virtudes do finado sejam transmitidas a quem dela tomar.

Alfred Russel Wallace, Viagens pelos rios Negro e Amazonas, (p.302).

RESUMO

Este trabalho versa sobre a análise da *Coleção Arqueológica José Alberto Neves*, a qual é inédita, composta de cerca de vinte e cinco a trinta e cinco mil peças. A coleção está sediada na cidade de Urucurituba-AM; é particular, e o colecionador acondiciona as peças numa área de sua residência. O objetivo foi inventariá-la e disponibilizá-la em banco de dados digital e em publicação de catálogo de referência para que seja chancelada pelo órgão gestor do patrimônio arqueológico brasileiro. A Amazônia, pela sua área territorial e pelo fato de estar na maior floresta tropical do planeta, além de possuir a maior bacia hidrográfica e os maiores rios navegáveis, possibilitou que as sociedades humanas pretéritas criassem alternativas para cultivar elevados números de produtos para a dieta alimentar. Ademais, as condições ambientais proporcionaram que nos dois últimos milênios houvesse enormes assentamentos humanos por toda parte da Amazônia. Dentre as várias alternativas para se adaptarem ao ambiente, quente e úmido, a indústria cerâmica foi talvez uma ferramenta útil para a sustentabilidade dos assentamentos. Para a análise da coleção, utilizou-se o método espiralado sistêmico, pelo fato de que as cerâmicas tinham determinadas funções dentro das sociedades que interagiam às margens dos rios da região. Da análise, chegou-se a inferir que as cores encravadas nas cerâmicas poderiam estar associadas às estampas nas tatuagens ou nas pinturas dos corpos dos indígenas. Trata-se de descrições que foram realizadas pelos naturalistas que estiveram na região, durante o século XIX. Outrossim, essas pinturas estão presentes na fauna da região. Por fim, a cerâmica era utilizada no cotidiano e para os eventos fúnebres, por longo período, na área do médio rio Amazonas e seus tributários. Com isso, as pesquisas arqueológicas e a literatura etnográfica vêm desvendando paulatinamente o modo de vida das sociedades indígenas pré-colombianas.

Palavras-chave: A cerâmica arqueológica; paisagens; terra preta em Urucurituba-AM; história antiga no médio Rio Amazonas.

ABSTRACT

This work deals with the analysis of the Archaeological Collection José Alberto Neves, which is unprecedented and composed of about twenty-five to thirty-five thousand pieces. The collection is headquartered in Urucurituba-AM; it is private, and the collector keeps the pieces in an area of his residence. The objective was to inventory it and make it available in a digital database and publication reference book to be approved by the governing body of the Brazilian archaeological heritage. The Amazon, for its territorial area and by being in the largest rainforest in the world and also for having the largest river basin and the major navigable rivers, enabled that the preterit human societies could be able to create alternatives to cultivate large numbers of products to the their feed. In addition, environmental conditions allowed that in the last two millennia there could be huge human settlements in the Amazon. Among the various alternatives to adapt to the environment, hot and humid, the ceramic industry was perhaps a useful tool for the sustainability of settlements. For the analysis of the collection, we used the systemic method of spiral, because the ceramic had certain functions within societies that interacted on the banks of rivers. From the analysis, we deduced that the colors of the ceramics could be associated with the tattoos or paintings on the bodies of the natives. They are descriptions that were made by naturalists who have been in the area during the nineteenth century. Moreover, those paintings are present in the fauna of the region. Finally, the ceramics was used in daily life and for the funeral events during a long period, in the area of the Middle Amazonas River and its tributaries. Therefore the archaeological researches and the ethnographic literatures have been discovering gradually the way of life of the indigenous pre-Columbian societies.

Keywords: The archaeological ceramics; landscapes; black earth in Urucurituba-AM; history of the Middle Amazonas River.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1: Rede de conexão entre os sítios estampado na Urna funerária.....	27
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Figura antropogênica em torno do sítio arqueológico de <i>terra preta de índio</i>	46
Figura 2 - Sítio arqueológico, na Vila de Pedra em Barreirinha-AM, sendo urbanizado.....	46
Figura 3 - Pirarucus abatidos e expostos em torno do <i>tapiri</i> , em 1924-1925. Coleção Silvino Santos – Museu da Imagem e do Som do Amazonas.....	49
Figura 4 - Peixes-boi abatidos e admirados pelas pessoas, em 1924-1925, Coleção J.G. Araújo – Museu da Imagem e do Som do Amazonas.....	49
Figura 5 - Panorama do Sítio Arqueológico do Pacoval – Ilha do Marajó – Belém – PA.....	56
Figura 6 - Urna antropomorfa.....	56
Figura 7 - Peça zoomorfa “cabeça de macaco-da-noite”.....	57
Figura 8 - Linhas incisas figura antropomorfa e o desenho de vaso.....	57
Figura 9 - Canoa em fase final de obra.....	67
Figura 10. Artefato (remo) de madeira sendo esculpido.....	67
Figura 11 - Plantio de maniva no solo de terra preta.....	79
Figura 12 - Espécie de fauna da Amazônia não identificada; suspeita-se que seja a lendária “tapiraiauará”	80
Figura 13 - Diversos apliques antropomorfos e zoomorfos para atividade pedagógica na Escola Estadual João Dutra em Vila de Pedras – Em Barreirinha-AM.....	89
Figura 14 - Tapiri sendo abastecido com Castanha (<i>Bertholletia excelsa</i>)	90
Figura 15. Flamula de inauguração da <i>Nova cidade Urucurituba</i> . Acervo José Alberto Neves.....	95
Figura 16 - Venda de peixe na Avenida Arco-Íris.....	98
Figura 17 - Canoas pressas a hastes.....	98
Figura 18 – 1 Cores branca e preta presentes na cerâmica, são as mesmas da borboleta.....	104
Figura 19 - Esquema de auto-organização do método sistêmico de Morin (2010)	106
Figura 20 - Inserido número de tombo no fragmento cerâmico.....	107

Figura 21 - Links do banco de dado.....	108
Figura 22 - Forno de cerâmica de torrar farinha e de secar o cacau e o guaraná.....	115
Figura 23 - Parede do forno com negativo de camada de fumaça.....	115
Figura 24 - Farinha armazenada em paneiros.....	117
Figura 25 - Pirarucu salmourado.....	117
Figura 26 - Solo de terra preta e fragmentos cerâmicos sendo utilizado para conter a circulação de água pluviais em torno da residência.....	121
Figura 27 - Base e parede da urna funerária da fase “Paredão”, usada como fogareiro para asar peixe.....	121
Figura 28 - Índio <i>Munduruku</i> com o corpo portando tatuagem.....	165
Figura 29 - Palmeira no entorno; e ao centro a casa de arquitetura semicircular.....	168
Figura 30 - Pote com linhas incisa finas no ombro e apliques zoomorfos.....	169
Figura 31 - Pote bojudo polido nas paredes externa e interna.....	170
Figura 32 - Imagem zoomorfa de quelônio.....	172
Figura 33 - Urna antropomorfa em posição de clemência ou do bebê no útero materno; o sexo masculino, uma ultrassonografia pré-cabralina	173
Figura 34 - Pote com linhas pretas em curvilíneas de traços próximos de alfanuméricos e pigmentos amarelados, de engobo vermelho e branco	173
Figura 35 - Urna antropomorfa com engobo branco, vermelho, linhas pretas e as mãos e as pernas alfanuméricas representadas pelo número (2) ou por interrogação (?). Sexo masculino.....	174
Figura 36 - Pote com pintura vermelha; na parede interna a marcas de raspagem de resíduo orgânicos.....	174
Figura 37,38,39,40 - As figuras 37 e 38 acima representam a urna sendo exumada, na profundidade de 1,75cm; as figuras 39 e 40 indicam a face humana, com pintura em linhas pretas em toda a urna, talvez representado a distribuição das aldeias no espaço do sítio, ou a estampa de tatuagem no corpo do guerreiro, do pajé da alta liderança.....	176
Figura 41 - Estilo de tatuagem de índios Parintintins.....	178
Figura 42 - Estampa em linhas brancas e negras no peixe bodó.....	179
Figura 43 - Bolas de argilas armazenadas.....	181
Figura 44 - As cores possivelmente indicam áreas de interações representada na cerâmica..	182
Figura 45 - Cuias de macaco em cerâmica pontiaguda nas bordas, possivelmente para a coleta de látex.....	184
Figura 46 - Demonstração de coleta do látex na cuia, de material possivelmente usado como fonte de energia em aldeia do médio Amazonas pré-colombiano.....	184
Figura 47 - Cuia-de-macaco (<i>Cariniana micranta Ducke</i>), inatura.....	185
Figura 48 - Pequena panela com flange e incisões de cor vermelha.....	186

Figura 49 - Painel com flange e incisões de cor vermelha.....	186
Figura 50. <i>Tipitis</i> sendo utilizado para secar a massa de mandioca.....	188
Figura 51 - A- Ralador para triturar mandioca; b – forno de argila para assar o beiju e torrar a farinha; c – trempe de argila; d- cesto de fibra de arumã Wallace (1979, p. 306)	191
Figura 52 - A seta indica a estampa em formato de rotatória, a sequência de possíveis interligações entre aldeias. A face humana, pernas, braços e órgãos genital indicam o sexo masculino.....	191
Figura 53 - Fragmentos cerâmicos da fase “Iraci”, c, d, e incisivos largos; f, incisivo fino; g e h, incisivos ondulados	193
Figura 54 - Desenho estampado no índio Munduruku.....	193
Figura 55 - Fruteira em linhas vermelhas e negras na parte interna e externa.....	195

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Sítios Arqueológicos na Ilha de Marajó.....	56
Mapa 2. Sítios arqueológicos em áreas de cavernas, grutas e a céu aberto na Amazônia Legal.....	62
Mapa 3. Mapa de distribuição das possíveis entradas na região da Língua Tupi.....	83
Mapa 4. Mapa do município de Urucurituba-AM.....	97
Mapa 5. Mapa de sítios arqueológicos dos municípios do médio Amazonas.....	119

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Sítios Pré-cerâmicos.....	63
Gráfico 2 - Distribuição das Fases Arqueológicas por Estado.....	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sítio arqueológicos com datações radiocarbônicas de C14 de 12.000 a 6.000 AP (antes do presente).....	64
Tabela 2 - Distribuição das fases arqueológicas identificadas no Amazonas.....	70
Tabela 3 - Distribuição de fases arqueológicas no Acre.....	72
Tabela 4 - Distribuição de fases arqueológicas identificadas no Amapá.....	72
Tabela 5 - Distribuição de fases arqueológicas identificadas no Mato Grosso.....	73
Tabela 6 - Distribuição de fases arqueológicas identificadas no Pará.....	73
Tabela 7 - Distribuição de fases arqueológicas identificadas em Rondônia.....	74
Tabela 8 - Distribuição de fases arqueológicas identificadas em Roraima.....	76
Tabela 9 - Conjunto das coleções.....	110
Tabela 10 - Estado de conservação das coleções.....	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
PARTE 1.....	28
CAPÍTULO 1: O SINUOSO COMPLEXO AMAZÔNICO.....	28
1.1 Amazônia o labirinto d'águas.....	28
1.2 A expedição na área do Rio Tefé.....	31
1.3 A expedição de Pizarro no Rio Solimões-Amazonas.....	33
1.4 A terra, as florestas e as águas.....	35
1.5 Saques de alimentos pelos expedicionários.....	36
1.6 Praias de uso agrícola.....	39
1.7 O espírito coletivo dos expedicionários.....	41
1.8 Os estoques de alimentos nas aldeias indígenas.....	43
CAPÍTULO 2: BREVE HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA DA AMAZÔNIA.....	47
2.1 Ambiente e sociedade na Amazônia Pré-colombiana.....	49
2.2 A Cerâmica da Amazônia no caminho dos naturalistas.....	51
2.3 Ocupações antigas na Amazônia.....	58
2.4 As carências ambientais.....	67
2.5 O Estado do Amazonas no contexto da arqueologia.....	78
2.6 Breve história do Projeto Amazônia Central.....	78
PARTE II.....	87
CAPÍTULO 3: A <i>TERRA DO TABOCAL</i> , ÁREA DE INTERFACE CULTURAL	87
3.1 A Terra Preta.....	87
3.2 Tabocal – a área de refúgio.....	89

3.3 A transferência da cidade de Urucurituba para o <i>Sítio Tabocal</i>	92
3.4 Breve histórico da transferência da cidade.....	92
3.5 Sociedade e ambiente em Urucurituba-AM.....	96
3.6 Urucurituba – o assoalho negro.....	99
3.7 A Casa Museu José Alberto Neves.....	103
3.8 Procedimento para inventariar a coleção.....	105
3.9 A inserção da coleção no banco de dados.....	108
CAPÍTULO 4: ÁREA DE INTERAÇÃO CERAMISTA NO MÉDIO RIO AMAZONAS PRÉ-COLOMBIANO.....	116
4.1 A cerâmica, o útero eterno.....	116
4.2 A Coleção José Alberto Neves.....	122
4.3 A organização dos conjuntos.....	123
4.4 A descrição das partes para a formação do todo.....	123
4.5 Caracterização da coleção selecionada para a análise.....	124
4.5.1 Conjunto – Urnas funerárias.....	124
4.5.2 Conjunto – Potes.....	133
4.5.3 Conjunto – <i>Alguidar</i>	137
4.5.4 Conjunto – Tigela.....	140
4.5.5 Conjunto – Fruteira.....	145
4.5.6 Conjunto – Pratos.....	147
4.5.7 Conjunto – Vaso Mesial.....	148
4.5.8 Conjunto – Cuia de macaco.....	150
4.5.9 Conjunto – Colher ou concha.....	152
4.5.10 Conjunto – Panela.....	157
4.5.11 Conjunto – Trempe.....	158

CAPÍTULO 5: MEMÓRIA E ARTE ESTAMPADAS NA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NO MÉDIO RIO AMAZONAS PRETÉRITO.....	163
5.1 Artefatos e memórias – Os utensílios cerâmicos de sociedades pretéritas.....	163
5.2 Urnas e Potes – a arte de representar a inscrição do modo de vida pré-colombiana	167
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	190
7. REFERÊNCIAS.....	198
ANEXO A: Ilustração das aldeias na área do complexo arqueológico de Urucurituba-AM..	209
ANEXO B: Imagem de quelônio.....	210

INTRODUÇÃO

A Amazônia tem uma estupenda biodiversidade que está presente nos ecossistemas de várzea e de terra firme (Fonseca, 2011). Nela se encontra o rio Amazonas, com sua extensão majestosa, similar à coluna cervical de uma grande serpente – em algumas partes, efetivamente tortuoso – cujas costelas desse réptil seriam os rios formadores da Bacia Amazônia, nos quais ocorre a manifestação do sistema de subida e de descida das águas diariamente, a partir das mediações da cidade de Breves-PA até o encontro com o Oceano Atlântico. E, nos demais rios tributários dos trechos do médio e do alto Solimões-Amazonas, as áreas alagadas se transformam em verdadeiros campos verdes ou praias que são apreciados por diversas espécies de aves, quelônios, peixes etc., como *patos*, *marrecos*, *gaivotas*, *jaburus*, *corocoró*, *garças*, *tartarugas*, *cabeçudas* etc. É nessa época que as centenas ou os milhares de borboletas coloreem a paisagem. Esse colorido funciona como se fosse uma espécie de pêndulo ecológico, que estabelece a comunicação entre as sociedades humanas que interagem nesse complexo ambiente (Batista 2006). Trata-se de um sistema natural que indica se é o tempo de iniciar as plantações de diversos cultivos em áreas de várzeas ou se está chegando o período de subida das águas, isto é, a época de iniciar o processo de colheita de produtos cultivados em áreas baixas, de praias ou de interflúvios da Amazônia.

Essas características de mudanças das águas em quase todas as calhas dos rios da região fazem que sempre as sociedades humanas estejam iniciando novas temporadas de plantações ou de colheitas, tanto em áreas de várzeas quanto nas de terras firmes. Na várzea, geralmente, são cultivadas espécies de plantas das quais em quatro ou no máximo cinco meses é recolhida toda a produção; dentre os produtos cultivados, estão a pimenta-doce, o maxixe, a macaxeira, a *maniva*, o tomate, o melão, o jerimum etc., pois, na subida das águas, começam a inundar as praias ou os campos verdes. Esse controle sobre as estações de subida e de descida das águas é percebido pelas sociedades humanas por meio das centenas de pássaros que costumeiramente se adaptaram a esses sistemas. No que toca a essa característica, Tocantins (1875, p. 116), quando esteve junto aos índios *Munduruku*, no alto Tapajós, notou que eles marcavam o tempo por meio das revoadas de pássaros que ocorriam entre os meses de setembro e novembro época em que iniciava a temporada de verão; por sua vez, quando a castanheira começava a expelir os ouriços, iniciava a temporada de chuvas, ou seja, o inverno, de dezembro a março. No verão começava a temporada de elaborar novas áreas para os próximos roçados; e na temporada de chuvas as famílias se retiravam para as áreas para a

coleta de milhares de ouriços de castanhas, pois esses índios as tinham como uma das principais fontes para a composição da dieta alimentar.

Essas comunicações, possivelmente, vêm de longevidade; na primeira expedição que desceu o grande Rio Amazonas, a de Francisco de Orellana, em 1542, o frei de Gaspar de Carvajal (1941) percebeu que as áreas de várzeas eram repletas de sociedades humanas que interagem com o ambiente, e os labirintos dos rios, lagos, furos e igarapés eram orquestrados pelo *banzeiro* das águas, cujas cores são a de suco de bacaba (a água turva do Solimões-Amazonas) ou a negra do açáí (a água preta dos rios de águas pretas), as quais nutrem as planícies. E as sociedades humanas se utilizavam desse momento para realizar as coletas de peixes, de aves e de fibras de arumã, de jauari, de murumuru, além de flechas etc., para suprirem sua necessidade no período de seca ou de cheia dos rios.

A interação talvez tenha ocorrido por longo período, o que culminou para que centenas de espécies de árvores fossem recolhidas em áreas adjacentes aos assentamentos; e, após a degustações dos frutos, as sementes eram introduzidas em áreas do entorno das aldeias ou de cultivos, denominadas de *roçados do centro*, ou seja, as áreas distantes das aldeias. Isso propiciou que Carvajal (1941) tenha percebido junto às aldeias que havia um verdadeiro estoque de alimentos, ora de espécies de frutos, ora de proteínas de animais.

Nas espécies de frutos, Carvajal percebeu a variedade de palmeiras distribuídas em torno das grandes aldeias; dentre as espécies, talvez houvesse a *pupunha*, o *açáí*, a *bacaba*, o *jenipapo*, além das ervas utilizadas para a medicina popular e as usadas em processos de inseticida natural, como o *mucuracaá*, *cipó-alho*, o *capitiú* etc. Essas espécies, quando são utilizadas pelas sociedades humanas ou quando são atingidas por fortes temporais, desprendem suas folhas, das quais saem aromas que perfumam o ambiente.

As folhas verdes dessas espécies servem para afugentar o maciço ataque de carapanãs, que logo nas primeiras horas da noite chegam para atormentar as sociedades humanas em boa parte da Amazônia. Para expulsá-los (os pernilongos), o uso de folhas é bem simples: basta retirá-las, adicioná-las a pequenas fogueiras portáteis ou fixas ao solo, que costumeiramente são alocadas no caminho do vento, isto é, no sentido leste a oeste, então a fumaça adentra as aldeias, evitando os ataques de carapanãs.

A frequente perturbação de carapanã pode ter ocasionado que na maioria das aldeias pré-colombianas a arquitetura fosse de estilo circular como mostrou Moraes (2006), na área da Amazônia Central. E, ainda hoje, algumas aldeias têm essas características de serem bem protegidas, com casas cujas paredes são trançadas de palhas de *inajá*, *mariri*, *ubim* etc., que às vezes chegam até próximo ao solo, com o objetivo de dificultar o acesso de carapanãs no

interior das moradias; outra possibilidade é a de que as aldeias com esses estilos arquitetônicos eram utilizadas em espetáculos festivos, de sorte que, de qualquer ângulo em que o expectador estivesse, tinha a mesma visão panorâmica dos atores manifestando o evento social ou cultural.

Os naturalistas (Wallace, 1979; Bates, 1979; Tocantins, 1877; Hartt, 1885; Barbosa Rodrigues, 1875a e 1875b; Nimuendajú, 1924) que atuaram efetivamente subindo ou descendo os rios da Amazônia manifestaram em publicações o modo de vida, os estilos de aldeias de formatos *circular* ou *de paralelogramo*, cuja função era facilitar que o sistema de iluminação solar ou lunar circulasse no interior das aldeias. O modo de edificar estas possibilitava diminuir os desperdícios de energia convencional, isto é, a queima de resinas, como o breu, a juitaica, ou a quantidade de pedaços de árvores para as fogueiras, para iluminar o interior das aldeias.

Tocantins (1877), na sua viagem ao alto rio Tapajós, descreve que no centro da grande praça das aldeias dos Munduruku, havia a aldeia dos homens solteiros e casados que estava aberta para o nascente e o poente; e as aldeias das mulheres e dos demais membros eram todas fechadas de panos feitos de fibras de árvores de *tauari*, exceto as portas, que também ficavam na posição supracitada. Os sítios arqueológicos que há na grande extensão do rio Amazonas e seus afluentes apresentam algumas das características observadas pelos viajantes ou pelos naturalistas que estiveram na Amazônia. Exemplo disso são as quantidades de fragmentos cerâmicos encontrados em elevações ou em montes de solo de *terra preta*, que geralmente estão na direção do caminho do vento ou da chuva, talvez onde as aldeias tenham sido erguidas. Ademais, o modo construtivo, conforme as orientações geográficas, poderia proteger as grandes aldeias, mediante a técnica de utilizar cipós para firmar a estrutura das casas.

Os sítios arqueológicos no Estado do Amazonas, geralmente, são compostos de áreas de solos de *terras pretas* e estão distribuídos nos dois ecossistemas de várzea e de terra firme. Nos *abraços*, ou seja, na junção dos rios Negro e Solimões-Amazonas há representativa área de *solo de terra preta* com centenas de fragmentos cerâmicos de resíduos de interações sociais do último milênio, localizados na *Ilha de Terra Nova*, no município de Careiro da Várzea-AM (Silva *et alii* 2015). Esse sítio confirma que na descida da primeira expedição narrada por Carvajal (1941) já se encontravam grandes assentamentos humanos em plena área de várzea, com a comunicação feita por meio de caminhos rumo ao interior da floresta interligando outras aldeias (Porro, 1992, pp. 31-32).

As sociedades humanas, a partir de cuidadoso manejo do ambiente, deixaram

monumentos que estão enterrados ou integram complexas paisagens constituídas de milhares de árvores que foram adaptadas dos ecossistemas de várzea e de terra firme, ou seja, uma inversão de ambiente. Wallace, naturalista que esteve no Amazonas de 1849 a 1852, em seu livro denominado *Palmeiras da Amazônia e seus usos*, por meio de observação e de informações dos indígenas, descreve 44 espécies de palmeiras que estão diretamente associadas aos fundamentos de serviços ambientais, o que, na visão dos indígenas Tukano, representa “nosso mundo de vidas” Cabalzar *et alii* (2010, p.47). A maioria das espécies assinaladas por Wallace (2014, pp. 30-156) está presente em sítios arqueológicos. Os conjuntos de palmeiras e de centenas de árvores existentes em sítios arqueológicos formam as magníficas paisagens aromáticas na Amazônia. E as dispersões das espécies integram a complexa rede de trocas ou de comércios cuja artéria propulsora é a rede de rios da região.

A expedição denominada de *Viagem ao Brasil* (1865-1866), de Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, quando passou por Manaus e áreas adjacentes, detalhou aspectos do modo de vida da sociedade indígena. Um deles era como as mulheres se utilizavam de tecnologia do pilão de madeira para triturar os fragmentos de mandioca e secá-los ao sol para produzir o polvilho para fazer beiju e mingau. Em dezembro de 1865, quando a expedição esteve em Maués, descreveu a presença dos índios bolivianos que estavam na Vila; depois de terem realizado a longa viagem descendo o rio Madeira e pelo *furo* (conexão entre um rio e outro) do Arariá, os viajantes chegaram à Vila de Maués espalhando suas tendas na área de praia, na orla do rio Maués-açu.

E no dia seguinte a família Agassiz, após ouvir falatórios das pessoas na área próxima onde estava hospedada, ao abrir a janela deparou-se com os membros da expedição usando as engraçadas roupas, que os índios bolivianos estavam comercializando na Vila de Maués (Agassiz & Cary Agassiz 2000, p. 296).

O contato entre as sociedades indígenas brasileira e boliviana, descendo ou subindo os rios amazônicos, pode também ter sido realizado em épocas pré-colombianas, pois as variedades de plantas em sítios arqueológicos são relevantes, possivelmente motivadas por trocas ou por intercâmbios de produtos. A família Agassiz comenta que o guaraná produzido pelos índios Maués era transportado em forma de *bastão* (são roletes de trinta a cem gramas, prontos para serem degustados) na Bolívia. Essa prática de viagem, conforme a família Agassiz, era realizada em 1865 com certa intencionalidade pelo rio Madeira, que é cheio de obstáculos devido às pontas de águas formadas pelas rochas que estão submersas. Para amenizar os obstáculos foram viabilizados entrepostos ao longo do rio, a fim de facilitar o embarque e o desembarque de produtos que alimentavam as redes de contato, as quais podem

ter sido uma das explicações para a variedade de indústrias cerâmicas que são encontradas nos rios Madeira e Amazonas por pesquisas arqueológicas nas últimas décadas Moraes e Neves, (2012, p. 15). A segunda explicação é a rede hidrográfica no período da cheia, pois, os rios da parte sul do rio Amazonas são interligados pelos *furos*; do rio Tapajós é possível chegar à Serra da Valéria, em Parintins, e ao rio Andirá; deste ao Canumã e ao Madeira; deste ao Igapó-açu; e do Purus aos rios Tefé, Juruá e Javari, ou seja, são verdadeiras artérias interligando o todo e as partes (Morin 2010) do estupendo tapete verde de paisagens, basicamente constituídas por ações dos gênero humano há milênios.

Este trabalho foi concebido no sentido de inventariar a inédita *Coleção Arqueológica José Alberto Neves*, guardada na cidade de Urucurituba-AM, na rua Olívia Gomes, n.º 15 – área central da cidade. A coleção está estimada entre vinte e cinco e trinta e cinco mil peças. Para o procedimento do inventário, realizou-se a elaboração de banco de dados digital – “PHP - *Hypertext Preprocessor*” – com o propósito de minimizar o excesso de fichas impressas para a descrição de cada peça. Assim, no banco, foram criadas janelas para digitalizar o histórico de cada peça.

Inicialmente, por meio de informações do colecionador, a coleção era estimada em cerca de duas mil peças. Desse modo, o plano era inserir todas no banco de dados. No entanto, na etapa de campo que ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2015, decidiu-se que pelo grande volume da coleção, essa inserção seria feita paulatinamente, pois é necessário o processo de higienização, de triagem, de forma que a sequência numérica no livro de tomo deve ser concluída ao longo do ano de 2016, para que o órgão gestor do patrimônio arqueológico, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN –, possa cancelar a coleção. Pelo grande volume da peças, conforme a orientação do Prof. Eduardo Góes Neves, foi realizada a seleção de onze conjuntos contendo peças intactas e fragmentadas.

A coleção basicamente foi recolhida por populares de quatro sítios arqueológicos: 1 - da área urbana da cidade de Urucurituba; 2 - do lago do *Arrozal*, 3 - da *Fazenda Tabocal* e 4 - da área denominada de *Tabocalzinho* (Ilustração 1); apenas duas peças vêm da cidade de Manacapuru-AM. As peças foram todas devidamente organizadas e descritas pelo Prof. José Alberto Neves, contendo o dia, o mês, o local e as pessoas que fizeram o recolhimento delas. A organização contribuiu para o processo de análise dos onze conjuntos selecionados de oitenta e duas peças.

Pelo fato de o mobiliário da coleção estar sendo comprometido por ataques de besouro

e pela umidade foram providenciadas por meio de doações¹, novas estantes de madeira, com portas de vidro, pedestal de alumínio, desumidificador para estabilizar a climatização do ambiente; a pintura das salas utilizou modelo de tinta *antimofa*; e houve a impressão de cinco *banners* para serem alocados nas janelas para amenizar o acesso do raio de luz solar à coleção. Assim, o objetivo específico de inventariar as peças parcialmente e organizar a coleção para a publicação de catálogo de referência foi contemplado, de forma que em breve estará à disposição ao público; mas, o objetivo de disponibilizar o banco digital na Internet foi postergado devido à quantidade de artefatos, o que impossibilitou a equipe de concluir o inventário.

A tessitura desta tese encontra-se dividida em duas partes. Na primeira, há dois capítulos, de sorte que o inicial, denominado de *O Sinuoso Complexo Amazônico*, versa sobre a primeira expedição que desceu quase toda a extensão do gigante rio Solimões-Amazonas; já o segundo se ocupa dos naturalistas e das pesquisas sobre a história das sociedades indígenas pré-colombianas, cujo título é *Breve História da Arqueologia da Amazônia*.

Nos dois capítulos se fez um apanhado da literatura que trata sobre as especificidades do modo de vida das sociedades pretéritas, por meio dos olhares dos primeiros viajantes que desceram ou subiram o Rio Amazonas ou seus tributários, nos dois séculos de ocupação das sociedades portuguesa e espanhola na Amazônia, além das pesquisas arqueológicas realizadas nas últimas décadas sobre a história antiga da região, mediante artefatos disponíveis em sítios arqueológicos que estão distribuídos por toda a Amazônia, onde as pesquisas demonstram que as ocupações antigas de doze a três mil anos em sua maioria foram feitas em áreas distantes dos grandes rios da região.

A segunda parte contém os últimos três capítulos, nos quais se fez a discussão sobre a área de estudo, indicando o lugar (Carlos 2001) em que as sociedades humanas pretéritas deixaram seus testemunhos e onde foram coletados os achados pelas sociedades contemporâneas. No capítulo III, denominado de *A Terra Preta do Tabocal, área de interface cultural*, destaca-se o cotidiano das pessoas que manejam o ambiente; no capítulo IV, cujo título é *Área de interação ceramista no médio Amazonas pré-colombiano*, destaca-se o procedimento de análise dos conjuntos de peças selecionadas e as possíveis funções de cada uma delas, o qual se apoiou nos fundamentos dos trabalhos de Barbosa Rodrigues (1875a, 1875b), quando se descrevem as formas como as sociedades indígenas dos rios da margem

¹ - Empresas de engenharia: CIVILCORP Incorporações Ltda. Ecology Suporte Ambiental e Engenharia.

norte do Rio Amazonas (Jatapu, Urubu e Uatumã) descrevem os procedimentos de rituais fúnebres. Faz-se ainda uma possível correlação dos estilos de pinturas presentes nas cerâmicas arqueológicas com a fauna e com as tatuagens que foram utilizadas pelos índios Munduruku e Parintintin. No capítulo V, intitulado *Memória e arte estampada na cerâmica arqueológica*, discute-se a importância da indústria cerâmica no cotidiano das sociedades pretéritas; e as considerações finais apontam a relevância da indústria cerâmica para amenizar o impacto ao meio ambiente na Amazônia pré-colombiana.

Ilustração -1: Mapa de conexão entre os sítios.

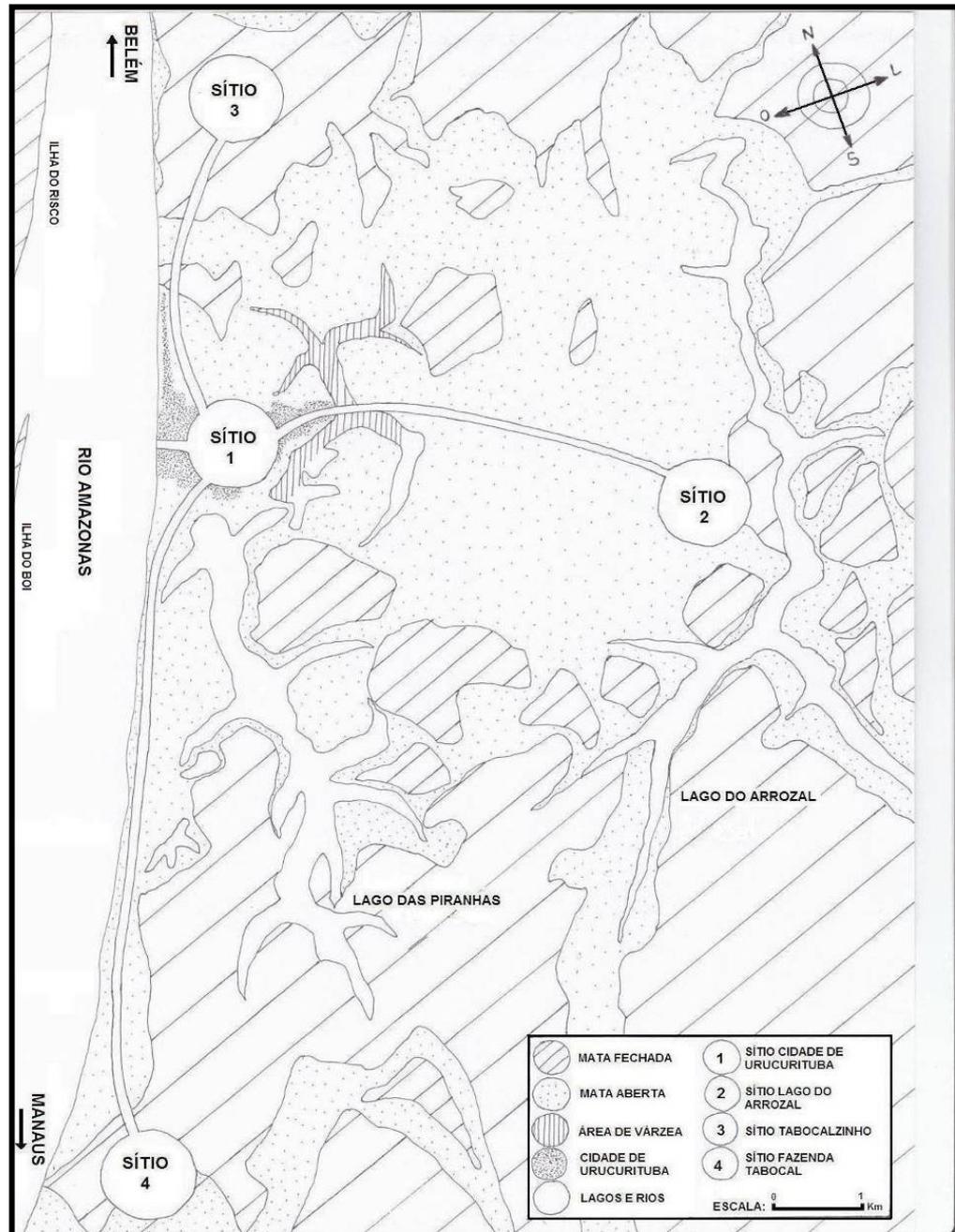


Ilustração 1: Rede de conexão entre os sítios estampado na Urna funerária.
Desenho: Daniel Azevedo, 2015.

PARTE – I

CAPÍTULO I: - O SINUSO COMPLEXO² AMAZÔNICO

“A tese de uma ordem e de uma exigência absoluta sempre pressupõe o direito a conhecer o todo, a totalidade, o infinito. Se, porém, nosso saber é incompleto, se há uma tensão irremovível entre o conceito de existir, então nenhuma tese pode pretender o conhecimento total” (Horkheimer, 1990, p. 44).

1.1 Amazônia o labirinto d'águas

Acessar o labirinto da Amazônia contemporânea³ é presenciar grandes infinidades de rios, terras e florestas que descortinam no horizonte, em que essas paisagens naturais ou culturais são uma espécie de grande telhado que protege os *ecos* e, ao mesmo tempo alimenta as vidas de seres que coabitam nas infinidades de florestas e de rios na Amazônia há milhares de anos, onde as estradas são, em verdade, os sinuosos rios, os furos, os paranás, os igarapés e os lagos que conduzem as populações humanas, a cada seis meses do ano, quando ocorrem mudanças provenientes da subida e da descida das águas em boa parte da região. Este capítulo trata de uma reflexão histórico-ecológica das primeiras crônicas que perceberam o modo de vidas das sociedades que interagiam as margens do grande rio Solimões-Amazonas.

Para a locomoção nas águas, a arquitetura inicialmente foi representada pela indústria de *canoas* ou *cascos*⁴, que são recipientes importantes, haja vista que possibilitam o deslocamento de grupos indígenas e não indígenas por quase todos os rios da grande Amazônia Daniel (2004, p. 46). Na acepção de Ab'Sáber (2003, p.71) isso foi efetivamente o “salto cultural” que certifica ou delibera a oportunidade de reconhecer as enchentes e as secas dos rios da Amazônia, épocas durante as quais são elaborados planos cognitivos, cuja meta é de os habitantes se manterem servindo de proteínas deliberadas por meio do modelo de vida, a

² - “A operação de distinção, que está fundamentalmente em todo ato cognitivo, torna-se complexo: aparece-nos como o resultado de uma transação entre o observador e o mundo observado, transmissão em que um dos parceiros pode enganar o outro” (Morin, 2010, p. 271). Então o complexo poder ser numa visão geral de princípios ideológicos. O exemplo, quem se arrisca embarcar numa canoa na correnteza do Rio Amazonas, que não possuem credencia para tal, pode estar fadado ao fracasso. Mas para quem tem domínio da canoa é diversão. Muito embora, o que é simples, pode não ser tão simples assim, porque precisa de várias interações no ambiente. Logo pode ser interpreta que a Amazônia é complexa devido as mudanças que há nos sistemas ecológicos e ecossistemas.

³ - Na acepção do filósofo italiano Giorgio Agamben, contemporâneo é viver o seu tempo sem recorrer ao passado Agambem (2009, p. 34).

⁴ Cascos têm em média de 3m a 4m de comprimento por 60cm a 80cm de largura, confeccionados de uma única tora de madeira.

cada momento, nos ambientes que até pouco tempo eram reconhecidos como áreas inóspitas ou mesmo um “inferno verde” Rangel (2008, p. 143). Esses adjetivos estavam circunscritos ao cognitivo dos viajantes que se aventuraram a compreender ou a observar a Amazônia por meio de literaturas ou de longas viagens pelos rios da região Bolle (2010, p.19).

Nos três primeiros séculos de domínio da sociedade ocidental Porro (1995, p. 76-77) informa que havia certa simetria de inúmeras aldeias às margens do rio, desde o alto Solimões até próximo de onde hoje existem as instalações do terminal de embarque e desembarque da Petrobras, próximo à cidade de Coari-AM. Da foz, na margem esquerda do Rio Içá, até o setor leste da cidade de Tonantins (margem esquerda do Solimões), ocorre uma sequência de áreas de *terra preta de índio* e infinidades de fragmentos cerâmicos, que são separadas pelos inúmeros igarapés, furos, lagos existentes na margem norte do Rio Solimões-Amazonas, em que as sociedade teriam certo poder.

As pesquisas arqueológicas vêm registrando que as populações indígenas pretéritas deixaram exemplo de empreendedorismo, de forma que em grandes áreas de castanheiras (*Bertholletia excelsa*), cacauais (*Theobroma cacao L*), açazais (*Euterpe olearacea Mart.*) e outras espécies existentes nos ecossistemas de várzea e de terra firme há indícios de que foram cultivadas por longo tempo pelas populações humanas passadas, pois a maioria dessa flora encontra-se em áreas de solo de *terra preta* (Silva, 2013, Diário de campo de expedições aos baixos e médios Rios Purus e Madeira).

Atualmente, as sociedades indígenas e não indígenas mantêm esses acervos entrelaçados no seio das florestas de várzeas e de terras firmes, alocados em interflúvio, às margens de rios, lagos, furos e igarapés na Amazônia Central que são, em verdade, patrimônios ancestrais encastelados nas barrancas, nas florestas, nas praias que são mantidas numa simplicidade pelas populações contemporâneas, as quais se utilizam deles em cada período do ano. E parece que isso é uma das formas para manter certo equilíbrio no tempo, por ser um saber que representa devaneio no cognitivo de cada indivíduo, entre o *inferno verde* de Alberto Rangel (2008) e o *tapete verde* de Samuel Murgel Branco (1997), os quais apresentam, respectivamente, desespero e liberdade de estar no tempo das cheias e das secas dos rios, em que borboletas com as suas finas penas colorem o ambiente de várzeas, sinalizando que inicia a temporada de cultivo de *praias* pelas sociedades humanas, que de certo modo estão adaptadas com as cheias e com as secas dos rios.

O homem contemporâneo amazônico se vale da *prosa* e do *verso*, pois, quando o pescador sai do *igapó* (área alagada utilizada na pescaria) e da *praia* (local de plantio), ou seja, de teatros suntuosos formados pelos labirintos das florestas, das águas e dos animais, em

que a *canoa* ou o *casco* é a arquibancada do tempo, cujo fundo está coberto por ramas de capim ou de folhas de árvores (protegendo os peixes capturados), vai à procura da dieta alimentar da família, que por incrível que pareça, é totalmente orgânica. E isso perpassa por seu cognitivo, manifestando satisfação e, assim, a busca em seu repertório por músicas; e, no baque do remo nas águas, ao som das canções por meio de sopro de assobios, naquele momento, ele liberta-se das picadas do *pium* (*Simulium pertinax*) – é o homem, praticamente, repetindo talvez uma fórmula de linguagem ou uma voz ancestral.

E a voz está presente no manejo do ambiente, onde se mantêm as espécies de seres que estão adaptados às águas de coloração iguais a sucos de bacaba (*águas barrentas*) e de açai (*águas pretas*), que se estendem ao longo das margens dos rios. Nestas está o conjunto de árvores que apresentam paisagens⁵ que são zeladas ou ceifadas pelas ações dos ventos e do homem. Nos rios existem exemplares de peixes que, de acordo com a coloração das águas, o pescador pode classificar. E, por meio de cronologia dos ritmos da natureza, as sociedades humanas que coabitam nos ecossistemas de *várzea e terra firme*, dependendo do período do ano, reconhecem onde há os exemplares de peixes que podem ser capturados.

Esse conhecimento do balanço do *banzeiro* do rio, do lago e também das árvores que, ao longo de milênios, as populações humanas pré-colombianas deixaram enterrados ou nas superfícies dos *tabuleiros* Ab'Sáber (2003, p. 68) é reconhecido pelas populações humanas amazônicas de áreas *altas, baixas, estirões e praias*. Nesses ambientes que estão os assentamentos pré-colombianos, nos ecossistemas de terra firme e de várzea, que deixaram paisagens de *terra preta de índio* e de floresta *antropogênica*, que na acepção de Balée (2006, p.45) são classificados como “artefatos materiais” que são registros da história ancestral. Foi talvez nesses caminhos que as expedições de colonizadores que descreveram os modelos de ocupações das populações humanas desenvolveram sistemas de conviver na floresta úmida Lévi-Strauss (1989). E, assim, as primeiras expedições que se desgarraram em busca de *riquezas* e de proteínas orgânicas foram a de Alonso de Mercadillo, em 1538, e de Francisco de Orellana, de 1541 a 1542.

⁵- Paisagens, nas acepções dos etnoecológicos e etnobiólogos, constituem um olhar diferente de cada pessoa que chega a determinado local. É o local em que as pessoas residem; são áreas rurais das quais retiram as proteínas para a reprodução de vidas (Albuquerque; Alves; Araújo, 2007, p. 8).

1.2 A expedição na área do Rio Tefé

Portugal e Espanha empunhavam amplo domínio no campo da navegação ultramarina nos séculos XV/XVI. E, assim, as caravelas com mão habilidosa e raciocínio imaginário de além-mar começaram a se lançar nas águas, com expedições em busca de metais e de novos produtos para banquetes na Europa. E, por meio desse campo, Portugal e Espanha conseguiram chegar à margem sul do Oceano Atlântico, ao final do século XV. Assim, o alvo de Portugal e de Espanha, em princípio, era ceifar os sistemas que as populações há milênios haviam desenvolvido, mediante um processo de adaptabilidade de ocupações humanas em áreas de montanhas e nas terras baixas do Novo Continente – a América do Sul.

As terras baixas a leste da América do Sul, segundo Balée (2010), devido a certa acessibilidade foram ambientes a serem dilapidados pelas forças das armas bélicas. Portanto os espanhóis, por meio de armas de fogo, iniciaram ferrenhas batalhas contra uma sociedade que possuía parca habilidade na indústria da guerra. Assim, gradativamente, os ambientes foram sendo conquistados, e foram afixados símbolos do poder imperial espanhol; sob a mesma lógica, no litoral nordeste brasileiro, a sociedade portuguesa fez idênticos procedimentos em relação às populações que ocupavam o território, que mais tarde foi transformado em Brasil. A área central da América do Sul começou a ser também alvo a ser conquistado pelos tronos ibéricos (Ugarte 2009, p. 28-29). Foi por meio de organizações expedicionárias que os tronos de Portugal e da Espanha iniciaram os processos prospectivos, enviando correspondentes no sentido de observar o que de fato havia no interior da gigantesca floresta úmida, a qual se formou a partir do fim das glaciações que antecederam a transição das épocas geológicas pleistocênica e holocênica (Fonseca 2011, p.32). E, assim, a primeira informação sobre a região coube ao português Diogo Nunes, um dos membros da expedição organizada pelos espanhóis, cujo comando estava sob a responsabilidade de Alonso de Mercadillo, em 1538. A expedição contava com um número razoável de membros que conseguiram contato com o povoado ameríndio na margem do Rio Huallaga (Ugarte 2009, p. 35) hoje parte do Peru.

Entretanto, devido às incertezas, membros da expedição se rebelaram contra o seu dirigente supremo e chegaram à conclusão de que não era satisfatória a continuação da viagem devido às intempéries da região, que poderia acarretar acidentes aos membros da embarcação. E, perante a dúvida, boa parte da expedição decidiu retornar ao Peru. Contudo, antes da decisão de abortar a viagem, vinte e cinco membros, por determinação de Alonso de Mercadillo foram designados a descer o rio, sob a meta de identificar localidades acessíveis

para a concretude da expedição, cujo alvo eram as povoações ameríndias “Chupacho” e “Iscaicinga” (Ugarte, 2009, p. 29). Os homens que foram enviados para o reconhecimento do vale do Rio Huallaga o fizeram e foram bem mais além. Conseguiram chegar até o Rio Marañón, que mais tarde passou a se chamar de *Rio Amazonas*; a localização à qual os enviados chegaram constitui hoje os municípios amazonenses de Tefé e Coari; e era nessas localidades que se encontrava a “Província de Machiparo”. Essas cidades encontram-se parcialmente sobre áreas de sítios arqueológicos; após a foz do Rio Tefé, na comunidade de Vila Lira há sítio arqueológico com urnas funerárias expostas e solo de terra preta; nessas mediações, o frei Gaspar de Carvajal evidenciou que as aldeias indígenas estavam perfiladas por quilômetros às margens do Rio Solimões-Amazonas Carvajal (1941).

Todavia, devido à distância que haviam percorrido os expedicionários decidiram retornar à base em que havia ficado o maior número de indivíduos da expedição; ao chegarem, descobriram que os demais integrantes não mais se encontravam no acampamento, pelo fato de o comandante da expedição ter sido aprisionado. E, assim, a expedição de Mercadillo foi encerrada sem ter conseguido concretizar os seus objetivos de prospectar a abundância de recursos existentes no interior da grande floresta.

Por outro lado, ficou na lembrança de um integrante da expedição a memória dos acontecimentos; e, depois de anos, em 1543/1544, foi escrito e encaminhado um relatório ao rei de Portugal D. João III (Ugarte 2009, p.36). Na comunicação havia certa descrição sobre o sistema de organização desenvolvido pelos ameríndios a respeito da utilização dos recursos naturais e sobre certa utilização aurífera, já que as populações durante a recepção dos membros da expedição usavam artefatos em ouro. Entretanto, mesmo pelas descrições sobre a existência desse nobre metal, não se convenceu o monarca de tal informação. E, assim, caiu por terra a pretensão de Diogo Nunes de que o rei pudesse financiar uma expedição ao centro da futura Amazônia Central. Logo, só restou a memória dessa expedição, que ficou nos registros como a primeira viagem que chegou até quase a metade do maior rio do mundo na atualidade, o Rio Amazonas. Mas, as informações foram talvez importantes para outras expedições que se propuseram a navegar o grande rio, em que nos meses de janeiro a dezembro, as árvores descem rio abaixo servindo às aves como uma espécie de descanso; ou *canoas* para a captura de pequenos peixes, que descem ou sobem o rio durante as piracemas⁶ diurnas e noturnas. É o rio levando e trazendo a vida.

⁶ - São cardumes que sobem ou descem os rios da Amazônia Central para a reprodução de espécies Witkoski *et alii* (2009, p. 113).

A segunda expedição que percorreu quase toda a extensão do Rio Amazonas deixou registros importantes sobre as populações que habitavam o seu grande vale; e as estratégias de viagens foram inicialmente feitas por Pizarro e, na sequência, sob o comando de Francisco de Orellana e sob as descrições do olhar e do imaginário do frei Gaspar de Carvajal.

1.3 A expedição de Pizarro no Rio Solimões-Amazonas

Em 1541/1542, os rumores de viabilizar uma segunda expedição a leste do santuário do Rio Amazonas estavam em plena discussão, pela importância de conhecer as belezas que o vale verde apresentava em seu interior. Assim sendo, os discursos de haver suntuosa riqueza no *País da Canela*, o *El Dorado* e as famosas mulheres *amazonas* aceleraram o andamento da expedição. E tão logo o governador de Quito ordenou que a viagem ficasse sob a tutela de Gonzalo Pizarro. E, assim, após alguns acertos, a expedição saiu da capital equatoriana com elevado contingente de indivíduos, de forma que o maior número era de indígenas: eram 4.000 deles e 220 espanhóis. E, na sequência, no vale do Zumaco, mais vinte indivíduos se uniram à comitiva; e assim o somatório de indivíduos passou para 4.240. Um dado interessante que se pode observar é que os 4.000 indígenas, além de conhecerem a Região, eram os remadores e os guias na floresta, pois os espanhóis, possivelmente, não tinham conhecimento de como reconhecer os perigos da Amazônia, já que os homens da floresta (aborígenes) eram detentores de informações (como caminhar às margens dos rios, desviando de fortes correntezas, de lajeiros de rochas, vales etc.) e mantinham certa segurança por onde passaria a expedição.

Nos oito ou nove meses de intensa caminhada descendo e subindo vales, a expedição chegou ao seu propósito: às cobiçadas “especiarias” que estavam no vale do Rio Coca; era a aromática *canela* (*Psidium cattleianum sabine*); porém, os exemplares das espécies estavam distribuídos ao longo da floresta. Assim, isso levou certo desconforto de como utilizá-las em escala comercial, pois, para a sua exploração demandaria alguns investimentos financeiros; logo, o imaginário de riqueza ficou em estado de inércia. Além disso, a expedição durante o trajeto passou por uma série de acontecimentos, dentre os quais a baixa no contingente humano (óbitos) e também a fome, mesmo com os seus aparatos logísticos. Esses fatores fizeram que o comandante da expedição planejasse nova etapa da viagem. A providência foi designar um parco contingente com a tarefa de identificar os caminhos de melhor possibilidade para o trajeto da expedição, além de coletar proteínas para a dieta alimentar dos expedicionários. E, assim, o comandante ordenou que se organizasse um pequeno

contingente. Entretanto, para a empreitada, era necessária a intervenção naval, com a construção de batelões e de canoas possantes para o trajeto durante a descida do suntuoso rio de correntezas bastante fortes. Dessa forma, foi construído “um *bercantim* e quatro canoas” (Ugarte, 2009, p. 41). Tão logo construídos os transportes foi designado o capitão Francisco de Orellana e mais cinquenta e sete indivíduos para compor a expedição, dentre os quais o frei Gaspar de Carvajal – o mestre de valsa da fé em registrar os acontecimentos da expedição, o modo de vida (agricultura, reflorestamento de espécies vegetais, criação ou domesticação de animais) das populações humanas, isto é, aspectos “etnográficos” (Balée, 2010, p.41).

E, nesse ínterim, o governador Gonzalo Pizarro acertou detalhes com o expedicionário Francisco de Orellana, ao chegarem aos rios Coca e Napo, afluentes do Rio *Marañón*, à margem esquerda. Assim, após detalhada nova estratégia, no sentido de amenizar a falta de alimentos aos expedicionários, foi deliberado que Francisco de Orellana continuaria a descida do rio em cerca de dez dias; se porventura fosse ultrapassada a somatória desse prazo e a equipe de Orellana não voltasse, a expedição de Gonzalo Pizarro retornaria ao Peru. Desse modo, passados os dias combinados, a expedição não retornou. Então, então a alternativa foi Pizarro voltar ao Peru (Ugarte 2009, p. 41). E, assim, estava encerrada a jornada de Pizarro ao alto Rio Amazonas.

Contudo, ainda havia uma luz no horizonte, por perseverança de um pequeno grupo de homens que continuaram a aventura pelos vales dos desconhecidos Rios Coca e Napo. No entanto, o desconhecimento era inteiramente por parte dos espanhóis, pois os indígenas que acompanhavam o grupo tinham experiências de caminhamentos em florestas e em igapós, de várzea e de terra firme; no rio que a expedição descia a partir de janeiro, as cheias já se apresentavam com volumes interessantes; as árvores mortas ficavam nas barrancas; e com a subida das águas elas se desprendiam e iniciavam a descida das madeiras pelo rio. Isso demandava habilidade do viajante, senão poderia ocorrer o choque das canoas com as árvores causando naufrágio. As populações ameríndias desenvolveram habilidades em reconhecer árvores inteiras submersas nas corredeiras do rio e, ao mesmo tempo, realizavam contorcionismos para desviar de árvores nas águas *barrentas*.

Portanto, a construção das canoas e do *bergantim* para a sequência da expedição foi algo concebido a partir da necessidade, pois, devido à forte pressão das águas, era importante manter a segurança dos expedicionários a bordo, porque estavam em áreas desconhecidas. Assim, a expedição caminhava no *eco* de um povo que tinha aspectos topofílicos⁷. Por outro

⁷ - *Topofilia*, na acepção de Yi-Fu Tuan (2012, p.25), são as conexões que as pessoas têm com o lugar em que habitam ou trabalham.

lado, chegou a ser melancólica ou chistosa a descrição das águas das terras do alto Rio Napo e do alto, médio e baixo Rio Solimões-Amazonas pelos expedicionários de Francisco de Orellana, que almejavam, unicamente, a coleta de suprimento de alimentos para subsidiar ou para saciar a terrível fome que assolava os embarcados, conforme Gaspar de Carvajal (1941).

1.4 A terra, as florestas e as águas

O mestre da valsa da fome, frei Gaspar de Carvajal, à medida que a expedição seguia a leste pelo rio, descrevia os fatos que ocorriam no percurso da viagem. A percepção que se tem é de uma arqueologia da água, da terra e da floresta, pois, à medida que as canoas de homens famintos desciam o rio, frei Carvajal fazia orações implorando aos deuses que a expedição encontrasse soluções para mitigar a dificuldade à qual estava acometida a tripulação, mesmo não passando a privação da água, da terra e da floresta, das quais retiravam as poucas vitaminas e a madeira para erguer as embarcações que lhe servissem. Mas, mesmo havendo proteínas e vitaminas abundantes, os expedicionários não fizeram uso frequente da floresta; provavelmente está só serviu de abrigo. Com isso, o frei Carvajal deixou nas entrelinhas que o uso dos recursos foi de baixa frequência, devido às valsas dos *carapanãs* (*Anopheles darlingi*), que, no período de enchente do rio ou de ameaça de chuvas, surgem com sons afinados sobre os ouvidos das pessoas, as quais se não tiverem controle emocional, podem entrar em desespero; hipoteticamente, parece que foi um dos tantos fatores que perturbaram a descida dos expedicionários de Francisco de Orellana, no Rio Amazonas.

Por outro lado, as populações ameríndias tinham e têm inseticidas retirados das raízes, folhas ou cascas de árvores cultivadas em torno das aldeias, os quais, por meio de fumaças (fogueiras), dispersam as valsas de carapanãs. Essas características no texto do frei Gaspar de Carvajal (1941) são percebidas nos sítios arqueológicos, onde as infinidades de vegetações fazem parte desses jogos formativos, que são fortes indicadores de uma arqueologia vegetal de beira de rios. Em todas as mudanças advindas das subidas e das descidas dos rios, era tempo de cultivar e plantar manivas (*Manihot esculenta*) ou de erguer as habitações próximas aos corpos de águas.

Quando a expedição descia o rio, paralelamente aos cultivos e às habitações houve dias e noites de angústia, pois as correntezas sacolejavam as árvores da floresta de igapós; as canoas, os *bergantins* e as madeiras trazidas pela correnteza do rio, em certa altura, quase inviabilizavam a trajetória da expedição, quando em uma localidade do rio houve “redemoinhos” (Carvajal, 1941, p. 8) que forçaram as embarcações a fazerem uma espécie de

zigzague das margens sul a norte do rio, fragilizando-as; mas logo o encorajamento adivinha da habilidade do comandante da expedição.

A descrição concisa demonstra uma realidade do Rio Amazonas-Solimões há cinco séculos; algumas características ainda hoje estão presentes, principalmente na subida das águas (as cheias). Nesse sentido, são necessárias habilidades de remadores, pois, se não as possuírem o primeiro transtorno que pode ocorrer é o remo ser sugado pelo redemoinho⁸ ou pela correnteza do rio.

Frei Gaspar de Carvajal não menciona que houve perda de tal artefato, mas descreve que, em certo dia, após uma das corredeiras do rio, uma madeira que perambulava nas águas se chocou com a embarcação, abrindo uma fissura de forma que uma das tábuas se rompeu. Como a embarcação se encontrava próximo à margem do rio – na tripulação havia alguns indígenas e dois negros – Carvajal (1941, p.7), encalharam o barco e na sequência providenciaram a reposição da tábua. E esse episódio foi importante, pois, ao longo da viagem, frei Gaspar de Carvajal descreveu com precisão o perigo, a bravura de seus companheiros, além dos aspectos de como as populações humanas acondicionavam os estoques de alimentos em tornos das aldeias.

1.5 Saques de alimentos pelos expedicionários

Como vimos, o intento da expedição inicialmente era de identificar as riquezas do *País da Canela* e o *El Dorado*. Mas, após o reconhecimento das árvores de canela, o governador verificou que essa exploração estava fora de cogitação. Assim, a expedição teria de continuar a marcha rumo ao leste do Rio Amazonas. Porém, havia um agravante: o contingente de agentes que compunha a expedição era de mais de quatro mil indivíduos, o que contribuiu para que a logística, a alimentação e a locomoção fossem prejudicadas, haja vista que entre os animais (porcos) que serviriam de alimentos aos viajantes, alguns foram mortos sem, contudo, lhes servir. Assim, a direção geral da expedição viabilizou alternativa para que boa parte do contingente aguardasse a providência de alimentos, porém, caso não retornasse ao local combinado, a expedição com maior número de indivíduos teria de voltar à matriz de origem, ou seja, ao Peru. O menor contingente seguiu no sentido leste do Rio Amazonas, cujo objetivo era recolher proteína para a expedição.

⁸ - É a pressão da correnteza do rio quando há lajeiros de rochas ou árvores que ficam parcialmente submersas, formando tufos de águas.

Foi por essa via, portanto, que surgiu o primeiro saque de alimentos do povo da floresta que estava às margens do Rio Amazonas (1542). É irônico, pois, ainda hoje há bastante peixes, aves, animais e frutas que podem ser ingeridos sem prejudicar a saúde. Mas, talvez por questão de sensibilidade, o comandante da expedição não tomou ciência disso. E, desse modo, a descrição do frei Gaspar de Carvajal mencionou, que para driblar a valsa da fome, a alternativa foi recorrer aos utensílios de couro disponíveis no interior das embarcações Carvajal (1941, p. 3).

O castigo da fome fez os membros perderem forças para remar, o que só não foi pior porque desciam a jusante da correnteza, fato que demanda menor consumo de energia. Contudo dias se passaram, e só havia áreas das margens do rio sem a presença de populações humanas. A ausência de alimentos e de populações estava deixando o estado psicológico dos membros da expedição abalado, no entanto, em certa altura do rio Carvajal (1941, p. 3), um dos membros da expedição ouviu algazarra humanas.

Mas, só foi um ato imaginário, então a direção suprema da expedição não deixou os ânimos caírem em estado de gelo; reanimou os expedicionários dizendo-lhes que a sorte estava pairando no ar e que só a força vinda do interior de todas as cabeças da expedição poderia ser o motor para buscar a liberdade Carvajal (1941, p. 4). E parece que foi a partir dessa expedição que a liberdade dos ameríndios de áreas de várzea e de terra firme foi *engolida* pela necessidade de saciar a fome dos viajantes com os saques e as mortes de centenas de populações humanas, ora pela arma bélica, ora pelas doenças, como a *varíola* e o *sarampo* (Ugarte 2009, p.556); os *ecos* desses povos eram as barrancas dos rios, dos igarapés e de outros locais da Amazônia, que há milênios serviram de bancos de reprodução de vidas humanas e de outras espécies da sociobiodiversidade⁹ (Fonseca 2011, p. 244-245).

A ausência de alimentos para os viajantes já apresentava reflexos, pois membros da expedição estavam fracos. Mas, parecia que os *louvres* do frei foram ouvidos; e, entre os dias 8 e 9 de janeiro de 1542, Carvajal (1941, p.3-4) anunciou que realmente havia sons de tambores, cuja percussão soava longe. Logo, o líder da expedição Francisco de Orellana, anunciou que a área era de domínio de populações humanas e, assim, solicitou à tripulação que se preparasse para o encontro. As embarcações continuaram a descer o rio, quando em certa altura surgiram canoas: eram os índios que talvez fossem realizar atividades de caça ou de pesca, mas, no momento em que depararam com a expedição, retornaram rumo ao centro da aldeia para, talvez, informar que havia a presença de embarcações, não do estilo dos

⁹ - Contexto em que ocorre a articulação entre as diversidades biológicas e culturais que estão relacionadas às questões sociais e ambientais de países “megabiodiversos” (MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2012, p. 55).

indígenas, mas sim compostas de pessoas totalmente diferentes; desse modo, quando os membros chegaram próximo ao porto da aldeia, perceberam que os índios já se encontravam no aguardo.

A carência de alimentos era demasiada, o que levou a direção suprema da expedição a solicitar que todos subissem até o entorno da aldeia armados. A ação dos expedicionários no interior da aldeia fez que os índios abandonassem por poucas horas a área do assentamento. Então, foi desse modo que se inaugurou o assalto de alimentos em aldeias indígenas pela expedição de Francisco de Orellana. Os membros, pelo estado crítico em que se encontravam, não fizeram nenhuma cerimônia: degustaram o que havia de melhor nos moquéns, pois o assalto ocorreu pela parte matutina na aldeia. É possível que as mulheres tivessem assado deliciosos quelônios e outras espécies de peixes, uma vez que era de costume as populações manterem esses animais e peixes em currais; e à medida que precisavam, realizavam a captura para levá-los aos moquéns ou ainda para cozinhá-los. A prática de deixar peixes e outras espécies semi aprisionados nas áreas de interflúvio, no rio, nos igarapés e nos igapós é uma alternativa no sentido de manter estoque de proteínas disponíveis para as populações humanas adaptadas há milênios na Amazônia.

Esse contato provocou um fato deselegante, pois os donos do banquete ficaram sem o degustarem e ainda foram expulsos pelo simbolismo de armas de fogo. Após horas, os índios voltaram por via fluvial para avaliar o que realmente estava ocorrendo em seus ambientes e depararam com os homens barbados sobre o barranco posando como se fossem donos do ambiente; um deles solicitou aos índios – que andavam como *bobos* – que não ficassem arredios, pois o seu povo faminto só precisava de comida. Logo os indígenas retornaram às aldeias e foram informados pelo comando geral da expedição de que o grupo só precisava de alimentos. Dessa forma, os indígenas foram até ao chefe da aldeia informando tal episódio, o qual, na sequência, foi ao encontro do dito invasor Francisco de Orellana. Então, o líder da expedição comunicou ao chefe que a sua estada era no intuito de angariar alimentos para seus expedicionários.

No dia seguinte vieram as lideranças indígenas com as canoas repletas de alimentos. “E logo o cacique mandou que os seus índios trouxessem comida; e com muita presteza serviram abundantemente o que foi necessário de carne, perdizes, perus e pescados de muitas qualidades” (Carvajal, 1941, p. 5).

Conforme a observação de frei Gaspar de Carvajal, os volumes de alimentos expostos nas canoas possibilitaram alimentar os membros da expedição por cerca de quase um mês; pode-se deduzir, com isso, que as populações ameríndias do vale do Rio Amazonas e seus

tributários tinham mecanismos apurados de como produzir alimentos de padrões confortáveis para a dieta alimentar de populações humanas numerosas, utilizando um somatório de produtos cultivados nos dois ecossistemas: as várzeas e as terras firmes (Porro 1996, p. 81). Os produtos agrícolas eram produzidos durante as secas dos rios, em áreas de praias; todavia, durante as cheias, a produção agrícola era feita o ano inteiro nas áreas altas (terras firmes). Essas eram uma espécie de banco de variedades de sementes, ou seja, um laboratório a partir do qual, à medida que as águas baixavam, iniciava-se o transporte dessas sementes para serem cultivadas em áreas de praias, às margens do Rio Solimões-Amazonas, nos sítios arqueológicos identificados entre as cidades de Tonantins e Codajás, onde há abundâncias de cacaus *Thebroma*¹⁰ e nos quais, devido ao processo de *terras caídas*, árvores e frutos são conduzidos pelo rio. É possível que as populações humanas ameríndias pretéritas tenham contribuído para a distribuição de sementes nas áreas de interflúvios.

Desse modo, a crise de alimento a bordo das embarcações de Francisco de Orellana, em 1542 ocorria devido à falta total de conhecimento e de interação de como realizar a captura de peixes, a caça nas águas *barrentas* e na floresta de várzea e de terra firme, nas margens do Rio Amazonas. Assim, a alternativa foi o assalto de comida à mão armada. É até algo grotesco, mas, foi o que ocorreu conforme a descrição de frei Gaspar de Carvajal (1941).

1.6 Praias de uso agrícola

No vale de rios de águas *branco-barrentas*, nas estações de secas, os rios formam ambientes ou paisagens surpreendentes para a prática de atividades agrícolas, ou seja, constituem grandes extensões de praias *areno-argilosas*. Nelas são realizadas atividades agrícolas de vários cultivos¹¹. Já no período da subida do rio, as águas invadem os ambientes de praias e o capim cresce; logo são retiradas as espécies agrícolas, pois o volume de águas dos rios recrudescer em conformidade com sua subida. Um dos capins é o *arroz-bravo* que as populações *beiradinas* (habitantes das *barrancas* de rios) – que são agricultoras de praias – chamam de “arroz-brabo”. O arroz de áreas de praias ou de leitos de igarapés na Amazônia pode ter sido uma das atividades agrícolas desenvolvidas pelas populações pré-colombianas nos vales dos rios.

¹⁰ - “... que todas as 22 espécies conhecidas de *Theobroma* foram originalmente encontradas na Bacia Amazônica e nas vizinhas Guianas...” (BALÉE, 2006, p. 51).

¹¹ - O termo cultivo designa os plantios realizados em curto tempo nas várzeas do Rio Amazonas, onde há uma variedade de produtos típicos de áreas de praias da Região (Fraxe 2010, pp. 122-123).

À medida que a água sobe, o *arroz-brabo* e outros capins crescem e criam ambiente propício para atrair espécies de *gafanhotos*, pequenas *répetes* e *camarão*, o qual alimenta peixes de várias espécies (*tucunaré*, *carás*, *traíras*, *pacus* etc.). Então os ambientes que na subida das águas são utilizados para as atividades agrícolas, após três ou quatro meses, encontram-se alagados pelas águas, sendo berçários de novos *alevinos*. E as populações humanas se utilizavam do mesmo cenário para a pesca. Assim, pode-se deduzir que em um mesmo ambiente havia duas atividades fundamentais para manter o equilíbrio das populações humanas e de animais nos rios da Região. Na descrição de Carvajal (1941) essas características são visualizadas, pois ele informa que as populações geralmente se encontravam próximas às margens do rio, mas havia espécies de longos caminhos rumo ao centro das florestas ligando-se a outras aldeias. Os sítios arqueológicos identificados no baixo Rio Madeira demonstram que nesses caminhos havia intervenções na supressão de vegetação, mas, na sequência eram introduzidas outras espécies possivelmente para atender à demanda social, tecnológica, à dieta alimentar e à medicina popular.

Quanto ao perigo por que passaram os membros da expedição, na descrição de Carvajal (1941, p. 20), surgem observações quanto ao que havia entre as madeiras que desciam o rio formando emaranhados delas. Em certa altura da viagem, a força da correnteza do rio transportava as embarcações de uma margem à outra, e as galhadas de madeiras cruzavam debaixo das *canoas*. Esse fato levou frei Carvajal a afirmar que isso representava *perigo aos expedicionários*. Mas, as populações humanas que convivem às margens dos rios se adaptaram com o vaivém das madeiras, pois estas têm uma função importante; à medida que os níveis das águas sobem, os capins são desgarrados das praias e se juntam às árvores, formando uma espécie de barragem, diminuindo a intensidade da correnteza do rio; quando no período da seca as madeiras e os capins se decompõem, formando adubos orgânicos propícios para fertilizar as áreas de praias, que são utilizadas em práticas de agriculturas.

Os capins se entrelaçam nas galhadas das árvores conduzidas pelas fortes correntezas do rio e formam uma espécie de barreira, a qual pode ter comprometidas as canoas da expedição de Francisco de Orellana. Esse *tapete verde* pode ter inviabilizado a atracação das embarcações ao longo da descida do rio. Outro fator que também pode ter ocorrido foram as *águas brancas*: em época de cheia dos rios há migração de animais de áreas alagadas para áreas de terra firme. Os ambientes do rio podem ter contribuído para a ocorrência de pequenos acidentes com as embarcações; as áreas alagadas são ambientes seletos de carapanãs e de animais, que podem ter concorrido para o desconforto dos expedicionários.

Ademais, outro fator foi o não funcionamento da logística, que contribuiu para dias de fome da expedição, de forma que logo nos nove primeiros dias de viagem houve baixa de sete expedicionários (Carvajal, 1941, p. 7). Mas, como muito bem frisou frei Carvajal, a tarefa dos expedicionários era de encontrar alimento. E, assim, os olhares e os ouvidos se canalizaram para as barrancas do rio, com o compromisso de avistar aldeias ou de ouvir sons humanos para que na sequência fosse organizada a valsa de saques de comidas no interior das aldeias. Dessa forma, o segundo perigo manifestou-se quando os expedicionários e suas embarcações chegaram ao porto da aldeia de “Aparia” (Porro, 1995, p. 79) ao subirem até a praça central, de posse de armas e de outros aparatos de guerra, provocando um pandemônio entre o agrupamento de homens, mulheres, crianças, que buscaram abrigos junto às florestas. Mas, imbuídos de saciar a terrível fome, os expedicionários não fizeram cerimônia ao se alimentarem de “guisados e outras bebidas” (Carvajal, 1941, 7-8) que se encontravam hipoteticamente organizados em grandes moquéns em torno da aldeia.

1.7 O espírito coletivo dos expedicionários

Os registros de Carvajal (1941) são contundentes quanto à disposição dos remadores e da coordenação geral da expedição, durante os nove meses durante os quais durou o percurso de descida do Rio Amazonas. A expedição saíra com cinquenta e sete membros (Carvajal, 1941, p.3); após nove dias de navegação pelo rio, onze membros foram a óbito, provavelmente pelas péssimas condições higiênicas e por falta de nutrientes para os homens da expedição. Entretanto, mesmo com esse número de baixas, a voz e o direcionamento da expedição foram imperativos e, ao mesmo tempo esperançosos, até pelo fato de estarem em área segura na aldeia de *Aparia*, que tinha domínio territorial extenso da foz do Rio Napo até a foz do Rio Içá (Ferrarini 2013, p. 45). A percepção de Orellana era a de que os indígenas manifestavam cordialidades em relação à demanda de alimento disponível para os viajantes. Francisco de Orellana determinou aos expedicionários a necessidade de elaborar novos barcos para o deslocamento rumo à foz do Rio Amazonas.

Logo após a determinação, os expedicionários reunidos foram em busca de artefatos providenciais para a elaboração de novos barcos e canoas para o prosseguimento da viagem. Assim, em “vinte e dias” (Carvajal 1941, p. 7), foram confeccionados “cravos” (*arrebites*) suficientes para a construção de embarcações. E, assim, à medida que os tripulantes desciam o rio, os índios comandados pelo senhor de *Aparia* os recepcionavam com cordialidades, nas mediações em que hoje há as comunidades indígenas e não indígenas; uma delas é *Belém do*

Solimões, nos municípios de Tabatinga e São Paulo de Olivença. É provável que nessas mediações Francisco de Orellana e seu comandado dali tenham retirado as madeiras para a construção de barcos e de canoas, pois é uma área de várzea alta¹², e há diversas espécies de madeiras que são utilizadas pelos comunitários para fazerem embarcações na atualidade. Logo, Francisco de Orellana pode ter socializado o conhecimento dos índios de utilizar os artefatos culturais (Balée, 2006, p. 45), pois os ameríndios tinham a habilidade de reconhecer as melhores madeiras para serem utilizadas em canoas ou barcos. Sobre esse aspecto, frei Gaspar de Carvajal relata que, em pouco tempo, foi suficiente para as edificações de canoas e de barcos possantes para a sequência da descida do Rio Amazonas, e acrescenta:

Deu-se tanta pressa nesta obra do *bergantim* que em 35 dias foi lavrado e lançado à água, calafetado com algodão e betumado com piche trazido pelos índios (grifo nosso), a pedido do capitão. Não foi pequena a alegria dos nossos companheiros, por haver terminado aquilo que tanto desejavam. Havia tantos mosquitos nesta aldeia que nos atormentavam dia e noite, sem que soubéssemos o que fazer, embora com a boa pousada não sentíssemos o trabalho e nos animasse o desejo que tínhamos de ver o fim da nossa jornada. (Carvajal, 1941, p. 12).

Como se pode observar, as populações ameríndias possuíam tecnologia desenvolvida na confecção de barcos ou de canoas, pois a expressão em destaque “betumado” é retirada de uma espécie de madeira adaptada em áreas de terra firme e de várzea, o “breu” (*Protium heptaphyllum*), termo utilizado pelos fazedores de canoas ou de barcos no Solimões-Amazonas. Atualmente as populações que habitam as beiras dos rios, distantes de áreas urbanas, ainda se utilizam dessa matéria-prima. A árvore, quando sofre qualquer corte proveniente de ações antrópicas ou naturais, expele uma espécie de látex; depois de meses, devido ao clima temperado quente e úmido, transforma-se o látex em pelotas petrificadas de coloração negra. Então, os feitores de canoas ou de barcos as retiram e as alocam em recipiente, levam-nas ao fogo; depois de três ou quatro minutos torna-se uma massa negra viscosa, que é aplicada na canoa ou no barco. Nas arestas que ficam entre uma tábua e outra, são introduzidos cordões de algodão, no sentido de prolongar a durabilidade da embarcação, ou seja, para que resista por um ou dois anos, os feitores de canoas ou de barcos da Amazônia Central depositam a gelatina do breu por todas as fissuras existentes nessas embarcações.

É provável que os expedicionários comandados por Francisco de Orellana tenham utilizado esses artifícios no *bergantim* e nas canoas que foram fabricados nos trinta e cinco

¹²- São áreas que, geralmente, não são alagadas nas médias cheias dos rios, conforme Fonseca (2011, p. 136-137).

dias durante os quais eles ficaram alojados em torno das aldeias. Presume-se que os barcos foram possantes, pois estes conduziram os expedicionários à foz do Rio Amazonas.

A descrição supracitada nos leva a crer que as populações ameríndias antes do contato haviam conseguido utilizar vários recursos da floresta, para realizar espécies de empreendedorismo, pois, nos sítios arqueológicos da região do alto, médio e baixo Solimões, há vários exemplares de árvores de *Protium heptaphyllum*. É possível que essa espécie fosse cultivada para atendê-las na indústria de canoas, pois, nos rios, nos furos, nos lagos, no período da seca, pode-se realizar longas caminhadas seguindo as paisagens de “arroz-selvagem”, porém, com a subida das águas fica inviável proceder a longo deslocamento. Logo, a canoa pode ter representado um *salto inovador* para as redes de contatos sociais no Rio Amazonas, no período pré-colombiano.

Entretanto, pode-se deduzir que durante a descida da expedição de Francisco de Orellana (1542) para os remadores e para outras atividades exercidas pelos indivíduos no interior da expedição havia uma espécie de função, cuja finalidade era sedimentar o controle da expedição pelo comando superior, o qual pode ter sido responsável pela integridade dos expedicionários, pois os indivíduos estavam imbuídos dessa causa, isto é, a de chegar à foz do Rio Amazonas, o que fez que os expedicionários mantivessem certos relacionamentos cordiais, conforme se pode observar na narrativa durante a descida das margens do Rio Amazonas. Isso pode ter sido a chave para que os expedicionários sobrevivessem, por haver poucas escolhas no interior das canoas e dos *bergantins*. A cordialidade souou como uma espécie de engrandecimento psicológico no *ego* dos expedicionários, pois não mediam esforços no sentido de combater os indígenas quando era necessário angariar alimentos, ou quando a expedição era atacada pelos indígenas, donos das margens do Rio Amazonas. Essas duas conjecturas (saques de alimentos e ataques dos índios) representaram uma espécie de bravura nos ambientes, até então desconhecida pelo colonizador europeu.

1.8 Os estoques de alimentos nas aldeias indígenas

As populações indígenas sempre utilizaram os recursos naturais de modo sustentável, conforme relata Carvajal (1941, p.9) em certa altura em que a expedição fluía no Rio Amazonas. Em uma das aldeias, Francisco de Orellana noticiou aos indígenas que a expedição estava passando por dificuldades alimentícias. E logo seu pedido foi atendido, pois, na sequência, as canoas conduzidas pelos índios chegaram repletas de produtos, os quais foram entregues aos expedicionários.

Atualmente, as populações que manejam as margens do Rio Amazonas e seus tributários, nas estações de seca dos rios, utilizam o cultivo de certas variedades de produtos agrícolas, tais como macaxeira, mandioca, batata-doce, milho, jerimum, melão etc. Essas plantações são praticadas nas áreas de praias de rios de agosto a fevereiro. Essa prática é conhecida como *cultura de praias*. Além dos cultivos, as populações recorrem às áreas próximas das praias para se servirem dos estoques de frutos domésticos ou silvestres disponíveis nas florestas de terra firme; tais frutas são as palmeiras, como tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), açaí (*Euterpe oleracea*), bacaba (*Oenocarpus bacaba*), murumuru (*Astrocaryum murumuru*), urucuri (*Scheelea phalerata*) e buriti (*Mauritia flexuosa*). Esses dois sistemas de manejo vêm sendo realizados há centenas de anos, no Solimões-Amazonas, pois, nos sítios arqueológicos, tanto em áreas de terra firme quanto nas de várzea, é possível perceber esses exemplares.

Essas características foram observadas e descritas por Carvajal (1941), ao longo do rio; menciona que as populações tinham verdadeiros estoques de alimentos. E isso é perfeitamente coerente, pois a expedição navegou em águas hoje do território brasileiro, entre os meses de maio e agosto de 1542. Em maio, no alto Amazonas, já começam a descer as águas, isto é, inicia-se o período de seca do Rio Amazonas.

Houve, então, a rápida chegada de canoas sortidas de alimentos. Pode-se vislumbrar que as populações ameríndias pré-colombianas haviam desenvolvido sistemas de armazenamento de estoques de alimentos, com conservações duráveis; por exemplo, estoques de jerimum ou abóbora (*Cucurbita spp*) podem ter durabilidade de até oito ou nove meses; isso só depende de quem for realizar a colheita, ao deixar uma pequena parte da fibra, que se junta ao fruto, ou seja, não perfura a entrecasca; outro produto que tem certa durabilidade de armazenamento é o feijão, que as populações contemporâneas chamam de “feijão de praias ou quarenta dias”. É possível armazená-lo por seis a oito meses; só depende do local de armazenamento e da existência de circulação de vento. Quanto às farinhas de mandioca, as populações, ainda hoje, armazenam em paneiro forrado por folhas de palmeiras, como o ubim (*Geonoma sp.*), conforme Agassiz (1975, p. 208) e a sororoca (*Scomberomorus brasiliensis*). A embalagem visa proteger o conteúdo, que tem durabilidade de um a dois anos. Além disso, mantêm-se estoques de quelônios em currais; peixes em currais aquáticos, que são chamados pelas populações de “cacoris”.

Desse modo, a descrição do frei Carvajal (1941) tem fundamentos, pois, ainda hoje, dependendo das distâncias em que se encontram as populações em relação aos centros urbanos, elas desenvolvem sistemas de armazenamento de produtos com base em saberes

ancestrais. A essência desse conhecimento é a estocagem de alimentos para a dieta alimentar de numerosos indivíduos. O sistema contribuiu para que a expedição de Francisco de Orellana (1542) recolhesse alimentos conquistados por meio de entregas espontâneas pelos índios ou por meio de saques de alimentos que se encontravam disponíveis no entorno das aldeias.

A síntese da crônica do frei Gaspar aponta como as populações humanas que habitavam às margens dos rios conseguiram desenvolver uma verdadeira engenharia, de um modo de vida sedentário, e como se articulavam com os ecossistemas de várzea e de terra firme (Morán 1990, p.137), nos quais havia um *Everest* de saberes de convivência com as estações de secas e de cheias do rio. Possivelmente, essas técnicas foram responsáveis por manter certa demografia, sem, contudo, gerar graus de interferência ou impactos nas margens do rio.

Ao contrário, deixaram patrimônios interessantes de como se adaptar ao clima quente e úmido, ajustados aos ecossistemas e inovaram com a indústria *cerâmica*, com *estratos de solo de terra preta*, importantes hoje na produção de alimentos para as populações que habitam às margens dos rios tributários do Solimões-Amazonas. Essas possíveis inovações serão pontuadas no Capítulo 2, que discute sobre a história de pesquisa arqueológica na Amazônia, em que se coloca essa região em um cenário no qual anteriormente era concebida como área restrita às grandes concentrações humanas.

A arqueologia vem demonstrando que as populações produziram artefatos que hoje se encontram enterrados ou representados nas florestas fruto de processo de manejo. Exemplo disso são as grandes formações de castanhais, seringais etc. Ademais, pesquisas arqueológicas e de arqueofauna (estudos de resíduos orgânicos, ossos e sementes arqueológicas) têm identificado procedimentos de alterações nos ambientes (formação de estratos de *terras pretas e florestas antropogênicas*) que permitem vislumbrar como as populações humanas pré-coloniais interagem com as diversidades sistêmicas na Região, conforme as figuras 1 e 2.



Figura 1: Floresta antropogênica em torno do sítio arqueológico de terra preta de índio a margem direita do Rio Igapó-açu.

Fonte: Carlos Augusto da Silva, abr., 2013.

Figura 2: Sítio arqueológico, na Vila de Pedra, em Barreirinha-AM, sendo urbanizado.

Fonte: Carlos Augusto da Silva, nov, 2004.

Na figura 1, é possível perceber que, paralelamente ao campo de futebol, existem diversas palmeiras; e a parte gramada é composta de solo de *terra preta de índio*. Na figura 2, as cores negra e amarela parecem bastante com as confluências de rios de águas *brancas e pretas* da Região. As duas figuras exemplificam prováveis modelos elaborados há milhares de anos por sociedades que desenvolveram amplo e complexo sistema de mudanças na paisagem Posey (1999), possivelmente para a produção de alimentos para centenas ou milhares de pessoas no mesmo local. Outrossim, para formar camadas de solo de terra preta são necessárias intervenções constantes por cerca de 500 a 1.000 anos, no mesmo ambiente, no qual toneladas de resíduos orgânicos são reunidos, pisoteados e queimados cotidianamente pelos moradores do lugar (Carlos 2001). No capítulo três fez-se uma panorâmica da Arqueologia da Amazônia que vêm canalizando que as sociedades deixaram uma história de que em cada rio ou floresta da região há modos de vida, de como conviver na floresta, sem, contudo, causar danos ambientais irreversíveis (Heckenberger 2006, pp. 39-42).

CAPÍTULO 2 - BREVE HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA DA AMAZÔNIA

“O sentimento de horror materializado numa imagem sólida torna-se o sinal da dominação consolidada dos privilegiados”. (Adorno & Horkheimer, 1947. p. 14).

A história da arqueologia da Amazônia vem desde o século XIX por meio de ações de naturalistas ou viajantes, que a serviço de instituições brasileiras ou estrangeiras fizeram incursões pelo litoral do Atlântico quando perceberam as elevações de conchas que estavam sendo extraídas para a produção de *cal*. Na foz do Rio Amazonas, os naturalistas depararam com as elaboradas pelas sociedades pré-colombianas, erguidas por meio de possíveis edificações de ações coletivas pelo homem, o que talvez representasse uma espécie de plataforma estilo *torrão de solo* com a propositura de funcionar como área de refúgio, durante as subidas das águas dos rios. Nesses ambientes as sociedades humanas realizavam rituais de sepultar seus entes queridos em vasilhames cerâmicos decorados.

Os viajantes ou naturalistas iniciaram o processo de reunir coleções arqueológicas amazônicas para serem depositadas em museus do Brasil e de países da Europa, além dos Estados Unidos da América. À medida que as coleções eram publicadas pelos colecionadores ou pelas instituições às quais os naturalistas ou viajantes estavam vinculados, urgia a necessidade de sistematização de outros acervos.

As incursões foram realizadas na Ilha de Marajó e em áreas adjacentes à foz do rio Amazonas. E, à medida que as coleções iam sendo desenterradas dos sítios arqueológicos, eram transportadas para ambientes públicos ou particulares. E, nessa corrida em busca de vestígios os naturalistas investiram em outras áreas, porém, não muito distantes da foz do rio Amazonas.

Nessa busca, uma área visitada pelos naturalistas foi a região do Estado do Amapá, onde fizeram valiosas descobertas arqueológicas, pois havia outro sistema de enterramento dos vasilhames cerâmicos, depositados em locais bem diferentes da área da foz do rio Amazonas. Enquanto na Ilha de Marajó as urnas funerárias eram sepultadas nos *aterros construtivos*, no Amapá eram depositadas em abrigos sob rochas, formando conjuntos de urnas que tinham formas tubulares antropomorfas, apresentando traços humanos assentados no banco afixado na própria urna, em cuja tampa havia sido talhada ou esculpida a face humana.

Este capítulo fará um breve levantamento de referência bibliográfica envolvendo a pesquisa arqueológica que caracteriza a ação das sociedades humanas pretéritas interagindo com a diversidade de espécies dos ecossistemas amazônicos, nos quais afixaram suas inscrições ou suas digitais grafadas em vasilhames cerâmicos ou em estratos de solo de terra preta, enterrados ou em superfície, nos sítios arqueológicos da Amazônia Legal.

Nesses sítios há registros importantes de história de vida das populações pré-colombianas, que deixaram bons indicadores de serviços ambientais necessários para as populações que hoje interagem no imenso tapete verde amazônico. Um exemplo disso é o modelo deixado nas áreas rurais ou urbanas da Região. Também as centenas de espécies de árvores existentes nos sítios arqueológicos e nos entornos são indicadores de serviços ambientais.

As referências bibliográficas das primeiras expedições exploratórias que desceram ou subiram o Rio Amazonas pontuavam as riquezas de informações sobre o modelo de vida das sociedades às margens dos rios. As pesquisas arqueológicas vêm confirmando que na Amazônia havia milhares de pessoas cultivando e transformando paisagens em sistemas produtivos de abundâncias de recursos alimentícios, além de fazerem o uso intenso de recursos pesqueiros, pois, nos registros arqueológicos foram identificadas centenas de ossadas de peixes (*pirarucu, tambaqui, peixe-boi* etc.). Barbosa Rodrigues, quando escavou o Sítio Taperinha, em 1875, recolheu fragmento de osso de peixe-boi (*Trichechus inunguis*). Então, se havia densa população humana, conseqüentemente existia alto consumo de recursos naturais. Portanto, uma alternativa seria manter ou balancear os estoques de recursos – uma possível solução consistiria na introdução de cultivos de densas espécies de plantas (*castanha, pupunha, açaí, andiroba, copaíba, uxi, bacuri* etc.) e no replantio de roçados ou na criação de animais. Os sítios arqueológicos da região são exemplos de que essas sociedades humanas pré-colombianas faziam grandes investimentos para enriquecerem o solo com abundância de estoques alimentícios para as sociedades presentes e para as vindouras. Isso está comprovado por meio de descrições dos aventureiros que desceram ou subiram o rio Amazonas.

O processo de colonização é testemunho de que havia bastante recursos nos rios e nas florestas da região. As figuras 3 e 4 são imagens feitas pelo cineasta Silvino Santos (2012) na década de 20 do século passado no Rio Purus. Até hoje, com 515 anos, a sociedade dita *civilizada (do consumo ou do plástico)* vem causando transtornos a muitas espécies da Amazônia. Assim, estudos interdisciplinares podem contribuir para o entendimento da dinâmica dessa história de vida das sociedades pretéritas, além de servirem como ferramentas

que possibilitem certo entendimento de como permaneceram por milhares de anos na Região sem, contudo, causar a exaustão ou a extinção de peixes, de caças, de aves etc.

A arqueologia estuda essa história a partir dos resíduos de argila, de rocha, de solo de *terra preta*, de ossos de animais, de humanos, além das pinturas rupestres e das sementes vegetais queimadas etc. Esses resíduos formam as paisagens, as quais somente são perceptíveis se o olhar e a sensibilidade cognitiva do pesquisador forem dinâmicos. Neste estudo, o foco será a indústria cerâmica de uma coleção arqueológica que se encontra depositada na residência de um morador da cidade de Urucurituba-AM. A história da coleção e a análise encontram-se no capítulo 4.



Figura 3: Pirarucus abatidos e expostos em torno do *tapiri*, em 1924-1925. Coleção Silvano Santos - Museu da Imagem e do Som do Amazonas. Pesca no lago Ayapuá, rio Purus, em 1893.

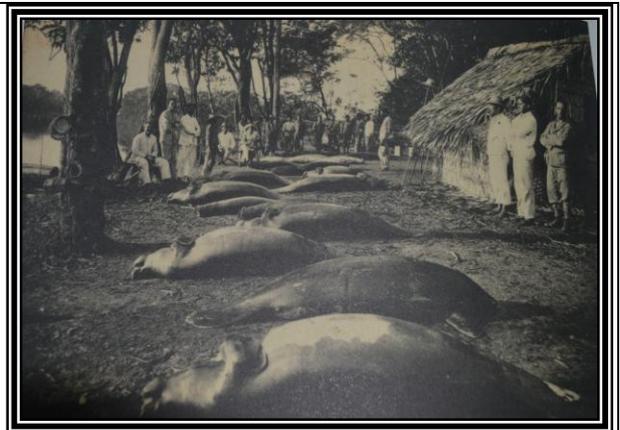


Figura 4: Peixes-bois abatidos e admirados pelas pessoas, em 1924-1925. Coleção J.G. Araújo - Museu da Imagem e do Som do Amazonas. Pesca no lago Ayapuá, rio Purus, em 1893.

2.1 Ambiente e sociedade na Amazônia pré-colombiana

A Amazônia de dimensões continentais tem o privilégio de a natureza abrigar sociobiodiversidade sistêmica (Fonseca 2011, p. 187), a qual agrega infinidades de espécies de seres vivos, que ao longo de milênios se aconchegam nos ecossistemas ecológicos e sociais amazônicos (Pereira & Camargo, 2014, p. 117; Witkoski, 2007, p. 45; Ab'Sáber 2003, p.137); e nesse *eco* há o processo de adaptabilidade humana (Moran, 1994, p. 25), em que se busca mecanismos de como retirar do ambiente as proteínas necessárias para continuar a reprodução social, cultural e econômica na densa Amazônia.

No sentido de reproduzir a história humana pré-colombiana, uma das ferramentas são os estudos interdisciplinares (a arqueologia, a antropologia, a paleobotânica, a bioarqueologia, a arqueofauna etc.), as quais, juntas, podem caracterizar de forma específica as etapas do

modo de vida das sociedades humanas que interagiram no ambiente, bem antes do processo de colonização da sociedade europeia.

A primeira informação sobre essa história de forma escrita vem dos séculos XVI e XVII, quando as primeiras viagens exploratórias descendo ou subindo o rio Amazonas noticiaram as infinidades de sociedades, as quais tinham transformado as paisagens de naturais para culturais (Silva 2014, p. 37), de forma que elas (*as paisagens* – é extremamente no plural, isto é, fica a cargo do observador) tinham a função não só de contribuir para compor o processo de arborização em torno das aldeias, mas também, de contribuir para o processo de tecnologias no sentido de erguerem as aldeias e para a construção de *canoas* para a locomoção pelos rios, paranás e lagos, cujo propósito talvez fosse a prática de agricultura de várzea ou a coleta de frutos da floresta para compor a estrutura proteica das sociedades humanas, além da dos animais, que possivelmente eram mantidos em processo de domesticação; no que tange à pesca, talvez para atender às redes de sistemas de trocas de produtos intertribais (Porro 1995, p. 11).

Quanto às indústrias cerâmicas, aos trançados de fibras, às líticas e aos estratos de solos férteis de terras pretas de índios (TPI), esse mosaico de interações foi percebido nos primeiros olhares da sociedade ocidental (Porro 1995, p.53). Nesse sentido, a arqueologia é uma disciplina de cunho social, cujo método vem de certo modo recolhendo evidências da história indígena pretérita no ambiente amazônico, no qual os habitantes transformaram os recursos naturais em bens de serviços no sentido de atender às demandas sociais e culturais.

As ciências ambientais vêm demonstrando que os sistemas ecológicos funcionam por meio de estruturas energéticas, isto é, criam e recriam estruturas para “auto-organização” (Pereira & Camargo 2014, p. 179). Essas regularizações dos sistemas ecológicos contribuíram ou ainda contribuem há milênios para a permanência do homem em qualquer ambiente que tenha sido escolhido ou sorteado para as aldeias. Durante a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, em 1787, cujo objetivo era inventariar o processo econômico na região do Rio Negro, à medida que a expedição subia o rio, várias observações foram pontuadas pelo naturalista. Uma delas foi a cerâmica, além dos objetos trançados de fibras vegetais, na calha do Rio Negro, na passagem entre “Tomar e Lamalonga” (Ferreira 2007, p. 57). O navegador descreveu a formação de (...) “terra humosa, que é essa terra preta, por outro nome, terra de jardins, na qual se resolvem os vegetais mediante a putrefação, que procede das vicissitudes do calor e da umidade”. Essa observação é importante, pois tudo leva a crer que é a primeira informação descrita sobre a potencialidade do solo antropogênico, o qual possivelmente era utilizado na agricultura de *pousio* pelas populações humanas do Rio Negro.

E, na sequência de viagem, no rio Uaupés, na localidade denominada de Sant’Ana, na vazante do rio havia uma bela e extensiva praia de areia. Nela foram recolhidas (...) “as pontas das flechas, que faziam de pedra os gentios de outro tempo” (Ferreira, p. 139). Esses dois momentos observados pelo naturalista foram importantes para demonstrar que as sociedades dos rios de águas pretas tinham todo um preparo de como utilizar os serviços ambientais¹³, pois as alterações no solo são um marco importante no registro arqueológico por caracterizarem o processo de sedentarismo na Amazônia (Neves 2006. p. 54). O próximo ponto a ser debatido são as percepções de naturalistas brasileiros e estrangeiros ao conhecerem as *artes cerâmicas* edificadas por habilidades e por notáveis saberes ecológicos e sociais, que talvez fossem repassados de gerações a gerações entre as sociedades humanas da Amazônia pré-colombiana.

2.2 A cerâmica da Amazônia no caminho dos naturalistas

Os naturalistas brasileiros e estrangeiros deram importância aos fragmentos cerâmicos encontrados por populares residentes na Ilha de Marajó. Esses fragmentos começaram a ser reunidos e sumariamente interpretados por Ferreira Penna; e na sequência foram apresentados aos naturalistas (*C. Hartt, J. Steere, O. Derby, João Barbosa Rodrigues, H. Simith, Ladislau Netto e W. Barnard*) que visitaram essa ilha. Foi por meio da divulgação que o naturalista Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888) abriu o caminho para que as coleções arqueológicas amazônicas fossem reunidas e levadas para instituições nacionais e internacionais. Ferreira Penna, natural de Minas Gerais, iniciou seus trabalhos científicos no Pará e, ao longo de quase vinte anos de dedicação à ciência (geologia, etnografia, geografia física e arqueologia), fez descobertas importantes desses campos do conhecimento.

Na arqueologia, sua contribuição foi a identificação de sítios arqueológicos contendo a indústria cerâmica *policroma* da Amazônia, com características em cores vermelha, branca e preta. O naturalista foi pioneiro em investir em etapas de campo, patrocinado pelo poder público ou por recursos próprios (Cunha 1989, p. 25). As áreas investigadas em 1863-1864 foram as mediações do baixo e médio Rio Tocantins, até próximo à cachoeira denominada de *Guaribas*, subindo o Rio Amazonas, chegando próximo à cidade de Breves. Desse ponto a

¹³ - Na acepção de Pereira & Camargo (2014, p. 182) serviços ambientais são aqueles existentes no ambiente; por exemplo, o rio Negro possui um sistema interessante de floresta que contém várias espécies de madeiras; algumas delas são consideradas de alto valor econômico, por ser a madeira apropriada às indústrias naval e civil; E outra característica são as águas, que contém variedades de peixes e quelônios. Esses dois exemplos são concebidos como serviços ambientais.

jusante, reconheceu área de potencial arqueológico nos Rios Anapu e Pará, no período de dezembro a janeiro, a serviço do governo da Província do Pará. Em 1867-1868, Ferreira Penna, na condição de secretário da Província do Amazonas, fez reconhecimento de área de potencial arqueológico em torno do baixo Rio Negro.

Na cidade de Óbidos, localizada à margem esquerda do Rio Amazonas, Faro, localizada à margem esquerda do Rio Nhamundá, próximo da cidade amazonense homônima, em Alter do Chão, Vila Franca, Ererê, localizadas no Rio Tapajós, nessa etapa de campo, realizada nos meses de fevereiro a maio de 1868, registrou o potencial arqueológico dessas áreas dos Estados do Pará e do Amazonas. Na sequência, de junho a agosto de 1868, a jusante da foz do Rio Tapajós, o naturalista investiu nas mediações da cidade de Monte Alegre, na qual identificou sítios arqueológicos que mais tarde foram pesquisados por meio de métodos sistemáticos, demonstrando que áreas desse município foram manejadas por populações humanas há milênios (Neves 2006 p. 23-34).

Na Ilha de Marajó, o naturalista visitou as localidades dos lagos Arari, Pacoval e algumas áreas de pasto de gado. A etapa de campo foi a serviço da Comissão do Governo Provincial, em novembro de 1871. Nas áreas de potencial arqueológico havia sítios erguidos por meio de elevação de montículos de solo modelado, no sentido de evitar que as áreas ocupadas pelas sociedades humanas fossem submersas pelas cheias sazonais do Rio Amazonas. Os montículos construtivos poderiam possibilitar certo processo de adaptabilidade aos habitantes da ilha em que manejaram sensivelmente o ambiente.

Em 1872, o naturalista retornou aos lagos Arari e Pacoval, entre outros locais, como Gurupá, localizada próximo à foz do Rio Xingu; Macapá, rio Xingu a montante, áreas de cachoeiras dos rios Paru, Tauaré, Aramacu, Jari e a cidade de Almeirim; os rios Cajari, Maracá, Mazagão, Anajás, Aramá e localidades adjacentes, identificando e informando-se com as populações residentes nesses ambientes sobre depósitos de vestígios pré-colombianos. A etapa de campo ocorreu de janeiro a março de 1872. Em outubro do mesmo ano, o naturalista retornou à ilha de Marajó, ao rio Maracá, a Almeirim, a Gurupá, ao rio Jari, a Porto de Moz, à Ilha de Santana e à costa do Estado do Amapá para refinar informações dos sítios arqueológicos e dos monumentos de antigos *fortes edificadas por ingleses, holandeses e portugueses* no século XVII.

Em 1873, a etapa de campo foi feita na área dos sítios arqueológicos Pacoval e Santa Izabel, localizados na ilha de Marajó. Entre 1874-1875, realizou as investigações na ilha de Marajó, onde classificou os sítios arqueológicos de grandes aterros construídos por sociedades humanas. Nos meses de junho e agosto de 1876, as investigações foram realizadas no litoral

do Pará, no qual identificou e estudou preliminarmente os sítios arqueológicos *sambaquis* (*elevações construídas por meio de acúmulos de carapaças de conchas – Pecten maximus*) erguidos pelas sociedades pré-colombianas.

Em 1877, Ferreira Penna realizou a etapa de campo no Estado do Amazonas, onde visitou o sítio arqueológico *Mirancanguera*, informado de que este localizava-se nas cercanias da boca do rio Madeira, em cuja área baixa, no rio Urubu e no paraná de Urucará, há sequências de sítios arqueológicos gigantescos, na margem direita do rio Amazonas. No fim da ilha do Risco encontra-se a cidade de Nova Urucurituba-AM, contendo potencial arqueológico importante para a reconstrução da história de vida ancestral.

De 1877 a 1882, as explorações ocorreram em diversas localidades dos Estados do Pará, Amazonas e Amapá; neles o naturalista recolheu e escavou sítios arqueológicos, formando coleções de urnas funerárias para o Museu Paraense, inaugurado em 25 de março de 1866 (Cunha, 1989, p. 35). No fim de sua carreira, problemas financeiros e por empréstimos de acervos arqueológicos para a exposição do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1882, contribuíram para diminuir a intensidade de suas viagens de campo na Amazônia. Mas, uma marca do naturalista foi denunciar ao poder público da época sobre a forma de extração de coleções arqueológicas por pessoas insensatas para o *comércio negro* (venda de coleções). Essas atitudes de Ferreira Penna, conforme Cunha (1989, p.28) constituíram os primeiros ensaios no sentido de o Estado brasileiro formalizar leis de preservação dos monumentos arqueológicos.

O rápido comentário sobre a atuação das pesquisas preliminares de Domingos Soares Ferreira Penna atesta que ele abriu os caminhos para as futuras pesquisas arqueológicas em diversos ambientes da Amazônia Legal. Na sequência, eis as descrições dos naturalistas que perceberam a espetacular arte de produzir cerâmica e outros artefatos na floresta e nas margens dos rios amazônicos.

Os naturalistas Emílio Augusto Goeldi (1859-1917), Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912), Carlos Estêvão Oliveira (1880-1946), João Barbosa Rodrigues (1842-1909), Ladislau Netto (1834-1894), Charles Hartt (1840-1878), Orville Adelbert Derby (1851-1915), conforme Neves (1999, p. 359) e Cunha (1989 p. 34-45), travaram inúmeras excursões na foz do rio Amazonas. Em 1895, Emílio Goeldi organizou e coordenou a etapa de campo na área do atual Estado do Amapá, pois havia informações detalhadas de áreas de sítios arqueológicos de estimadas riquezas identificados por Ferreira Penna (Cunha, 1989, p. 39). Na etapa de campo, dentre os participantes, estava Aureliana Pinto de Lima Guedes; a equipe seguiu rumo ao rio Cunani, no Amapá, numa área denominada de “Monte Caru” (Barreto, 1992, p. 216), e

percebeu alteração no solo; logo os pesquisadores investigaram essa mutação e chegaram à conclusão de que na verdade se tratava de local fúnebre das sociedades que interagiram no ambiente. E, ao fim das escavações foram exumados dezoito exemplares de urnas funerárias, alguidares, diversos fragmentos cerâmicos e dois exemplares de lâminas de machados.

A etapa foi de extrema importância para que na sequência outras fases de campo fossem realizadas na área do Amapá. Assim, em 1896 Aureliano Pinto Lima Guedes realizou prospecções nas áreas dos rios “Maracá, Anauerapucu, Mazagão” e na Ilha do Pará (Barreto, p. 218). Os locais já haviam sido descritos por Ferreira Penna, apontando o potencial de arqueologia da região. A escavação engendrada por Lima Guedes possivelmente não realizou um plano de trabalho específico dos sítios, isto é, não fez diagnóstico com o qual fossem identificadas as maiores concentrações de vestígios arqueológicos enterrados. Logo, as escavações demonstraram que os sítios pesquisados não contemplavam os objetivos das etapas de campo que objetivavam recuperar urnas funerárias intactas, pois, estas se apresentavam parcialmente fragmentadas; em algumas delas havia restos humanos de processos de ritos fúnebres e os fragmentos mortais apresentavam sinais de presença de fogo.

Feitas essas apreciações a respeito dos naturalistas pioneiros que se dedicaram à investigação de sítios arqueológicos na Amazônia, é lícito ressaltar que seus objetivos eram reunir coleções arqueológicas para acervos do Museu Paraense, em Belém-PA, e do Museu Nacional do Rio de Janeiro-RJ. Dentre as coleções havia diversas urnas funerárias, vasilhas, estatuetas, carimbos, lâminas de machados. As urnas funerárias, estatuetas, vasos etc. tinham a cor vermelha, com incisões pretas, alaranjadas, acinzentadas, características antropomorfas e zoomorfas das que foram exumadas de sítios arqueológicos na Ilha de Marajó-PA.

O sítio arqueológico que foi amplamente visitado e escavado pelos naturalistas em busca de coleções cerâmicas arqueológicas foi o sítio do Pacoval, do qual Ladislau Netto (1885, p. 266-267) indicou a área, que fica no setor oriental do lago Arari, na Ilha de Marajó. A formação do sítio pode ter sido oriunda de acúmulos de solo e de resíduos sólidos, compostos orgânicos das interações provenientes dos ocupantes da Ilha, há milhares de anos, possivelmente sob a direção de um poder hierárquico¹⁴. A extensão do sítio delimitada pelos visitantes é de “(...) 300 metros de comprimento por 150 metros de largura” (Netto, 1885, p. 268) e sua morfologia é comparada à carapaça de um jabuti, isto é, a cabeça estendida, no sentido de norte para leste, em relação à margem do lago Arari; a altura é de, aproximadamente, cinco a oito metros de altura em relação ao nível do lago, nos meses de

¹⁴ - *Os cacicados amazônicos* de poderes extensivos (Gomes 2002, p. 65; Porro 1996, p. 76).

agosto a outubro. A construção artificial possivelmente foi feita para evitar o processo de inundação, durante a cheia do rio, cujo pico ocorre nos meses de março a maio. As figuras 5 a 9 representam adaptabilidade ou habilidade da sociedade pré-colombiana em produzir as *artes* de alterar ou de construir pequenas *colinas* e a indústria cerâmica amazônica.



Mapa 1: Sítios arqueológico na Ilha de Marajó.

Fonte: <http://arandurakuaafan.blosport.com.br/2014_08_01_archivehtml>.

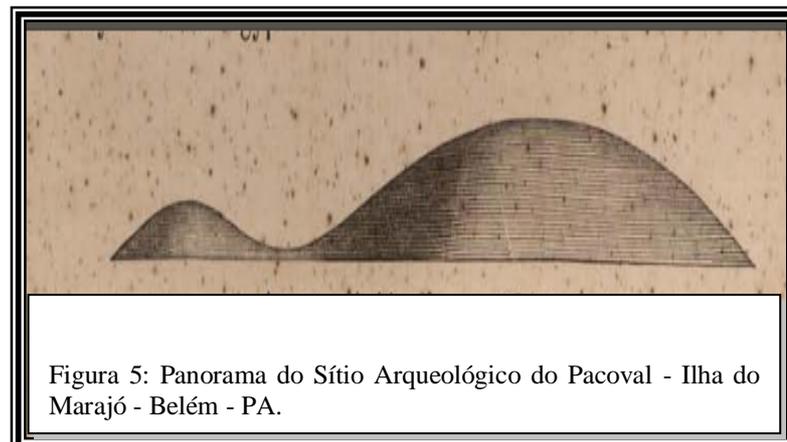


Figura 5: Panorama do Sítio Arqueológico do Pacoval - Ilha do Marajó - Belém - PA.



Figura 6: Urna antropomorfa.

Fonte: Mello Netto (1885, p. 399).



Figura 7: Peça zoomorfa “cabeça de macaco-da-noite”.
Fonte: Mello Netto (1885, p. 381).

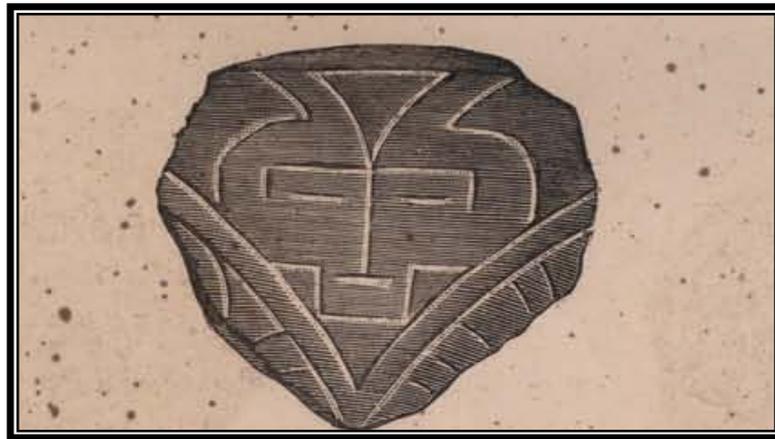


Figura 8: Linhas incisas figura antropomorfa e o desenho de vaso.
Fonte: Mello Netto (1885, p. 383).

As figuras 5 a 9 representam, possivelmente, as assinaturas ou inscrições que contemplam os processos de interações das sociedades humanas amazônicas que se adaptaram à foz do rio Amazonas (figura 5); e, por outro lado, na verdade, foram inovadoras no processo de estabilidade, de forma que nutriram os ecossistemas, com a proposta de organizarem possível permanência *in loco*, isto é, de fixarem o assentamento por centenas ou milhares de anos, no mesmo ambiente. A estratégia ou alternativa foi a construção de aterros ou de colinas na Ilha de Marajó.

A permanência *in loco* contribuiu para a arte de confeccionar artefatos cerâmicos em cores, conforme se vê nesta justificativa: “Foi aqui que achei pela primeira vez algumas tinteiras, úteis, indispensáveis aos pintores indígenas, todas ellas [elas] ornadas de elegantes e delicados relevos; e uma contendo boa porção de argilla [argila] em massa, muito fina e de côr [cor] vermelha, conservando ainda muita humidade [umidade] devido provavelmente a algum suco vegetal que entrara em sua composição” (Penna, 1877, p. 51). Ou seja, o uso dos

serviços ambientais era moldado para atender às funções sociais e culturais de uma sociedade cuja história está inscrita na indústria¹⁵ cerâmica e nas pequenas colinas moldadas para refúgios de ocupação de sociedades humanas ou também de animais, durante a subida do rio, anualmente. Seguindo a discussão sobre as inscrições deixadas por todo o ambiente amazônico, o próximo ponto a ser debatido serão as áreas de interações pelas sociedades humanas pré-colombianas nos últimos 12.000 a 3.700 anos.

2.3 Ocupações antigas na Amazônia

As pesquisas arqueológicas vêm caracterizando que os ambientes próximos de grandes rios ou de áreas interflúvios, foram manejados por sociedades humanas, que deixaram, intencionalmente ou não, fragmentos de sua história encaixados na floresta, na terra e até na água, como são as alterações em sítios sambaquis¹⁶ fluviais da Amazônia, que são pequenas *colinas* erguidas nas margens ou nos leitos de rios, pois os serviços ambientais (a terra, a água e a floresta), consoante Pereira & Camargo (2014, p. 123), talvez fossem importantes para a permanência dessas sociedades pré-colombianas, a partir de processos de intensa interação com as paisagens¹⁷ no Holoceno Médio (Neves, 2006, p. 22; Costa *et al.*, 2010, p. 15).

As pesquisas arqueológicas nas últimas décadas vêm demonstrando que as sociedades pré-colombianas se proveram de ambientes capazes de fornecer a possibilidade de adaptabilidade (Moran 1994, p. 80), pois o indício de alterações está exposto ou enterrado nos sítios arqueológicos. Nestes, identificados na segunda metade do século XIX pelos naturalistas, havia estruturas (monumentos) produzidas pelas sociedades humanas, cuja função era estabilizar a permanência em ambientes por milênios e, assim, fazer uso dos recursos até então disponíveis; tinham o objetivo de assegurar a consistência no sentido de ocupação do lugar. Vestígios de ocupações antigas foram identificados na calha do baixo rio Amazonas pelo geólogo Carlos Frederico Hartt na excursão de campo, em 1885. Por meio de informações de populares escavou o sítio *Sambaqui de Taperinha*, localizado a jusante à cidade de Santarém, atualmente no município de Monte Alegre.

¹⁵ A interação de ideias, na visão dos teóricos da Escola de Frankfurt, é um sistema de dominação e de alienação social, como segue: “O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade”. (Adorno & Horkheimer, 2002, p. 6).

¹⁶ A expressão “Samba” significa *conchas*; e “Ki”, monte (Gaspar, 2000).

¹⁷ Paisagens – É o *eco* de domínio existente nas áreas de florestas e de rios da Região Amazônia, cuja alteração possibilitou aos homens pré-colombianos desenvolver sistemas densos no campo da sociabilidade e da política; hoje estão sendo identificados pelas pesquisas interdisciplinares na Amazônia (Geertz, 1978; Silva 2012).

Durante a escavação, de aproximadamente seis metros de profundidade, foram coletados fragmentos cerâmicos, ossadas humanas e de peixes (pirarucu, jacaré e uma costela de peixe-boi, que havia sido retirada por outro pesquisador anteriormente), além de haver espessa camada de solo de terra preta, sobre o que o cientista fez a seguinte afirmação: “Se posso julgar pelas minhas próprias observações o testemunho dos moradores norte-americanos e ingleses [ingleses], e, enfim, de todos que conhecem a região, estas terras são fertilíssimas” (Hartt, 1871, p.12). Tudo indica ser uma das primeiras afirmações sobre o grau de fertilidade de estratos de *terras pretas* de *índios* da Amazônia (TPA), segundo Neves (2006, p. 53).

A terra preta é indicador de haver processo de manejo; é um dos elementos marcadores de ocupações densas em diversos pontos da Região Amazônica. No município de Iranduba-AM, os sítios arqueológicos de terras pretas são manejados para fins agrícolas e também para pasto de gado; no período da cheia do rio, o gado é transportado ou retirado de áreas de várzea para áreas altas, isto é, as terras firmes, em que o gado fica pastando de fevereiro a julho.

O processo de antropização antiga nos sítios arqueológicos pelas populações pré-colombianas tem importância, pois possibilitou significativas mudanças na morfologia do solo, em área de habitação, sendo, além disso, fundamental para que os ocupantes contemporâneos, em áreas de sítios arqueológicos, pratiquem a agricultura familiar (Noda 2007, p. 28) sem, contudo, ser necessário esforço no sentido de revitalizar o solo, ou seja, adubá-lo. A área de solo de *terra preta de índio* é bastante utilizada pelas moradoras que habitam as margens de rios da Amazônia.

Os sítios sambaquis e *tesos* (*montículos artificiais ou colinas*) da Amazônia são, geralmente, aterros engenhosos, possivelmente planejados para que as populações humanas pré-colombianas, durante a subida das águas dos rios não fossem obrigadas a se evadirem dos lugares, isto é, para que não houvesse a busca de refúgio em áreas de terra firme. Isso porque os sítios sambaquis e *tesos* foram erguidos próximos às margens dos rios, lagos e igarapés, em áreas de várzeas baixas da Amazônia (Fonseca 2011, p. 78).

Os sítios arqueológicos *Taperinha e Pedra Pintada*, nos anos de 1980 e 1990, foram alvos de escavações arqueológicas sob a liderança da arqueóloga Anna Roosevelt, que obteve datas de “9200 a.C.” para artefatos líticos e de “5000 a 6000” para os cerâmicos (Neves, 2006, p. 23-45) colocando a Região Amazônica no patamar da cerâmica mais antiga do continente americano. Isso foi um forte e possível indicador de antiguidade na Amazônia, talvez pela disponibilidade de cursos, o que fez que as populações manejassem os ambientes

do sítio Taperinha e adjacentes, desenvolvendo instrumentos capazes de possibilitar que as relações sociais, econômicas e culturais fossem talvez estáveis. Na expedição liderada pelo geólogo Carlos Frederico Hartt (1885), ele recolheu fragmento de cultura material (cerâmico e lítico) e também ossos de peixes que possivelmente foram dessas populações antigas. O município paraense de Monte Alegre está a leste da cidade de Santarém e localiza-se na margem norte do paraná denominado de *Gurupatuba*, um desvio do rio Amazonas. Nesse desvio há extensa área de floresta de igapó; e,  medida que a água começa a descer, os cardumes de peixes de várias espécies começam a *valsa* de consumir os frutos que são dispersos pelas diversas árvores (cator, tarum, taquari, araçá, socor, caferana, cajurana etc.) que há nesse trecho. E, quanto mais a água baixa vão surgindo as praias, que são amplamente utilizadas pelos moradores da área para o cultivo, as quais são conhecidas na região como “agricultura de praia ou de quarenta dias”, pois, após 40 dias, o *feijão-de-praia*, de cor branca ou vermelha, está pronto para ser colhido, além de outras plantaes que seguem esse calendário. Antes do processo da proibo da pesca do pirarucu (*Arapaima gigas*), o pirarucu salgado e o *feijão-de-praia* eram pratos tpicos das sociedades da Amazônia. Pesquisa arqueológica na Amazônia Central em sítios de terra preta identificou fragmentos de ossos de diversos peixes; um deles o pirarucu. Isso significa que a pesca desse peixe era realizada pelas sociedades humanas nos últimos 2.000 anos a.C., no médio e baixo Rio Amazonas.

Em toda a Amazônia,  medida que as pesquisas arqueológicas vão se materializando, sítios arqueológicos antigos vão sendo identificados. Na rea do alto Rio Madeira, na divisa dos Estados de Mato Grosso e Rondônia, as pesquisas arqueológicas nas últimas décadas vêm caracterizando que a região foi ocupada por populaes humanas pretéritas há milhares de anos.

As escavaes, em 1970, do arqueológico Eurico Miller, na “Lapa do Sol” (Neves, 2006, p. 23), indicaram que a gruta foi ocupada há 14.000 anos. Nas escavaes foram coletados artefatos apontando que as populaes manejaram o ambiente, em que se serviam dos recursos de fauna e de flora existentes e em que coletavam os frutos de palmeiras e de outras espécies necessárias à dieta alimentar, além da prática de atividades de caça de animais. Essas aes podem ter representado, talvez, um dos motivos que contribuíram para que os assentamentos humanos antigos fossem gradativamente formando uma espécie de *reflorestamento* de novas árvores em torno das habitaes, devido aos descartes de sementes, que eram dispersas na área de influência direta das habitaes, concorrendo, assim, para a

formação de nova paisagem e também de certa atração para que roedores se deslocassem até essas paisagens.

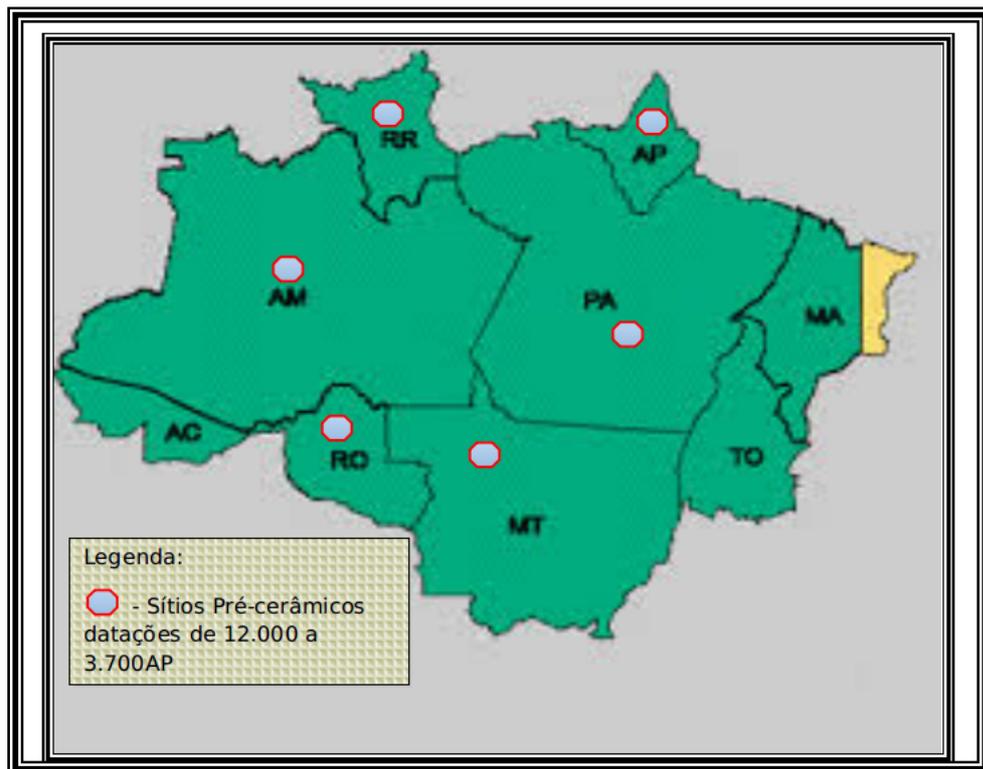
Costa *et al.* (2009) caracteriza que conforme figura 10, na transição das épocas geológicas Pleistocênica e Holocênica, a paisagem amazônica formada por rios, florestas, furos e paranás deu origem certamente a ambientes que foram manejados pelos *paleoíndios* (as primeiras levas de colonizadores da Amazônia), os quais se espalharam por toda a grande área da Amazônia, como se vê na figura 3. E é possível que os canais de dispersão possam ter sido os rios da região, no período da seca, que ocorre por toda a região sazonalmente, formando verdadeiras estradas de praias, que ligam longas distâncias.

Os rios Madeira e Purus podem ser navegados ou até se pode caminhar neles, pois, no período da seca eles formam grandes estirões de praias (Silva; Fraxe; Pedrozo Silva, 2015, p. 172), sem para tanto haver dificuldade durante o ano inteiro, pois canais ou igarapés são verdadeiros fluxos de comunicação entre esses rios. Assim, talvez seja possível que os *paleoíndios* tenham se servido desses complexos sistemas ecológicos (rios, florestas e terras) para colonizar a Amazônia.

Os inúmeros sítios arqueológicos identificados e escavados há décadas vêm caracterizando que as populações humanas manejaram intensamente a região, deixando suas assinaturas grafadas em abrigos, cavernas, rochas, além também das alterações nas florestas, pois introduziram palmeiras (açai, bacaba etc.) e outras árvores (andioba, copaíba etc.), espécies de árvores importantes à dieta alimentar e para outros fins, como as espécies utilizadas para possíveis curas ou para a tecnologia do cotidiano das sociedades humanas.

O rio Madeira, no período da cheia, pode ser conectado por meio do paraná do Madeirinha (margem esquerda); sua foz fica a montante à cidade de Borba. Na margem esquerda há a foz do rio Igapó-açu, que se liga ao paraná do Ipixuna, que por sua vez se conecta à margem direita do rio Purus, a montante à cidade de Canutama; também pelo Lago Mamorim, no município de Careiro Castanho interliga-se ao furo do Castanha-mirim; este se liga ao paraná do Manaquiri por meio do Lago do Mirauá, que interliga pelo furo do Cururu o Lago do Jacaré; e, este por sua vez liga-se ao paraná do Iauará, que se interliga ao paraná do Murituba, a montante à cidade de Codajás, à margem direita do Solimões. Esses são exemplos de rotas contemporâneas, talvez do período entre 6.000 e 10.000 anos atrás (Neves, 2006; Costa *et al.*, 2009). Trata-se de trajetórias utilizadas para encurtar as longas distâncias, cujos acessos eram diminuídos pelos labirintos aquáticos na cheia dos rios ou durante as estiagens, em que as estradas eram as margens repletas de praias paralelas aos rios.

A comunicação entre os rios Japurá e Negro se dá pelo rio Unini, afluente do rio Negro à margem direita, por meio do Igarapé Alegria. Daí é descer ou subir o rio Negro para acessar outros rios, como é caso do rio Branco. A partir do Forte de São Joaquim, onde o rio Branco termina e segue os cursos dos rios Araricuera e Tacutu, podem-se acessar os rios tributários do rio Orinoco, na Venezuela.



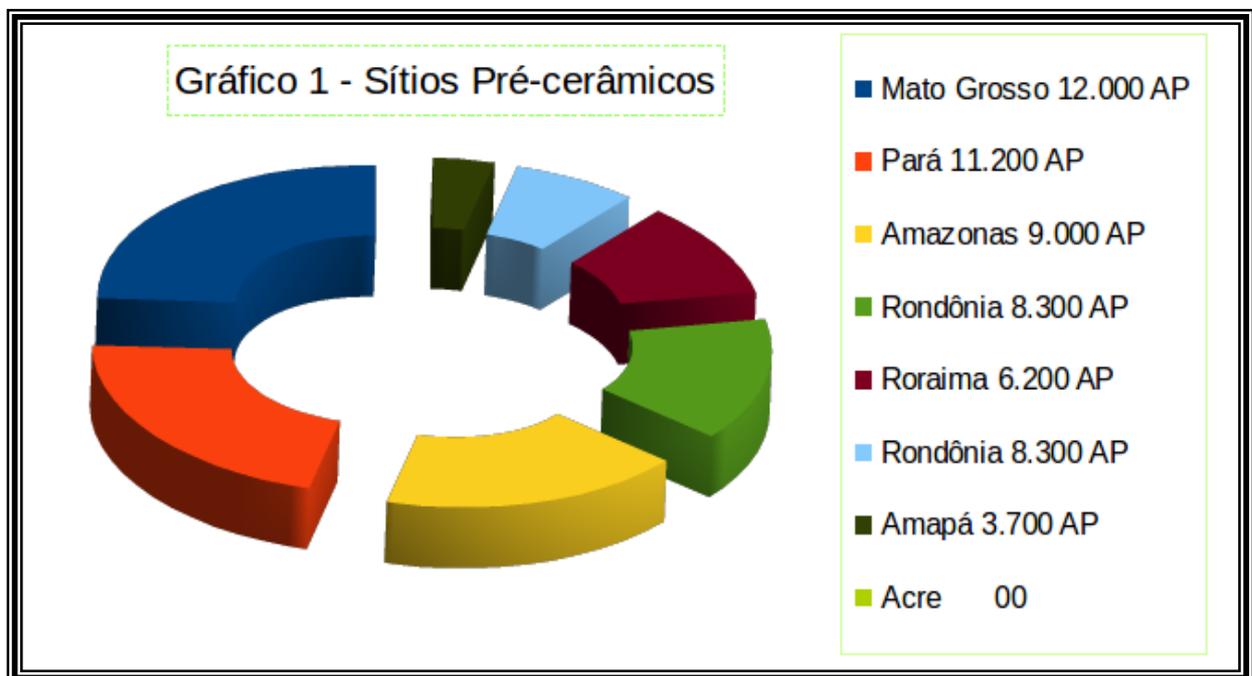
Mapa 2: Sítios arqueológicos em áreas de cavernas, grutas e a céu aberto na Amazônia Legal.
 Fonte: (Costa, 2009; Miller, 2009; Neves, 2006; Magalhaes, 2005; Silveira, 1994, Roosevelt, 1992; Simões, 1981).

E essas redes hidrográficas podem ter contribuído para a possível comunicação social e cultural na Amazônia antiga, possivelmente nos últimos 12.000 anos. Na figura 10 supracitada, eis a Amazônia Legal onde as pesquisas identificaram sítios arqueológicos antigos. E alguns deles foram escavados, nos quais foram identificadas possíveis interações ambientais das ações humanas, no fim da transição do Pleistocênico para o Holocênico. No gráfico 1 e no quadro 1 estão as datas mais antigas, além da relação dos sítios arqueológicos e os estados nos quais foram identificados (Costa; 2009; Neves, 2006; Magalhães, 2005; Silveira, 1995; Prous, 1992 e 2006, Simões, 1981, 1986, 1976; Ribeiro, 1999). Os sítios arqueológicos identificados estão em áreas de cavernas, grutas, abrigos, platôs e também em

áreas abertas em planícies. Neles há testemunhos históricos, descritos pelos pesquisadores, de certo padrão de manejo dos recursos disponíveis (a caça, a extração de fruto e a pesca), que eram utilizados com certa ordem, talvez por calendário ecológico, o qual é visível nos estratos culturais (perfis de escavações arqueológicas), o que caracteriza uma espécie de lei, isto é, o uso dos recursos naturais (a água, os animais, a floresta) ou culturais (frutos e animais semidomesticados) disponíveis no ambiente.

Eles eram utilizados com certa ordem ou organizados de tal forma que as intempéries promovidas pelas chuvas ou pelas secas dos rios ou fontes de água não desequilibrassem as estruturas econômicas, sociais e culturais nas aldeias. Assim, estas eram erguidas alinhadas aos pontos cardeais (N-S-L-W). Com isso, a intervenção ao ambiente era regulada em conformidade com o calendário ecológico. E esse sistema pode ter sido um dos saltos de qualidade de compreensão das sociedades pré-colombianas para manterem o ambiente estável. No gráfico 1 há as datações mais antigas identificadas em publicações na Amazônia brasileira; e, no quadro 1, a relação dos sítios – alguns contendo as coordenadas geográficas.

Gráfico 1 – Sítios Pré-cerâmicos



Fonte: Compilados das pesquisas arqueológicas na Amazônia entre 1980 e 2009

Tabela 1. Sítios arqueológicos com datações radiocarbônicas de C14 de 12.000 a 6.000 AP (antes do presente)

Nº	Nome do sítio	Estado	Idade C14- AP***	Coordenadas Geográficas*		Características
				Latitude (S)	Longitude (W)	
01	Lapa do Sol	Mato Grosso	14.000	-	-	Pré-cerâmico, área antropizada por ações de formigas e cupins. Registros de ossos de animais e sementes de frutos da floresta.
02	Cavernas da Pedra Pintada	Pará	11.200	-	-	Pré-cerâmico. O sítio, pelas ações do ecoturismo, vem sendo ameaçado. Foram identificados fragmentos líticos e ossos de animais.
03	Taperinha	Pará	10.000	-	-	Sambaqui – associado à terra preta. Sítio escavado no século XIX, conforme Hartt (1885); Barbosa Rodrigues (1877) e Roosevelt <i>et al.</i> (1991). As escavações identificaram vestígios de ossadas humanas e de peixe-boi, além da identificação da cerâmica mais antiga do continente americano, de 7 a 8 mil anos.
04	Gruta da Lua	Pará	8.260	6° 01'10''S	50° 17'03''W	Pré-cerâmica, com concentração de líticos e poucos fragmentos cerâmicos.
05	CP IV “Cidade Pré-Histórica”**	Pará	8.000	6° 01'59''S	50° 16'18''W	Pré-cerâmico, com conjunto de abrigos que foram ocupados por ações humanas.
06	Gruta do Grilo	Pará	-	6° 02'09''S	50 o 17'03''W	Pré-cerâmico, com vários vestígios de fragmentos líticos e cerâmicos.
07	Gruta da Guarita	Pará	8.260	6° 02'25''S	50° 16'15''W	Pré-cerâmico, com evidências de fragmentos líticos e cerâmicos.
08	Gruta do Mapinguari	Pará	-	6° 02'25''S	50° 16'12''W	Pré-cerâmico, com diversos fragmentos cerâmicos dispersos em superfície.
09	Gruta do Rato	Pará	8.470	6° 02'25''S	50° 16'12''W	Pré-cerâmico, com diversos fragmentos líticos coletados nas escavações e poucas cerâmicas.
10	Abrigo da Queixada I	Pará	-	6° 02'01''S	50° 16'18''W	Pré-cerâmico, de baixa densidade de material lítico.
11	Abrigo da Queixada II	Pará	-	6° 02'00''S	50° 16'18''W	Pré-cerâmico, de baixa densidade de material lítico.
12	Gruta do Pequiá	Pará	9.000	6° 05'15''S	50° 07'13''W	Pré-cerâmico, de camadas arqueológicas regulares. Foram coletados diversos fragmentos líticos, ossos de animais, de humanos e sementes calcinadas.
13	Abrigo do Cupim	Pará	-	6° 05'05'' S	50° 07'30'' W	Pré-cerâmico, de baixa densidade de material; apenas alguns fragmentos cerâmicos e líticos raramente.
14	Gruta do Gavião	Pará	8.140	-	-	Pré-cerâmico; foram recolhidos diversos fragmentos líticos, ossos e sementes calcinadas.

15	Dona Stella	Amazonas	9.460 a 7.500 anos atrás	-	-	Pré-cerâmico, com diversos fragmentos líticos em superfície, na época em que fora identificado. Porém, devido ao processo de expansão urbana, o sítio encontra-se altamente impactado.
16	Monte Castelo	Rondônia	8.300 anos atrás	-	-	Pré-cerâmico, localizado em área de várzea, literalmente erguido pelas populações humanas ameríndias.
17	Área do Tapajós	Pará	-	-	-	Duas pontas de projétil encontradas por populares, analisadas por Mário Ferreira Simões (1976).
18	Abrigo da Pedra Pintada	Roraima	6.000 a 4.000 anos atrás	-	-	Pré-cerâmico, em área de abrigos e aberto em Boa Vista (Mentz, 1999).
19	Rio Branco Acre	Acre	-	-	-	-
20	Área do Amapá	Amapá	3.700 anos atrás	-	-	Pré-cerâmico, na área do Buraco do Laranjal (K. Hilbert <i>apud</i> Prous, 1992).

* DATUM – *SIRGAS 2000*

Fonte: (Simões, 1976; Miller, 2009; Costa, 2009; Magalhães, 2005, p. 103-209; Neves, 2006, p. 28-29; Silveira, 1995; Roosevelt, 1992).

** Formada por conjunto de grutas.

*** Antes do Presente.

A Amazônia, devido às suas dimensões continentais, ainda é desconhecida pelas modalidades das ciências de forma geral. Nos anos de 1960 a 1970, a Amazônia era concebida como área imprópria a grandes assentamentos humanos. Na figura 10, no gráfico 1 e na tabela 1 supracitados, compilados de pesquisas arqueológicas na Amazônia (Costa, 2009; Magalhães, 2005; Neves, 2006; Silveira, 1992 e outros) demonstra-se um cenário panorâmico de como as sociedades humanas utilizavam-se de ferramentas (líticas, ossos, cerâmicas ou de madeiras) para manipular o ambiente. Contudo, a manipulação dos recursos naturais era de certa forma dialogada. O possível diálogo visava melhorar o ambiente, preparando caminhos para as gerações futuras. E, assim, segundo Beleé (2006) houve a domesticação de várias espécies, como o cacau (*Theobroma cacao L.*), produto consumido em diversos países; o guaraná (*Paullinia cupana Kunth*) e outros existentes na região. Esses produtos talvez constituíssem volumosos sistemas de trocas intensivas. Destarte a distância, na Amazônia antiga, possivelmente não era fator limitador; e as fronteiras territoriais (áreas de domínios de determinada sociedade) eram mantidas por cordialidades ou por relações agressivas Coudreau (1977). As espécies vegetais que estão por quase toda a região da Amazônia, como a castanheira (*Bertholletia excelsa*) e a seringueira (*Hevea brasiliensis*), poderiam estar associadas a fluentes sistemas de trocas de sementes ou mudas de espécies, para uso tecnológico, para a medicina popular ou para a dieta alimentar na Amazônia pré-colombiana.

Isso porque as margens de rios, furos, igarapés, lagos e interflúvios são repletas de sítios arqueológicos (figura 9). No trecho da foz do Rio Igapó-açu a montante da foz do Rio Matupiri, há diversas aldeias de índios Mura; todas estão assentadas em áreas de sítios arqueológicos, com milhares de fragmentos cerâmicos e estratos de *terra preta de índio*, bem espessos. Também há neles a formação de áreas de castanhais (*Bertholletia excelsa*), de seringais (*Hevea brasiliensis*) e de itaúbas (*Mezilaurus Itauba*).

É possível que tenham sido cultivadas por atividades humanas, antes ou depois do evento da colonização da sociedade ocidental, pois as castanheiras, as seringueiras, as itaúbas, entre outras espécies, geralmente formam concentrações ou conjuntos interligados numa sequência perfilada. Esses aglomerados de árvores servem para as formigas cortadeiras retirarem as folhas e as conduzirem aos formigueiros de forma orquestrada, de modo que as folhas presas às garras das saúvas (*Atta spp.*) são conduzidas ao interior do formigueiro.

As saúvas cortadeiras de folhas, nos meses de setembro a novembro realizam fileiras transportando centenas ou milhares de pedaços de folhas para seus ninhos; porém, quando ocorrem as chuvas nos meses subsequentes, as formigas voam e caem em áreas próximas das

aldeias e são capturadas para serem adicionadas à dieta alimentar das sociedades indígenas na Amazônia.

As árvores são espécies de tesouros, pois contribuem para a economia das aldeias (Silva 2013, p. 27). Regularmente os Mura ocupam as áreas para a coleta de frutos, para a caça, para a retirada de madeira para as novas aldeias e também para a confecção de canoas e de remos. As figuras 9 e 10 mostram objetos de *itaúba*, que é uma espécie de madeira de excelente qualidade e durabilidade. Seus exemplares são retirados das florestas dos ecossistemas de várzeas e de terra firme para a demanda social e cultural. No sentido de manter o plantel da espécie são reintroduzidas sementes para que outro exemplar de itaúba seja vingado para preencher ou recompor as paisagens culturais. Esse processo parece ser algo extraordinário, pois as sociedades indígenas conduzem essas formalidades simples, mas engenhosas há milênios. Talvez tenha sido essa complexidade ambiental que os estudos dos anos de 1960 a 1970, voltados para a ocupação humana, não levaram em consideração, pois as sociedades humanas, a partir de possíveis experimentos, conseguiram se estabilizar em qualquer ambiente, na Amazônia pré-colonial. Tais experimentos foram as ocupações em diversos ambientes da Região Amazônica; se havia água, lá estava a presença humana. É o que as pesquisas arqueológicas vêm demonstrando.



Figura 9: Canoa em fase final de obra.
Foto: Carlos Augusto da Silva, abr. 2013.



Figura 10: Artefato (remo) de madeira sendo esculpido.
Foto: Carlos Augusto da Silva, abr. 2013.

2.4 As carências ambientais

Na segunda metade dos anos de 1950, as pesquisas arqueológicas na Amazônia foram postuladas pela profecia da *antropologia ecológica*, segundo a qual os ecossistemas de modo geral na Amazônia eram limitadores ao processo de adaptação humana (Meggers 1987, p. 52).

Com isso, as populações humanas, principalmente do setor leste da Amazônia, devido ao fator ambiental, não conseguiram desenvolver características culturais expressivas ou complexas.

As sociedades que se dispersaram para o leste da Amazônia, oriundas da zona caribenha, por meio de caminhos percorridos pelo alto rio Amazonas do Cassiquiare, teriam ocupado as áreas da foz do rio Amazonas; e essas sociedades humanas trouxeram consigo modelos de desenvolvimento cultural e graus de afinidade com os recursos naturais ou com os serviços ambientais (Pereira e Camargo 2014), além de apresentarem padrões culturais inovadores.

Segundo essas hipóteses, elas se estabilizaram compulsoriamente em vários pontos da região, inclusive na foz do grande rio Amazonas; lá continuaram com os mesmos padrões de assentamento que haviam desenvolvido na área andina ou caribenha, porém, devido aos fluxos migratórios excessivos, existia o mínimo necessário de proteínas de animais aos grupos humanos (Meggers 1987, p. 31).

Na foz do rio Amazonas, talvez conforme aceção de (Meggers, 1987) pelas estações de subida e de descida das águas, as sociedades iniciaram algo monumental: começaram a erguer pequenas colinas na planície dos rios, as quais foram classificadas pelas populações contemporâneas como “tesos”, na Ilha de Marajó (Netto 1885, p. 268-273). Nesses tesos, as sociedades produziram a indústria cerâmica, importante ao sistema de comunicação entre as demais sociedades indígenas regionais. Devido aos fatores ambientais, os recursos de proteínas eram inconsistentes a grandes assentamentos humanos. A consequência foi a progressiva perda de padrões culturais herdados dos andinos. Mas as pesquisas realizadas por meio de métodos coerentes de realidade ambiental perceberam que, na verdade, o ambiente não era o fator determinante para o desenvolvimento cultural.

As pesquisas no alto e baixo Rio Amazonas (Lathrap, 1970; Roosevelt 1992) propõem um processo de adaptabilidade para as populações humanas amazônicas, indicando possíveis centros de inovações culturais na floresta úmida. Um dos mecanismos foi a variabilidade cerâmica. Dependendo do local, a cerâmica foi uma obra de *arte* ou de tecnologia, pois o processo de manufatura teve certa especificidade de agregar ingredientes, tais como caco moído, concha moída, areia, casca de caraipé, cauixi; e, às vezes, a cerâmica era impermeabilizada pela seiva vitrificada de *jutaicica*, adicionada ao vasilhame; outro mecanismo foi o surgimento agrícola e a cultura do milho Roosevelt (1992), além da introdução de espécies de árvores frutíferas em torno das aldeias ou em áreas adjacentes.

Entre os anos de 1965 e 1995, as pesquisas realizadas na Amazônia foram desenvolvidas por meio de projetos (acadêmicos ou de contrato), no sentido de contextualizar

a história das sociedades pretéritas. Nessa época o maior primeiro projeto acadêmico a deliberar sobre os contextos sociais, políticos e econômicos da Região foi o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônia – PRONAPABA –, que a dividiu em polos de pesquisas, nos quais foram identificados diversos sítios arqueológicos existentes nas margens dos rios amazônicos, com várias fases arqueológicas Simões (1972). Em 1983, foi desenvolvido o projeto na área da mina da Serra de Carajás para averiguar o seu potencial arqueológico. Assim, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) firmou contrato com o Museu Paraense Emílio Goeldi para realizar o levantamento, e a equipe foi liderada por Simões. Na oportunidade, foi identificado grande potencial arqueológico na área da Serra de Carajás, estando na Gruta do Gavião os primeiros sítios a serem identificados. Na continuação do projeto, outros sítios foram identificados e escavados. Na Amazônia Central, a partir de 1995, pesquisas arqueológicas, por meio de parcerias entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros, buscam fundamentos do processo de ocupação humana nas confluências dos rios Negro e Solimões-Amazonas, o que de certo modo ratifica as fases ceramistas (*Manacapuru, Paredão e Guarita*), conforme Neves (2010), e identifica outra fase: a *Açutuba* (Lima, 2008; Lima e Neves, 2011).

As pesquisas nomeiam a indústria ceramista da Amazônia a partir do local em que foram identificados vestígios. Nos quadros de 2 a 8 abaixo, encontram-se as fases ceramistas e as filiações culturais (tradições) nos Estados do Amazonas, do Acre, do Amapá, do Mato Grosso, do Pará, de Rondônia e de Roraima (Hilbert, 1968; Simões, 1972; Simões e Kalkmann, 1978; Lima e Neves, 2011).

Tabela 2: Distribuição das fases arqueológicas identificadas no Amazonas

n.º	Local	Estado	Fase	Datação	Características
01	Área do baixo Rio Amazonas	Amazonas	Mirancanguera	-	Apliques e urnas funerárias antropomorfas de engobo branco, vermelho, alaranjado e preto (Rodrigues, 1876; Silva; Calheiros, 2014).
02	Rios Nhamundá e Trombetas	Amazonas	Konduri	1000 a 1500 DC	Apliques zoomorfos e antropomorfos do tipo <i>Guapindaia</i> (Fonseca Júnior, 2013).
03	Mesorregião centro-amazonense	Amazonas	Paredão	700 e 1100 DC	Composta de urnas funerárias e alguidares (Hilbert, 1968).
04	Municípios do Amazonas	Amazonas	Guarita	900 e 1600 DC	Vasilhames decorados (Hilbert, 1968).
05	Baixo Rio Negro e Itacoatiara	Amazonas	Itacoatiara	1000 e 1500 DC	Cerâmicas simples decoradas (Simões, 1972).
06	Baixos Rios Solimões e Negro	Amazonas	Manacapuru	700 e 900 DC	Vasilhame decorado com flange labial (Lima & Neves, 2011).
07	Área da foz do Rio Tefé	Amazonas	Tefé	600 a 1300 AD	Urnas funerárias (Simões, 1972).
08	Lago Caiambé	Amazonas	Caiambé	600 a 700 DC	Vasilhames simples e decorados (Simões, 1972).
09	Amaturá	Amazonas	Pirapitinga	600 a 1300 DC	Cerâmicas simples e decoradas (Simões, 1972).
10	Próximo à foz do Rio Iça	Amazonas	Santa Luzia	1000 a 1500 DC	Cerâmicas simples e decoradas (Simões & Araújo-Costa, 1978).
11	Rio Japurá	Amazonas	Japurá	600 DC	Cerâmicas simples e decoradas (Simões, 1972).
12	Foz do Apuaú	Amazonas	Apuaú (Guarita)	825 a 1560 AD	Cerâmicas simples e decoradas (Simões; Kalkmann, 1987).
13	Região do Baixo Rio Madeira	Amazonas	Currálinho	100 a 1300 DC	Cerâmicas modeladas e decoradas (Moraes & Neves, 2012).
14	Foz do Rio Iça e região do Rio Tonantins	Amazonas	São Joaquim	600 a 1300 DC	Cerâmicas simples e decoradas (Simões & Araújo-Costa, 1978).
15	Baixo Rio Madeira	Amazonas	Borba	900 a 1600 DC	Cerâmicas decoradas (Moraes & Neves, 2012).
16	Área do Lago Arari	Amazonas	Silves	200 AD	Cerâmicas decoradas (Simões; Machado, 1987).
17	Lago Saracá	Amazonas	Saracá	-	Cerâmicas decoradas (Simões; Machado, 1987).
18	Paraná de Silves	Amazonas	Iraci	-	Cerâmicas simples e decoradas (Simões; Machado, 1987).
19	Rio Sanabani	Amazonas	Sanabani	940 DC	Cerâmicas decoradas (Simões; Machado, 1987).
20	Setor norte do Lago de Silves	Amazonas	Garbe	-	Cerâmicas decoradas (Simões; Machado, 1987).
21	Área do Rio Aripuaná	Amazonas	Taboca	-	Cerâmicas simples e decoradas com incisões, corrugadas e acanaladas (Cruz, 2008).
22	Área do Rio Aripuaná	Amazonas	Mamuí	-	Cerâmicas decoradas e incisadas (Cruz, 2008).

21	Área do Rio Marmelo	Amazonas	Jutaí	-	Apliques zoomorfos e linhas incisas (Cruz, 2008).
23	Área Marmelo	Amazonas	Araçatuba	-	Cerâmicas decoradas com miniaturas de canoas (Cruz, 2008).
24	Área do Rio Marmelo	Amazonas	Piquiá	-	Cerâmicas simples e decoradas (Cruz, 2008).
25	Área do Rio Marmelo	Amazonas	Maici	-	Cerâmicas simples (Cruz, 2008).
26	Áreas dos Baixos Rios Solimões-Amazonas	Amazonas	Açutuba	300 AC a 1300 AD	Cerâmicas decoradas e apliques zoomorfos (Lima, 2008).
27	Área do Médio Rio Negro, entre a Vila de Airão Velho e o Rio Jauaperi	Amazonas	Samambia (Guarita)	1220 ± 65 AD	Cerâmicas simples e decoradas (Simões; Kalkmann; Filiação Cultural Policroma da Amazônia, 1987).
28	Médio Rio Negro, entre as cidades de Airão e Barcelos	Amazonas	Manauacá (Guarita)	880± 70 AD	Cerâmicas com incisões finas e duplas da Filiação Cultural Regional da Amazônia (1987).
29	Foz do Rio Cuiuni, à margem direita do Rio Negro	Amazonas	Quemacubau	-	Cerâmicas simples e decoradas da Filiação Cultural Regional (Simões; Kalkmann, 1987).
30	Próximo das entradas dos Rios Xufari e Demeni	Amazonas	Cuaru	900 ± 90 AD	Cerâmicas simples, decoradas e escovadas da Filiação Cultural Regional (Simões; Kalkmann, 1987).
31	Área dos Rios Cuiuni e Ararirrá	Amazonas	Cumura	-	Cerâmicas simples, decoradas com bordas avermelhadas da Tradição Regional (Simões; Kalkmann, 1987).
32	Foz do Rio Unini, tributário da margem direita do Rio Negro	Amazonas	Unini	-	Cerâmicas com decorações vermelhas, pretas sobre o engobo branco da Tradição Regional (Simões; Kalkmann, 1987).
33	Baixo Rio Madeira	Amazonas	Axinim	890 ± 30AP	Cerâmicas decoradas e apliques zoomorfos (Simões; Lopes, 1987; Moraes; Neves, 2012).
34	Rio Uatumã	Amazonas	Caparu	1000 a 430 AD	Cerâmicas de cor vermelha com incisões retilíneas (Simões; Corrêa, 1978).
35	Rio Uatumã e Pará de Urucará	Amazonas	Urucará	-	Cerâmicas decoradas com engobo vermelho (Simões; Corrêa, 1978).
36	Rio Jatapu	Amazonas	Jatapu	-	Cerâmicas decoradas com engobo vermelho (Simões; Corrêa, 1978).
37	Rio Uatumã	Amazonas	Uatumã	-	Cerâmicas decoradas com engobo vermelho (Simões; Corrêa, 1978).

Fonte: Pesquisas arqueológicas na Amazônia, nos séculos XIX, XX e XXI, com as compilações de datas de carbono C14.

Tabela 3: Distribuição de fases arqueológicas no Acre

n.º	Local	Estado	Fase	Datação	Características
01	Área da cidade de Rio Branco e adjacentes à área do Abuna.	Acre	Quinari	880, 850 e 500 anos atrás (Dias, 2006)	Acervos cerâmicos simples predominam, e há raras peças decoradas (Dias, 2006).
02	Área do Rio Iaco	Acre	Iaco	500, 850, 1.880 (Nicoli, 2000)	Cerâmicas com incisões e pinturas em vermelho (Dias, 2006).
03	A partir da cidade de Rio Branco até Xapuri	Acre	Iquiri	2.070 (Nicoli, 2000).	Acervos cerâmicos compostos de urnas antropomorfas e apliques com formato de olhos humanos (Dias, 2006).
04	Área do Alto Rio Acre, fronteira com a Bolívia	Acre	Xapuri	-	Cerâmicas simples e pouco decoradas (Dias, 2006).
05	Nas proximidades dos limites dos Estados do Acre e Amazonas	Acre	Jacuru	-	Cerâmicas polidas, no tempo de caraipé, de cor vermelha (Dias, 2006).

Fonte: Pesquisas arqueológicas na Amazônia, nos séculos XIX, XX e XXI, com as compilações de datas de carbono C14.

Tabela 4: Distribuição de fases arqueológicas identificadas no Amapá

n.º	Local	Estado	Fase	Datação	Características
01	Baixo Rio Cassipoé	Amapá	Aristé	IV a XVI DC	Conjuntos cerâmicos de vasilhames decorados (Hilbert, 1957; Lima, Costa, Neves, 2007).
02	Rio Araguari	Amapá	Mazagão	IV a V DC	Conjuntos cerâmicos de vasilhames decorados (Hilbert, 1957; Lima, Costa, Neves, 2007).
03	Ilha de Mexiana e Caviana	Amapá	Aruã	XIII DC	Cerâmicas decoradas (Simões, 1972).
04	Rio Maracá, a oeste de Macapá	Amapá	Maracá	V a XVII DC	Composta de urnas funerárias antropomorfas com formato de humano sentado em banco (Neves, 2005).

Fonte: Pesquisas arqueológicas na Amazônia, nos séculos XIX, XX e XXI, com as compilações de datas de carbono C14.

Tabela 5: Distribuição de fases arqueológicas identificadas no Mato Grosso

n.º	Local	Estado	Fase	Datação	Características
01	Alto Rio Xingu	Mato Grosso	Diauarum	X a XI DC	Cerâmicas simples e decoradas (Simões, 1972).
02	Lago Ipavu	Mato Grosso	Ipavu	XI a XII DC	Cerâmicas simples e decoradas (Simões, 1972).
03	Área do Médio Rio Aripuaná	Mato Grosso	Samaúma	-	Cerâmicas simples com incisões (Cruz, 2008).
04	Área do Médio Rio Aripuaná	Mato Grosso	Angelim	-	Cerâmicas simples, decoradas com incisões (Cruz, 2008).
05	Área do Rio Aripuaná	Mato Grosso	Aripuaná	-	Cerâmicas decoradas com incisões (Cruz, 2008).
06	Área do Médio Rio Aripuaná	Mato Grosso	Maniva	-	Cerâmicas decoradas com incisões finas (Cruz, 2008).
07	Área do Rio Aripuaná	Mato Grosso	Joari	-	Cerâmicas decoradas com incisões de linhas horizontais (Cruz, 2008).
08	Área do Rio Aripuana	Mato Grosso	Navaité	-	Cerâmicas simples com decorações (Cruz, 2008).
09	Área do médio rio Aripuaná	Mato Grosso	Guiarana	-	Cerâmica composta de vasilhames sem decorações Cruz (2008).

Fonte: Pesquisas arqueológicas na Amazônia, nos séculos XIX, XX e XXI, com as compilações de datas de carbono C14.

Tabela 6: Distribuição de fases arqueológicas identificadas no Pará

n.º	Local	Estado	Fase	Datação	Características
01	Área litorânea	Pará	Mina	3.500 anos atrás	Conjuntos cerâmicos compostos por fragmentos simples e decorados (Simões, 1981, p. 27-29).
02	Ilha de Marajó	Pará	Ananatuba	3.100 anos atrás	Conjuntos cerâmicos bem elaborados e tempero de cacos moídos (Simões, 1981).
03	Ilha de Marudá	Pará	Areão	-	Cerâmicas simples e decoradas (Simões & Corrêa, 1971).
04	Ilha de Marajó	Pará	Acauã	1200 DC	Cerâmicas decoradas (Simões, 1972).
05	Setor da Ilha de Caviana	Pará	Mangueira	-	Cerâmicas decoradas (Simões, 1972).
06	Ilha de Marajó	Pará	Marajuará	600 a 1400 DC	Conjunto de vasilhames decorados (Simões, 1972).
07	Lago Curuá (Alenquer)	Pará	Castália	-	Cerâmicas simples e decoradas (Simões, 1972).
08	Município de Primavera	Pará	Uruá	-	Cerâmicas simples e decoradas (Simões, 1972).

09	Lago Curuá (Alenquer)	Pará	Jauari	-	Cerâmicas simples e decoradas (Simões, 1972).
10	Rios Carieté, Tacaiúnas e Marabá	Pará	Itacaiúnas	1600 DC	Cerâmicas simples e decoradas (Simões, 1972).
11	Rio Tapajós	Pará	Tapajônica	1.000 a 1.600 DC	Cerâmicas zoomorfas e antropomorfas (Gomes, 2013).
12	Área de Monte Alegre	Pará	Taperinha – Paituna	6.640±80 AC	Cerâmicas com decorações e incisões (Silveira; Schaan, 2010; Gomes, 2011).

Fonte: Pesquisas arqueológicas na Amazônia, nos séculos XIX, XX e XXI, com as compilações de datas de carbono C14.

Tabela 7: Distribuição de fases arqueológicas identificadas em Rondônia

n.º	Local	Estado	Fase	Datação	Características
01	Rio Jamari	Rondônia	Jamari	2.500 anos atrás	Cerâmicas simples e decoradas (Miller, 1992).
02	Rio Jamari	Rondônia	Urucuri	2.130 anos atrás	Cerâmicas simples e decoradas (Miller, 1992).
03	Rio Jamari	Rondônia	Matapi	420 DC	Cerâmicas simples e decoradas (Miller, 1992).
04	Rio Branco e Guaporé	Rondônia	Bacabal	4.000 anos atrás	Cerâmicas decoradas com incisões (Miller, 2009).
05	Alto Rio Madeira	Rondônia	Ribeirão	-	Cerâmicas simples e decoradas (Cruz, 2008).
06	Alto Rio Madeira	Rondônia	Pederneiras	-	Cerâmicas simples (Cruz, 2008).
07	Alto Rio Madeira	Rondônia	Curequetê	-	Vasilhames simples (Cruz, 2008).
08	Baixo Rio Jaciparaná	Rondônia	Jaciparaná	2.730 anos atrás	Vasilhames simples (Cruz, 2008).
09	Alto Rio Madeira	Rondônia	Serra da Muralha	1.290 anos atrás	Cerâmicas sem decoração (Cruz, 2008).
10	Rios Ji-Paraná e Machado	Rondônia	Urupá	-	Vasilhames e cerâmicas decorados (Cruz, 2008).
11	Área do Rio Ji-Paraná	Rondônia	Guaximim	-	Cerâmicas decoradas (Cruz, 2008).
12	Área do Médio Rio Ji-Paraná	Rondônia	Mucunã	-	Cerâmicas simples e decoradas (Cruz, 2008).

13	Médio Rio Ji-Paraná	Rondônia	Pindaíba	-	Cerâmicas simples e decoradas (Cruz, 2008).
14	Área do Rio Muqui	Rondônia	Taiassu	-	Cerâmicas corrugadas (Cruz, 2008).
15	Área do Rio Ji-Paraná	Rondônia	Inimbó	-	Cerâmicas decoradas (Cruz, 2008).
16	Rio Jaru	Rondônia	Jaru	-	Cerâmicas decoradas com incisões finas (Cruz, 2008).
17	Rio Ji-Paraná, área da Corredeira do Bom Futuro	Rondônia	Imbirussu	-	Cerâmicas decoradas com incisões (Cruz, 2008).
18	Área do Jaru	Rondônia	Igaçaba	-	Cerâmicas com decorações acanaladas (Cruz, 2008).
19	Área do Rio Ávila	Rondônia	Irara	-	Cerâmicas decoradas com linhas incisivas paralelas (Cruz, 2008).
20	Área esquerda do Rio Ji-Paraná	Rondônia	Quiiba	-	-
21	Área do igarapé dois de abril, Rio Ji-paraná	Rondônia	Graúna	-	Cerâmicas simples (Cruz, 2008).
22	Alto Rio Ávila	Rondônia	Araçá	-	Cerâmica decorada em vermelho (Cruz, 2008).
23	Área do Rio Jamari	Rondônia	Cupuí	1.350+-60 AP	Cerâmica com engobo vermelho (Cruz, 2008).
24	Rio Guaporé	Rondônia	Poaiá	2.500 AP	Cerâmicas decoradas e incisões em ziguezagues (Cruz, 2008).
25	Rio Guaporé	Rondônia	Corumbiara	900 a 1746 AD	Cerâmicas simples e decoradas (Cruz, 2008).
26	Médio Rio Guaporé	Rondônia	Pimenteira	-	Cerâmicas simples e decoradas (Cruz, 2008).
27	Médio Rio Guaporé	Rondônia	Machupo	-	Cerâmicas decoradas (Cruz, 2008).
28	Rios São Miguel e São Domingos afluentes do Guaporé	Rondônia	Timbó	-	Cerâmicas decoradas (Cruz, 2008).
29	Rios Guaporé	Rondônia	Tariobá	-	Cerâmicas decoradas (Cruz, 2008).
30	Rio Guraporé	Rondônia	Boiuna	-	Cerâmicas decoradas (Cruz, 2008).
31	Rio Guaporé	Rondônia	Xibói	-	Cerâmicas com engobo vermelho (Cruz, 2008).

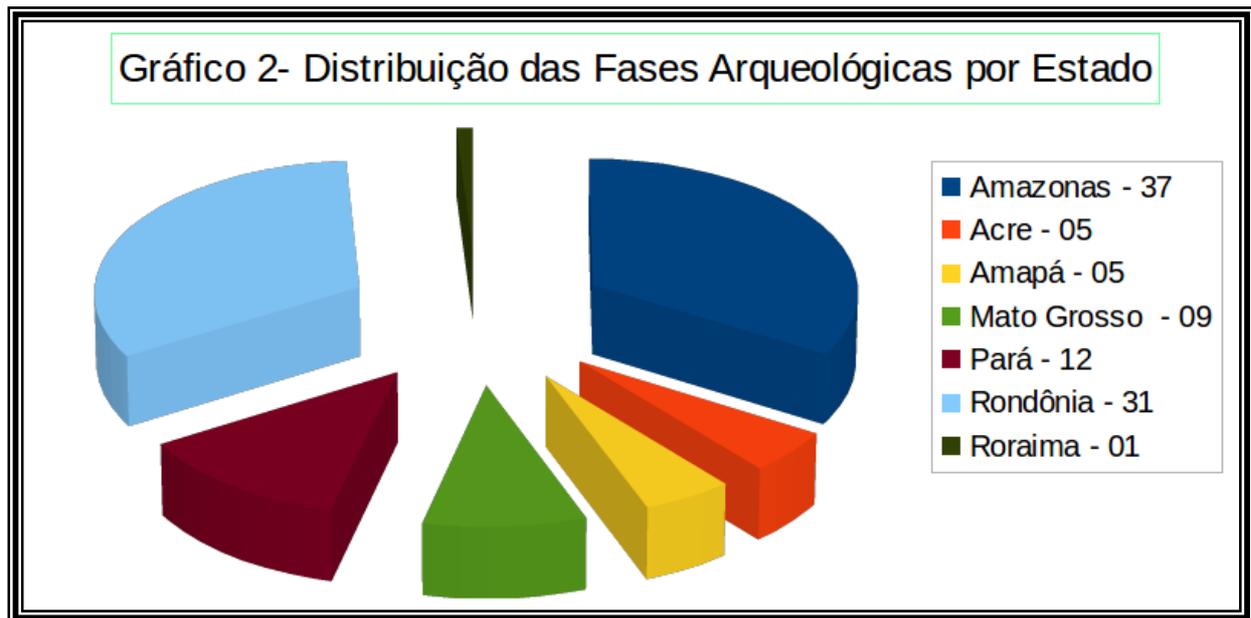
Fonte: Pesquisas arqueológicas na Amazônia, nos séculos XIX, XX e XXI, com as compilações de datas de carbono C14.

Tabela 8: Distribuição de fases arqueológicas identificadas em Roraima

n.º	Local	Estado	Fase	Datação	Características
01	Boa Vista	Roraima	Rupununi	1070 ± 50 AC	Cerâmicas simples e decoradas com incisões (Ribeiro, 1999).

Fonte: Pesquisas arqueológicas na Amazônia, nos séculos XIX, XX e XXI, com as compilações de datas de carbono C14.

Gráfico 2 – Distribuição das Fases Arqueológicas por Estado



Fonte: Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (Meggers e Evans, 1961; Hilbert, 1968; Simões, 1972, Simões; Kalkmann, 1987; Roosevelt, 1992; Neves, 2006; Lima, 2008; Cruz, 2008; Miller, 2009).

Na indústria ceramista da Amazônia, pela sua característica de manufatura, é possível que as sociedades que a produziram tenham levado graus de manipulação da matéria-prima para a elaboração de variedades de vasilhames cerâmicos. As principais matérias-primas reconhecidas nos vasilhames são as argilas, as cascas de árvores em forma de polvilho – no caso o caraipé –, a areia fina e grossa, o cauixi, a concha triturada, o reaproveitamento de fragmentos cerâmicos moídos, ossos e a resina de jutaica; na composição de variedades cerâmicas, grandes potes, pratos, alguidares etc., apresentando cores e detalhes distintivos por região. Por exemplo, as cerâmicas que foram produzidas no baixo Rio Tapajós, segundo Gomes (2002), possuem elementos característicos adicionados à arte final dos vasilhames, que diferem um pouco dos complexos cerâmicos produzidos nos paranás do Urucará, de Boa Vista dos Ramos, nos baixos e médios Rios Andirá, Maués, Madeira, Negro, Igapó-açu, Uatumã, Urubu, Japurá e Purus. Nessas regiões, a predominância são os conjuntos cerâmicos das fases *Manacapuru*, *Paredão* e *Guarita* (Hilbert, 1968). Eles se afastam da arquitetura da arte final do Tapajós, pois os vasilhames tendem a ser maiores, com poucos adornos ou com a ausência destes na parte externa dos vasos. Por outro lado, no que tange ao tempero (elementos adicionados à argila), são os mesmos usados na indústria cerâmica do baixo Rio Tapajós. Sendo assim, o estilo da indústria cerâmica e as datas levaram os pesquisadores a constituírem uma série de fases arqueológicas, que muitas das vezes podem confundir a leitura ou o reconhecimento das diferenças entre uma fase e outra. Desse modo, a partir do

volume de pesquisas desenvolvidas nos Estados do Amazonas e de Rondônia, estes aparecem em primeira e segunda posição no ranque de fases arqueológicas, conforme o gráfico 2. A propósito, em um único rio tributário do Amazonas, pode haver três ou mais fases arqueológicas registradas pelos pesquisadores. Parece que isso possa ser uma espécie de identificação de cada grupo social, que confeccionava a cerâmica em conformidade com as suas tradições culturais, cujos traços estéticos são representados em imagens humanas, em animais e talvez em seres sobrenaturais, o que demonstra possíveis conhecimentos de leis ou de saberes que poderiam ser manifestados nos grafismos introduzidos na cerâmica. Para avaliar essa densa rede de interações com o ambiente, foi concebido o *Projeto Amazônia Central* (PAC), que visa contextualizar a história indígena pretérita a jusante e a montante dos abraços das confluências dos Rios Negro e Solimões-Amazonas (Lima & Neves, 2011).

2.5 O Estado do Amazonas no contexto da arqueologia

A área territorial do Estado do Amazonas é composta por terra, floresta e águas. Três serviços ambientais fabulosos para servirem de atrativos de concentração de sociedades humanas (Camargo e Pereira 2014). E as sociedades pretéritas se utilizaram desses serviços para realizar a sua história, que atualmente está representada por diversos itens da ação humana nos sítios arqueológicos, como a floresta, o solo de terra preta, a indústria cerâmica e outros. A floresta possivelmente foi manejada intencionalmente. O certo é que sofreu alterações em escalas exponenciais, pois os cultivos de espécies que eram “nativas”, por meio de manipulações genéticas, foram modificados e conduzidos ao convívio do ambiente social humano. Outro ponto que vale a pena ser salientado é a profunda alteração no solo onde havia as aldeias, nas quais, a partir de possíveis ações coletivas, os habitantes conseguiram formar pacotes de terras pretas que atualmente prestam relevantes serviços à sociedade humana contemporânea na prática da agricultura familiar (Noda 2007), principalmente em tempo de descontrole ambiental, quando as estações de secas variam consideravelmente. No mais, segue-se o calendário sazonal, como em épocas passadas. Assim o solo de terra preta é atualmente uma válvula de escape para as famílias das áreas de barrancos da região, na produção de alimentos necessários para a dieta alimentar, conforme atesta a figura 11.



Figura 11: Plantio de maniva no solo de terra preta, área do Tabocalzinho. (Foto: Carlos A. Silva, set., 2015.)

Por outro lado, esse cultivo é altamente prejudicial aos vestígios arqueológicos, pois é possível perda parcial ou total dessa história milenar. Quanto à indústria cerâmica é visível que as sociedades amazônicas pretéritas dominavam uma sofisticada tecnologia para moldar detalhes na cerâmica, produzindo figuras de linguagens expressas por meio de gestos grafados nos vasilhames.

A cerâmica possibilitou certa visibilidade para que as sociedades pretéritas criassem alternativas de nela representar estampas iconográficas de aspectos sociais e culturais, por meio das manifestações grafadas representando seres humanos e animais. No caso dos animais, em alguns há semelhanças com os atualmente existentes; em outros, às vezes, pelas alegorias estampadas nos artefatos, fica impossível de reconhecê-los. (Figura 12).



Figura 12: Espécie da fauna da Amazônia não identificada; suspeita-se que seja a lendária “tapiraiauará”.

Foto: Raul Melo, set, 2015. Coleção arqueológica de José Alberto Neves; livro de tomo n.º 1657.

No propósito de interpretar o modo de vida pretérito de como essas sociedades iniciaram as *valsas* de caminhadas nos labirintos de águas, isso despertou o interesse do arqueológico de nacionalidade alemã Peter Paul Hilbert, que deu a partida à intenção de superar obstáculos de como interpretar os vestígios deixados nesses campos supracitados, em que a história está grafada em pinturas, incisões, linhas vermelhas, pretas, retilíneas ou curvilíneas etc. Então, Hilbert foi nesse aspecto o pioneiro a realizar escavações sistemáticas na área urbana da cidade de Manaus, na segunda metade dos anos 50 (Neves 2012).

Na época, o arqueológico realizou escavações em áreas como no início da Avenida Sete de Setembro, próximo à Praça Dom Pedro II; no aeroporto de Ajuricaba; e na Refinaria de Manaus. Nas escavações recolheu vários vestígios; entre eles, algumas urnas, a que denominou de “Fase Paredão” e “Guarita”. A fase *Paredão* recebeu essa designação talvez pelo fato de os vestígios estarem associados ao bairro Colônia Oliveira Machado, que, à época da pesquisa, era chamado de Estrada do Paredão em virtude das falésias que havia na área (Sioli 1985). E *Guarita* devido ao fato de os vestígios arqueológicos estarem próximos à pequena casa de guarnição do serviço patrimonial do aeroporto de Ajuricaba. Essa área foi também alvo de descrição pelo viajante Paul Marcoy, que, em 1847, quando subia o rio Negro, narrou aspectos ambientais desse trecho. No centro de Manaus, o viajante descreveu nas redondezas do *Forte de São José do Rio Negro* as séries de circunferências de alguidares

e urnas funerárias que estavam expostos na área (Marcoy 2001). Nessa área, de 2000 a 2008, foram exumadas sete urnas funerárias e um alguidar. No Paço Municipal, há exemplares que estão afixados ao baldrame de cimento e nas rochas da Fundação. Os exemplares estão expostos e podem ser observados, visto que o local é aberto à visita pública de terça a domingo.

Impulsionado pela riqueza arqueológica, Hilbert (1968) testou a hipótese do casal de arqueólogos norte-americanos, que suspeitavam haver processos migratórios de sociedades humanas oriundas dos Andes, que seguiam as águas cor de suco de bacaba, isto é, o Solimões-Amazonas, com suas possíveis canoas coloridas e repletas de ideias para serem implementadas nas margens de rios e de interflúvios da Amazônia Central. No sentido de experimentar essa hipótese, Hilbert (*idem*) subiu o rio Solimões-Amazonas, na área da cidade de Manacapuru, e registrou a terceira *fase arqueológica* homônima.

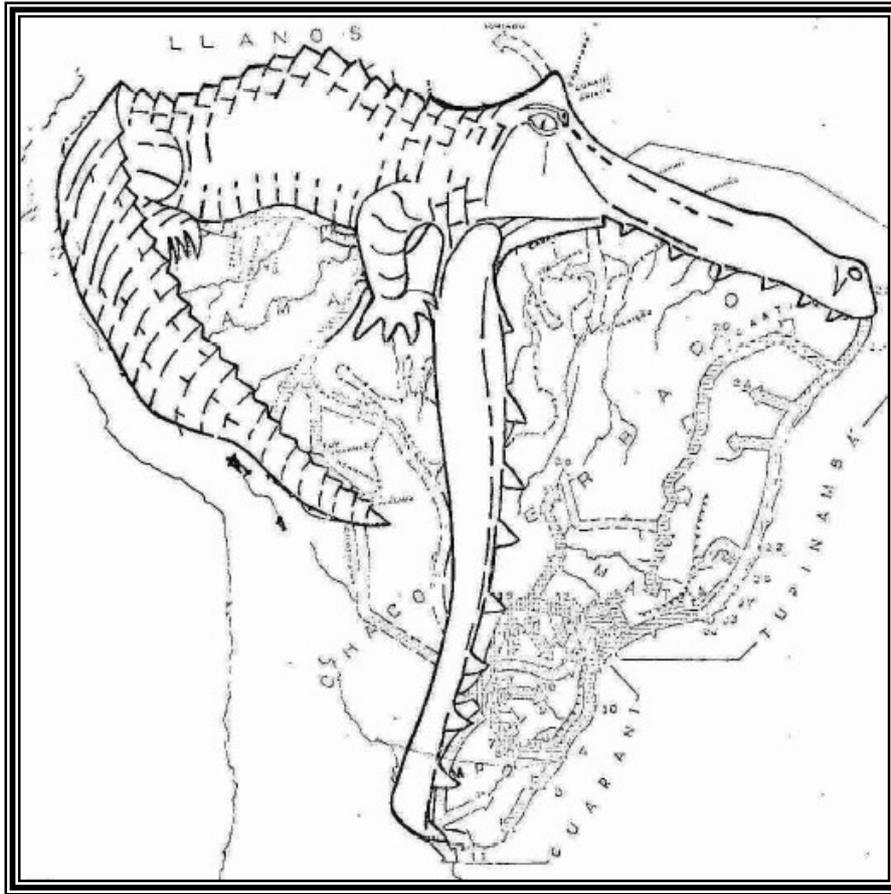
Na cidade de Manacapuru, na área paralela ao Solimões, à margem esquerda, até próximo à foz do rio homônimo, realizou pesquisa em um sítio de terra preta de 2km de extensão por 400 metros de largura. O sítio iniciava na área do Centro Histórico e chegava ao bairro Terra Preta, na zona oeste da cidade. Na zona rural, na altura do km 15 da estrada AM-070, na margem norte há uma área conhecida à época como “Capoeira dos Índios” (Simões & Araújo-Costa, 1978, p. 79), em que se suspeitava haver a cerâmica antiga da área da Amazônia Central. No sítio há várias elevações que parecem ser as antigas aldeias circulares (Moraes 2006). A suspeita é válida, pois o sítio é multicomponencial: há as três fases (Manacapuru, Paredão e Guarita); ademais, talvez, exista a identificada por Lima (2008) – a fase Açutuba –, que surge nos registros arqueológicos com datações 300 A.D.

Ainda na tentativa de identificar tais rotas (Simões & Corrêa; 1978, Simões & Machado; Simões & Kalkmann; 1974, Simões & Lopes, 1989), realizaram-se incursões a montante e a jusante dos encontros das águas dos rios Negro e Solimões-Amazonas na tentativa de elucidar a discussão gerada pelo casal de arqueólogos norte-americanos, que tinham a intenção de identificar sítios que foram reocupados devido à pressão do ambiente, embora não fossem compatíveis para suprir mecanismos de grandes sociedades pelo escasso nível de recursos alimentícios disponíveis. Devido ao processo de consumo, isso levaria a certa escassez dos recursos. Essa informação de carência de alimentos foi capturada por Meggers e Evans (1987) a partir de observações etnográficas junto às sociedades indígenas contemporâneas, que realizavam o processo produtivo baseado em pequenas plantações em roçados abertos, em áreas de capoeiras baixas, devido ao processo de estiagem, de forma que nem sempre os cultivos agrícolas eram bem-sucedidos. Isso leva à dedução de que as

sociedades pré-colombianas teriam tido os mesmos problemas de dieta alimentar. Assim, o ambiente era fator limitante para que houvesse densidade humana nas águas *barrentas, claras e negras*, na Amazônia pretérita.

Latharp (1970) diverge dos postulados de Meggers & Evans (1971), pois sustenta que as sociedades humanas na Amazônia Central pré-colombiana talvez não tenham realizado a migração descendo dos Andes pelo alto rio Amazonas e se instalaram nas confluências dos dois maiores rios da região, pois as hipóteses apontavam que a Amazônia era uma espécie de área de inovações de ideias utilizando o ecossistema de várzea densamente. Com isso, haveria uma longa história de ocupação do ambiente de cerca de 5 mil anos. Por isso, as inovações eram transportadas por meio de impulsos, subindo e descendo a grande rede hidrográfica dos principais tributários do rio Amazonas e efetivando sistemas de trocas ou técnicas de como interagir com o ambiente, pois tanto as indústrias cerâmicas quanto as líticas são os artefatos que mais são preservados nos sítios arqueológicos, além de as características tecnológicas serem muito parecidas em quase todos os sítios da região. Outro fator é o solo altamente fértil (*terra preta de índio*), supostamente algo que foi construído para ser útil às sociedades humanas. Essas supostas inovações percebidas foram definidas como “modelo de dispersão” (Latharp 1970, p. 79-84).

As pesquisas sobre a ocupação humana na região continuaram nas décadas de 80 e 90 do século XX pelo mesmo prisma, ou seja, pelo herdeiro intelectual de Latharp, o arqueólogo José Brochado, que fez relevante estudo sobre a dispersão das sociedades humanas do tronco linguístico *tupi*, rumo à Amazônia. A hipótese direcionava para o vale do rio Madeira e tributários, postulando que as sociedades teriam subido ou descido os rios da Amazônia colocando novas ideias produtivas, sociais e culturais, além da inserção da indústria bélica para expulsar as sociedades que estavam ocupando a região ou para viabilizar redes de possíveis comércios de bens culturais. Assim, surgiu a ideia zoomorfa (figura 13) – o “modelo da pinça” (Brochado, 1984, p. 561, *apud* Cruz, 2008, p.21).



Mapa 3: A distribuição das possíveis entradas na região da Língua Tupi.
Fonte: Retirado de (Cruz, 2008).

O mapa alegórico do jacaré sugere que a imagem da boca do jacaré aberta teria a pretensão de informar que as sociedades de família linguística do tronco *tupi* (Cruz, 2008) teriam chegado à região e a ocuparam, de sorte que o maxilar do grande animal seria o rio Amazonas; e a mandíbula, o rio Madeira. E traziam consigo algum legado da indústria cerâmica da *Tradição Policroma da Amazônia*, a fase Guarita (Hilbert, 1968). E, ao longo de milênios teriam consolidado tal proeza. Porém, novos estudos na região promovidos por associações de instituições em nível nacional e internacional vêm demonstrando, por meio de pesquisas arqueológicas, que tal hipótese não procede. Trata-se do Projeto Amazônia Central, que, ao longo de quase duas décadas, vem pesquisando sobre o modo de vida das sociedades pré-colombianas, além de formar quadros de especialistas em níveis de Doutorado e Mestrado. Além desse projeto há o sistema de socialização da prática da Educação Patrimonial envolvendo as comunidades próximas dos sítios arqueológicos, as escolas públicas e as universidades, no que tange à história das sociedades que deixaram registros de

interação nos ecossistemas, os quais são importantes para conhecer como elas se dedicavam para manter o ambiente sustentável.

2.6 Breve história do Projeto Amazônia Central (PAC)

A atuação do projeto foi realizada nas áreas dos municípios de Iranduba, com o objetivo de avaliar as hipóteses alinhavadas por Donald Latharp, que conjectura que a região das confluências dos Rios Negro e Solimões-Amazonas teria sido um grande centro de inovações porque as sociedades humanas teriam conseguido amplo desenvolvimento adaptativo no ambiente devido à abundância dos recursos disponíveis no ecossistema de várzea. O manejo equacionado pelas sociedades gerou certa densidade demográfica; e, conseqüentemente, houve a dispersão de sociedades humanas por toda a região, cujos caminhos eram a grande rede hidrográfica. Então, com base nessa hipótese, o “Projeto Amazônia Central” atuou de 1995 a 2011 e fez intensas pesquisas envolvendo diversas instituições em níveis nacional e internacional, com o objetivo era reconhecer o grande potencial arqueológico da região. Para o reconhecimento, fez deliberados contatos com os moradores de áreas de lagos, vicinais, igarapés, áreas de fazenda e também de áreas urbanas na cidade do Iranduba. Os contatos contribuíram para a identificação de inúmeros sítios arqueológicos, com datas de 8.500 anos atrás (Moraes e Neves 2012).

Para o andamento das pesquisas houve a parceria de pesquisadores, professores e alunos de pós-graduação de instituições brasileiras e estrangeiras. Assim, as etapas de campo sempre ocorreram a cada dois anos. Nas etapas de 1995-97, a equipe de campo foi basicamente de pesquisadores; na de 1999 o projeto já dispunha em seu quadro de estagiários e de alunos de pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP). Nessa etapa de campo, os sítios mapeados e escavados foram o Complexo Açutuba I, II e III (costa do Açutuba, à margem direita do rio Negro), Osvaldo (Lago do Limão), Zé Ricardo (Ramal do Caldeirão), Lago Grande (homônimo) e Hatahara (cidade de Iranduba). Essa etapa foi de 70 dias em campo. Entre os pesquisadores estavam Eduardo Góes Neves (coordenador e professor), James B. Petersen (professor), Michael J. Heckenberg (professor); este ficou por poucos dias; Paulo do Canto (Museu Paraense Emílio Goeldi) ficou na primeira semana de campo; Klinton V. Senra (doutorando – Museu Nacional); Marcos Brito (arqueólogo e engenheiro); Fernando Walter Silva Costa (aluno de Mestrado – MAE/USP). Em 15 de agosto, chegou ao Açutuba Helena Pinto Lima (estagiária – MAE/USP), Robert N. Bartone (coordenador/doutorando – Universidade Binghamton –

EUA), Patrícia Bayod Donatti (aluna de Mestrado – MAE/USP), Lucas M. R. Bueno (aluno de Mestrado – MAE\USP), Luiz Fernando E. Lima (aluno de Mestrado – MAE/USP), David Boquet (doutorando da Universidade de Paris), Maria Emília V. Abreu (estagiária – MAE/USP), Juliana S. Machado (estagiária – MAE-USP), João Luís U. F. Passos (estagiário – MAE\USP), Mildred Mona (estagiária – MAE-USP), de nacionalidade colombiana, que faleceu tragicamente, Marco Antônio L. Silva (arqueólogo – Prefeitura de Presidente Figueiredo-AM) e Carlos Augusto da Silva (Museu Amazônico – Universidade do Amazonas). Esses dados foram retirados da caderneta de campo de 1999. Por sinal, desse número de pessoas, na última semana, só ficaram dois membros (Eduardo Neves e Carlos Augusto).

A etapa de campo foi longa, mas, importante, pois os membros da equipe chamaram a atenção das pessoas que vinham numa *kombi* cheia; não sabiam de que se tratava. Logo, as informações foram repassadas aos noticiários da imprensa local. Assim, algumas reportagens foram ao ar sobre os achados arqueológicos na área do sítio de terra preta, denominado de “Hatahara”. E o proprietário do terreno retirou o gado que pastava em volta do sítio arqueológico. Na manhã de uma segunda-feira, um senhor chamado de *Zé Mitonho* desceu de um táxi de cor amarela e se dirigiu às escavações para se cientificar do que era aquilo. Depois de esclarecimentos, o ânimo do proprietário foi voltando ao normal. Nas demais etapas, houve crescimento em escala exponencial da demanda de professores, pesquisadores e alunos, o que levou ao pico de 40 pessoas. Foi na etapa de campo de 2003 que alguns membros do Projeto fizeram uma visita à coleção “José Alberto Neves”, no município de Urucurituba-AM; dentre os visitantes, encontrava-se o saudoso e respeitado arqueólogo James B. Petersen, que brutalmente foi assassinado em uma etapa de campo, em 13/08/2005, o qual, na vistoria de campo de 1999, me dissera o seguinte: “Você tem *cancha* de um bom auxiliar de campo”, pois eu havia acabado de fazer um perfil de uma unidade que tinha sido escavada no sítio arqueológico Osvaldo; e tudo apontava ser uma “Aldeia Circular” (Neves, 1999, comunicação pessoal).

A atuação do PAC foi importante para os estudos arqueológicos na Amazônia Central, pois contribui para novos entendimentos do processo de ocupação humana pretérita na região dos braços dos rios Negro e Solimões-Amazonas, além de formar especialistas em níveis de Doutorado e Mestrado para servir ao mercado local, regional, nacional e internacional. Hoje, os membros do PAC são professores e pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeiras e de centros de pesquisas renomados, como o Museu Paraense Emílio Goeldi e o Instituto Mamirauá. Há também a prática da Educação Patrimonial em escolas, comunidades

e universidades sobre a história indígena pretérita (Neves 2012), ocasião em que os vestígios ou fragmentos dessa história podem ser narrados a partir da interpretação dos artefatos encontrados soterrados ou em superfície nos sítios arqueológicos, nas áreas de roçados, quintais, comunidades, cidades etc.

O PAC também atuou em processos administrativos para conseguir, arduamente, a proteção do ambiente para a guarda de coleções arqueológicas que, ao longo de quase duas décadas reuniu por meio de pesquisas na região. Para a análise das coleções e a guarda provisória foi montada uma espécie de anexo no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP) em Manaus, numa residência localizada na Rua n.º 7, no Conjunto Tiradentes, zona leste, no período de 2005 a 2011. Em novembro de 2011, as coleções foram transportadas para dois blocos (B e H), situados no setor sul do *campus* da Universidade Federal do Amazonas. As coleções ficaram até novembro de 2014 nesses locais, quando, finalmente, o convênio Petrobras/UFAM entregou o Laboratório de Arqueologia, que fica no mesmo setor sul do *campus*. Assim, as coleções estão depositadas em ambiente seguro, conforme determina a legislação brasileira (Lei n.º 3.924, de 1961). Em abril de 2015, foi aberto edital público simplificado, de n.º 041/COMPEC-UFAM, para a contratação temporária de arqueólogos, restaurador e museólogo para a análise das coleções das pesquisas realizadas no período de 2005 a 2009, na linha do gasoduto Coari-Manaus.

Assim, o Projeto Amazônia Central contribuiu para que a Universidade Federal do Amazonas tenha, hoje, o melhor ambiente para acondicionamento de coleções arqueológicas em Manaus. Foram essas as rápidas considerações sobre a longa história de pesquisa na Amazônia, cujo objetivo era reunir coleções arqueológicas ou interpretar como aquelas sociedades humanas interagiam com os ecossistemas da Região Amazônica, as quais ao longo de milênios deixaram sua história pendurada nas copas das árvores (processo de amansar ou de domesticar espécies de plantas) ou em lajeiros de rochas, onde estão as relíquias estampadas de arte rupestre, nos pacotes de solo de terra preta, nas indústrias líticas e cerâmicas. A indústria cerâmica será objeto de discussão nos capítulos subsequentes.

PARTE – II

CAPÍTULO 3: A TERRA PRETA DO TABOCAL, ÁREA DE INTERFACE CULTURAL

“A vinte e oito léguas da boca deste rio, seguindo-se sempre pela mesma banda sul, há uma formosa ilha que tem sessenta léguas de comprimento e, conseqüentemente, mais de cem de circunferência, toda povoada pelos valentes Tupinambás, gentio que, após a conquista do Brasil, em terras de Pernambuco, há muitos anos, saiu derrotado, fugindo do rigor com que os portugueses o sujeitavam”. (Acuña, 1994, p.148).

3.1 A Terra Preta

O texto de Acuña se refere ao Rio Madeira, a jusante da sua foz. À margem sul do rio Amazonas, há uma extensa área de *terra preta* denominada de *Terra Preta do Tabocal*. Nos sessenta e dois municípios do Amazonas é comum haver *localidades* denominadas de *terras pretas*. Em Manacapuru há o bairro com esse nome. Segundo informações de moradores antigos do lugar (Carlos 2001), o nome está associado ao fato de que, em épocas passadas, a localidade teria sido aldeia de povos indígenas Mura (Diário de campo – Silva, 2008). Na estrada AM-70 há um local conhecido como “Capoeira dos Índios” (Simões & Araújo-Costa, 1978, p. 79), que foi também moradia de índios há milênios. Em Manaquiri-AM, localizada à margem direita do Solimões-Amazonas há diversos lugares com essas denominações que são utilizados na agricultura familiar (Noda 2007), onde são produzidas diversas frutas, tubérculos e legumes que são disponibilizados às mesas dessas famílias. No encontro ou nos braços dos rios Negro e Solimões-Amazonas há uma área, que segundo informações dos agricultores, é de *terra preta* e pode ser estimada em 3km paralelamente ao igarapé denominado de “Canteirão”. Trata-se, talvez, de um sistema erguido pelos índios, que há milhares de anos manejaram aquele lugar, pois a ilha dos encontros dos rios Amazonas-Solimões é de várzea¹⁸.

O município de Urucurituba, por estar numa área geográfica estratégica (uma terra alta na margem sul do rio Amazonas) foi bastante cobiçado pelas sociedades indígenas pretéritas, que reproduziram vidas há milhares de anos, nesse ambiente, pois, por meio de experimentos,

¹⁸ - Áreas que geralmente, nas subidas das águas na Amazônia Central, de fevereiro a julho, ficam submersas (Fonseca 2011, p. 136).

engendraram espécies de mudas de árvores de várzea em topos de terra firme. A exemplo disso, a área por onde seguiu a vicinal de acesso à comunidade de São Sebastião do Tabocal é quase toda composta de solo de *terra preta*, que contribui para a reprodução de vidas Silva (2014). É um *eco* de diversidades de plantas, em que, ao se abrir o roçado (supressão da vegetação), nasce mamão, cacau etc., sem, contudo, precisar enterrar sementes, pois a terra preta é um reservatório destas.

As sociedades pré-colombianas, pelos registros que ainda há *in loco* de processos de manejos do ambiente formaram a extensa terra preta, com diversos fragmentos cerâmicos possivelmente de três ou mais ocupações que estiveram nesse ambiente e pela posição geográfica que se encontra a jusante da foz do Rio Madeira. Nos demais rios da margem norte do rio Amazonas, como o Urubu, o Jatapu, o Anebá etc., pode ter havido ampla diversificação nas relações com as sociedades da área da margem sul do rio Amazonas, haja vista as densidades de vestígios cerâmicos, líticos e a paisagem de diversas espécies como a castanha (*Bertholletia excelsa*), o cacau (*Theobroma cacao*), o jenipapo (*Genipa americana*), o açaí (*Euterpe oleracea*), o amapá (*Parahancornia amapa*), a sorva (*Couma utilis*), o tauari (*Couratari tauari*), o caraipé (*Licania heteromorpha Benth*) etc. Essas mesmas espécies foram identificadas durante as etapas de campo na área dos municípios de Silves e Itacoatiara (Silva 2013).

Na área urbana de Urucurituba-AM e em suas adjacentes há uma infinidade de vestígios arqueológicos. Existe a hipótese de que tenha sido uma área de *interface* de indústrias cerâmicas (Lima, 2008; Pereira, 2003) que envolvia todas as áreas dos municípios do Amazonas adjacentes, exceto os do Alto Purus (Boca do Acre), onde ainda não foi identificada cerâmica com as características dessas *interfaces* do baixo, médio e alto rio Amazonas e seus tributários, como o Japurá, o Negro, o Tonantins, o Içá, o Jacurapá, o Badajós, o Supiá, o Manacapuru, o Manaquiri, Igapó-açu, o Andirá, o Maués etc. Nesses rios os moradores, geralmente, utilizam os vasilhames arqueológicos para fins como colocar a galinha para chocar, plantar pimenta, como baldrames de residências, como troféus, para a atividade pedagógica e para entretenimento de crianças, como se vê na figura 13.



Figura 13: Diversos apliques antropomorfos e zoomorfos para atividade pedagógica na Escola Estadual João Dutra, em Vila de Pedras (Foto: Carlos Augusto da Silva).

3.2 Tabocal – a área de refúgio

Por ser uma região que está pouco afastada da cidade de Urucurituba-AM, as famílias se utilizam como uma área de refúgio para plantar, residir, praticar futebol e para promover o lazer das pessoas idosas, que adoram o lugar. Foi o comentário de um morador, que avistava do alto do barranco sua rede de pesca, com alguns exemplares de pacus (*Meus spp*, *Metynnis spp*, *Mylossoma spp*.) e sardinhas (*Triportheus albus*), conforme Fraxe *et.al* (2009, p. 88-174), para serem recolhidos e serem disponibilizados à dieta alimentar.

A percepção que se tem é a composição de diversas casas, mas sempre estão com suas portas fechadas (Wagley 1956). Nelas há nos quintais variedades de espécies; algumas cheias de frutos, a exemplo do saboroso jenipapo e centenas de árvores de cacau, de caiué, açaí, bacaba etc. Essas espécies vêm de longos milênios; talvez representem frutos de manejos de sociedades humanas que interagiram com o ambiente do Tabocal. As pequenas roças têm plantações de variedades de manivas; dentre as espécies, há a que produz a macaxeira, que parcamente chega aos restaurantes e às mesas dos usuários em Urucurituba.

Também no pequeno igarapé que corta no sentido noroeste-nordeste a área da localidade do *Tabocalzinho*, há o campo de pasto de gado e uma sequência de castanheiras,

que podem estar correlacionadas às sociedades pretéritas, que podem ser reconhecidas pelos cultivos intensivos, pois é possível que essas sociedades tenham desenvolvido técnicas sofisticadas de plantações em alta escala, a exemplo da castanheira (*Bertholletia excelsa*), que hoje é uma boa fonte de renda para as sociedades contemporâneas, que realizam o processo de sua extração uma vez por ano. Para o viajante que se atreva a subir ou a descer os rios Purus e Amazonas, do trecho do município de Lábrea-Purus até Belém, geralmente as cargas embarcadas são de castanhas (figura 14).



Figura 14: *Tapiri* sendo abastecido com castanha (*Bertholletia excelsa*), *localidade meio mundo*, Rio Purus.

Foto: Carlos Augusto da Silva, mar., 2013. Acervo NUSEC – Núcleo de Socioeconomia – FECA-UFAM.

A figura 14 mostra o *tapiri* adaptado para depositar objetos; e a castanha é a fórmula utilizada pelas famílias que residem distantes dos centros urbanos no Amazonas; elas mantêm uma vez ao ano a atividade de extração, armazenamento e escoamento desse produto para as comunidades, vilas, associações cooperativas. A produção de castanha abastece o mercado local ou nacional. Mas, há um pequeno detalhe que os castanheiros não sabem (Pereira 1992): como as castanhas foram introduzidas em áreas bem distantes das margens dos rios. Exemplo disso é a *localidade* chamada pelos moradores de *Jessuã*, que fica cerca de 10km da margem norte do Rio Purus. O acesso ao local fica difícil com a subida da água do rio Purus, pois o caminho é entre as infinitudes de espécies de árvores de igapós. A localidade tem várias

plantações, entre as quais a castanheira. Em conversa informal, perguntou-se ao morador sobre quem havia plantado os exemplares de castanheira, o qual informou que “há 700 exemplares, mas, esse número já foi maior”, pois alguns foram abatidos pelas fortes tempestades por que a região vem sendo cometida nas últimas décadas. A resposta foi incisiva: “Não sei quem plantou; quando o meu avô veio morar aqui as castanhas já estavam”. Então, fica a pergunta: quem plantou? A resposta talvez possa encontrar-se nos sítios arqueológicos. Geralmente, onde há solo de terra preta, há vestígios de sociedades humanas. Assim, como elas, animais como a paca, a cutia, o caxinguelê ou quatipuru podem ter contribuído para os grandes castanhais na região do médio rio Amazonas. Mas, pode ser que quem realmente haja feito os reflorestamentos de centenas ou milhares de exemplares de castanheiras tenham sido as sociedades pretéritas.

A castanheira, além de contribuir para a dieta alimentar das sociedades humanas que vivem em áreas dos *beirados* dos rios do Estado do Amazonas, serve para que uma vez ao ano seja retirada a entrecasca para utilização como tecnologia (fibra) a fim de calafetar canoas. Na viagem de Francisco Orellana, o Padre Frei Gaspar de Carvajal, em 1542, narrou que em certas paragens foram feitos *bergantins*. Um barco ou canoa de madeira precisa ser calafetado, ou seja, precisa de que nas frechas sejam introduzidas fibras para vedar ou selar as junções entre a estrutura da canoa ou batelão¹⁹. Logo, na expedição de Orellana, talvez tenha sido utilizada essa tecnologia. Enfim, como se pode observar, a terra preta do Tabocal, além de ser um lugar estratégico, por estar numa área de terra firme, foi exemplarmente ocupada pelas grandes aldeias que houve há milhares de anos no lugar. A terra preta, as árvores, os vestígios líticos, os cerâmicos e os resquícios de alguns moradores contemporâneos são testemunhos que se podem ainda ver no lugar. Quem chega de carro, de moto, de bicicleta ou de barco depara com as *interfaces* culturais²⁰, que representam uma biblioteca desconhecida à margem direita do rio Amazonas.

¹⁹ - Batelão: barco feito de madeira que foi utilizado por várias décadas no Estado do Amazonas para transportar produtos dos municípios até a cidade de Manaus; dentre os produtos, o carvão vegetal foi amplamente comercializado na área do bairro de Educandos.

²⁰ - Possíveis áreas de trocas de produtos manufaturados, de relações sociais, culturais na Amazônia pré-colombiana; artefatos cerâmicos de ações de sociedades ancestrais são visíveis nos quintais, nas ruas e nas avenidas da cidade de Urucurituba e adjacentes.

3.3 A transferência da cidade de Urucurituba para o Sítio Tabocal

A margem sul do Rio Amazonas, a jusante da foz do rio Madeira, é composta de região de várzea, porém em algumas áreas há terra firme, que se estende intercalada por pequenos igarapés, furos e lagos e vai até a jusante da cidade de Parintins, na margem direita do Paraná dos Ramos. A antiga área onde foi sediada a cidade de Urucurituba fica numa dessas regiões de várzea baixa (Fonseca 2011, p. 136), que por definição são áreas passíveis de inundação. Então, em virtude das grandes cheias, cujo pico ocorre geralmente a partir dos meses de março a maio, as ruas da antiga cidade ficavam submersas; as casas seguiam o mesmo destino e eram lavadas na subida do rio; por outro lado, na descida, as ruas e as casas ficavam cheias de resíduos, resultados das grandes cheias que assolavam a região a cada ano, conforme registros nos anos de “1922, 1944, 1972, 1973,1974, 1976, 1982 e 1989” (Neves, 2009, p. 30). As frequentes cheias foram determinantes para que entre os ocupantes da cidade houvesse consenso de queurgia a necessidade de escolha de uma área para alocar a nova sede de Urucurituba-AM.

3.4 Breve histórico da transferência da cidade

A escolha do local para as instalações da nova cidade foi algo aceitável pela maioria dos moradores, porém havia pequenos números deles que não apoiavam a ideia de transferir os domicílios públicos e privados para a nova área. Os que eram favoráveis não desistiram e estavam presentes nas memórias e na emergência de tal transferência. E, assim, alguns membros do Poder Executivo municipal já haviam prenunciado a escolha do local para as novas instalações. Desse modo, a área sorteada foi a grande região de paisagens exuberantes que fica em frente à Ilha do Risco, em que ao amanhecer há algazarra dos passarinhos, que se deslocam da área da “Costa do Tabocal” (Neves, 2009, p. 31) para as ilhas *do Boi e do Risco* em busca de saciar suas necessidades alimentícias; e, no fim das tardes fazem o caminho de retorno, e a alegria é contínua de forma que essas aves ocupam as diversas palmeiras, que ainda resistem ao impacto urbano. Parece que foi nessa felicidade que os partidários aceitaram a transferência da cidade. Os comunitários foram chamados para juntos construírem outro lugar que fosse seguro e em que ao amanhecer ou escurecer não fosse necessário subir os assoalhados das casas do poder público e da sociedade civil da *velha* cidade de Urucurituba.

O local já estava previamente definido, então, as comissões de notáveis cidadãos públicos e civis realizaram a visita *in loco* para sedimentar a escolha de data de início das

obras para erguer a nova sede. Por meio da organização dos poderes constituídos, o Executivo e o Legislativo municipal, foi designado o dia 27/10/1973 para a tão discutida e aclamada ideia de sair de “Augusto Monte Negro”.

Nesse ínterim, já havia informações para o dia do início das obras. E, como se tratava de aceitação da maioria dos moradores de diversas localidades do município, eles se reuniram no então “Sítio Urucuri” (Neves, 2009, p.31) para deliberar a estratégia de supressão da floresta que fora cultivada por sociedades que, talvez, não tivessem a angústia de residir em baixa área de encostas ou de *beiras*²¹ de rios da região. Mas, para alegrar ainda mais os presentes do início da obra, fez-se presente o governador João Walter de Andrade e seus secretários para elucidar tal empreitada social Neves (2009). Como em todo ato público, vêm os discursos para informar o porquê da decisão. Assim, a palavra foi designada ao governador que logo chamou a atenção para a importância que o ato requeria, pois, abrir área para formar um núcleo social é complexo; precisa de aparato administrativo, além de disponibilidade financeira. O governador, categoricamente, informou que já havia investido em mudança de domicílios da cidade de Careiro para o lugar chamado *Careiro Castanho*, que fica no rio homônimo e na transferência da cidade de Boca do Acre para o local denominado de *Piquiá* (Neves 2009). As mudanças não surtiram efeito. Assim, poderia ocorrer algo parecido nessa empreitada para a nova sede municipal. Após o pronunciamento do Executivo estadual veio a voz do municipal, do então prefeito Félix Vital (Neves, 2009), que com sabedoria disse-lhes que “Com os passos largos das esferas governamentais maiores, ou sem elas, nós nos agarraremos nos voos dos pássaros para a tão vontade popular”.

Foi, assim, então, que os trabalhos de supressão começaram a todo vapor para ceifar a fantástica paisagem florestal que talvez foi erguida sem tanto discurso, e sim por centenas de diálogos. E o governador fez concessão à Administração Municipal de Urucurituba de parques equipamentos para viabilizar as obras. Assim, por meio do “ICOTI” (Neves, 2009, p. 33), disponibilizou os serviços de topografia e de terraplanagem. Foram delimitadas as áreas (N-S-L-W). Para o leste, a abertura foi de 5 a 6 km, ligando à margem sul do Lago do Arrozal; a margem oeste à margem sul do rio Amazonas. A Sul, a avenida Arco-Íris, cujo início se dá na foz do Lago Piranha e finda na área onde está alocado o terminal de embarque/desembarque de passageiros e de cargas. A norte, a vicinal de acesso à comunidade

²¹ - Termo utilizado pelos pescadores, pelos agricultores e pelo gênero feminino quando montam a bancada de madeira para lavar roupas e para limpeza dos objetos de cozinhas etc.

de São Sebastião e adjacentes. A sul, as ruas ou as travessas. A topografia da cidade tem formato de espinha de peixe e a Avenida Castelo Branco é a principal da qual saem as demais ruas. As obras ocorreram por três anos, ao longo dos quais foram sendo instalados os serviços públicos, como escolas, postos de saúde, energia, policiamento, transportes etc. Em 24 de outubro de 1975, o Poder Legislativo decretou definitivamente a transferência do município, que passou a ser chamado de “Nova Urucurituba”, por meio da Lei de n.º 2, de 24 de outubro de 1975. E a antiga sede retornou à condição de “Vila de Urucurituba” pela Emenda Constitucional do Estado do Amazonas, a Lei n.º 1, de 30 de setembro de 1970, em seu Art. 3.º. Já com os órgãos em pleno funcionamento foi realizada a solenidade de inauguração da nova sede. O evento ocorreu em 24 de janeiro de 1976 (figura 15). Nesse dia, as solenidades de inauguração ocorreram por todo o dia; e foram elaborados pelos órgãos de gestão pública e privada (Executivo municipal e associação comunitária) panfletos e informativos sobre a tão esperada e acolhedora terra preta, que em épocas milenares foi cuidadosa produzida e manejada por se tratar da terra em que brotavam os alimentos para sociedades humanas e animais e onde cada folha que descia do alto das árvores era cuidadosamente introduzida na formação de adubos verdes Lopes e Alves (2005, p. 12) para fonte de energia na reprodução de espécies vegetais para contribuir na dieta alimentar. Entretanto, hoje as ruas e as avenidas não têm esse tratamento do modelo dos homens, das mulheres, das crianças e dos idosos pré-colombianos, cujo olhar para as folhas é como se elas estivessem dando adeus quando se desprendiam de suas mães, a mãe-terra.



Figura 15: Flamula de inauguração da *Nova cidade Urucurituba*. Acervo José Alberto Neves
Foto: Carlos Augusto da Silva, set., 2015.

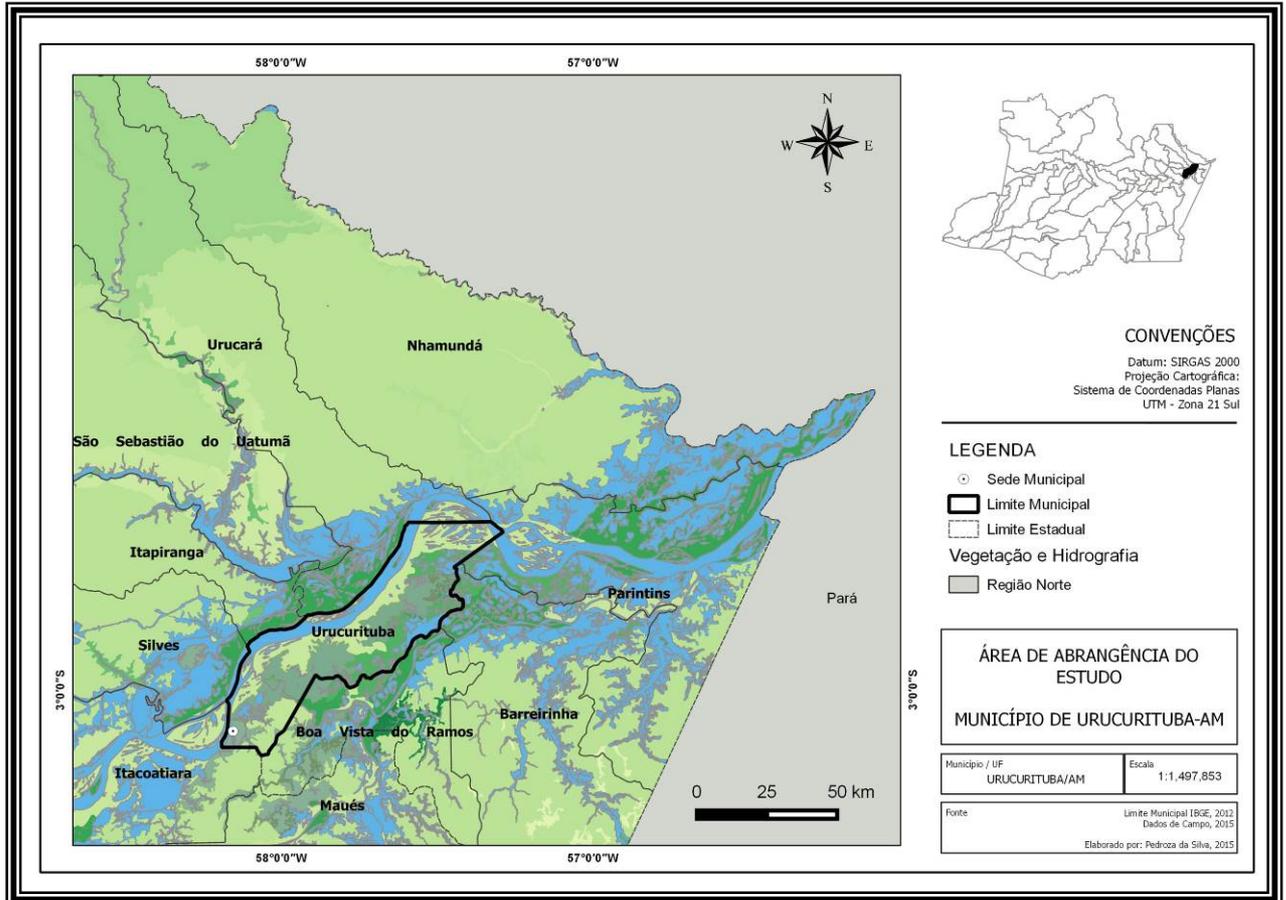
As sociedades humanas das fibras, se assim é possível dizer, utilizavam os espaços públicos ou privados com certa organização, talvez em planos sustentáveis²². Por outro lado, o homem contemporâneo, ou homem do plástico, que descarta cada exemplar de saco que desce o rio, pode causar danos irreparáveis ao ambiente, pois a cada subida ou descida das águas os plásticos de diversas cores e estilos ficam presos às árvores em áreas de igapós, de várzea ou semienterrados nas praias. A *Terra Preta do Tabocal* talvez foi erguida pelas sociedades pré-colombianas por meio do esforço coletivo. O esmero e as ideias da sociedade do município de Urucurituba fizeram o mesmo esforço coletivo para fundar a nova sede da cidade.

²² - As convenções deliberadas pelas Nações Unidas na década de 70 do século XX postulavam a necessidade de uso dos recursos naturais de forma sustentável. A Carta Magna Brasileira de 1988 elenca em seu item VII, § 4.º do artigo 225, como recursos naturais “a água, o solo, as florestas, os campos, a vida animal, os minerais e a paisagem” (UNBIS, 1986 *apud* Fonseca, 2011, p. 145).

3.5 Sociedade e ambiente em Urucurituba-AM

Descrever o ambiente no Estado do Amazonas é complexo devido às mudanças de temperaturas significativas no meio físico. Por exemplo, os estudos geográficos acusam que, na região da Amazônia Central, as subidas de águas ocorrem no início do mês de novembro, provenientes das chuvas que caem nas cabeceiras dos rios tributários do rio Amazonas, e seguem na região até a primeira ou a segunda semana do mês de junho. É isso que, geralmente, é informado quanto aos aspectos geográficos pelo serviço geológico do Brasil, porém, Fonseca (2011, p. 47) informa que essas mudanças ocorrem devido ao fato de a área estar conectada ao quadrante a leste e recebe influência de alísios *quentes e úmidos* provenientes do Oceano Atlântico, que chegam fortes à região, nos meses de setembro a outubro, provocando temporais e dismantelando telhados de casas não bem planejadas na região²³. A cidade de Urucurituba encontra-se na porção sul do rio Amazonas, na coordenada geográfica 03° 07' 40.4'' de latitude sul e 058° 09' 32.8'' de longitude oeste (figura 18). Está separada da margem norte do rio Amazonas pela Ilha do Risco, que inicia a jusante da cidade de Itacoatiara e termina a jusante da cidade de Urucurituba; a área territorial desse município é de 2.906,701km², e sua população é de 17.837 IBGE (2010).

²³ - Fonseca (2011) caracteriza a região como um espaço geográfico com certa similitude, isto é, homogênea, que difere de outras paragens ou lugares.



Mapa 4: Município de Urucurituba-AM.
 Fonte: Suzy Pedrosa, 2015.

Na Ilha do Risco há vários lagos que são berçários de peixes, de aves e de outras espécies que usam o ambiente na reprodução. Porém, devido ao descontrole ambiental, em setembro de 2015, as águas do rio Amazonas ainda estavam bem altas. Segundo informação de pescadores, a água encontrava-se à altura do esperado para o mês de março, com as praias todas inundadas, o que interfere nas atividades que são desenvolvidas nelas, em que são plantadas diversas culturas de várzea, como o feijão-de-praia ou quarenta-dias, o jerimum, o milho etc. Se as praias estão submersas, a alternativa para a produtividade agrícola são as áreas de terra preta em que é possível cultivar o milho, a melancia e outros produtos em pleno mês de setembro, período em que menos há a presença de chuvas nessa mediação do município. Mas, a ocorrência de milhares de fragmentos cerâmicos nos pacotes de solo de terra preta contribui para reter a água nesse tipo de solo, tornando-se assim apto a atividades da agricultura familiar, pois não necessita de irrigar as plantações, ou seja, a terra preta funciona como se fosse uma esponja negra que suga a água; e, à medida que aumenta o nível

da temperatura, a água é expelida, revitalizando o solo pelas inúmeras raízes e pelo ninho de besouros, de moribundos, de minhocas, de cigarras e de outros pequenos animais que se aloca nas áreas de solo de terra preta, produzido pelas sociedades pretéritas possivelmente por vários acúmulos de resíduos sólidos e orgânicos há milhares de anos, em determinados locais de margens de rios ou de áreas de interflúvios (Neves, 2006; Miller 2009). É o que se tem percebido em práticas de campo, em auxiliar pesquisas arqueológicas na Amazônia há quase duas décadas.

Quanto aos Lagos do Piranha e do Arrozal, o primeiro encontra-se pouco a montante da área central da cidade; e o do Arrozal, por trás da cidade; são os principais ambientes que os moradores utilizam para a pescaria, para as plantações de manivas, de cará, de batata-doce etc. Nos fins de semana ou feriados, os moradores (pescadores e agricultores) costumemente transportam os produtos (peixe, farinha, banana etc.) para serem comercializados no Porto das Canoas, que fica ao lado do Terminal Rodoviário da cidade, no fim da Avenida Arco-Íris, próximo à Feira Municipal. Os produtos ficam nas canoas ou em pequenos carrinhos de mão, expostos aos compradores, nas primeiras horas da manhã.

Após as vendas, as canoas ficam presas próximo à praia, entre hastes de madeiras. É interessante observar a cultura e a sociedade interagindo no ambiente, pois a maioria dos moradores reside nos bairros que ficam na zona leste da cidade de Urucurituba, mas as canoas ficam perfiladas de frente para o rio, com a traseira próximo à praia. Cada canoa tem sua espécie de garagem, isto é, ela fica protegida dos *banzeiros* (figuras 16 e 17) provenientes dos navios que sobem e descem o rio Amazonas pela margem sul, parte em que fica o canal do rio.



Figura 16: Venda de peixe na Avenida Arco-Íris.
Foto: Carlos Augusto da Silva, set., 2015.

Figura 17: Canoas presas a hastes
Foto: Carlos Augusto da Silva, set., 2015

As figuras 16 e 17 mostram bem como as pessoas que residem à margem dos rios no Estado do Amazonas utilizam a interação com o ambiente, de tal forma que recorrem às medidas de proteção contra as intempéries oriundas do meio físico. A cada subida ou descida das águas surgem diferenças que só quem mora na área pode avaliar, assim como as providências a serem tomadas. Falar em providência foi o que ocorreu no cognitivo do ex-prefeito Félix Vital, quando por meio de associações de ideias transferiu a cidade de Urucurituba-AM de área de inundação para área alta de terra firme²⁴. Porém, não sabia que nessa banda da “Terra Preta do Tabocal” (Neves, 2009, p. 31) havia uma espécie de assoalho negro, talvez de fundos de aldeias de sociedades pré-colombianas. Para a escolha de ambiente para erguer as aldeias havia possivelmente membros especialistas, além da necessidade de uma ampla leitura dos caminhos dos ventos e das chuvas. Assim, a supressão da vegetação parece que era altamente controlada por uma espécie de código florestal²⁵. Às margens dos rios não era feita supressão de vegetação, tendo em vista que a formação do rio Amazonas é muito irregular; assim, realizar a supressão de encostas nele significava gastar a energia humana em obras que não seriam estáveis. Por isso, é concebível que, nos sítios arqueológicos, geralmente quando não há interferências de sociedades humanas contemporâneas, o acesso ao topo deles é infestado de árvores. É o que foi possível perceber no sítio arqueológico denominado de Capim-Rã, na margem sul do lago homônimo, localizado próximo à Vila de Belo Monte, no município de Canutama-AM. As palmeiras e outras espécies de raízes funcionam como se fossem um amortecedor de veículo, amaciando a queda das águas pluviais Neves & Silva (2000) e diminuindo o risco de desbarrancamento, ou as *terras caídas*, que são frequentes na região que funciona como relógio ecológico (Santos 2006).

3.6 Urucurituba – o assoalho negro

É de praxe, em áreas altas (terra firme) ou de várzea haver ocupações de sociedades que se instalaram nesse ambiente. A área que vem desde a jusante do *Paraná da Eva* é quase

²⁴ - Expressão do Tupi – Terra firme: “é cá até = mato livre de inundação” (Carvalho, 2001 *apud* Fonseca, 2011, p.140).

²⁵ - O Código Florestal Brasileiro determina a distância de 500m de área de vegetação nas margens dos rios com mais 600m de largura. Lei n.º 12.651, de 25 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: set., 2015.

toda constituída de áreas altas e foi preferida para a alocação de assentamentos de sociedades pretéritas. Na área urbana da cidade de Itacoatiara, toda a orla da cidade, por ser uma área alta, foi escolhida para os assentamentos humanos pretéritos. As áreas dos paranás de Urucará margens (N) e de Boa Vista do Ramos (S) são repletas de sítios arqueológicos. Na cidade de Itapiranga localizada à margem norte do rio Amazonas, por estar em topo de terra firme há assentamentos pretéritos Lima e Silva (2004).

A área de Vila de Pedras (N), por ser alta foi escolhida para assentamentos humanos pretéritos. Em 2000, na passagem da Expedição de Humboldt, o *sítio arqueológico Vila de Pedras* foi identificado por Silva e Santos (2000). Na oportunidade foi observado que as famílias, de modo geral, tinham em seu poder diversos vestígios arqueológicos. Em uma delas havia fragmento de um *muiraquitã*, o qual as crianças utilizavam para fins de brincadeiras e o acondicionavam em caixas de papelão ou em pequenos paneiros de fibras de *arumã* (*Ischnosiphon ovatus*) ou de *jauari* (*Astrocaryum jauari*) (Araújo e Silva 2000).

Na visita da expedição à cidade de Maués, havia certo descontentamento de eleitores, pois, na eleição municipal o candidato Sidney Leite havia sido eleito prefeito do município, e os leitores descontentes com o pleito, atearam fogo no alto do prédio onde funcionava o comitê do candidato. Nesse sentido, havia toque de recolher na cidade. Mesmo assim, em contato com o radialista da cidade, da “Rádio Guaranópolis”, feito pelo diretor do Museu Amazônico-UFAM, Francisco Jorge dos Santos, foi informado que na localidade chamada de “Canaranas” havia vestígios de sociedades pretéritas.

No dia seguinte, a equipe se deslocou até a localidade e constatou a veracidade do sítio arqueológico que havia aproximadamente 300 urnas funerárias em formato de semicírculo, com partes das bordas expostas na rua principal da comunidade homônima. E uma urna havia sido exumada pelos moradores quando realizavam intervenção no solo para a instalação de rede hidráulica na comunidade. A urna estava depositada numa pequena casinha que servia de almoxarifado, juntamente com várias peças de microtrator doado pelo “Projeto Terceiro Ciclo de Interiorização do Desenvolvimento”, do Governo do Estado do Amazonas Nina (1995). Tratava-se de uma urna funerária da filiação cultural *Paredão* (Hilbert, 1968). Havia dois apliques antropomorfos no ombro da urna bojuda, com base bem pequena, de aproximadamente de 6 a 10cm de largura.

Em 2004, os sítios Vila de Pedras e Canarana foram visitados pelo *Projeto Baixo Amazonas* (Lima e Silva 2004). O primeiro estava sendo impactado por obras, devido ao processo urbano de implantação do porto de embarque e desembarque e da rua de acesso ao

terminal; no segundo não havia tanta alteração, porém na urna parte do gargalo tinha sido fragmentado pela rápida exposição. O que se pode perceber nas áreas previamente listadas é que há elevados números de vestígios cerâmicos e dinâmicos estratos de solos de terras pretas impressionantes.

A área urbana de Urucurituba-AM e suas regiões adjacentes também têm essas características supracitadas. Tudo indica que a área urbana da cidade foi um grande assoalho negro de fundos de aldeias, que aqui poderia chamar-se de *pequena metrópole indígena pré-colombiana*, pois, do início das obras de construção do município até o presente, os vestígios têm a mesma intensidade e estão por todos os lugares. Foi devido ao alto nível de vestígios expostos nas ruas e à não retirada da primeira urna funerária que, em 1981, conforme Neves (2009), o Governo do Estado do Amazonas tomou a iniciativa no sentido de averiguar tais achados. Assim, o “Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas” (ROCHA, 1983. p.12) desencadeou o projeto de escavação arqueológica para cientificar-se de volumes culturais soterrados na área da cidade.

Com o projeto denominado “Campanha Arqueológica do Município de Urucurituba (CAMUR I)”, sob a coordenação do arqueólogo Walter Rocha, os trabalhos de escavações ocorreram na segunda semana de setembro e se estenderam até a primeira semana de outubro (Rocha 1983). Dentre os órgãos que apoiaram as escavações, estava o Executivo municipal de Urucurituba.

Segundo informações de moradores, as escavações ocorreram na área central da cidade, nas mediações das Avenidas Castelo Branco e Arco-Íris. Na primeira delas, há um pequeno bosque no qual, em fins de tardes, os moradores realizam práticas desportivas; entre as áreas de lazer, há alguns exemplares de seringueira (*Hevea brasiliensis*). Foi nessa mediação que fora encontrada a primeira urna funerária por um morador, quando escavava um fosso no assoalho negro para alocar uma fossa séptica. E, assim, a liderança do projeto abriu os primeiros poços-testes numa tentativa de delimitação do *sítio arqueológico Urucurituba*. Na continuação das escavações, foram abertos em outros pontos, como na Avenida Arco-Íris. No fim das escavações, a coordenação chegou a definir que “O que se pode adiantar é que parte dos artefatos pertence à Subtradição Guarita” (ROCHA, 1983, p. 3). De fato, as primeiras camadas culturais pertencem a essa indústria, porém, a partir dos níveis subsequentes, entre os vestígios encontrados em coleções arqueológicas que estão nas residências dos moradores e na Biblioteca Municipal, há indústrias que podem estar associadas a outras filiações culturais pré-colombianas existentes nas áreas dos municípios do

médio Rio Amazonas, Rio Maués e baixo Rio Madeira. São estes: Itacoatiara, Silves, Itapiranga, São Sebastião do Uatumã, Urucará e Nhamundá; Urucurituba, Boa Vista dos Ramos, Barreirinha, Parintins e Maués, Rio Madeira; Nova Olinda do Norte, Borba, Novo Aripuanã; Manicoré e Humaitá.

Nas coleções é possível inferir que o sítio arqueológico Urucurituba foi densamente habitado devido ao volume de artefatos que estão dispersos na área urbana e rural, numa extensão de aproximadamente 15km, a jusante do Lago do Agostinho, e se estende até o campo de futebol, até a “Arena Tabocal” e, de fundo, atinge o Lago do Arrozal, conforme informação de moradores. A rua de acesso ao lago tem de cinco a seis quilômetros. Há grande volume de vestígios encontrados pelos moradores na área urbana ou rural mencionada quando há intervenção no solo, seja por atividades de obras públicas e privadas, seja quando há desabamento das encostas do rio Amazonas ou nos lagos. Nessas circunstâncias, os vestígios ficam expostos, e os mais significativos são recolhidos por crianças, pescadores, agricultores etc., ficando nas casas dos moradores ou são entregues a José Alberto Neves, que reside na Rua Olívia Gomes, n.º 15.

A coleção vem sendo visitada desde 2000 quando foi identificada pelo Diretor da Divisão de Arqueologia, Carlos Augusto da Silva, e por Francisco Jorge dos Santos, Diretor do Museu Amazônico (MA-UFAM). Em 2005, a coleção foi visitada por um grupo de jornalistas de uma TV da Europa que estava fazendo um documentário sobre terra preta na Amazônia. Eduardo Góes Neves e Carlos Augusto da Silva fizeram parte do documentário. Em 2007, a coleção foi visitada pelos grupos de pesquisadores do PIATAM (Potenciais Impactos Ambientais no Transporte Fluvial de Gás Natural e Petróleo na Amazônia) e pelo gerente da Petrobras. Em 2012, surgiu a ideia de realizar o estudo da coleção arqueológico por Eduardo Góes Neves, pois Carlos Augusto da Silva tinha sido selecionado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia do ICHL-UFAM. Era uma oportunidade de realizar o inventário da coleção preliminarmente. Em 2013, por meio de alguns telefonemas e de visita à coleção, o professor José Alberto Neves aceitou que fosse feito o estudo, pois, devido ao volume da coleção, era necessário realizar quanto antes a análise dos vestígios.

3.7 A Casa Museu José Alberto Neves

O nome Casa Museu José Alberto Neves é sugestivo devido ao fato de haver uma das melhores coleções arqueológicas de que se tem notícia no Estado do Amazonas, reunida por esforços solitários do professor ao longo de décadas, o qual vem juntando e organizando o espaço para o acondicionamento da coleção. Ele também faz outras coleções, como de plantações de espécies de árvores frutíferas, medicinais, criação de animais silvestres que encontra em suas caminhadas pelas ruas e avenidas da cidade; conduz as espécies para o seu quintal florístico e faz a devida recuperação dos animais; e, dependendo da condição física destes, são devolvidos ao seu *habitat*. É ceramista; faz ensaios das peças arqueológicas que são doadas utilizando técnicas e sempre buscando modelos semelhantes às que recebeu ou coletou. É escritor; recentemente lançou o seu segundo livro sobre a história de Urucurituba e dos diversos vestígios arqueológicos que tem reunido; é um autêntico coletor do tempo; um ser humano extremamente simples, pois sempre diz que está aprendendo. Nasceu no município de Manacapuru, em 1939; já viajou por vários estados e municípios da Região Norte. Observou bastante a área do Estado do Acre; passou algum tempo na Bolívia, onde conseguiu aprender a língua espanhola. Atualmente, encontra-se aposentado na condição de professor da rede estadual de educação e é graduado em Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas.

As coleções de plantas que há no seu quintal são importantes, haja vista que contribuem para que os passarinhos, borboletas etc. busquem refúgios e se alimentem dos frutos (figura 18). A exemplo disso, existem as árvores de graviola, de cupuaçu, de abiu, de ingá e outras espécies. Na cerâmica, as estampas de cores estão cravadas nas peças arqueológicas. O professor também cultiva plantas para o uso de chás na medicina popular. Há vários exemplares; dentre as espécies, foi observado o *pirarucucaá* (*Corama sp.*), cujas folhas trituradas no liquidificar e adicionadas ao mel de abelha constituem um excelente xarope para tratar resfriado (Silva, Moraes, Noda 2010); o crajiru é usado como corante para tingir as fibras de tucumã; há outras fibras de espécies vegetais para serem utilizadas em artefatos de trançados, como chapéus, peneiras etc. No quintal há um exemplar de canela (*Aniba canelila H.B.K. Mez*); na verdade, esta foi uma das causas da expedição de Francisco Orellana, em 1542, cuja meta era encontrar a espécie na Amazônia das águas. Na época, era a especiaria de aceitação no mercado europeu. Ao lado da casa, há um exemplar de canela que

o professor recolheu em Manacapuru e plantou há cerca de 20 anos (Neves, 2015, comunicação pessoal) quando se realizava o serviço de retirada de parasitas dos galhos das folhas, colhidos pelos vizinhos. Segundo o professor José Alberto, o chá da folha da canela com a farinha de tapioca é delicioso. E recentemente vem realizando a apicultura, devido ao fato de que, com as flores que há no quintal, a presença de abelhas *jandaíra* (*Melipona subnitida*) é frequente; instalou pequenas caixinhas debaixo das árvores de abiu e de graviola para acondicionar as abelhas.



Figura 18: Cores branca e preta presentes na cerâmica arqueológica, são as mesmas da borboleta.
Foto: Carlos Augusto da Silva, set., 2015.

Os ensaios cerâmicos são feitos quando recolhe ou recebe uma peça arqueológica com detalhes informando sobre a fauna ou quando o homem se vale dos locais onde recolheu a argila especial para realizar a reprodução dos artefatos obtidos. Na estante há alguns experimentos cerâmicos que foram elaborados nos últimos anos, nos quais são utilizados os mesmos temperos presentes em vasilhames arqueológicos. As semelhanças técnicas, às vezes, ficam bem próximas dos artefatos arqueológicos. Os exemplares de colheres arqueológicas que há na coleção foram reproduzidos somente na base de observações, ao olhar a peça arqueológica. E, ao realizar a análise com lupa binocular, o tempo é o mesmo que há na colher; a paisagem é muito próxima da colher arqueológica.

O seu quintal é um pequeno refúgio de vida de animais. Nas flores, o beija-flor realiza voos recolhendo o néctar existente nas variedades de espécies. Recentemente, lançou um livro importante para a discussão da história do município de Urucurituba. E, nas horas em que não está na organização do acervo, realiza caminhadas nas ruas largas da cidade dialogando sobre os aspectos da atual situação do desequilíbrio ambiental, pois acha que boa parte desse descontrole é causada pela falta do conhecimento educativo da maioria da sociedade, que pensa que os estoques de recursos disponíveis ainda existentes são intermináveis. Quanto à coleção arqueológica iniciou quando recebeu uma lâmina de machado de formato semilunar nos anos de 1980. Daí adiante, quando observa que o artefato vai ser engolido pelas águas do rio Amazonas, ele o recolhe e o incorpora ao acervo, que estima ter de vinte e cinco a trinta e cinco mil exemplares, alguns intactos. A cada exemplar há uma história a ser narrada de como as sociedades interagiam nessa área, em que havia bastante urucuri (*Attalea phalerata*). Porém, devido à expansão urbana, a espécie está ficando dispersa.

3.8 Procedimento para inventariar a coleção

No sentido de desenhar a metodologia para iniciar o inventário da coleção, pautou-se no fundamento do método de Morin (2010, p. 272), o qual caracteriza que não é possível perceber a totalidade de qualquer objeto sem, contudo, fazer uma avaliação geral de seu contexto (Geertz 2008). Nesse sentido, faz-se necessário avaliar o procedimento de interação e a organização, cuja meta é identificar a parte (a peça) do conjunto e sua inserção com o todo da coleção (José Alberto Neves e a comunidade que recolhe os vestígios ameaçados nas áreas urbana e rural de Urucurituba-AM, isto é, o sistema em operação). Na acepção de Morin (2010) é um sistema que pode ser aplicado em qualquer campo do conhecimento científico, seja na biologia, seja nas relações sociais (Cruz 1994, p. 13), em que o todo é a interação com as partes, e vice-versa, muito embora nem sempre haja a mesma simetria, pois, no método sistêmico, a perspectiva é de não trabalhar com a ordem e sim com a desordem, ou seja, busca-se o significado de cada elemento do todo para interagir com o sistema e para organizá-lo (Morin 2010, p. 268).

Então, o todo é a quantificação da coleção arqueológica, cuja estimativa é de 25 a 35 mil peças. Para a realização do registro, desenvolveu-se o banco de dados, no qual a meta é de registrar o histórico de cada peça no sistema de língua computacional denominado de

*EasyPHP*²⁶, como se vê na figura 19, no perfil do método de Morin (2010), onde o sistema interação e a organização estão alinhados por meio da percepção da visibilidade de vestígios arqueológicos em qualquer ponto do município.



Figura 19: Esquema de auto-organização do método sistêmico de Morin (2010)

O esquema de auto-organização do método de Morin (2010) pode proporcionar certa organização dos vestígios arqueológicos coletados à margem sul do rio Amazonas, nos lagos do Agostinho, do Piranha, do Arrozal, do Tabocalzinho e na área central da cidade ou em regiões adjacentes ao município de Urucurituba-AM. Os monumentos arqueológicos foram constituídos a partir de interações de sociedades humanas pretéritas, que manifestam uma herança sentimental significativa, a qual é recolhida e depositada nas casas públicas e privadas, no citado município.

²⁶. - Banco desenvolvido por <www.lineds.com.br>.



Figura 20: Inserindo número de tempo no fragmento cerâmica.
Foto: Catarina Calheiros, set., 2015.

As convenções deliberadas pela Organização das Nações Unidas, no tocante à educação, à ciência e à cultura, das quais o Brasil é signatário, manifestam que as obras do passado devem ser contempladas pelos Estados-membros, “considerando que a história do homem implica o conhecimento das diferentes civilizações; que é preciso, portanto, em nome do interesse comum, que todos os vestígios arqueológicos sejam estudados e, eventualmente, preservados e coletados”. (UNESCO, Nova Delhi, 1956, Brasil, 2004, p. 70). Seguindo essa linha de acordos internacionais, a coletânea sediada na casa do colecionador José Alberto Neves, pode ser contemplada pela efetiva ação em favor do bem comum em preservar a valiosa coleção arqueológica, de forma que, após ser inventariada, seja disponibilizada à sociedade em forma de exposição ou para fins de pesquisas científicas.

Feita essa consideração, a coleção foi organizada a partir da sequência numérica afixada em cada peça (figura 20), descrita no banco de dados, a qual está de certa forma organizada no Livro de Tombo (Neves 1998-2013), onde cada peça da coleção tem um histórico (o dia, o ano, o coletor e uma descrição do achado). O banco inicia com o código de referência de cada peça e os seus demais itens descritivos (figura 24).

BANCO ESPECÍFICO DA COLEÇÃO JOSÉ ALBERTO NEVES		
Nome *	Código *	Origem *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Foto 1 *	Foto 2 *	Foto 3 *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Tamanho *	Peso *	Estado de conservação % *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Estado da peça *	Higienização (SIM / NÃO) *	Observação livro JAN *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Observação livro CAS *	Código *	Estado *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Município *	Comunidade *	Nacional *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Data *	Local *	Caixa *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Procedência *	Silo *	Coleção *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Data registro JAN *	Número Tombo JAN *	Morfologia *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Morfologia *	Procedência *	Outra *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Descrição *	Relevância *	Reconstruído *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Tipo de Descrição *	Técnica Construção *	Tempo *
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Figura 21. *Links* do banco de dados.
Fonte: Line design.

3.9 A inserção da coleção no banco de dados

O banco digital foi desenvolvido no sentido de usar o mínimo de fichas impressas. Por se tratar de uma coleção, estima-se que haja de 25 a 30 mil peças. Caso fosse aberta uma ficha para cada peça, ter-se-ia um número elevado de papel impresso. Então, a proposta do banco digital tem como parâmetro racionalizar o uso de papel para a descrição da coleção. A metodologia que se utilizou foi a análise da peça e, na sequência, a digitação de suas características. As peças estão registradas nos livros de tombo (Neves 1998-2013), cuja sequência numérica de 001 a 2642 foi adicionada ao banco digital, contudo aquelas cujas análises não foram feitas foram acondicionadas em caixas para que se proceda em breve aos devidos estudos.

Do universo de 2642 peças catalogadas, foram organizados dez conjuntos de peças para realizar o processo de análise em conformidade com o método sistêmico (Morin 2010),

que tem como propositura sistematizar cada elemento do conjunto, pois cada peça tem uma determinada especificidade. Os conjuntos estão descritos na tabela 9 abaixo.

Tabela 09: Conjunto das coleções

n.º	Tipo	Tombo	Conj.	Engobo	Sítio	Município	Fase	Tradição
01	Urna	0045	1	Branco	Terra Preta	Manacapuru	Guarita	Policroma da Amazônia
02	Urna	0046	1	Branco	Terra Preta	Manacapuru	Guarita	Policroma da Amazônia
03	Urna	2616	1	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Mirancanguera	Policroma da Amazônia
04	Urna	2617 A e B	1	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Mirancanguera	Policroma da Amazônia
05	Urna	1718 A e B	1	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Mirancanguera	Policroma da Amazônia
06	Urna	1752	1	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Mirancanguera	Policroma da Amazônia
07	Urna	2615	1	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
08	Urna	1435 A e B	1	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
09	Urna	1320	1	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
10	Pote	1682	1	Branco	Tabocalzinho	Urucurituba	Silves	Policroma da Amazônia
11	Pote	1660	1	Polimento	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Silves	Policroma da Amazônia
12	Pote	1489	1	Polimento	Arrozal	Urucurituba	Silves	Policroma da Amazônia
13	Pote	1490	1	Branco	Estrada do Arrozal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
14	Pote	1488	1	Inciso	Lago do Arrozal	Urucurituba	Konduri	Inciso e Ponteadado
15	Pote	2618	1	Polimento	Lago do Arrozal	Urucurituba	Itacoatiara	Inciso e Ponteadado
16	Pote	1709	1	Polimento	Boca do Bonifácio	Itacoatiara	Itacoatiara	Inciso e Ponteadado
17	Urna	2605	1	Branco	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
18	Urna	1735 A e B	1	Vermelho	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
19	Urna peq.	1734 A e B	1	Vermelho	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
20	Urna peq.	1733 A e B	1	Vermelho	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
21	Alguidar	1736	2	Branco	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
22	Alguidar	2613 A e B	2	Polimento	Cidade de	Urucurituba	Konduri	Incisa e Ponteadada

					Urucurituba			
23	Alguidar	1601	2	Inciso	Lago do Arrozal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
24	Tampa	1530	2	Vermelho	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
25	Tampa	1576	2	Vermelho	Estrada do Arrozal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
26	Tigela	2565	3	Ausente	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
27	Tigela	2570	3	Polimento	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
28	Tigela	2560	3	Polimento	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
29	Tigela	2537	3	Polimento	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
30	Tigela	2574	3	Polimento	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
31	Tigela	2575	3	Inciso	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
32	Tigela	2640	3	Inciso	Lago do Arrozal	Urucurituba	Pocó	Borda Incisa
33	Tigela	2538	3	Inciso	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
34	Tigela	2561	3	Polimento	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
35	Tigela	2560	3	Polimento	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
36	Tigela	2562	3	Polimento	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
37	Tigela	2572	3	Vermelho	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
38	Tigela	2571	3	Polimento	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
39	Tigela	2583	3	Polimento	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
40	Tigela	2567	3	Inciso	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
41	Fruteira	1700	4	Inciso	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
42	Fruteira	1702	4	Inciso	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
43	Fruteira	1687	4	Inciso	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
44	Fruteira	1697	4	Inciso	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
45	Prato	2606	5	Branco	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
46	Prato	2607	5	Branco	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
47	Prato	2614	5	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
48	Flange mesial	2595	6	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia

49	Flange mesial	2596	6	Branco	Cidade de Urucurituba	Urucurituba	Guarita	Policroma da Amazônia
50	Cuia de macaco	1638 A	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
51	Cuia de macaco	1638 B	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
52	Cuia de macaco	1638 C	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
53	Cuia de macaco	1638 D	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
54	Cuia de macaco	1638 E	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
55	Cuia de macaco	1638 F	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
56	Cuia de macaco	1638 G	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
57	Cuia de macaco	1638 H	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
58	Cuia de macaco	1706 A	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
59	Cuia de macaco	1706 B	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
60	Cuia de macaco	1706 C	7	Polimento	Área Rural	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
61	Colher	1883	8	Inciso	Lago do Arrozal	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
62	Colher	0526	8	Inciso	Lago do Arrozal	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
63	Colher	1881	8	Inciso	Lago do Arrozal	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
64	Colher	2642	8	Inciso	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
65	Colher	1882	8	Inciso	Estrada do Arrozal	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
66	Colher	0515	8	Inciso	Lago do Arrozal	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
67	Colher	1753	8	Inciso	Lago do Arrozal	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
68	Colher	1478	8	Inciso	Lago do Arrozal	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
69	Colher	1704	8	Inciso	Tabocalzinho	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
70	Colher	2624	8	Inciso	Tabocalzinho	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada
71	Colher	1478	8	Inciso	Zona Urbana	Urucurituba	Silves	Incisa e Ponteadada

72	Panela	1671	9	Vermelho	Av. Arco-Íris	Urucurituba	Caparu	Policromia da Amazônia
73	Panela	0047	9	Vermelho	Zona Urbana	Urucurituba	Caparu	Policromia da Amazônia
74	Trempe	2597	10	Rústico	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
75	Trempe	2598	10	Rústico	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
76	Trempe	2599	10	Rústico	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
77	Trempe	2600	10	Rústico	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
78	Trempe	2601	10	Rústico	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
79	Trempe	2602	10	Rústico	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
80	Trempe	2603	10	Rústico	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
81	Trempe	2604	10	Rústico	Fazenda Tabocal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa
82	Trempe	1109	10	Rústico	Lago do Arrozal	Urucurituba	Paredão	Borda Incisa

Organização dos conjuntos de peças intactas ou fragmentadas.

Fonte: Livros de tombos Neves (1998 – 2013).

A propositura de organizar os conjuntos teve por objetivo avaliar as partes deles, então foi possível organizar onze, os quais foram formados por denominações, de modo que em cada parte do conjunto há uma informação e a organização de cada peça, conforme se estipulou na tabela 10.

Tabela 10. Estado de conservação das coleções

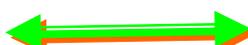
Estado de conservação (%)	Estado da peça
Nível - 00-25 = 1 	● Restaurada = 1
Nível - 25-50 = 2 	● Restaurada parcial = 2
Nível - 50-75 = 3 	● Intacta = 3
Nível - 75-100 = 4 	● Fragmentada = 4

Tabela 10. Ordens de estado e conservação das peças.
Fonte: Neves (1989 - 2015).

As tabelas nove e dez contêm os aspectos gerais, tais como o nome da peça, o sítio arqueológico do qual foi recolhida, o estilo de decoração, a fase e a tradição a que cada peça está filiada. Ademais, estão os níveis de porcentagem de conservação de (00 a 100%) e o estado da peça (1 a 4). As 82 coleções selecionadas na tabela nove as descrições estão no capítulo quatro, no qual serão feitas associações a outros conjuntos ceramistas regionais pré-colombianos.

Para a prática de usar artefatos cerâmicos nas áreas adjacentes aos municípios do médio rio Amazonas, para algumas atividades, as sociedades humanas contemporâneas ainda utilizam os fornos de cerâmica por perceberem que produzem certa estabilidade de aquecimento, além de não interferirem no processo de torrefação de sementes de cacau e de guaraná (figuras 22 e 23).

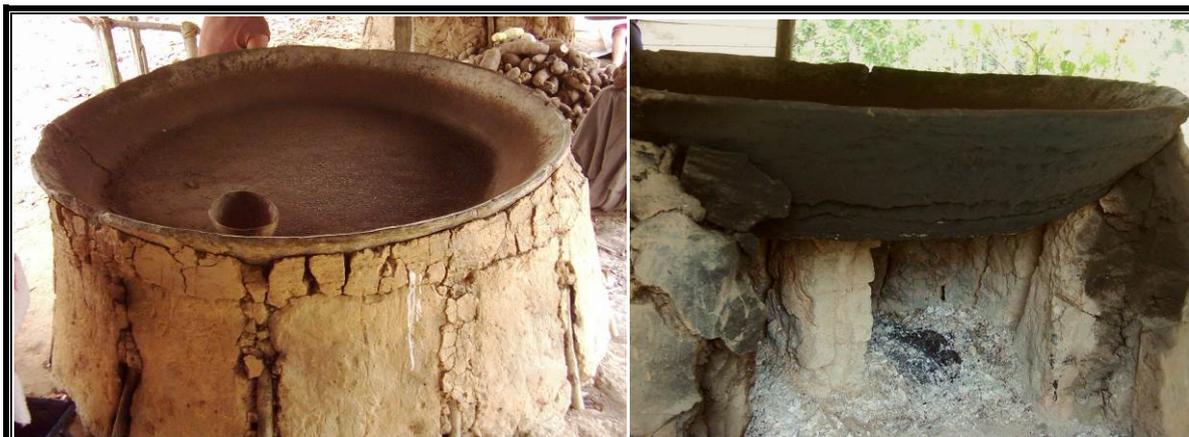


Figura. 22. Forno de cerâmica de torrar farinha e de secar o cacau e o guaraná, Barreirinha, comunidade Freguisia do Andirá.

Foto. Carlos Augusto da Silva, nov., 2004.

Figura. 23. Parede do forno com negativo de camadas de fumaça

Foto. Carlos Augusto da Silva, nov., 2004.

As imagens possibilitam perceber que o uso de forno cerâmico tem na verdade, longevidade; e esse modelo está associado à memória das sociedades humanas que interagem com o sistema (cerâmica) na produção de alimentos sustentáveis. Depois de dez ou 15 anos de uso, o centro do forno fica desgastado, sendo necessária sua substituição. Mas, continua a servir, pois seus fragmentos podem ser reutilizados em outras atividades; por exemplo, é útil para plantar pimenta, cebolinha e outras espécies. Ele transforma o ambiente em paisagem, o que é comum perceber nas áreas ou nos *terreiros* de pequenos produtores da agricultura familiar (Noda 2007).

CAPÍTULO 4: ÁREA DE INTERAÇÃO CERAMISTA NO MÉDIO RIO AMAZONAS PRÉ-COLOMBIANO

“Terminada esta festa mettem os ossos dentro de uma igaçaua, ou urna funerea e a enterram dentro da casa do fallecido”. (Barbosa Rodrigues, 1875, p. 95).

4.1 A cerâmica, o útero eterno

O texto de Barbosa Rodrigues, que em seu relatório de 1875, descreveu aspectos etnográficos das áreas dos rios Urubu, Uatumã e Jatapu, os costumes dos índios *Arauaquis* e *Pariquis*, que interagiam nesses rios, destacando o estilo de arquitetura, onde a aldeia era circular, e a cerâmica era o útero da eternidade, isto é, servia como depósito fúnebre. O evento era para todos os membros da família e para as das aldeias circunvizinhas; o cadáver era colocado dentro de um saco de palha para facilitar o seu manuseio, a fim de que todos os homens dançassem com o morto enganchado nas costas, até que houvesse o cansaço por parte dos dançarinos e o último deles fizesse o ritual. Na sequência, o cadáver era posto numa grande fogueira; os ossos que não eram queimados totalmente eram pintados com o corante preparado pelas mulheres, à base de urucu (*Bicha orellana*); e ao mesmo tempo os participantes ingeriam o *caxiri*. Enquanto houvesse essa bebida a festa continuava, ao término da qual era realizado ato fúnebre, em que os restos mortais eram sepultados em urna funerária na aldeia do falecido ou em cemitério específico Barbosa Rodrigues (1875a).

Na descida da expedição de Pedro Teixeira, em 1639, Acuña salientou que na margem sul do rio Amazonas, a jusante da foz do rio Madeira até o baixo Tapajós havia excessivas concentrações de sociedades indígenas; dentre as quais estavam os “Zapucayas e os Urubutingas, que eram peritos em lavar objetos de madeiras. Depois desses vêm os Guaranguacas, Maráguas, Quimaus, Burais, Punouys, Oreguatus e Aperas (...)” (Acuña, 1994, p. 147). Elas mantinham relações sociais, comerciais e culturais com os Tupinambás e com as demais áreas de interflúvios do setor norte do rio Amazonas, onde havia os Cunuris, que interagiam com o baixo e médio rio Trombetas.

Na área do baixo Tapajós, as sociedades humanas praticavam procedimento de manejo do ecossistema, do qual retiravam os recursos disponíveis no ambiente, no sentido de equilibrar ou estabilizar a abundância de alimentos para as aldeias. A variedade de alimentos

foi importante para que na foz do Tapajós houvesse concentrações de aldeias com estimativas próximas de seiscentas famílias Acuña (1994, p. 157). Numa das aldeias foi feito um intervalo para que membros da expedição diminuíssem o cansaço da viagem. Durante a estada, talvez pela irregularidade de estoques de alimentos, as crianças e o gênero feminino traziam produtos como farinha, frutas e pescado para os membros da expedição.

Em 1691, quando o padre Samuel Fritz subia o rio Amazonas em canoas possantes, parou na aldeia de Cameté-PA, por dois dias. Durante a parada, foi tomada providência no sentido de garantir o abastecimento de alimentos aos viajantes. Assim foi providenciado o embarque de “duzentos paneiros ou cestos de farinha de mandioca” (Fritz, 2006, p. 100). Um paneiro com farinha pesa em média vinte quilogramas, então o suprimento de farinha foi de cerca de quatro mil quilogramas, talvez suficiente para a longa viagem da foz ao alto rio Amazonas. Para acondicionar a farinha em paneiro é preciso que haja procedimentos necessários para que não ocorra o rompimento da embalagem. Assim, o paneiro pode ser fabricado de fibras de jauari (*Astrocaryum jauari*), tucumã (*Astrocaryum tucuma*) ou murumuru (*Astrocaryum murumuru*), como se vê nas figuras 24 e 25. Outro procedimento que talvez venha de longo período é a prática de peixe seco. Carvajal (1941) registrou que em certas medições, quando desciam o rio Solimões-Amazonas em 1541, perceberam que em algumas aldeias havia peixes estendidos em jiraus (estruturas de madeira) para depositar qualquer produto para secar ou armazenar. Então, farinha e peixe sempre foram uns dos itens da dieta alimentar das sociedades humanas amazônicas (Lathrap 1970 p.52-53).



Figura 24: Farinha armazenada em paneiros, área do porto da cidade de São Paulo de Olivença. Foto: Carlos Augusto da Silva, nov., 2011.



Figura 25: Pirarucu salmourado, área do porto da cidade de São Paulo de Olivença. Foto: Carlos Augusto da Silva, nov., 2011.

As sociedades se utilizavam dos recursos disponíveis no ambiente para acondicionar ou armazenar alimentos ou sementes. A figura 24 mostra uma das tecnologias que foram e

ainda são utilizadas pelas sociedades que se adaptaram aos ambientes de ecossistemas de várzeas e de terra firme. Os paneiros acima são de um mesmo tamanho, tecidos de fibras de jauari, empalhados de folhas de sororoca (*Ravenala guaianensis*). A farinha é introduzida no interior do paneiro, o qual é enchido até formar uma porção que fique acima da borda do recipiente. Na sequência, as folhas são dobradas e costuradas ou entrelaçadas com fibras de *munguba* (*Pachira aquatica*) ou periquiteira (*Trema micrantha* L. Blum.). Esse sistema de embalagem talvez fosse elaborado para transportar a farinha por longas distâncias, pois a base, a parede e o topo do paneiro são protegidos pela folha da sororoca, de forma que se o recipiente fosse cometido de umidade causada por chuva ou *banzeiro*, o conteúdo não seria afetado, pois as folhas entrelaçadas têm a função de proteger a farinha. Portanto, a embalagem funcionava como se fosse uma *panacarica* (pequena cobertura feita de cipó e folhas de ubim ou mariri), a qual às vezes é colocada no centro da canoa. As expedições que desceram ou subiram o rio Amazonas nos primeiros séculos de conquista talvez tenham se utilizado dessa estratégia, possivelmente elaborada pelas sociedades tradicionais na Amazônia que são extremamente ecológicas.

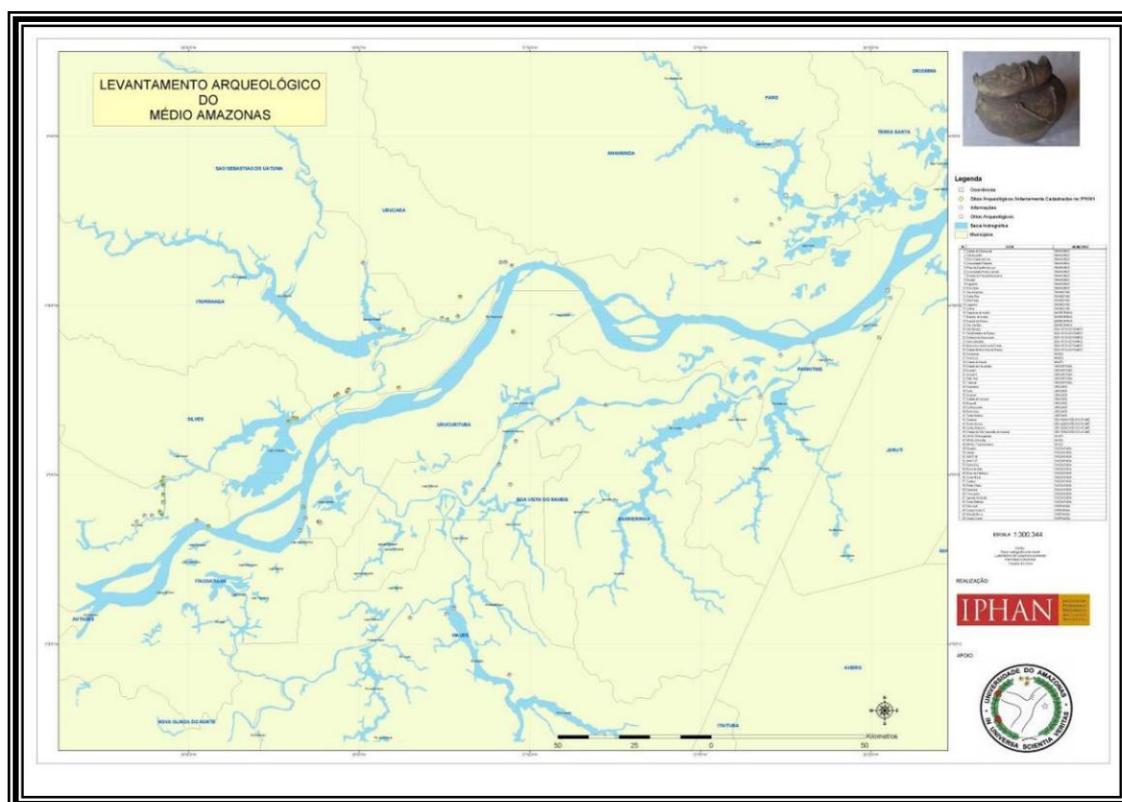
Os duzentos paneiros de farinha, após os descartes se tornam adubos orgânicos, que possivelmente foram um dos componentes de interações junto aos recursos naturais para a formação de estratos de solo de *terra preta na Amazônia*. Feitas essas rápidas anotações, passa-se aos monumentos cerâmicos dispersos nas sedes municipais do Amazonas.

A área do médio e baixo rio Amazonas é entrelaçada por rios, lagos, igarapés, furos, paranás, que foram efetivamente utilizados para áreas de assentamentos ou de produção. Nos assentamentos há paisagens fabulosas, pois, além de haver os estratos de *terra preta* há infinitudes de fragmentos cerâmicos; a cobertura vegetal é composta de variedades de espécies fundamentais para amenizar as altas temperaturas, principalmente nos meses de agosto a novembro. Assim, ao mesmo tempo que aquelas sociedades humanas se utilizavam de certas áreas para residências, também praticavam o processo de manejo de espécies úteis ao convívio social e cultural. E, na produção de utensílios viáveis aos processos de acondicionamentos de alimentos ou rituais, a cerâmica é uma das atividades que foram elaboradas por milênios na calha do médio e baixo rio Amazonas e áreas adjacentes.

Devido às centenas ou milhares de fragmentos cerâmicos existentes em assentamentos pretéritos no Estado do Amazonas, as sociedades residentes nessas áreas costumam reunir em ambientes públicos ou privados coleções arqueológicas, às vezes contendo peças intactas. O Projeto de Levantamento de Sítios e Coleções Arqueológicas no Médio Amazonas (Lima e

Silva 2004) identificou 66 sítios e 47 coleções arqueológicas em onze municípios do Amazonas. São eles: Itacoatiara, Silves, São Sebastião do Uatumã, Urucará, Nhamundá, Parintins, Barreirinha, Boa Vista dos Ramos, Maués e Urucurituba.

Nesses municípios, as sedes estão sobre sítios arqueológicos de forma que em qualquer intervenção no solo, os fragmentos cerâmicos ou de terra preta surgem o (mapa 5). A relação de sítios arqueológicos identificados e conhecidos, alguns no Banco Nacional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – CNSA/IPHAN –, abrange 46 unidades.



Mapa 5: Sítios arqueológicos dos municípios do médio Amazonas

Fonte: Segundo Relatório de Levantamento de Sítios e Coleções Arqueológicas encaminhado à Primeira Superintendência do IPHAN do Amazonas, 2005.

Na cidade de Itacoatiara os estratos de solo de *terra preta* estão em boa parte da orla da cidade, onde devido ao processo de urbanização, os fragmentos cerâmicos ficam expostos e às vezes são pisoteados ou atropelados por humanos, animais e veículos; na cidade de Silves, as áreas da igreja e do hospital municipal foram erguidas sobre uma grande ocupação que deixou significativos registros de fragmentos cerâmicos e no estrato de solo de *terra*

preta; na cidade de Itapiranga, devido ao fluxo de águas pluviais, milhares de fragmentos cerâmicos estão expostos próximo à igreja; em São Sebastião do Uatumã, na área da praça, há diversos fragmentos cerâmicos; Urucará e Nhamundá são repletas de fragmentos cerâmicos e estratos de solo de *terra preta* enormes. A cidade de Nhamundá por estar em uma pequena ilha, em épocas passadas era conhecida como “Ilha das cutias”, conforme comunicação pessoal de um morador da cidade, em novembro de 2004, devido à quantidade de árvores de tucumazeiro que havia no município. O tucumã é um dos indicadores de sítios arqueológicos na região. Nos lagos de Mamuriacá e Aduacá, ambos situados nos paranás homônimos, na comunidade denominada de São Benedito há de um a três quilômetros de fragmentos cerâmicos espalhados nos *terreiros* das residências na comunidade. Na cidade de Parintins, próximo à estrada do aeroporto, urnas da fase *paredão* estão no perfil onde foi retirado o solo para a pavimentação. Em Barreirinha, na comunidade denominada de *Freguesia do Andirá*, área em torno da Igreja de São Benedito é repleta de fragmentos cerâmicos e estratos de solo de terra.

Devido à grande demanda de fragmentos cerâmicos é comum as senhoras reunirem esses resíduos próximos às árvores para evitar o processo erosivo. Em Boa Vista do Ramos e Maués, a demanda de fragmentos cerâmicos nesses municípios é comum; as urnas estão nos caminhos ou debaixo do assoalho das residências (figuras 26 e 27); às vezes são utilizadas para chocadeira de galinhas, de patas ou para assar peixes, nos *terreiros* das residências.



Figura 26: Solo de terra preta e fragmentos cerâmicos sendo utilizados para conter a circulação de águas pluviais em torno da residência.

Foto: Helena Pinto Lima, nov., 2004.



Figura 27: Base e parede de urna funerária da fase “Paredão”, usada como fogareiro para assar peixe.

Foto: Carlos Augusto da Silva, nov., 2004.

Quanto à quantidade de fragmentos existentes nas comunidades, nas vilas, nas cidades do Amazonas, às vezes, dependendo do olhar de cada pessoa que reside ou trabalha nesse ambiente há imensidão de vestígios arqueológicos; os habitantes decidem reunir e fazer pequenas coleções.

Na própria Urucurituba foi o processo de urbanização e de *terras caídas* nas últimas décadas vem desenterrando milhares de fragmentos cerâmicos, líticos e ossadas humanas. Foi talvez a partir dessa ótica que o cidadão José Alberto Neves começou a reunir sua coleção, cujo estudo pode contribuir para elucidar a história dessas sociedades que interagiam nesses ambientes edificando *monumentos* nas águas, nas florestas e nos aterros de solos de *terra preta*; hoje, essa região é vital para os pequenos produtores de agricultura familiar, porém sem o devido cuidado com a observância à legislação patrimonial brasileira, a Lei de n.º 3924, de 26 de julho de 1961²⁷.

As coleções arqueológicas de cerâmicas da Amazônia estão em museus do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, além da Europa e dos Estados Unidos (Guapindaia 1993). As coleções do Rio de Janeiro, principalmente as que foram coletadas ou escavadas por Barbosa Rodrigues (1875) das áreas de Itacoatiara, de Silves e de São Sebastião do Uatumã, são verdadeiras obras de arte. Gomes (2002) fez o estudo da coleção arqueológica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, proveniente da região entre o rio Xingu e o Tapajós, que constitui uma sequência de interação das fases Tapajônica e Konduri. Para o estudo da *Coleção José Alberto Neves*, buscou-se principalmente avaliar o estado de conservação dos conjuntos. Bicho (2011, p. 450) caracteriza a necessidade de entendimento da totalidade de cada conjunto para que se possa na sequência realizar a característica morfológica de cada parte e as suas respectivas funções no meandro social ou cultural.

4.2 A Coleção José Alberto Neves

A coleção é composta por peças cerâmicas, líticas, ósseas e etnográficas. As coleções de cerâmicas e de líticos se encontram em processo de tombo; há 2642 peças identificadas com o número de tombo incluso em cada uma delas; as de ossos e etnográficas estão acondicionadas em pequenas caixas de isopor, de plástico e em pequenos recipientes de vidro. As coleções cerâmicas e líticas que estão com o número de tombo foram acondicionadas em prateleiras ou armários revestidos de papel feltro de cor verde. As demais coleções cerâmicas, líticas e etnográficas foram organizadas em doze caixas contentoras de plástico de cor preta e foram depositadas no mini almoxarifado organizado pelo professor José Alberto Neves.

²⁷ - A Lei 3924 determina: “Art. 1.º Os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob a guarda e proteção do Poder Público, de acordo com o que estabelece o art. 175 da Constituição Federal”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm>. Acesso em out., 2015.

4.3 A organização dos conjuntos

No capítulo três, foi feita a descrição dos critérios para a seleção prévia da coleção, que se estimou em vinte e cinco a trinta e cinco mil peças. Nesse sentido, foram agrupados onze conjuntos para serem avaliados quanto ao estado de conservação de cada peça do conjunto e se houve restauro e a possível função de cada peça do todo, o tipo de peça, número de tombo, a decoração onde foi recolhida, isto é, o sítio, o município, a fase e a filiação cultural. Assim, os conjuntos foram reunidos na tabela 9, cuja distribuição ficou da seguinte forma: o primeiro e segundo formado por urnas e potes, sendo treze urnas funerárias e sete potes; o terceiro formado por alguidares e tampas – são três alguidares e duas tampas; o quarto organizado de tigelas com quinze peças; o quinto, formado por fruteiras, tem quatro peças; o sexto, de pratos, com três peças; o sétimo, de vaso medial, com duas peças; o oitavo, de cuias de macacos, com doze exemplares; o nono formado por colheres ou conchas, com treze exemplares; o décimo, de panela, com duas peças; e o décimo primeiro formado por trempe, com nove exemplares.

4.4 A descrição das partes para a formação do todo

Após a formação do todo, no entanto, é necessário que se tenha a percepção do quadro específico das partes (Morin, 2010, p. 268). Assim, se fez a divisão por níveis de conservação e o percentual de cada parte conforme a distribuição na tabela dez do capítulo três, ficando da seguinte maneira: Nível = 1, peças restauradas, restando pequena parte da peça, de zero a vinte e cinco por cento (0 – 25%); Nível = 2, peça restaurada parcial, com integridade da peça de vinte e cinco a cinquenta por cento (25 – 50%), ou seja, a peça encontra-se com poucas avarias; Nível = 3, peças intactas; Nível = 4, peças fragmentadas. As peças foram fotografadas individualmente ou de todo o conjunto. E, em algumas delas foi realizado o desenho, com a altura, a abertura, a circunferência, a borda e a base; e foi aferido o peso de cada peça. Porém, a exceção foi o conjunto de rodela de fusos, de carimbos e da gaponga, por pesarem menos que 0,9kg, já que a balança de aferição mínima é de 0,10 kg. Assim, retirou-se dos demais conjuntos. No entanto, uma peça zoomorfa de uma tartaruga, que não foi inclusa aos conjuntos, foi incluída na avaliação. Na sequência, houve a descrição de cada parte do todo (conjunto), iniciando pelo número de tombo e seguindo até a filiação cultural, ou seja, a ecorreorganização do sistema.

4.5 Caracterização da coleção selecionada para a análise

4.5.1 Conjunto – Urnas funerárias

Urna funerária – número de tombo: 2616.

- ❖ Peso – 6,235kg.
- ❖ Tamanho – Altura: 38,5cm; Abertura do gargalo: 22cm; Espessura: 0,9cm; bojo: 116cm; Base: 10,5cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Engobo branco, vermelho e linhas geométricas de cor vermelha e preta no bojo e no gargalo; linhas largas pretas sobre o engobo vermelho formando uma inscrição parecida com o alfabeto da língua portuguesa, indicada pela letra “F” invertida.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Urna funerária para sepultamento secundário.
- ❖ Confecção – Argila especial talvez retirada de jazidas específicas, pois a cor é vermelha, o que facilita o polimento friccionado por semente de inajá, umedecida d’água avermelhada, formando uma espécie de massa acrílica; após a queima, só é possível remover por meio de jato de água. Foi o que ocorreu quando a urna foi retirada de um fosso do quintal de uma das residências da Rua São Sebastião, na zona central da cidade de Urucurituba Neves (2015, livro de tombo, p.171).
- ❖ Fase – Miracanguera.
- ❖ Filiação cultural – Policroma da Amazônia.
- Urna funerária – número de tombo: 2617 A/B
 - ❖ Peso – 10,830kg.
 - ❖ Tamanho – Urna funerária com engobo branco, polimento em vermelho e branco, com os seguintes detalhes: A = 1) Tampa com o tucano com o bico em posição de recolher fruto, de 10cmx6cm, bico de 3cm, pé de 3cm, calda de 3cm, com incisões em linhas, perna de 5cm; 2) face humana de 9cm, com boca de 6cmx2cm; 3) as orelhas representadas por duas bolinhas de 10cmx0,2cm, furadas possivelmente para prender oferenda ao ente; B= 1) Urna em que há dois pontinhos de 0,5cm de altura demonstrando os mamilos do ser

humano; 2) os braços em posição sob o maxilar, talvez em forma de meditação, no útero, ou para reagir a possível ataque; 3) o umbigo de 0,3cm de diâmetro e 0,1cm de profundidade; 4) as coxas e pernas em posição de cócaras; os pés de 4,6cm com tornozeleiras; 5) o órgão genital masculino é de 3cm; o saco escrotal de 0,3cm cada lado; 6) o ânus com 0,1cm entre duas linhas pretas finas; 7) a base em pedestal côncavo de 53cm de circunferência e abertura de 19cm, linhas pretas e vermelhas sobre o engobo branco; 8) a face foi estampada em alto relevo, com linhas geométricas de cor preta (há, também, a mesma face em miniatura próximo às orelhas; 9) uma estampa formada de linhas brancas de 12cm em cruz, de forma que na parte superior, no sentido vertical, há dois retângulos de cor preta de 1cm; na sequência da cruz horizontal, nas duas extremidades, há uma linha de 2cm no sentido vertical, formando o que parece ser um grande pássaro ou aldeias distribuídas nos caminhos da chuva, do sol, do vento ou do luar com a saída ou as estradas ligando às outras aldeias. Em suma, a urna representa a identidade prática das sociedades humanas que interagiram no ambiente na qual se encontra a cidade de Urucurituba. Sobre essa peça, a hipótese de que nela poderiam ter sido sepultados restos mortais de um grande guerreiro ou um líder, pois a posição representa ou indica as mãos em alto relevo e toda a característica de corpo humano com os minuciosos detalhes. Barbosa Rodrigues (1875), nas expedições aos rios Urubu, Uatumã e Jatapu descreve que os índios “Araucuias” e “Pariquis” realizavam os rituais fúnebres, faziam o processo de cremação do cadáver, enquanto este estava na fogueira; faziam danças em torno dela cantando e dançando e ingerindo o *caxiri*; as mulheres faziam a tinta vermelha à base de urucu. Retiravam os restos de cinzas do cadáver e misturavam com a tinta vermelha e se pintavam; as sobras de ossos eram depositadas em potes ou urnas, que eram sepultados em cemitério específico; no caso dos *Araucuias*, os *Pariquis*, o enterro era na casa do falecido Barbosa Rodrigues (1875, p. 95-100). Então, a descrição é muito familiar aos sepultamentos da tradição Miracanguera.

- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Engobo branco, vermelho e linhas pretas finas no bojo e na base.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça restaurada. Na tampa, no tucano e na face antropomorfa, foi colada e foi feito leve processo de preenchimento de argila de coloração escura. Os pés do tucano e parte da calda foram raspados talvez pelo jato de água durante a limpeza realizada pelo pedreiro que fez a retirada da urna.

- ❖ Função – Urna funerária para sepultamento secundário. Possivelmente feita por encomenda, pois há detalhe de elaboração em toda a carga de arquitetura. A fabricação demandou vários dias de trabalho, feito por etapas. Primeiramente, o bojo, a base, o gargalo e a tampa. Os demais itens eram obras de acabamento, retoques; e a arte final com fina camada de argila branca para fazer uma espécie de revestimento, ou seja, fazer uma pintura acrílica de cor branca como neve.
- ❖ Confecção – Argila foi construída por partes, isto é, bojo, base e boca; após isso, foram montadas as partes e a formação do todo.
- ❖ Fase – Miracanguera.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Urna funerária – número de tombo: 1718 A/B.
- ❖ Peso – 7,540kg.
- ❖ Tamanho – A = Altura: 39cm; largura do gargalo: 24cm; espessura: 1,1cm; bojo 111cm; base: 10,5cm. B= Altura: 11cm; abertura: 23cm; espessura: 1cm; base: 5 cm.
- ❖ Sítio – Zona urbana de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e pouco cauixi.
- ❖ Decoração – Engobo branco, vermelho e linhas pretas.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Sepultamento secundário. No colo ou gargalo, a representação do sexo masculino, em formato de “U” invertido, grafado o nariz, a boca; e nas laterais as orelhas, os mamilos, as mãos em formato de “?”; os dedos incisivos, o umbigo, as pernas, as tornozelas no joelho e próximo à rótula. A base em pedestal plano, com pintura em vermelho sobre o engobo branco. As peças foram descaracterizadas pela limpeza que fora realizada no ato da retirada.
- ❖ Confecção – Argila, sendo moldada em três etapas: a primeira, a preparação da argila; a segunda, os aditivos necessários para a produção da cerâmica; a terceira, a arte de transformar a argila em espetáculo.
- ❖ Fase – Miracanguera.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Urna funerária – número de tombo: 1752.
- ❖ Peso – 3,668kg.

- ❖ Tamanho – Altura: 31cm; Abertura do gargalo: 18cm; espessura: 0,8cm; bojo: 98 cm; base: 10,5cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé, cauixi, caco moído e hematita.
- ❖ Decoração – Engobo bege com pigmentos vermelhos próximo da borda.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Sepultamento secundário.
- ❖ Confecção – Argila especial, no bojo, e finas linhas. Urna funerária, estilo globular bojuda, com a boca circular, o gargalo cônico, com pigmentos de cor preta sobre o engobo vermelho, base plana. Na parte externa, polimento de vermelho e poucas manchas de engobo branco e pigmentos de cor preta. A base plana tem polimento vermelho e escuro.
- ❖ Fase – Miracanguera.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Urna funerária antropomorfa – número de tombo: 2615.
- ❖ Peso – 4,514kg.
- ❖ Tamanho – Altura: 40cm; abertura do gargalo: 25,5cm; espessura: 1,2cm; bojo: 108cm; base 10,5cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauixi, caraipé e hematita.
- ❖ Decoração – Engobo branco e linha preta.
- ❖ Conservação – Nível 4, peça fragmentada.
- ❖ Função – Enterramentos secundários em urna funerária.
- ❖ Confecção – Argila; pelo fato de estar fragmentada, foi possível avaliar o procedimento de estruturação da urna. Primeiramente foi feito o bojo; na sequência, a base; e, depois, a formação do conjunto, isto é, as junções das partes para a formação do todo.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Urna funerária – número de tombo: 1435 A/B.
- ❖ Peso – 7,300kg.

- ❖ Tamanho – A= Altura de 43cm; abertura de 23,5cm; espessura de 1,2cm; bojo de 120cm; base 13,5cm; B= Altura de 4 cm; abertura de 14cm; bojo de 24cm; espessura de 1cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e fragmentos de areia.
- ❖ Decoração – Engobo vermelho sobre o branco, com linhas pretas finas.
- ❖ Conservação – Nível 3, intacta.
- ❖ Função – Enterramento secundário.
- ❖ Confecção – A técnica utilizada foi a coleta de argila talvez em local apropriado, pois esse material ou a *tabatinga* são de boa qualidade, com profundidade a partir de um metro; no composto não foi identificada a presença de cauixi; somente de caraipé. Para a confecção o artista ou o ceramista deveriam possuir um ateliê para produção cerâmica, devido à tamanha habilidade que representa a peça.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícromca da Amazônia.
- Urna funerária – número de tombo: 0046 A/B.
- ❖ Peso – 6,130kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 38cm; abertura de 27 cm; espessura de 0,8cm; bojo de 115cm; base 10,5cm.
- ❖ Sítio – Terra Preta.
- ❖ Município – Manacapuru-AM.
- ❖ Tempero – Caripé e cauixi.
- ❖ Decoração – Engobo branco e vermelho.
- ❖ Conservação – Nível 3, intacta.
- ❖ Função – Sepultamento secundário.
- ❖ Confecção – Argila; composição a partir de roletes; foram introduzidas as partes; e depois houve a junção do todo. Somente na parte inferior há engobo branco, linhas vermelhas; a parede é polida de coloração avermelhada. Foi pintada pelo morador que a recolheu; é de cor vermelha (tinta a óleo). Na base há dois furos também feitos pelo morador para drenar a água, pois a urna era utilizada para plantar pimenta (Neves, 2015, comunicação pessoal).
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia

- Urna funerária – número de tombo: 1320 A/B.
- ❖ Peso – 3.420 kg.
- ❖ Tamanho – A = Altura de 6,5cm; abertura de 16,5cm; espessura de 0,9cm; B= Altura de 22cm, abertura de 16,5cm; espessura de 1,1cm; bojo de 89cm; base de 10,5cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauixi e caraipé.
- ❖ Decoração – Engobo branco e vermelho.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça parcialmente restaurada.
- ❖ Função – Sepultamento secundário. A urna foi identificada quando foi aberto um fosso em 1999. Havia restos humanos.
- ❖ Confecção – Argila; elaborada por parte. Primeiramente, foi feito o bojo; depois a base; e finalmente a borda. Urna funerária com a tampa. A – Na tampa há a face humana do sexo feminino; as narinas são representadas por dois suaves pontinhos na vertical; a boca, por rolete de argila de 3cm; as orelhas estão afixadas numa linha de formato de “U” invertido com duas bolinhas de 2,5cm, de forma que parte da esquerda foi fragmentada; B – em segundo, há o bojo, com as gravuras dos seios, braços, umbigo, pernas e genitália; a é base plana e a cor vermelha foi quase toda retirada pela limpeza feita pelo morador. O conjunto ainda apresenta quase que a totalidade do engobo branco.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Urna funerária – número de tombo: 0045.
- ❖ Peso – 3,700kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 45cm, abertura de 23,5cm, espessura de 1cm, bojo de 129cm, base de 15,5cm, pedestal de 4cm.
- ❖ Sítio – Terra preta.
- ❖ Município – Manacapuru-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Engobo vermelho e branco.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Sepultamento secundário.
- ❖ Confecção – Argila; o processo de erguer a peça foi por meio de roletes. No bojo há estampa antropomorfa, em alto relevo; no gargalo ou colo de 14cmx15cm; o nariz

pontiagudo e as orelhas acopladas em uma linha que passa abaixo da boca. Há pigmentos de linhas na cor preta próximo do gargalo e no bojo. A base é plana, com pequenos pigmentos acinzentados; o engobo branco se deve à limpeza efetuada pelo morador, que retirou quase toda a decoração.

- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Urna funerária – número de tombo: 2613 A/B.
- ❖ Peso – 5,730kg.
- ❖ Tamanho A= Altura de 15cm, abertura 38cm, espessura de 0,7cm, base de 14,3 cm. B= Altura de 3cm, abertura de 39cm, espessura de 0,7cm, base de 14,3cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauxi.
- ❖ Decoração – Engobo branco, com linhas incisivas retilíneas e curvilíneas.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça parcialmente restaurada.
- ❖ Função – Sepultamento secundário ou para eventos sociais.
- ❖ Confecção – De argila; foram moldadas as partes para a formação do todo. Alguidar – A) aberto, base plana, contendo na borda dois apêndices sarilhados de linhas incisivas, provavelmente para apoio das mãos. B) Tampa abaulada um pouco menor que a abertura do alguidar (A). Os alguidares eram possivelmente de uso cotidiano, mas foram utilizados para o ritual fúnebre. O contorno da tampa é decorado com uma faixa de desenhos incisivos retilíneos e curvilíneos paralelos que se juntam formando enfileiradas sobre as linhas porções de incisivos ponteados. Os alguidares foram restaurados em janeiro de 2013; havia fragmentos humanos, mas foram destruídos no processo de retirada, pois houve sua identificação quando era aberto um fosso.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Urna funerária – número de tombo: 1582.
- ❖ Peso – 3,174kg.
- ❖ Tamanho – Altura: 29,5cm, abertura: 27cm, espessura: 0,9cm, bojo: 99cm, base: 10,5cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.

- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Engobo branco, vermelho e linhas pretas.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça restaurada. Foi colada, e houve preenchimento nas fissuras de argila misturadas com areia bem fina, tornando quase que o engobo original da peça.
- ❖ Função – Talvez no uso cotidiano e em ritual fúnebre, pois havia restos humanos calcinados.
- ❖ Confeção – Argila; o sistema de erguer a peça foi feito mediante pequenos roletes. Primeiramente foi feito o bojo; depois a base, o gargalo e a borda. A arte final contém um banho de argila superfino, branca cor de neve. Porém, devido ao processo de retirada pelo pedreiro, extraiu parte dos engobos brancos e vermelhos.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Una funerária pequena – número de tombo: 1735 A/B.
- ❖ Peso – 1,428kg.
- ❖ Tamanho – A = Altura de 6,0cm, abertura de 21,5cm, espessura de 0,9cm, bojo de 62cm, base de 7,5cm. B= Altura de 4cm, espessura de 0,6cm, circunferência de 26cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Engobo branco e vermelho, com linhas perpendiculares.
- ❖ Conservação – Nível 2, a urna e a tampa foram restauradas.
- ❖ Função – Sepultamento secundário.
- ❖ Confeção – Pelas características das peças, a coloração da argila acinzentada teoricamente foi retirada de jazida de um metro de profundidade, ou também a argila foi colocada para ser decantada, ou seja, deixada de molho por alguns dias, até que fossem retirados resíduos orgânicos. Pelo tamanho da urna foi confeccionada de uma vez só por técnica de roletes. A tampa foi fabricada depois, com pinturas possivelmente com as características das cobras jiboia ou coral; nela é possível perceber as partes que não foram danificadas pelo deslizamento de trecho do sítio arqueológico da “Costa do Tabocal” (Neves, p.30).
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Policroma da Amazônia.
- Urna funerária pequena – número de tombo: 1734 A/B.
- ❖ Peso – 1,570kg.

- ❖ Tamanho – A = Altura de 11,5cm, abertura de 13cm, espessura de 0,6cm, bojo de 70cm, base de 10cm. B= Altura de 4,5cm, espessura de 0,6cm, circunferência de 17cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Carapé.
- ❖ Decoração – Engobo branco e vermelho.
- ❖ Conservação – Nível 2, a urna e a tampa foram restauradas.
- ❖ Função – Sepultamento secundário.
- ❖ Confecção – A técnica aplicou roletes no conjunto formado por tampa e panela pequena (A/B). B – A tampa é em forma de frigideira aberta; a borda é fina e polida; a base é plana com pinturas em linhas geométricas pretas e contorno vermelho; foi restaurada com a argila de cor branco-acinzentada. A – Panelinha bojada com polimento cromado de cor esbranquiçada e pigmentos de cor vermelha na parede externa; talvez, devido à limpeza, os engobos vermelho e branco foram retirados; na parte interna há polimento de cor avermelhado-clara; a base foi inteiramente restaurada com a argila branca.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícromca da Amazônia.
- Urna funerária pequena – número de tombo: 1733 A/B.
- ❖ Peso – 1.618kg.
- ❖ Tamanho – A= Altura de 11,5cm, abertura de 5,5cm, espessura de 0,8cm, bojo de 69cm, base de 9,8cm. B= Altura de 7,5cm, espessura de 0,7cm, circunferência de 18,5cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cairaipé.
- ❖ Decoração – Engobo branco e vermelho com linhas finas pretas.
- ❖ Conservação – Nível 2; na urna e na tampa foi aplicado pequeno preenchimento de argila branca cor de neve.
- ❖ Função – Sepultamento secundário.
- ❖ Confecção – No processo de elaboração, pelas características observadas no conjunto, foi montada sobre uma base plana talvez uma folha ou um pequeno cepo de madeira para fixá-la à base; e na sequência foram feitos os roletes ou cordões em volta do bojo até a altura do conjunto. A arte final de aplicação do engobo foi realizada quando a argila estava em processo de secagem.

- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.

4.5.2 – Conjunto Pote

Pote – número de tombo: 1660.

- ❖ Peso – 3,210kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 25,5cm, abertura de 15cm, espessura de 0,7cm, bojo de 98 cm, base de 8,5cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauxi.
- ❖ Decoração – Polimento vermelho na parte externa.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Para acondicionar água ou para depositar banha ou manteiga de tartaruga. Barbosa Rodrigues, em seu relatório das expedições aos rios Urubu, Uatumã e Jatapu, descreve os procedimentos que as sociedades praticavam no período do verão, incluindo os recolhimentos de milhares de ovos de tartaruga para transformarem em banha. Após a produção acondicionavam em potes cerâmicos (Barbosa Rodrigues 1875, p. 88-89).
- ❖ Confecção – Argila especial de coloração avermelhada. É possível que o gênero ceramista tivesse uma espécie de laboratório, pois o padrão tinha toda uma cadeia de preparação para a produção da peça. O processo de tamanho, de peso e de tempero foi fundamental para a leveza da peça, e o brilho ou a impermeabilidade no interior e no exterior dela podem ser uma providência para que o conteúdo introduzido no interior não fosse expelido por aumento de temperatura no ambiente. E, também, para facilitar os transportes, pois conduzir um pote em áreas íngremes não tal fácil. Assim, o grau de aperfeiçoamento (com a queima, o caraipé torna a peça superleve, uma espécie de isopor de indústria dos trópicos, uma tecnologia com a qual as partes e o todo estavam constantemente se organizando, ou desagregando, pois é a partir do ambiente que começa a auto-organização) talvez possa ser uma das hipóteses para que a peça fosse encontrada em perfeito grau de originalidade.
- ❖ Fase – Silves.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.

- Pote – número de tombo: 1489.
- ❖ Peso – 2,914kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 26 cm, abertura de 17cm, espessura de 0,7cm, bojo de 83cm, base de 10,5cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e poucos fragmentos de carvão.
- ❖ Decoração – Polimento na parte externa de cor vermelho-escura.
- ❖ Conservação – Nível 2, a peça foi parcialmente restaurada.
- ❖ Função – Para depositar alimentos do cotidiano e para fins fúnebres.
- ❖ Confecção – Argila especial de coloração avermelhada. Bojudo, com a borda extrovertida polida; as paredes com o alisamento ou polimento possivelmente com caroço de inajá ou o seixo adicionado à água.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícromca da Amazônia.
- Pote – número de tombo: 1495.
- ❖ Peso – 1,680kg.
- ❖ Tamanho – Altura: 17,5cm, abertura de 13,5 cm, espessura de 0,8cm, bojo de 69cm, base de 10,5cm.
- ❖ Sítio – Chavascal do Pinha.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento vermelho com manchas escuras na parte externa.
- ❖ Conservação – Nível 3, intacta.
- ❖ Função – Uso talvez para cozer alimentos, pois há a presença de fumaça impregnada na parte externa da peça.
- ❖ Confecção – Argila especial, pois a coloração é vermelha; talvez foi feito um refinamento na argila, ou seja, a argila foi colocada para decantar; após essa etapa, foi peneirada para retirar as microrraízes. Feito isso, foi elaborado por meio de pequenos roletes. Na parede externa, há dois apliques zoomorfos, com a função de possibilitar o manuseio, ao transportá-lo, para não ser escorregadio.
- ❖ Fase – Paredão.

- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Pote – número de tombo: 1490.
- ❖ Peso – 3,596kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 25 cm, abertura de 16cm, espessura de 0,8cm, bojo de 112cm, base de 10,5cm.
- ❖ Sítio – Estrada do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento avermelhado.
- ❖ Conservação – Nível 4, peça fragmentada.
- ❖ Função – Uso do cotidiano.
- ❖ Confecção – Argila; primeiramente foi feito o bojo, a base e a borda. Depois foram montadas as partes para a formação da peça. Após a estrutura montada, foi feito o acabamento, por meio de alisamento ou polimento com a resina do jutaicica.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícromca da Amazônia.
- Pote – número de tombo: 2618.
- ❖ Peso – 7,80kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 17,5cm, largura de 12,5cm, espessura de 0,7cm, bojo de 123cm, base de 7,5cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caiuxi, caraipé e carvão.
- ❖ Decoração – Incisões e linhas finas em ziguezagues.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça restaurada.
- ❖ Função – A hipótese de que possivelmente foi usado no cotidiano para depósito de água, de farinha, de sementes de milho ou de feijão. Após a morte de alguns líderes, o pote era utilizado em ritual fúnebre.
- ❖ Confecção – Pela feitura da peça, percebe-se que foi fabricado por habilidosos artistas. A argila talvez foi retirada das margens do Lago do Arrozal, pois, durante a subida das águas do rio Amazonas, invade o lago; assim, é possível que a grande quantidade de cauxi presente na massa ou pasta seja fruto do processo de coleta da argila. Para a

estrutura da peça foram fabricadas as partes como o bojo, a base, o gargalo ou o pescoço. Após foram unidos para formação do conjunto.

- ❖ Fase – Itacoatiara
- ❖ Filiação cultural – Incisa e Ponteadada.
- Pote – número de tombo: 1709 A/B.
- ❖ Peso – 9,05kg.
- ❖ Tamanho – A= Altura de 44cm, abertura de 16cm, espessura de 0,8cm, bojo de 134cm, base de 8cm. B= Altura de 8cm, abertura de 22cm, espessura de 0,8cm.
- ❖ Sítio – Terra Preta do Limão.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauixi e caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento com linhas incisadas.
- ❖ Conservação – Nível 2; a peça foi restaurada.
- ❖ Função – De uso cotidiano para depositar água ou bebidas, pois há pouco brilho produzido pela resina de jutaicaica. E foi utilizado para ritual fúnebre, pois, conforme descrição dos operários que faziam a manutenção de reposição de poste da rede de energia na comunidade da *Terra Preta do Limão*, ao intervirem no solo, encontraram o recipiente com alguns fragmentos de ossos, possivelmente humanos, segundo a descrição o livro de tombo Neves (1998, p. 201).
- ❖ Confecção – O procedimento talvez adotado pelos ceramistas foi de elaborar cada uma das partes. A técnica foi de cordões para tecer a circunferência do bojo, da base e do gargalo. Com o conjunto pré-fabricado, fizeram as junções do todo, pois isso foi possível perceber nas fissuras que ocorreram durante o processo de retirada do pote. O formato é do tipo do fruto de abiu, isto é, a base cônica tem 8cm, dificultando a posição vertical; é possível que esse tipo de pote deva ter uma base de madeira para afixá-lo a prumo. O pote tem dois apliques zoomorfos. A parede é lisa ou polida, com finas incisões em linhas perpendiculares. Há sequência de linhas paralelas por toda a circunferência do pote. Essa forma de incisões é muito parecida com o estilo de tatuagem utilizada pelos antigos guerreiros Munduruku (Hartt, 1885, p. 120), a qual era cravada por todo o corpo em formato de espinha de peixe.
- ❖ Fase – Konduri.
- ❖ Filiação cultural – Incisa e Ponteadada.

- Pote – número de tombo: 2641.
- ❖ Peso – 1,15kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 18cm, abertura do gargalo de 12cm, espessura de 0,3cm, bojo de 61cm, base de 6cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauixi, caraipé e hematita.
- ❖ Decoração – Polimento escuro com apliques zoomorfos.
- ❖ Conservação – Nível 2; no pote foi colada pequena parte da borda, confeccionada pelo professor José Alberto Neves, que fez o molde similar ao do recipiente. Assada em sua estufa caseira, o tempero utilizou somente o caraipé. O pote foi recolhido pelo morador que o encontrou, devido ao desbarrancamento de uma pequena área do sítio arqueológico Fazenda Tabocal.
- ❖ Função – Depósito de águas ou de bebidas como o caxiri.
- ❖ Confecção – Foi erguido por meio de pequenos cordões de argila. Após a secagem, foram afixados os dois apliques antropomorfos na parede externa, talvez com a função de transportá-lo, pois, devido ao processo de polimento, os apliques teriam função de alças.
- ❖ Fase – Miracanguera.
- ❖ Filiação cultural – Polícromca da Amazônia.

4.5.3 Conjunto – Alguidar

- Alguidar – número de tombo: 1736.
- ❖ Peso – 1,401kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 9,5cm, abertura de 36cm, espessura de 0,6 cm, base de 10,5cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento ou alisamento de coloração acinzentada.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça parcialmente restaurada.
- ❖ Função – Talvez para uso do cotidiano, porém foi utilizado para ritual fúnebre, pois a peça foi recolhida de um bloco de solo de terra preta que deslizou no sítio supracitado, em que estavam mais três peças, então a hipótese é de que poderia ser a tampa de outra peça, que não foi encontrada.

- ❖ Confeção – Foi erguida sobre uma base de madeira, de uma só vez, em que os cordões ou roletes foram colocados um sobre o outro. A arte final foi realizada quando a argila estava em processo de secagem. A borda é inclinada, com polimento ou impermeabilidade de jutaica. A base é plana, parcialmente restaurada. É bem leve, apesar do tamanho; quanto à análise do tempero, por ser somente de caraipé, tornou a bacia bem leve: 1,401kg. Isso leva à hipótese de que o vasilhame que contém somente o caraipé tem certa durabilidade. É similar ao isopor; talvez seja um dos motivos para se encontrarem peças arqueológicas dessa fase quase que intactas e em maior quantidade.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Alguidar/Tampa – número de tombo: 1687.
- ❖ Peso – 1,036kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 13cm, abertura de 15cm, espessura de 0,7cm, bojo de 62cm, base de 8cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento em vermelho na parte interna.
- ❖ Conservação – Nível 2; a peça foi restaurada parcialmente.
- ❖ Função – Atividade do cotidiano.
- ❖ Confeção – Erguido por meio de cordões ou roletes. Após a secagem da argila, foram colocados os apliques; e o processo de polimento interno no bojo possivelmente foi feito de jutaica; na borda, há duas linhas incisadas em toda a circunferência; e também havia apliques, pois há quebraçura; na parte externa, há manchas escuras possivelmente de uso de preparo de alimentos; a base em pedestal é plana.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural - Polícroma da Amazônia.
- Alguidar – número de tombo: 1530.
- ❖ Peso – 1,136kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 28cm, abertura de 8cm, espessura de 3cm, bojo de 70 cm, base de 10cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.

- ❖ Tempero – Caraipé e cauxi.
- ❖ Decoração – Engobo branco e vermelho.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Foi erguido sobre uma base de madeira; a argila tem coloração acinzentada, os cordões foram colocados em círculo um sobre o outro. Após a secagem da argila, foi aplicada a decoração na parede da borda e da base.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Alguidar/Tampa – número de tombo: 1576.
- ❖ Peso – 1,142kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 6cm, abertura de 31cm, espessura de 1cm, bojo de 97 cm, base de 9cm.
- ❖ Sítio – Furo do Conrado.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Engobo vermelho na parte externa.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça foi restaurada parcialmente.
- ❖ Função – Uso cotidiano em ritual fúnebre.
- ❖ Confecção – Foi utilizada uma base de madeira para erguer gradualmente os cordões de argila. E, após isso, foi calculada a posição que talvez fosse usada para fechar a urna funerária, pois, na tampa do alguidar, havia uma cavidade que possivelmente encaixava na base, na parte interna. Devido à escavação feita pelo comunitário, parte do engobo vermelho interno foi descaracterizada, porém, na parte externa há parcialmente a pintura de urucu (*Bixa orellana*), conforme Neves (comunicação pessoal, 2015). As oleiras em Manaquiri utilizavam os corantes de urucu, cumaté, muruchi e crajiru para tingir fibras de arumã, jauari e tucumã e também os adicionam na argila retirada da área de várzea, que a classificam de “barreiro do encantado”. A argila de cor branca como neve torna-se avermelhada; assim a coloração dos vasilhames fica de cor vermelho-escura para impermeabilizar a cerâmica com uso o jutaicica, logo que a peça sai do processo de queima.
- ❖ Fase – Miracanguera.

Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.

4.5.4 Conjunto – Tigela

- Tigela – número de tombo: 2565.
- ❖ Peso – 0,150kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 4,3cm, abertura de 12cm, espessura de 0,8cm, base de 5cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – O procedimento de erguer foi feito por meio de roletes. A abertura é extrovertida; a borda é plana, e base é em pedestal.
- ❖ Fase – Paredão.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Tigela – número de tombo: 2570.
- ❖ Peso – 0, 176kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 4,5 cm, abertura de 12cm, espessura de 1 cm, base 7cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauixi e caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado com marchas escuras na parte interior.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano talvez para servir de depósito de látex de seringa, de sorva ou de breu branco para ser utilizado com luz no interior das aldeias. Barbosa Rodrigues, em sua viagem ao rio Tapajós, em 1872, descreve que os índios se utilizavam de “breu” como luz no centro da aldeia Barbosa Rodrigues, (1872, p. 111).
- ❖ Confecção – Erguido por meio de roletes; após o processo de secagem da argila, era feito o polimento nos lados interior e externo.
- ❖ Fase – Paredão
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Tigela – número de tombo 2560.
- ❖ Peso – 0,160kg.

- ❖ Tamanho – Altura de 5,0cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caiuxi e caraipé.
- ❖ Decoração – Incisões em linha retilíneas.
- ❖ Conservação – Nível 4, peça fragmentada. Na parede e na borda, foram realizados colagem e preenchimento com argila de cor branca.
- ❖ Função – Atividade do cotidiano.
- ❖ Confecção – Por meio de roletes. Após a secagem, foram feitas as incisões na parede e na borda.
- ❖ Fase – Paredão.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Tigela – número de tombo: 2574.
- ❖ Peso – 0,104kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 4,5cm, abertura de 12,5cm, espessura de 0,5cm, base de 6cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM
- ❖ Tempero – Caraipé e Cauixi.
- ❖ Decoração – Polimento e incisões e linhas escuras.
- ❖ Conservação – Nível 2; a peça foi parcialmente restaurada.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Erguida por meio de roletes. Após a secagem da argila, foram realizados os procedimentos de linhas em incisas.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Tigela – número de tombo: 2575.
- ❖ Peso – 0,49kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 4,5cm, abertura de 16cm, espessura de 0,6cm, base de 13cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Incisões finas.

- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Erguida por meio de roletes sequenciados. Após a secagem da argila, foram aplicados os procedimentos de acabamento da peça. Aspecto de cinzeiro, com borda em linha paralela, com a estampa picotada por pequenos furos. Aparece com linhas geométricas finas, e a base é plana.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Tigela – número de tombo: 2640.
- ❖ Peso – 0,148kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 7cm, largura de 11cm, espessura de 0,7cm, base de 6cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caixi e caraipé.
- ❖ Decoração – Incisões finas e polimento avermelhado.
- ❖ Conservação – Nível 2; restam cerca de 65% da peça.
- ❖ Função – Uso cotidiano ou em ritual.
- ❖ Confecção – A argila é especial, e a peça foi erguida por meio de roletes. Altura de 5cm; largura de 10cm; base de 6cm em pedestal. Há três linhas incisivas paralelas de intervalos de 2cm; entre elas, há traço diagonal inciso e conjuntos pequenos de incisos entre a primeira e a segunda linhas paralelas. A base é circunscrita por leves incisões.
- ❖ Fase – Pocó.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Tigela – número de tombo: 2560.
- ❖ Peso – 0,175kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 5,0cm, abertura de 7cm, espessura de 0,7cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e caixi.
- ❖ Decoração – Incisões finas nas cores preta e marrom.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça restaurada na base e na borda.
- ❖ Função – Uso cotidiano.

- ❖ Confeção – Erguido por meio de roletes. Após a secagem da argila, foi feita a arte final na peça, como pinturas e incisões finas.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Tigela – número de tombo: 2561.
- ❖ Peso – 0,14kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 7cm, abertura de 8,5cm, espessura de 0,5cm, base de 5,5cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento na parte externa.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça parcialmente restaurada.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confeção – Erguida por meio de roletes. Após a secagem da argila, foi polida ou alisada.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Tigela – número de tombo: 2562.
- ❖ Peso – 0,106kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 3cm, abertura de 9cm, espessura de 1cm, base de 3cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça restaurada parcialmente.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confeção – Erguida por meio de roletes. Após a secagem da argila, foi realizado o processo de polimento.
- ❖ Fase – Paredão.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Tigela – número de tombo: 2572.
- ❖ Peso – 0,150kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 5,5cm, abertura de 13,5cm, espessura de 0,9cm, base de 5,5cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.

- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Polimento avermelhado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Erguida por meio de roletes. Após a secagem da argila, foi afixado o polimento.
- ❖ Fase – Paredão.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Tigela – número de tombo: 2571.

- ❖ Peso – 0,131kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 6,5cm, abertura de 14,5cm, espessura de 0,6cm, base de 5,5 cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Polimento avermelhado e manchas escuras na parede externa.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano ou para uso de queima de látex de seringa no interior das aldeias.
- ❖ Confecção – Erguida por meio de roletes. Após a secagem, foi aplicado o polimento friccionando a semente do inajá e adicionando a água para que a argila ficasse pouco úmida.
- ❖ Fase – Paredão.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Tigela – número de tombo: 2583.

- ❖ Peso – 0,172kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 5,5cm, abertura de 10cm, espessura de 0,4cm, bojo de 12cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Incisões em linhas paralelas negras.
- ❖ Conservação – Nível 3, intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano.

- ❖ Confeção – Erguida por meio de roletes. Após a secagem da argila, foram afixadas as incisões em linhas pretas.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Tigela – número de tombo: 2667.
- ❖ Peso – 0,408kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 7cm, abertura de 7,5cm, espessura de 0,6cm, base de 8cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caiuxi e caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento externo e pigmento vermelho na região interna.
- ❖ Conservação – Nível 2; a peça foi parcialmente restaurada.
- ❖ Função – Uso cotidiano; há a hipótese de que possa ter sido usado para coletar o látex de seringa ou sorva, para servir como luz no interior das aldeias.
- ❖ Confeção – Erguida por meio de roletes. Após a secagem da argila, foi afixado o polimento e o pigmento.
- ❖ Fase – Paredão.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.

4.5.5 Conjunto – Fruteira

- Fruteira – número de tombo: 1700.
- ❖ Peso – 1,246kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 15cm, abertura de 15cm, espessura de 1cm, bojo de 19cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caiuxi e caraipé.
- ❖ Decoração – Manchas escuras nas paredes externa e interna.
- ❖ Conservação – Nível 2; a peça foi parcialmente restaurada com argila de coloração branca como neve.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confeção – Erguida por meio de roletes; a base é plana, e a borda é polida e introvertida.
- ❖ Fase – Fase Paredão.

- ❖ Filiação cultural – Borda incisa.
- Fruteira – número de tombo: 1702.
- ❖ Peso – 0,320kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 6cm, abertura de 9cm, espessura de 1cm, bojo de 9cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e cauixi.
- ❖ Decoração – Polimento escuro.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça parcialmente restaurada.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Erguida por meio de roletes.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Fruteira/Panela – número de tombo: 1687.
- ❖ Peso – 1,036kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 13cm, abertura de 15cm, espessura de 0,7cm, bojo de 62cm, base de 8cm.
- ❖ Sítio –Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Pigmentos vermelhos.
- ❖ Conservação – Nível 2; a peça foi parcialmente restaurada.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Erguido por meio de roletes. Após a secagem da argila, eram feitos os retoques, pois há duas partes de apliques que havia na parede, porém foram destruídos pelo deslizamento de solo no sítio.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.

4. 5.6 Conjunto – Pratos

- Prato – número de tombo: 2605.
- ❖ Peso – 2,120kg.

- ❖ Tamanho – Altura de 20cm, abertura de 20cm, espessura de 1cm, bojo de 71cm, base de 10cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça restaurada parcialmente.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Erguido por meio de roletes.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Prato – número de tombo: 2606.
- ❖ Peso – 0,966kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 4cm, abertura de 24cm, espessura de 2cm, bojo de 78cm, base de 12cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Incisões geométricas.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Erguido por meio de roletes ou cordão. Para fazer os roletes, era preciso um pequeno pedaço de madeira plana para esticar a argila. Feito isso, colocavam-se os cordões sucessivamente um sobre o outro. Após a secagem da argila eram feitos os arremates como incisões e linhas, polimento da borda e nivelamento da base.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Prato – número de tombo: 2607.
- ❖ Peso – 0,966kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 4cm, abertura de 24cm, espessura de 2,0cm, bojo de 78cm, base de 12cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.

- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Engobo branco e vermelho.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Fabricado por meio de cordões de argila; sucessivamente, pôs-se um cordão sobre o outro. Após a secagem da argila, eram feitos os arremates ou o acabamento na peça, ou seja, a arte final.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Prato – número de tombo: 2614.
- ❖ Peso – 0,784
- ❖ Tamanho – Altura de 4cm, abertura de 25cm, espessura de 1cm, bojo de 78cm, base de 7cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso cotidiano.
- ❖ Confecção – Erguido por meio de cordões ou roletes, sucessivamente postos um sobre o outro.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.

4.5.7 Conjunto – Vaso Mesial

Vaso Mesial – número de tombo: 2595.

- ❖ Peso – 1,328kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 10cm, abertura de 25cm, espessura de 1,0cm, bojo de 97cm, base extraviada.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.

- ❖ Decoração – Polimento interno e externo avermelhado.
- ❖ Conservação – Nível 4; restam cerca de 65% da peça.
- ❖ Função – Talvez em eventos sociais.
- ❖ Confecção – Erguido em parte; primeiramente, a base; depois, o bojo; e na sequência um cordão pré-fabricado para circundar todo o bojo. Em seguida, por meio de manuseio, eram afixados ao meio do vaso. Após a secagem da argila eram feitas as pinturas e as incisões, ou seja, o acabamento ou a arte final na peça.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.
- Vaso Mesial – número de tombo: 2596.
- ❖ Peso – 1.140kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 13 cm, abertura de 27cm, espessura de 1cm, bojo de 99cm, base extraviada.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento interno e externo.
- ❖ Conservação – Nível 4; restam cerca de 65% da peça.
- ❖ Função – Uso talvez em eventos sociais.
- ❖ Confecção – Erguida em parte. Era moldada a base, o bojo e a borda. Depois se uniam as partes. Devido ao fato de parte da peça encontrar-se fragmentada, aparecem os negativos das juntas dos conjuntos.
- ❖ Fase – Guarita.
- ❖ Filiação cultural – Polícroma da Amazônia.

4.5.8 Conjunto – Cuia de Macaco

- Cuia de Macaco – número de tombo: 1638 A/B.
- ❖ Peso – A=0,104kg; B= 0,64kg.
- ❖ Tamanho – A=Altura de 7,5cm, abertura de 6cm, espessura de 0,6cm, base de 3cm. B = Altura de 4cm, abertura de 6cm, espessura de 0,6cm, base de 2,0cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.

- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauxi e caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento interno e externo.
- ❖ Conservação – Nível 3, intacta.
- ❖ Função – Há a hipótese de que poderia ser utilizada para coletar o látex da seringueira (*Hevea brasiliensis*), do amapazeiro (*Brosimum potabile Ducke*) e da sorveira (*Sorbus domestica L.*). A estrutura da cuia é em forma de losango, talvez para coletar o látex.
- ❖ Confecção – O processo de fabrico foi feito por meio de manuseio da argila. Após a estrutura erguida eram elaboradas duas pequenas aberturas de 0,1cm: uma para coletar o látex; a outra, para escorrer o conteúdo do interior da cuia.
- ❖ Fase – Pelas características do tipo de polimento, a hipótese é de que pertença à tradição “Paredão”.
- ❖ Filiação cultural – Pode ser a “Borda Incisa”.
- Cuia de Macaco – número de tombo: 1638 C/D.
- ❖ Peso – C= 0,88kg; D=0,70kg.
- ❖ Tamanho – C= Altura de 6 m, abertura de 6cm, espessura de 0,5cm, base de 2,5cm. D=Altura de 5cm, abertura de 6cm, espessura de 0,5cm, base de 2cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauxi e caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento interno e externo.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – As mesmas de A e B.
- ❖ Confecção – As mesmas de A e B.
- ❖ Fase – As mesmas de A e B.
- ❖ Filiação cultural – As mesmas A e B.
- Cuia de Macaco – número de tombo: 1638 E/F.
- ❖ Peso – E=0,78kg; F=0,70kg.
- ❖ Tamanho – A= Altura de 6,5cm, abertura de 4,5cm, espessura de 0,5cm, base de 2cm. F= Altura de 4,5cm, abertura de 7cm, espessura de 0,6cm, base de 3,5cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauxi e caraipé.

- ❖ Decoração – Polimento interno e externo.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – As mesmas características das peças A, B, C e D.
- ❖ Confecção – As mesmas características das peças A, B, C e D.
- ❖ Fase – Talvez a “Paredão”.
- ❖ Filiação cultural – Talvez a “Borda Incisa”
- Cuia de Macaco – número de tombo: 1638 G/H.
- ❖ Peso – G= 0,94kg; H= 0,66kg.
- ❖ Tamanho – G= Altura de 6cm, abertura de 5cm, espessura de 1cm, base de 2,5cm. H= Altura de 5cm, abertura de 6 cm, espessura de 1cm, base de 2cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauixi e caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento interno e externo.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – A mesma de A a F.
- ❖ Confecção – A mesma de A a F.
- ❖ Fase – A mesma de A a F.
- ❖ Filiação cultural – A mesma de A a F.
- Cuia de Macaco – número de tombo: 1706 A/B/C.
- ❖ Peso – A=0,76kg, B=0,78kg, C=0,82kg.
- ❖ Tamanho – A= Altura de 4,5cm, abertura de 5,5cm, espessura de 0,9cm, base de 0,1cm. B= Altura de 4,5cm, abertura de 5,5cm, espessura de 0,9cm, base de 0,1cm. C= Altura de 4,8cm, abertura de 5,1cm, espessura de 0,7cm, base de 0,2cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauixi e caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento interno e externo.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – A mesma de G e H.
- ❖ Confecção – A mesma de G e H.
- ❖ Fase – A mesma de G e H.
- ❖ Filiação cultural – A mesma de G e H.

- Cuiá de Macaco – número de tombo: 2636 A/B.
- ❖ Peso – A= 1,14kg; B= 0,54kg.
- ❖ Tamanho – A= Altura de 6,5cm, abertura de 9,2cm, espessura de 0,8cm; a base foi extraviada. B= Altura de 6,5cm, abertura de 6,2cm, espessura de 0,6cm; a base foi extraviada.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Carvão, caraipé e hematita.
- ❖ Decoração – Polimento talvez para de jutaicaica.
- ❖ Conservação – Nível 4, peça fragmentada.
- ❖ Função – A mesma A, B e C, tombo número 1706.
- ❖ Confecção – A mesma de A, B e C, tombo número 1706.
- ❖ Fase – A mesma de A, B e C, tombo número 1706.
- ❖ Filiação cultural – A mesma de A, B e C, tombo número 1706.

4.5.9 Conjunto – Colher ou concha.

- Colher ou concha – número de tombo: 1478 B/C
- ❖ Peso – B= 1,18kg; C= 0,10kg.
- ❖ Tamanho – B = Comprimento de 14cm, largura de 9cm, espessura de 6cm, cabo de 10cm. C= comprimento de 12cm, espessura de 6,5cm, cabo de 0,9cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e pouco cauixi.
- ❖ Decoração – Incisões e linhas perpendiculares.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – A hipótese é de que seja usada para retirar alimento do interior da panela ou para retirar a goma (produto retirado da massa de mandioca), afixada em gamela (caixa feita de árvore cujo miolo foi afetado por broca que se alimenta de madeira), pois a peça apresenta-se desgastada, talvez devido ao excesso de atividade na cozinha ou no fabrico de farinha.

- ❖ Confeção – Pelas características, supostamente foi modelada de uma vez só, pois, como se trata de uma peça para manuseio constante, teria de ser bem estruturada, ou seja, não poderia ser unida às partes. E, após secagem da argila foi feita a arte final na peça.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 2642.

- ❖ Peso – 0,10kg.
- ❖ Tamanho – Comprimento de 10cm, largura de 7cm, espessura de 0,9cm.
- ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento vermelho.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – A mesma de B e C.
- ❖ Confeção – A mesma de B e C.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Tradição Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 0542.

- ❖ Peso – 0,156kg.
- ❖ Tamanho – Comprimento de 14cm, largura de 9cm, espessura de 1cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Incisões e linhas negras.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça restaurada parcialmente.
- ❖ Função – A mesma de B e C.
- ❖ Confeção – A mesma de B e C.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Tradição Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 1753.

- ❖ Peso – 0,128kg.
- ❖ Tamanho – Comprimento de 11cm, largura de 9cm, espessura de 1cm; a base é circular, desgastada por uso.

- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – A mesma de B e C.
- ❖ Confeção – A mesma de B e C.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 1881.

- ❖ Peso – 0,128kg.
- ❖ Tamanho – Comprimento de 14cm, largura de 9cm, espessura de 1cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – A mesma de B e C.
- ❖ Confeção – A mesma de B e C.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 0507.

- ❖ Peso – 0,98kg.
- ❖ Tamanho – Comprimento de 10cm, largura de 7cm, espessura de 0,8cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
- ❖ Conservação – Nível 2, peça restaurada.
- ❖ Função – A mesma de B e C.
- ❖ Confeção – A mesma de B e C.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.

- Colher ou concha – número de tombo: 2624.
 - ❖ Peso – 0,88kg.
 - ❖ Tamanho – Comprimento de 9cm, largura de 9cm, espessura de 0,5cm.
 - ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
 - ❖ Município – Urucurituba-AM.
 - ❖ Tempero – Caraipé.
 - ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
 - ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
 - ❖ Função – A mesma de B e C.
 - ❖ Confeção – A mesma de B e C.
 - ❖ Fase – Itacoatiara.
 - ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 0515.
 - ❖ Peso – 0,54kg.
 - ❖ Tamanho – Comprimento de 8cm, largura de 6cm, espessura de 0,5cm.
 - ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
 - ❖ Município – Urucurituba-AM.
 - ❖ Tempero – Caraipé.
 - ❖ Decoração – Polimento interno.
 - ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
 - ❖ Função – A mesma de B e C.
 - ❖ Confeção – A mesma de B e C.
 - ❖ Fase – Itacoatiara.
 - ❖ Filiação cultural – Tradição Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 0526.
 - ❖ Peso – 0,126kg.
 - ❖ Tamanho – Comprimento de 12cm, largura de 7cm, espessura de 0,5cm.
 - ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
 - ❖ Município – Urucurituba-AM.
 - ❖ Tempero – Caraipé.
 - ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
 - ❖ Conservação – Nível 4, fragmentada.
 - ❖ Função – A mesma de B e C.

- ❖ Confeção – A mesma de B e C.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 1704
- ❖ Peso – 0,74kg.
- ❖ Tamanho – Comprimento de 10cm, largura de 7cm, espessura de 0,5cm. Cabo com comprimento de 4cm, largura de 2,8cm, bojo de 6cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé e hematita.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado e aplique zoomorfo.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – A mesma de B e C.
- ❖ Confeção – A mesma de B e C.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 1882.
- ❖ Peso – 0,44kg.
- ❖ Tamanho – Comprimento de 7,5cm, largura de 5cm, espessura de 1cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Cauixi e caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento e linhas escuras na parte externa.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – A mesma de B e C.
- ❖ Confeção – A mesma de B e C.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Borda Incisa.
- Colher ou concha – número de tombo: 1883.
- ❖ Peso – 0,43kg.
- ❖ Tamanho – Comprimento de 7,5cm, largura de 5cm, espessura de 1cm.
- ❖ Sítio – Lago do Arrozal.

- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Caraipé.
- ❖ Decoração – Polimento acinzentado.
- ❖ Conservação – Nível 4, fragmentada.
- ❖ Função – A mesma de B e C.
- ❖ Confeção – A mesma de B e C.
- ❖ Fase – Itacoatiara.
- ❖ Filiação cultural – Tradição Borda Incisa.

4.5.10 Conjunto – Panela

- Panela – número de tombo: 1671.
 - ❖ Peso – 0,462kg.
 - ❖ Tamanho – Altura de 9,0cm, abertura de 13,0cm, espessura de 1,1cm, base de 6,5 cm.
 - ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
 - ❖ Município – Urucurituba-AM.
 - ❖ Tempero – Caraipé, cauixi e hematita.
 - ❖ Decoração – Vermelha e incisões finas.
 - ❖ Conservação – Nível 2, peça parcialmente restaurada.
 - ❖ Função – Possivelmente para a atividade do cotidiano ou para eventos sociais.
 - ❖ Confeção – Feita por meio de pequenos cordões ou roletes. Após a secagem, foi feito o acabamento final, com as incisões e a pintura da borda.
 - ❖ Fase – Caparu.
 - ❖ Filiação cultural – Incisa e Ponteadada.
- Panela – número de tombo: 0047.
 - ❖ Peso – 0,380kg.
 - ❖ Tamanho – Comprimento de 6,5cm, largura de 7,5cm, espessura de 0,9cm, base de 7,0cm.
 - ❖ Sítio – Cidade de Urucurituba.
 - ❖ Município – Urucurituba-AM.
 - ❖ Tempero – Cauixi, caraipé e hematita.
 - ❖ Decoração – Vermelha e incisões finas.
 - ❖ Conservação – Nível 2, peça restaurada.

- ❖ Função – Possivelmente para a atividade do cotidiano ou para eventos sociais.
- ❖ Confecção – Foi feita por meio de pequenos cordões ou roletes. Após a secagem, foi feito o acabamento final, com as incisões e a pintura da borda.
- ❖ Fase – Caparu.
- ❖ Filiação cultural – Incisa e Ponteadada.

4.5.11 Conjunto – Trempe

- Trempe – número de tombo: 2597.
 - ❖ Peso – 3,960kg.
 - ❖ Tamanho – Altura de 18,5cm, circunferência de 62cm, base de 18cm.
 - ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
 - ❖ Município – Urucurituba-AM.
 - ❖ Tempero – Não identificado.
 - ❖ Decoração – Solo vermelho, não queimado.
 - ❖ Conservação – Nível 3, intacta.
 - ❖ Função – Uso como suporte para afixar o torrador ou a panela. Há um orifício de 2,0cm de profundidade, por meio do qual um pedaço de madeira introduzido nele conectava à outra peça, formando um único bloco. O naturalista Wallace (1979, p. 306), dentre as inúmeras habilidades dos índios do alto rio Negro, destacou a de confeccionar trempe de fogão.
 - ❖ Confecção – Argila do tipo cilíndrico; o solo não é queimado.
 - ❖ Fase – Não identificada.
 - ❖ Filiação cultural – Não identificada.
- Trempe – número de tombo: 2598.
 - ❖ Peso – 3,082kg.
 - ❖ Tamanho – Altura de 16cm, circunferência de 49cm, base de 15cm.
 - ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
 - ❖ Município – Urucurituba-AM.
 - ❖ Tempero – Não identificado.
 - ❖ Decoração – Solo vermelho, não queimado.
 - ❖ Conservação – Nível 3, intacta.
 - ❖ Função – Uso como suporte do fogão.

- ❖ Confeção – Argila do tipo cilíndrico; o solo não é queimado.
- ❖ Fase – Não identificada.
- ❖ Filiação cultural – Não identificada.
- Trempe – número de tombo: 2599.

- ❖ Peso – 3,042kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 17,0cm, circunferência de 53cm, base de 16cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Não identificado.
- ❖ Decoração – Solo vermelho, não queimado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso como suporte de fogão.
- ❖ Confeção – Solo não queimado.
- ❖ Fase – Não identificada.
- ❖ Filiação cultural – Não identificada.
- Trempe – número de tombo: 2600.

- ❖ Peso – 2,284kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 14,5cm, circunferência de 49cm, base de 16cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Não identificado.
- ❖ Decoração – Solo vermelho, não queimado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso como suporte de fogão.
- ❖ Confeção – Argila do tipo cilíndrico; o solo não é queimado.
- ❖ Fase – Não identificado.
- ❖ Filiação cultural – Não identificada.
- Trempe – número de tombo: 2601.

- ❖ Peso – 3,360kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 16cm, circunferência de 50cm, base de 15cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Não identificado.

- ❖ Decoração – Solo vermelho, não queimado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso como suporte de fogão.
- ❖ Confecção – Argila do tipo cilíndrico; o solo não é queimado.
- ❖ Fase – Não identificada.
- ❖ Filiação cultural – Não identificada.
- Trempe – número de tombo: 2602.

- ❖ Peso – 2,174kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 15cm, circunferência de 49cm, base de 13cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Não identificado.
- ❖ Decoração – Solo vermelho, não queimado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso como suporte de fogão.
- ❖ Confecção – Argila do tipo cilíndrico; o solo não é queimado.
- ❖ Fase – Não identificada.
- ❖ Filiação cultural – Não identificada.
- Trempe – número de tombo: 2303.

- ❖ Peso – 2,816kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 16cm, circunferência de 54cm, base de 18cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Não identificado.
- ❖ Decoração – Solo vermelho, não queimado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso como suporte para afixar o torrador ou a panela. Há um orifício de 2cm de profundidade, por meio do qual um pedaço de madeira se conectava à outra peça, formando um único bloco. O naturalista Wallace (1979, p. 306), dentre as inúmeras habilidades dos índios do alto rio Negro, relata a confecção de trempe de fogão.
- ❖ Confecção – De argila endurecida de formato cilíndrico, com um pequeno orifício na parte superior da tempre.
- ❖ Fase – Não identificada.

- ❖ Filiação cultural – Não identificada.
- Trempe – número de tombo: 2604.
- ❖ Peso – 1,90kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 13cm, circunferência de 34cm, base de 9cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Não identificado.
- ❖ Decoração – Solo vermelho, não queimado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso como suporte de fogão.
- ❖ Confecção – Solo não queimado.
- ❖ Fase – Não identificada.
- ❖ Filiação cultural – Não identificada.

Trempe – número de tombo: 1109.

- ❖ Peso – 1,692kg.
- ❖ Tamanho – Altura de 15cm, circunferência de 40cm, base de 11,5cm.
- ❖ Sítio – Fazenda Tabocal.
- ❖ Município – Urucurituba-AM.
- ❖ Tempero – Não identificado.
- ❖ Decoração – Solo vermelho, não queimado.
- ❖ Conservação – Nível 3, peça intacta.
- ❖ Função – Uso como suporte de fogão.
- ❖ Confecção – De argila endurecida de formato cilíndrico, com um pequeno orifício na parte superior da tempre.
- ❖ Fase – Não identificada.
- ❖ Filiação cultural – Não identificada.

Feitas as descrições de todos os conjuntos, as fases e as filiações culturais de cada um deles, na sequência se fará uma breve descrição de aspectos de usos de artefatos cerâmicos em atividades do cotidiano dessas populações e processos fúnebres colhidos junto aos indígenas que interagiam nos rios Urubu, Uatumã, Jatapu e Tapajós, na segunda metade do século XIX, por Barbosa Rodrigues (1875b). E essas descrições foram percebidas nos conjuntos selecionados da coleção José Alberto Neves, que se encontram assinalados no capítulo quinto,

por meio dos quais a arte de manifestar ao ente está inscrita em pinturas e em incisões finas (Lathrap 2010, p. 202), nas cerâmicas recolhidas do complexo de sítios arqueológicos da cidade de Urucurituba.

CAPÍTULO - 5 MEMÓRIA E ARTE ESTAMPADAS NA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NO MÉDIO RIO AMAZONAS PRETÉRITO

“Além destas urnas havia outras, também cinerárias, que serviam para guardar cinzas dissolvidas em tinta. Daí as passavam para as taças. Essas urnas eram raríssimas. Todos os vasos que encerravam despojos eram pintados de branco com arabescos pretos e vermelhos, sendo alguns também esculpidos”. (Barbosa Rodrigues, 1885, pp. 7-8).

5.1 Artefatos e memórias - os utensílios cerâmicos de sociedades pretéritas

As peças selecionadas para as análises foram recolhidas basicamente do complexo formado por quatro sítios arqueológicos. São eles: a *Fazenda Tabocal*, o *Lago do Arrozal*, o *Tabocalzinho* e a *cidade de Urucurituba*. As urnas funerárias e os demais conjuntos pertencem às fases *Miracanguera*, *Guarita*, *Itacoatiara*, *Silves*, *Konduri*, *Pocó* e *Paredão* (Barbosa Rodrigues, 1885; Hilbert, 1968; Simões e Machado, 1984, 1997; Neves, 2003, 2006; Lima, 2008; Guapindaia, 2008; Schaan, 2008, Moraes e Neves, 2012; Neves, 2014), sendo doze exemplares recolhidos por populares em escavações realizadas para edificações públicas ou privadas na área do centro da cidade de *Nova Urucurituba* e na área rural; apenas dois exemplares foram recolhidos na cidade de Manacapuru, em meados de 1980 (Neves 1978-2013). No entanto, antes de relatar os aspectos ou as funções dos conjuntos cerâmicos selecionados, é prudente que se busquem algumas das pesquisas científicas que ocorreram nas áreas adjacentes da atual cidade de Urucurituba.

Na segunda metade do século XIX, o botânico João Barbosa Rodrigues realizou expedições científicas nos rios Urubu, Uatumã, Jatapu e Tapajós. Nesses rios, além dos trabalhos botânicos, foram feitas percepções etnográficas de certos costumes das sociedades indígenas que viviam nesses locais (Barbosa Rodrigues 1875a), das quais se obtiveram informações de indígenas *Arauaquis* e *Pariquis* sobre procedimentos fúnebres, e observou-se o processo de extração de banha ou manteiga de tartaruga. Nos eventos fúnebres, havia uma particularidade, pois, o cadáver era colocado em um cesto feito de fibras de palmeiras, com os membros (pernas e mãos) amarrados. Após esse procedimento os participantes colocavam o cadáver nas costas e dançavam até ficarem exaustos; na sequência, imediatamente se transferia o corpo aos demais participantes. Quando todos estes tivessem dançado com o cadáver, faziam uma grande fogueira para o procedimento de cremação do corpo. Porém,

enquanto o este se encontrava no fogo, todos os membros da família do falecido e os demais convidados de outras aldeias faziam grandes rodas de mãos dadas, chorando e cantando a perda do ente. Ao término da cremação, os restos do corpo eram recolhidos, e as cinzas e os resquícios de ossos eram armazenados em um pequeno recipiente fabricado de arumã (*Ischnosiphon ovatus Kche*) e eram levados à casa ou à aldeia de estilo circular do falecido, em que os alojavam no alto de caibro²⁸ Barbosa Rodrigues (1875a, p. 95).

Os restos de cinzas humanas que não foram alocadas no recipiente de arumã eram depositados em urnas específicas. Nelas eram colocados água e polvilho de urucu (*Bicha orellana*) para a pintura dos participantes do evento. A festa era orquestrada sob os sons de tambores e bastantes bebidas produzidas de frutas e de macaxeira, em que o caxiri era uma das bebidas bastante apreciadas por essas sociedades, ao fim das danças. Eram realizados os ritos fúnebres de enterramento dos restos mortais, os quais eram colocados em urna ou em pote bojudo; e depois eram sepultados na aldeia do falecido ou em cemitério específico Barbosa Rodrigues (1875a, pp. 52-53).

Quanto à atividade de coleta de tartarugas e de ovos, isso era feito na estação do verão, nas praias dos rios de águas pretas (Urubu, Jatapu e Uatumã²⁹); os indígenas despejavam os ovos em diversas canoas e iniciavam os banquetes triturando-os com a utilização de fragmento de madeira ou pisoteando-os. Feitas essas práticas, eram introduzidas pequenas quantidades de águas nas canoas, algo que cobrisse todos os porões (fundos das canoas). E deixavam-nas ao sol, por algumas horas; a água aquecia e, por consequência, havia o surgimento da gordura dos ovos, que vinham à superfície. Então, com pequenos recipientes talvez cerâmicos, realizavam as coletas de toda a gordura e a acondicionam em *potes*. “É essa gordura que se denomina *azeite ou manteiga de tartaruga*” (BARBOSA RODRIGUES, 1875a, p. 89).

No rio Tapajós Barbosa Rodrigues (1875b) e Hartt (1885) descrevem alguns costumes dos indígenas Munduruku, dentre os quais as casas dos guerreiros que tinham formatos circulares ou cônicos, e as cores assinaladas nos esteios (hastes) que eram brancas, vermelhas e pretas. As cores eram extraídas do solo de leito de rios, conhecidas por *tabatinga de cor branca*, de *polvilho de urucu* (vermelho) e de cascas de diversas árvores para transformarem o preto; algumas delas do jenipapo (*Genipa americana*), do muruxi (*Byrsonima Crassifolia*), do cumaté (*Myrcia atramentifera*), todas espécies de áreas de várzea ou de igapó. As cores

²⁸ - Parte da estrutura da aldeia em que são amarradas as travessas de sustentação da grande casa, onde a tecnologia é toda de cipós ambé ou titica.

²⁹ - Uatumã é uma árvore de área de igapó; o fruto é de cor verde-escuro e é apreciado pelos macacos e peixes (tambaqui, pirapitinga, matrinxã etc.).

funcionavam como o divisor das famílias; assim, a branca só se relacionava com a vermelhas; e a pretas com a branca, e vice-versa (o branco e preto; o preto e vermelho; vermelho e branco). Havia aldeias destinadas aos idosos, às crianças e às mulheres, que ficavam separadas da aldeia dos guerreiros; tinham a mesma arquitetura, porém, as paredes eram feitas de mantas ou de panos de cascas de tauari (*Couratari spp*), costurados por cipós.

Os meninos iniciavam o processo de tatuagem ainda criança, quando eram utilizados fortes espinhos de *mumururu* para fazer as linhas para serem pintadas de resinas de árvores do breu branco e jenipapo; ao atingirem a maior idade, estavam com o corpo todo tatuado (Figura 28). Eram terríveis na arte de guerrear, porém, eram complacentes com as mulheres e com as crianças capturadas em guerras, as quais conduziam às suas aldeias para serem inseridas à sociedade Munduruku. Esses guerreiros, quando mortos em combates, dependendo das distâncias das aldeias eram conduzidos integralmente; ou pequenos órgãos do falecido eram retirados, assados e conduzidos à casa dos homens, ficando por algum tempo à espera de ritual fúnebre.

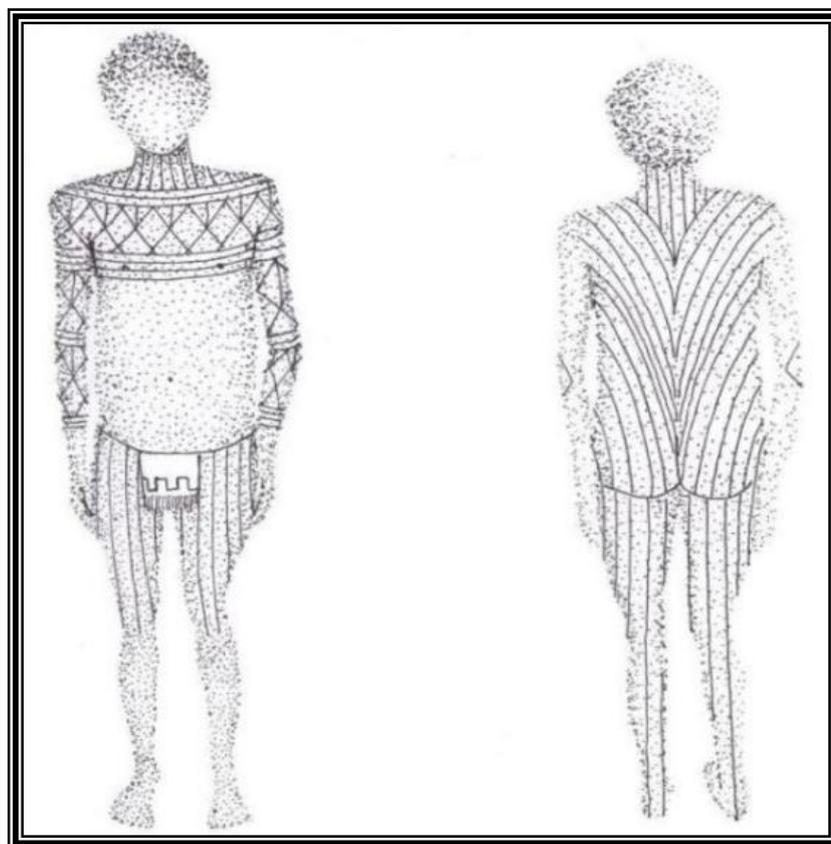


Figura 28: Índio *Munduruku* com o corpo portando tatuagem
Fonte: Hartt (1885, p. 124). Desenho: Francisco Daniel de Azevedo Júnior

As festas nas aldeias eram frequentes no sentido de referendar as ações ou os feitos em homenagem aos guerreiros, às grandes caçadas e às colheitas. O fruto da castanha era utilizado na dieta alimentar, cujo nome é “Dáú, que é uma comida feita de castanha assada em poqueca” (Barboda Rodrigues, 1875, p. 139). Além das diversas festas, uma demandava certa totalidade, que era de sepultar restos humanos que se encontravam nas grandes casas dos homens que:

“Além destas festas, celebram de três em três annos (anos) a festa geral, ou do enterro dos ossos. Os ossos dos mortos em campanha, como disse, são guardados no quartel por espaço de três annos (anos); findos os quais, depois desta grande festa que dura um mez (mês), estando elles (eles) sempre presentes, são mettidos (metidos) dentro de uma igaçáua (urna) e enterrados para sempre”. (Barbosa Rodrigues, 1875b, p. 150).

Barbosa Rodrigues (1885) assinala a característica da indústria cerâmica da fase *Miracanguera*, que se encontrava a montante à cidade de Itacoatiara, com pacotes de terras pretas significativas e bastantes fragmentos cerâmicos. As urnas funerárias tinham tamanhos diferenciados, pois, dependendo da dimensão do cadáver, era estipulada a composição da urna; assim, havia urnas para pessoas adultas, jovens e crianças. Ele descreve que havia três conjuntos de urnas: a primeira era destinada aos líderes e seus familiares, cujo procedimento era de enterrar os corpos; e, depois de algum tempo, exumavam-nos e depositavam os restos mortais nas urnas e sepultavam.

A relevância eram as manifestações de pinturas em cores branca, vermelha e preta; e as indicações do sexo eram estampadas no bojo e no gargalo das urnas. Esses exemplares são raros; os nomes dos possíveis chefes era “Moakaras” (Barbosa Rodrigues, 1875, p. 189); na segunda, a característica é que as urnas eram destinadas a acondicionarem restos humanos que foram incinerados em processo de cremação; a terceira destinava-se para depositar as cinzas humanas e também para adicionar os corantes para os rituais fúnebres. As características apontadas na cerâmica *Miracanguera* haviam sido informadas por anciões indígenas *Arauaquis* e *Pariquis*, que guardavam como memórias de infância alguns dos procedimentos quanto aos atos fúnebres Barbosa Rodrigues (1875a). As informações identificadas na *Necrópole de Miracanguera*, e as vozes dos indígenas dos rios Uatumã, Jataupu e Urubu, de que Barbosa Rodrigues obtivera relevantes informações, delineiam sobre o modo de vida e sobre como ocorriam as interações nesses rios. As informações de pesquisas arqueológicas na Amazônia Central (Neves, 2006; Lima, 2008) apontam que a cerâmica tinha relevantes

destaques no modo de vida dessas sociedades do médio Rio Amazonas. As alegorias demonstradas nas cores justificam essa concepção.

5.2 Urnas e potes – A arte de representar a inscrição do modo de vida pré-colombiana

A decoração e tecnologia das urnas e os potes representam a arte e o modo de vida dos povos indígenas antigos da Amazônia, que talvez nos fins de tardes ou nos inícios de manhãs ouviam os cantos dos pássaros rouxinol (*Icterus pyrrhopterus*), uirapuru (*Cyphorhinus aradus*), tucano (*Ramphastos tucanus*), arara (*Ara chloropterus*), gaivota (*Larus delawarensis*), os quais geralmente ocorrem à margem do Rio Amazonas e seus afluentes, nas estações de secas. Além disso, fazem alusão as milhares de borboletas que coloriam as paisagens; às palmeiras de urucuri (*Attalea phalerata*), de tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), de açaí (*Euterpe oleracea Mart*), de inajá (*Inga edulis*); enfim, refletem uma paisagem onde os pássaros, as árvores e o homem viviam em pleno consórcio de trocas, em que as cores e as características físicas dos pássaros eram manifestadas nas cerâmicas. Homens e mulheres, ao chegarem à aldeia, talvez visualizassem as obras de artes Adorno (1947), estampadas nos utensílios cerâmicos, no assoalho ou no tapete negro formado de *terras pretas*. É o lugar em que, conforme Carlos (2001), talvez houvesse um grande complexo de aldeias circulares, alinhadas nos caminhos do sol, dos ventos, das chuvas, onde as castanheiras (*Bertholletia excelsa*), as seringueiras (*Hevea brasiliensis*), os cacaeiros (*Theobroma cacao L.*), os umaris (*Paraqueiba seriacea Tul.*), os açaís (*Euterpe oleracea*), as pupunhas (*Bactris gasipaes*) e outras espécies cultivadas em torno das aldeias e suas flores traziam os beija-flores, as abelhas, os tucanos etc. (Figura 29). E era da sobra dessas árvores que hipoteticamente havia o ateliê de fabricação dos utensílios cerâmicos e de outros objetos necessários à arte de moldar a vida, no médio rio Amazonas pré-colombiano. As informações de Barbosa Rodrigues (1875a) indicam que homens e mulheres utilizavam as áreas das aldeias para diversas atividades, como para tecer o algodão, para fabricar arcos e flechas, e outros fins. Os utensílios de madeira ou de palmeiras não são identificados em escavações arqueológicas ou em *terras caídas*; já as cerâmicas são repletas de exemplares em sítios arqueológicos no médio Rio Amazonas; alguns deles são encontrados em estado intacto, como segue a descrição dos conjuntos.



Figura 29: Palmeira no entorno; e ao centro a casa de arquitetura semicircular. Benjamin Constant e Atalaia do Norte (Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru).
Foto: Carlos Augusto da Silva, fev., 2012.

As urnas e os potes selecionados foram descritos sumariamente no capítulo quatro, e a descrição apontou possíveis utilidades dos conjuntos. A percepção é de que as urnas foram moldadas com características antropomorfas, tais como a demonstração de sexo e a exposição corporal, que foram fabricadas para fins de arte funerária. Destarte a avaliação a que se chegou é de que na parte interna onde houve pouca alteração antrópica, proveniente de ações de bioturbações ou de águas pluviais. O tratamento feito pelo ceramista encontra-se estável devido ao fato de ainda haver inscrições de processo de manuseio produzido por instrumentistas no acabamento ou na arte final de polir a parte interna das urnas. Outro ponto de relevância é que nas urnas ou nos potes foram moldadas técnicas utilizando pequenos ou médios cordões de argilas fazendo toda a circunferência das urnas ou potes. Feita a estrutura (a base, o gargalo, a tampa e a borda), vinha a última etapa, que era uma espécie de aplicação de massa acrílica de cores branca, amarelada e vermelha envolvendo as partes da urna, conforme o ceramista achasse necessário. Essas observações foram extraídas de uma urna funerária que havia sido fragmentada, em cuja parte do gargalo e do bojo havia uma espécie de reboco (a aplicação de argila) branco e vermelho em toda a peça.

As urnas e os potes tinham padrões de tamanhos: nas maiores, o peso de massa de maior volume foi de 10,830kg; e a menor foi de 1,428kg. As dimensões não ultrapassam 70cm de altura; quanto aos componentes adicionados à argila, como caraipé e cauixi, havia

um padrão, pois se observou que as urnas e os potes que continham a maior concentração de caraipé se encontram preservados; alguns atingindo o nível três que são as peças intactas, conforme a metodologia que se utilizou. E, também, o uso do caraipé (casca de árvores queimadas) tornava a urna ou os potes leves e de fácil manuseio nos eventos fúnebres. No processo de enterramento, o peso do solo sobre a urna ou o pote pouco interferia em seu aspecto físico. Outras características observadas no conjunto foram as pinturas, pois as linhas pretas, às vezes perpendiculares, curvilíneas ou retilíneas, estão estampadas nos ombros dos potes, no bojo, na base e no gargalo das urnas; algumas delas são parecidas com a estampada na tatuagem dos índios Munduruku, segundo Hartt (1885, p. 124). A tatuagem ou a pintura no corpo do índio são constituídas por linhas paralelas e perpendiculares. As linhas paralelas estão na barriga, na clavícula; e as perpendiculares formam losangos; já as linhas nas costas são estruturas em formato de espinha de peixe. Em um pote escolhido da área próximo à Vila Augusto Montenegro, no bojo, no gargalo e no ombro, há linhas incisadas finas paralelas e perpendiculares, que formam talvez o mesmo *design* que existe na estampa produzida pela pintura no peito do índio (Figura 28).



Figura 30: Pote com linhas incisadas finas no ombro e apliques zoomorfos
Foto: Raul Perigo, set., 2015.

Outro pote recolhido do sítio arqueológico cidade de Urucurituba talvez tivesse dupla função. A primeira era para o uso em atividades, na época da estiagem dos rios, para depositar

água potável ou para o acondicionamento de banha de tartaruga, conforme observou Barbosa Rodrigues (1875a), quando esteve nas regiões dos rios Jatapu, Urubu e Uatumã em que os índios se utilizavam de potes para acondicionar a banha e para transportar produtos por longas distâncias, pois, em épocas de vazantes, os acessos por canoas se tornam às vezes inviáveis; a segunda finalidade era para ritos fúnebres, pois o pote estava associado ao sítio-cemitério, na área central da cidade de Urucurituba, em que algumas urnas funerárias com ossos humanos, aparentemente calcinados, foram encontradas por operário quando abriam escavação para fins de construir uma fossa séptica ou para baldrame de edificações (Neves 1998, Tombo I, p. 80). As duas possibilidades de uso podem estar associadas às características que foram percebidas quando foram feitas as aferições de peso e de dimensão do pote. Na parte interna, existiam sinais de uso, pois, para a limpeza do interior do pote havia arranhadura produzida possivelmente por objeto de coletar ou de retirar água; talvez fosse a cuia ou a colher de cerâmica para a retirada de resíduo acumulado no fundo do pote (Figura 30).



Figura 31: Pote bojudo polido nas paredes externa e interna
Foto: Raul Perigo, set., 2015.

Conforme a descrição que há no livro de Tombo I (Neves, 1998), na área central da cidade de Urucurituba, operários abriram escavações para a construção de fossa séptica; em níveis próximos de quarenta ou sessenta centímetros foram encontradas quatro urnas funerárias que estavam agrupadas e cujo formato era quadrangular. Barbosa Rodrigues (1885), quando descreveu as urnas que exumou no cemitério de *Miracanguera*, classificou-as

em oito tipos; e as informações sobre os achados obteve por meio de pesquisa etnográfica realizada na área dos índios que interagiam nos rios Urubu, Uatumã e Jatapu – os *Arauaquis* e *Pariquis* –, que reportaram os procedimentos que seus ancestrais realizavam em rituais fúnebres, em que se serviam de vasilhames cerâmicos para ritos fúnebres, como segue a compilação na íntegra:

“1.^a Ikaçauas ou urnas ossuárias, as que encerravam ossadas completas, sem terem sido levadas ao fogo e que em baixo relevo representam diferentes partes de uma figura humana com indicação de sexo.

2.^a Kanguera reru ou urnas ossuárias, as que guardavam ossadas queimadas e partidas; algumas semelhantes às primeiras; e outras sem qualquer forma humana e destituídas de relevos.

3.^a Kamuci ou urnas cinerárias, as que continham o pó e as cinzas das ossadas. Essas urnas têm a forma de um pote e raras vezes têm indícios de partes do corpo humano.

4.^a Kamuci uaçu: o grande pote no qual dissolviam a tinta e nela misturavam o pó e as cinzas dos ossos.

5.^a Yairaki-çaua ou taças das libações, com forma de panelas mais ou menos ornadas; algumas com emblemas zoomorfos, em relevo.

6.^a Kanguera-çaua: as taças cinerárias em que se derramava a tinta incinerada. São ornadas com emblemas antropomorfos e zoomorfos.

7.^a Dautibá ou panelas: motivos em que depositavam os viveres para o morto. Ornadas de desenhos, por gravura ou pintura e de emblemas zoomorfos e alguns antropomorfos.

8.^a Tykucaua: espécie de *hidrya* dos gregos, que servia para derramar a tinta nas kangueraçauas.” (Barbosa Rodrigues, 1885, p. 196).

Essas são as oito denominações atribuídas aos conjuntos de urnas funerárias identificadas do complexo e extinto sítio arqueológico Miracanguera, que fora destruído pela forte correnteza do Rio Amazonas (Nimuendajú 2001, p. 195). A denominação aos conjuntos fúnebres havia sido coletada por meio de consulta realizada por *Barbosa Rodrigues (1875a)*, feita há mais de uma década junto aos índios *Arauaquis* e *Pariquis*, que interagiam nos rios de águas pretas, o Uatumã, o Urubu e o Jatapu, todos tributários da margem esquerda do Rio Amazonas Fonseca (2011, p.140). Nesses rios tem-se observado que, geralmente, a partir dos meses de setembro (seca) a janeiro (subida das águas) são repletos de peixes que os sobem para o processo de desova. E também os quelônios sobem as praias para o mesmo processo. Foi neles que Barbosa Rodrigues assistiu ao processo descontrolado de captura de tartarugas, que talvez seja um dos procedimentos que quase levou à extinção dos pés de bolas, pois, quando a tartaruga ou o tracajá sobem a praia, a cauda produz uma faixa que delimita a área em que eles devem desovar, isto é, um campo delimitado para a reprodução de vida. A figura 32 é um exemplar de tartaruga modelada em cerâmica que há na coleção arqueológica José

Alberto Neves, porém, quando foi coletada, a cauda foi fragmentada e conseqüentemente extraviada.



Figura 32: Imagem zoomorfa de quelônio
Foto: Raul Perigo, set., 2015.

A reprodução ou a manifestação de peças zoomorfas de registro arqueológico são frequentes no médio Rio Amazonas. É provável que imagem da tartaruga tenha representado uma espécie de código entre as sociedades humanas pré-colombianas; talvez manifestasse certo período do ano em que poderia ser realizada a captura. Por outro lado, os demais meses seriam para o processo de reprodução. Essa foi uma rápida anotação a respeito dos costumes dos índios de águas pretas. Na sequência, passa-se à descrição de uso de artefato cerâmico para fins fúnebres e de uso do cotidiano (Gomes 2008).

O sítio arqueológico cidade de Urucurituba tem espesso pacote de terra preta e vários fragmentos cerâmicos em superfícies, em quintais, nos meios-fios, nas ruas e avenidas, no centro da cidade e em áreas adjacentes. Na Avenida São Sebastião foram resgatados quatro vasilhames que estavam enterrados, sendo duas urnas funerárias antropomorfas com pinturas de engobo branco, vermelho e linhas curvilíneas pretas, com a indicação do gênero masculino, e dois potes bojudos de engobos vermelho, branco e linhas pretas, sem a indicação de sexo.

As urnas estavam com as tampas, de modo que sobre uma delas havia um desenho zoomorfo; durante a avaliação chegou-se à hipótese de que o pássaro estava na posição para

coletar frutos; no pescoço havia um pequeno orifício para pendurar ou afixar possíveis enfeites de penas de arara ou de tucano. Essas aves têm penas de cores brancas, vermelhas e pretas. Na cauda do zoomorfo havia duas linhas incisais finas, que iniciavam nas asas e seguiam até o fim daquela região, com a sequência de pigmentos brancos, vermelhos e linhas pretas finas. As combinações de cores no zoomorfo e na urna podem indicar certa posição de *status*. Barbosa Rodrigues (1875a), na viagem aos rios supracitados, informa certos costumes de modo de vida dos índios. Um deles era o uso de penas de *tucano*, *arara*, *tangará*, *papagaio* e *gavião* para serem ornadas em pequenas mantas de algodão para serem utilizadas como enfeites de cabelo ou espécie de minissaia para mulheres.

As representações de órgãos humanos nas urnas demonstram os braços, as pernas, como se estivessem de cócoras, ou o bebê no útero de sua mãe, isto é, as artes estampadas nas urnas e nos potes são, na verdade, depósitos de memória que a cada urna ou pote desenterrados são resgatados pelas cores branca, vermelha e preta edificadas por componentes orgânicos eminentemente ecológicos, não prejudiciais aos voos dos pássaros (Figuras 33, 34, 35 e 36).



Figura 33: Urna antropomorfa em posição de clemência ou do bebê no útero materno; o sexo masculino, uma ultrassonografia pré-cabraliana
Foto: Raul Perigo, set., 2015.



Figura 34b: Pote com linhas pretas em curvilíneas de traços próximos de alfanuméricos e pigmentos amarelados, de engobo vermelho e branco
Foto: Raul Perigo, set., 2015.



Figura 35: Urna antropomorfa com engobo branco, vermelho, linhas pretas e as mãos e as pernas alfanuméricas representadas pelo número (2) ou por interrogação (?). Sexo masculino
Foto: Raul Perigo, set., 2015.

Figura 36: Pote com pintura vermelha; na parede interna há marcas de raspagem de resíduo orgânico
Foto: Raul Perigo, set., 2015.

As urnas e os potes foram encontrados conforme a disposição nas figuras de 33 a 36. Na descrição que Barbosa Rodrigues (1875a) colheira junto aos índios *Arauaquis* e *Pariquis*, eles utilizavam a indústria cerâmica para as atividades de cotidiano e também para o enterramento de entes; geralmente empregavam três ou mais vasilhames cerâmicos para os procedimentos fúnebres. Na escavação do sítio arqueológico *Miracanguera*, Barbosa Rodrigues (1885) identificou oito características de objetos que eram utilizados em ritual fúnebre. Dentre os conjuntos, um modelo de urna era especial e exclusivamente destinado ao alto comando das aldeias (chefes ou pajés). As urnas eram possivelmente fabricadas sob encomenda ao artista da arte de modelar a argila, em formato de pessoas. Essas urnas eram denominadas de *Ikaçauas* – urnas em que eram depositados ossos humanos, sem, contudo, serem realizados os procedimentos de cremação dos mortos. Esse ritual era realizado por meio de dois procedimentos: no primeiro, quando o indivíduo falecia, era levado ao cemitério e enterrado ficava por algum tempo, até que houvesse somente as ossadas; no segundo momento, os restos mortais eram exumados e depositados na urna especial e enterrados para a eternidade Barbosa Rodrigues (1875b).

Essas urnas são raras de serem encontradas, talvez devido ao sepultamento profundo, às vezes abaixo de um metro de profundidade. No sítio arqueológico de *Miracanguera*, Barbosa Rodrigues (1885), ao escavar o cemitério, recolheu peças de elevado valor histórico, pois os nomes das urnas estão diretamente atrelados às vozes dos índios, que, sem rumo, devido à grande perseguição do colonizador, não mais utilizavam esses artifícios de sepultarem os entes, mas ficaram na memória de senhoras e de senhores ceramistas dos rios

de águas pretas. Essa recordação está presente em sítios arqueológicos encaixados às margens do baixo, do médio e do alto Solimões-Amazonas e de seus afluentes.

Entre as urnas e os potes agrupados coletados por operários na cidade de Urucurituba, talvez estejam alguns dos conjuntos relatados por Barbosa Rodrigues (1885). As urnas antropomorfas indicavam o sexo masculino, com fragmentos de ossos calcinados. Dos potes não foram recuperadas as tampas (Neves Tombo I, 1998), pois, devido ao choque de ferramentas houve a fragmentação delas; a consequência foi a penetração de solo para o interior dos potes. O processo de limpeza executado pelos operários com jato de água pode ter causado a perda de resíduos culturais.

Urnas das fases Miracanguera e Guarita (Barbosa Rodrigues, 1885; Hilbert, 1968) são aparentemente contemporâneas das sociedades que ocuparam densamente os espaços da margem norte e sul do Rio Amazonas e dos demais afluentes. Na escavação realizada em 2012, na área urbana e portuária da cidade de Itacoatiara, diversos fragmentos pertencentes às fases supracitadas foram resgatados, dentre os quais um exemplar de urna Miracanguera foi coletado (Figuras 37, 38, 39 e 40).



Figuras 37, 38, 39 e 40: As Figuras 37 e 38 acima representam a urna sendo exumada, na profundidade de 1,75cm; as Figuras 39 e 40 indicam a face humana, com pintura em linhas pretas em toda a urna, talvez representando a distribuição das aldeias no espaço do sítio, ou a estampa de tatuagem no corpo do guerreiro, do pajé, da alta liderança.

Fotos: Daniel Borges e Catarina Calheiros, out., 2012.

A urna exumada do sítio arqueológico Jauari sugere estar de acordo com as informações de Barbosa Rodrigues (1875a): as pinturas em linhas negras finas, o nariz em alto relevo pontiagudo, as orelhas em forma da letra “C”, longas, afixadas por dois roletes de cor vermelha em alto relevo da borda até o meio do pescoço, os olhos pequenos assinalados por incisões de cor avermelhada e a boca pequena pontiaguda em alto relevo horizontal. A cor da argila avermelhada apresentava a tonalidade amarelada. As vozes dos índios que manejaram o ambiente no médio rio Amazonas sobre os tipos de sepultamentos obedeciam a certos padrões. Assim, havia urnas funerárias para cada grupo de indivíduos; por exemplo, nas urnas da coleção José Alberto Neves, a maioria manifesta a presença do sexo – masculino e feminino – e demais membros do corpo humano, conforme os registros dos livros de tombos I e II (Neves, 1998-2013); os níveis de enterramento não ultrapassam um metro de profundidade e estão associados a outros vestígios cerâmicos ou líticos. Dessa forma, há a

hipótese de que havia uma diferença no processo de sepultamento de líderes, de guerreiros, de pajés ou de um membro da tribo que não teria conseguido o destaque social.

A urna do sítio Jauary, situado na cidade de Itacoatiara, encontrava-se em nível de profundidade próximo a dois metros. Na escavação foi observado que a urna foi sepultada talvez no início da formação de estratos de terras pretas. Em torno do bojo dela havia um círculo de vinte centímetros de largura de mancha escura. Essas mesmas características são recorrentes nos sepultamentos de urnas da fase *Paredão*. As informações de Barbosa Rodrigues (1875a) para esse processo de enterramento de urnas raras em cemitério afastado das aldeias e desprovido de oferenda são supostamente de líderes; é difícil identificar as razões que possam ter inferido no afastamento dos cemitérios em relação aos assentamentos e, conseqüentemente, no baixo índice de vestígios existentes neles, além da profundidade do sepultamento. Talvez esse distanciamento explique as raridades de aparição de urnas *Miracanguera*.

Na escavação da urna nos níveis de cinquenta centímetros a um metro de profundidade foram coletados poucos fragmentos cerâmicos. Isso talvez esteja em consonância com as informações de Barbosa Rodrigues (1885), segundo o qual urnas de líderes ou chefes são raríssimas, como já assinalado acima, devido ao fato de, supostamente, haver poucos deles; assim, os óbitos eram poucos, isto é, havia poucos sepultamentos. A hipótese é de que há cada cinquenta ou cem anos, um número entre dez e vinte chefes eram mortos. O líder era de certa forma solitário no ato fúnebre, pois, em torno da urna havia total ausência de oferenda e o sexo não era demonstrado. Assim, para conhecê-lo, a única forma de saber é a análise dos restos mortais depositados na urna. A urna exumada desse sítio, pela posição geográfica, à margem do Rio Amazonas e sepultada com a face como se o estivesse observando, talvez se explique no sentido de comunicação com seus entes, ao redor de mil e quinhentos do *anno domini*. Por essa razão, se convencionou chamá-la de *Princesa das águas*, pois foi salva do deslizamento de *terras caídas* do gigante Rio Amazonas; hoje, encontra-se em exposição nos altos do Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas.

As cores branca, vermelha e preta são bem destacadas por Barbosa Rodrigues (1875a, 1875b e 1885; Hartt, 1885; Coudreau, 1977; Nimuendajú, 1924) nas pinturas ou na tatuagem dos índios que manejavam os ambientes dos rios Tapajós e Madeira; as cores eram produzidas de frutas ou de cascas de árvores, como o urucu (*Bixa orellana*), o jenipapo (*Genipa americana* L.), de rocha e de *tabatinga*; ressalte-se a seguir a prancha (1) compilada de Nimuendajú (1924, p. 243-245), em que as pinturas no corpo dos homens e das mulheres Parintintins possuíam estampas presentes da fauna terrestre e aquática da Amazônia.

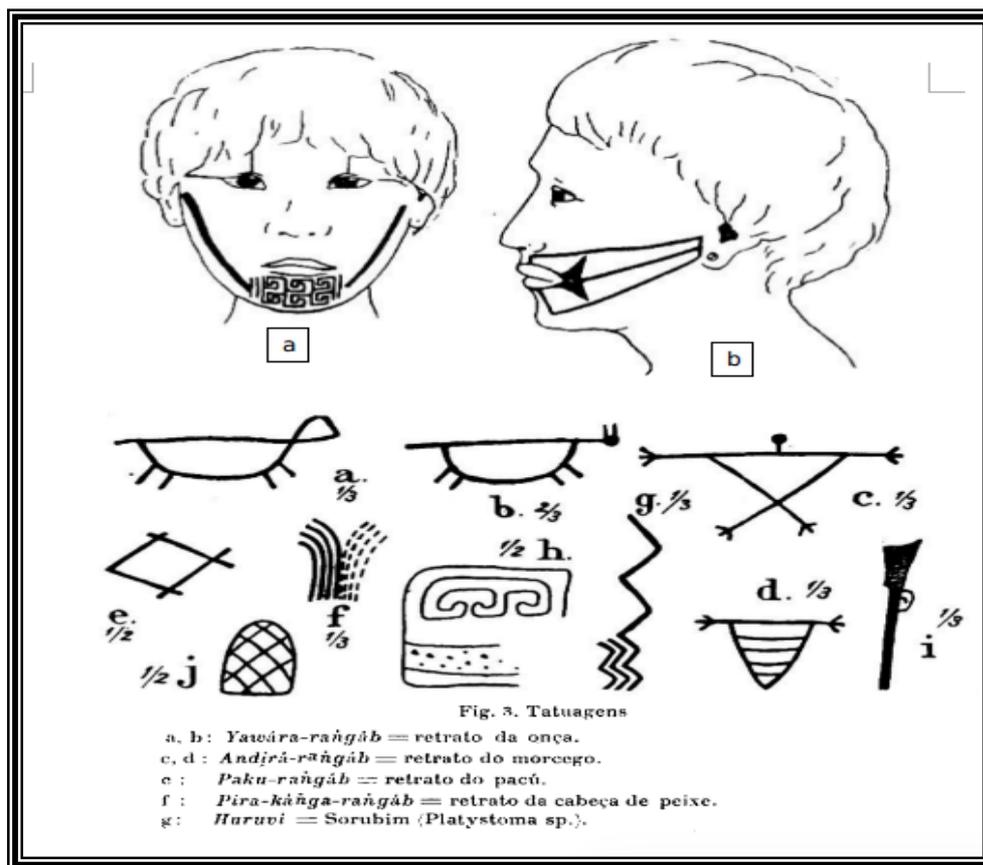


Figura 41: Estilo de tatuagem de índios Parintintins
 Fonte: Nimuendajú (1924, 243-245).

As Figuras *a* e *b* acima são as tatuagens feitas no queixo das mulheres e homens com linhas pretas azuladas de tinta de jenipapo que seguem até as orelhas; no masculino, a estampa é a cauda de peixe no lábio (Nimuendajú 1924, p. 234-245). As figuras abaixo na prancha designam estilos de tatuagens retiradas de peixes e de felinos para serem desenhadas nos corpos de homens e de mulheres Parintintins. As estampas indicadas pelas letras “g” e “e”, por exemplo, indicam as cores presentes no peixe surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*); e em forma de losango no pacu (*Piaractus brachypterus*). As estampas são recorrentes nas cerâmicas das fases Guarita e Miracanguera, filiadas à Tradição Cultural Policromia da Amazônia. As urnas para o enterramento de criança ou de jovem Barbosa Rodrigues (1885) com pinturas em linhas largas ou finas nas cores branca, vermelha e preta são características da *Fase Guarita* Neves (2012, p. 261).

No capítulo quatro, onde se aferiu o tamanho, o peso, as bases das urnas, aparentemente estas seguem padrões regionais; talvez pelo fato de serem especificamente para fins fúnebres, teriam certos controles nas escalas produtivas e eram modeladas por encomenda aos artistas oleiros (Lévi-Strauss 2010, p. 31). As cores são repetidas, porém, dependendo do

status ou da posição social do falecido eram adicionados os procedimentos de pinturas e a face humana no gargalo da urna ou na tampa. Assim, as urnas eram produzidas em conformidade com possíveis *status*. Na tatuagem na prancha (1) compilada de Nimuendajú (1924), na letra “F”, as linhas e os pontinhos de cor preta representam a ictiofauna amazônica (Zuanon 2015, p. 85). As linhas são parecidas com a estampa curvilínea da escama do peixe bodó (*Pterygoplichthys pardalis*), conforme se vê na Figura 42.

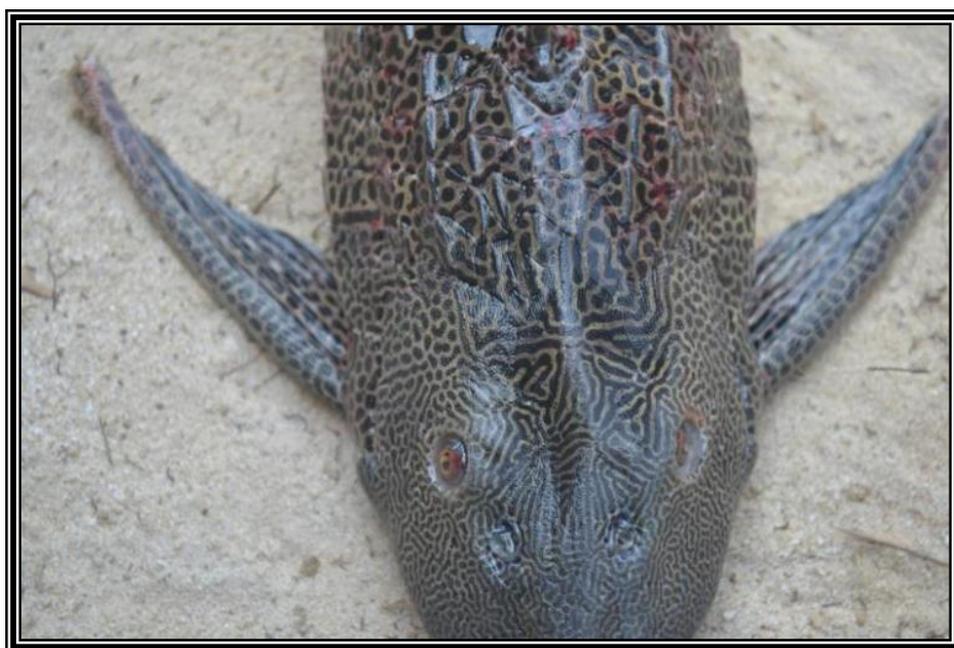


Figura 42: Estampa em linhas brancas e negras no peixe bodó
Foto: Carlos Augusto da Silva, out., 2015.

Nas urnas de tamanhos médios ou pequenos, a base é plana ou côncava; o pescoço é cilíndrico, e a tampa é em formato de cuia, contendo polimentos acinzentados nas paredes externas; as tampas com pinturas em linhas perpendiculares formam malhas de cores acinzentadas, vermelhas e brancas, parecidas com as que aparecem na estampa da serpente jiboia (*Boa constrictor*); as urnas foram recolhidas do sítio arqueológico “Fazenda Tabocal”, onde quatro exemplares de urnas estavam em um pacote de *terra preta*, que se havia desprendido do sítio *Fazenda Tabocal* devido ao processo de deslizamento de *terras caídas* na área. As urnas, conforme a comunicação do agricultor que fez recolhimento das peças, estavam distribuídas em formato quadrangular, sendo duas contendo ossos humanos, possivelmente de “crianças” (Neves, 1998, p. 150). Entre os exemplares, devido ao processo antrópico, apenas uma peça estava intacta; as outras se encontravam com fissuras, mas todas

advindas do procedimento realizado pelo agricultor em coletar todos os fragmentos. Depois de serem transportadas ao colecionador José Alberto Neves, após os procedimentos de acondicionamento, as urnas foram restauradas, quando foi utilizada a argila branca, possibilitando a quase recomposição das peças.

Pelas características de manufatura, devido ao fato de a argila ser de boa qualidade, possivelmente foi coletada de jazidas próximas aos assentamentos ou de áreas adjacentes, formando um estoque para atender à demanda. Assim, senhores e senhoras que utilizavam esse material fabricavam urnas ou “Kamuci” (Barbosa Rodrigues, 1875, p. 82) para fins de enterramento de restos mortais de entes queridos. E essa prática percorreu longos caminhos; até hoje, em algumas áreas, esses artesãos continuam com a prática de extração desse material para fazer vasilhames para o uso do cotidiano (Gomes 2008).

A argila branca de boa qualidade geralmente é encontrada às margens dos rios de *águas brancas ou pretas*; no período de seca, é comum vê-la exposta nas encostas de áreas de várzea ou de terra firme. É na estação de seca que ocorre a extração da argila, quando o padrão de recolhimento é feito por bolas desse material, pesando em média de cinco a dez quilogramas. Na etapa de campo do Projeto Baixo Amazonas (Lima & Silva 2004), na comunidade Sol Nascente, no município de Urucará-AM, foi observado num pequeno *tapiri*, sobre um jirau, que há bolas de argila armazenada sendo secada para o processo de produção de indústria cerâmica (Figura 43).



Figura 43: Bolas de argila armazenada, comunidade Renascer em Urucará.
Foto: Carlos Augusto da Silva, nov., 2004.

As bolas de argilas de coloração branco-gelo atingiram esse matiz pelo fato de estarem expostas na área do *tapiri*, desprotegidas de paredes e recebendo o calor do sol. A escolha do local é proposital, pois os marimbondos, as formigas e os besouros depositam larvas importantes para fazer uma espécie de caminho, contribuindo para a perda de água que havia nas bolas de argila. E, após um ou dois anos de armazenagem, a argila é quebrada em pequenas pelotas trituradas em pilão de madeira, formando uma espécie de polvilho branco, o qual, adicionado à água, origina uma massa ou pasta viscosa, pronta para pintar ou polir a cerâmica.

Esse procedimento pode ser uma das técnicas que senhoras ceramistas pré-colombianas tenham viabilizado e acumulado por longos períodos. As pinturas tracejadas na cerâmica Guarita e na Miracanguera, no geral, ocorrem por argila branco-gelo ou neve; eram cobiçadas pelas sociedades produtoras dessas indústrias. O domínio das cores é predominantemente branco, vermelho e preto (Figura 44).



i

Figura 44: As cores possivelmente indicam áreas de interações, representada na cerâmica.
Foto: Raul Perigo, set., 2015.

Na estampa assinalada no bojo da urna antropomorfa, as cores vermelha e branca dão o destaque em alto-relevo indicando a reprodução em miniatura da face humana grafada na tampa da urna. O desenho em forma de rotatória (branca) permite fazer certas ligações com as aldeias ou com as áreas adjacentes. A configuração do complexo arqueológico de Urucurituba tem semelhança com a estampa, pois a distribuição dos sítios arqueológicos segue paralelamente ao Rio Amazonas. A norte, a maior extensão é indicada pela faixa branca; e no fim há a cor preta encaixada na faixa; seria uma aldeia onde essa é a cor determinante; a sul, a faixa estreita liga outros pontos, talvez representando o acesso ao Rio Amazonas; a leste e oeste, seria o conjunto de aldeias paralelamente ao Rio Amazonas. Então, o desenho poderia representar um sistema de conexões entre várias aldeias, em que o conjunto central seria o sítio arqueológico da cidade de Urucurituba, e as demais aldeias seriam áreas de trabalhos. Carvajal (1941), na descida do Rio Amazonas, em 1542, registrou que em alguns trechos havia grandes aldeias; algumas com caminhos largos, talvez ligando-se a outras aldeias. A estampa pode ser um sistema de arruamentos integrando-se ao complexo conjunto de aldeias.

Em relação aos conjuntos cerâmicos que foram reunidos dos sítios arqueológicos “Fazenda Tabocal”, “Lago do Arrozal” e “Tabocalzinho” (Neves, 2009, p. 30), todos foram utilizados em atividades de cotidiano (Gomes 2008). São as tigelas, as fruteiras, os pratos, as cuias de macacos, as colheres, as panelas e as trempes. Em algumas das tigelas, há possíveis

resíduos encrostados de colorações negras, hipoteticamente que foram utilizados para acondicionar restos de madeira ou látex de árvores como a sorva (*Couma utilis*) ou a seringa (*Hevea brasiliensis*) para serem utilizados como lampião no interior das aldeias. Numa aldeia que tenha o formato circular, em noites de luar, a radiação de luz penetra pelas fendas que há entres as paredes. Barbosa Rodrigues (1875b), em expedição pelo Rio Tapajós, pernitoou em uma aldeia dos índios Munduruku e percebeu que no alto de uma estaca de madeira havia um recipiente que passou a noite com uma meia tocha de fogo iluminando a área interna da comunidade.

Os pratos, as colheres e a fruteira todos possuíam uso intensivo, devido ao fato de as peças apresentarem desgastes nas bordas ou na base interna delas. Em um exemplar de colher, em função do excesso de utilização, toda a parte côncava foi consumida pelo processo de atrito talvez entre o prato e a colher. No que toca às cuias de macacos em cerâmicas, pelas características de fabricação, há a hipótese de que as peças foram fabricadas com o objetivo de serem utilizadas para a coleta de látex; nas bordas desses recipientes foram feitas cavidades pontiagudas no sentido de serem conectadas às hastes da *seringa*, da *sorva* ou da *balata* (*Manilkara bidentata*). Essas espécies produzem o látex; ou, como é conhecido pelas sociedades que residem nos rios da Amazônia, o “leite de seringa”. O látex coagulado forma uma pelota, que colocada em recipiente de cerâmica e ateadada ao fogo pode gerar energia por várias horas. O local onde foram coletados doze exemplares é o sítio arqueológico Lago do Arrozal; além de extratos de solo de terra preta há também um castanhal, vários exemplares de seringueiras e de palmeiras, típicas de paisagens elaboradas por ações humanas. Quanto aos exemplares, conforme consta no Livro de Tombo 1 (Neves 1998), o agricultor que os coletou dissera que estavam em sequências simétricas e emborcados. Isso talvez tenha sido uma característica das cuias que foram deixadas junto aos exemplares de árvores das quais era extraído o possível látex. Outra característica são dois bicos pontiagudos nas bordas para serem conectadas à árvore e para escoar o látex para outro recipiente de maior tamanho. Isso porque, à medida que o látex adentra a cuia, é inteiramente líquido, porém, após algumas horas, ele vai ser coagulado no bico conectado à árvore, obstruindo-se, assim, o escoamento por essa extremidade que estava presa à haste da *seringa*, da *sorva* ou da *balata*. Dessa forma, o outro bico tinha a função de escoar o látex para o recipiente coletor ou maior (Figuras 45 e 46).



Figura 45: Cuias de macaco em cerâmica pontiaguda nas bordas, possivelmente para a coleta de látex
Foto: Raul Perigo, set., 2015.



Figura 46: Demonstração de coleta do látex na tigela, material possivelmente usado como fonte de energia em aldeia do médio Amazonas pré-colombiano.
Foto: Raul Peringo, set., 2015.

O formato das cuias (Figuras 45 e 46) é parecido com a castanha-de-macaco (*Cariniana micrantha Ducke*), espécie de árvore típica de áreas de encostas de rios no médio Amazonas. A partir dos meses de julho a setembro à medida que diminuem as chuvas, as amêndoas, em média de quatro a cinco, são expelidas dos ouriços; quando a tampa é separada deles, nos meses de novembro a março, com o aumento das chuvas e do vento, os talos que se prendem às árvores apodrecem, ocorrendo os descartes dos ouriços; com a subida das águas, estes ficam perambulando nas áreas de igapós, até que apodreçam e se tornem adubos (Figura 47).



Figura 47: Cuia-de-macaco (*Cariniana micrantha* Ducke)
Foto: Carlos Augusto da Silva, nov., 2015.

A relação entre as sociedades humanas pré-colombianas e o ambiente era efetivada pelas características manifestadas por meio das espécies disponíveis no meio, como os frutos, as palmeiras, por exemplo; já as possíveis cuias para a coleta do látex foram talvez inspiradas no modelo dos frutos, conforme a Figura 50. Essa mesma arquitetura aparece nos recipientes cerâmicos da indústria *Guarita*; os vasos mesiais possuem algumas características morfológicas da castanha-de-macaco e da castanha-sapucaia (*Lecythis pisonis*). Na área do Rio Uatumã, Corrêa (2009, p.174) descreve a cerâmica da fase *Caparu*, cujo formato apresenta as mesmas características que aparecem na *Tradição Policrômica da Amazônia*, com datas de 1.000 a 430 anos antes do presente.

No conjunto de panelas existentes na coleção José Alberto Neves, a maioria das peças foi recuperada da área central da cidade de Urucurituba, mesmo com impacto ambiental na região; contudo, quando são realizadas intervenções, principalmente nas primeiras ruas e avenidas são identificadas centenas de fragmentos de recipientes; alguns intactos. As Figuras 48 e 49 são basicamente idênticas, embora ilustrem peças recolhidas de sítios arqueológicos separados por 80 a 100km. Nas panelas das Figuras 48 e 49, a primeira encontrava-se no complexo arqueológico de Urucurituba; já a segunda, na área do Rio Uatumã, recuperada nas pesquisas e no salvamento arqueológico durante a década de 1980, quando houve o impacto

ambiental para a instalação da *Usina de Balbina*, localizada no município de Presidente Figueiredo-AM.



Figura 48: Pequena panela com flange e incisões de cor vermelha.
Foto: Raul Peringo, set., 2015.

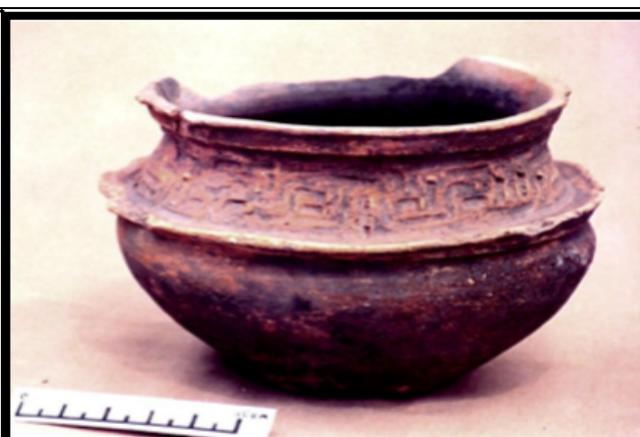


Figura 49: Panela com flange e incisões de cor vermelha
Fonte: Corrêa (2009).

Olhando sob a premissa de que na Amazônia pré-colombiana talvez as distâncias não fossem obstáculos para os sistemas de interações sociais e culturais, Barbosa Rodrigues (1975a) informa que houve interações matrimoniais entre as sociedades humanas dos rios Urubu, Jatapu e Uatumã, nas quais para o sistema de casamento existia certo protocolo. Como era de praxe, o casal ficava residindo na casa dos genitores (sogro e sogra) até que lhes fossem repassados os conjuntos de panelas, de peneiras, de raladores e outros ensinamentos. Nesse sentido, a nova família, com esse sistema descrito por Barbosa Rodrigues, tenha tido longevidade; e isso pode ter sido um dos mecanismos do processo de transferências de tecnologias entre as sociedades humanas pretéritas.

As coleções arqueológicas são verdadeiras assinaturas paisagísticas pelo fato de que a cultura material enterrada e as que estão sendo manifestadas nas centenas de árvores manejadas por longos e contínuos contatos foram alternativas viabilizadas nas modalidades de vários conjuntos da indústria cerâmica; por exemplo, as trempes ecológicas foram produzidas, aparentemente, sem relevância, mas se leva em conta o seu tempo de fabricação, o fato de que não precisam de certos aprimoramentos técnicos; necessita-se somente reunir a argila e moldar o rústico cilindro, e estão prontas para serem usadas; da mesma forma faz-se uma fogueira, cujos suportes sejam de madeira para depositar sobre ela determinado recipiente cerâmico que pese em média três quilogramas e cujo conteúdo seja alterado para seis quilogramas; com a pressão do fogo, a madeira poderia ser incendiada e a consequência seria a perda do conteúdo e do recipiente, pois se fragmentariam. Assim, as trempes identificadas

em sítios arqueológicos tinham supostamente duas funções: a primeira equacionar a temporalidade do uso do recipiente cerâmico; a segunda propiciar o baixo consumo de queima de vegetação, pois elas centralizavam as labaredas na base dos recipientes. Nas trempes, geralmente há um pequeno orifício para a conectividade, as quais supostamente eram transportadas para os eventos sociais, pois em algumas delas há incisões em curvilíneas destacando o possível uso em evento de relevância social.

O naturalista Alfred Russel Wallace, no livro *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*, descreveu, em 1850, as variedades de utensílios dos índios que viviam no alto Rio Negro, entre as quais está a armadilha para a captura de peixes, além dos *cacuris*, feitos de várias hastes de madeiras retiradas nas proximidades dos rios. Os locais de instalações são os leitos dos igarapés, onde são tecidas paredes de hastes de madeira para encurralar os peixes que transitam nesses locais. No processo de retirada dos animais aprisionados nos cercados de madeira é utilizado o *puçá*, um cesto feito de cipó com uma haste que funciona como o cabo; outro instrumento é o ralo, fabricado por diversos fragmentos de rochas pontiagudos enfileirados numa prancha de madeira para triturar a mandioca, ou seja, torná-la massa para diversos fins, como para o fabrico de farinha; para o processo de torrefação da farinha, foi elaborado o forno de argila.

A fabricação do forno precisava de alguns procedimentos; um deles é que o forno fique estabilizado numa espécie de parede feita de argila, com uma única porta de entrada para introduzir a lenha, no sentido de manter a pressão do fogo, isto é importante que a temperatura do ambiente seja constante para a secagem da massa de mandioca. Porém, antes de levar ao forno, a massa de mandioca (*Manihot esculenta*) é exprimida no artefato tecido de fibras de jauari (*Astrocaryum jauari*) ou de tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), denominado de *tipiti*, que em média tem de um a dois metros de comprimento por dez a vinte centímetros de diâmetro; em média são colocados de três a cinco quilos de massa, introduzidos pela boca do *tipiti*, onde há uma alça em formato de “U”, que o prende numa haste de madeira no sentido vertical; no fim do *tipiti* há um entrelaçado de fibra, denominado de *encaixe*, onde é colocada uma haste de madeira para pressionar o conteúdo, isto é, para fazer escoar a água, que é o *tucupi*; nessa haste, geralmente, uma pessoa se assenta, ou são alocados troncos de madeira para esticar o *tipiti*; quando cessar o escoamento do *tucupi*, a massa é retirada do *tipiti* em pedaços. E na sequência é peneirada para a retirada das fibras que não foram trituradas no ralador (Figura 53). Esses procedimentos foram observados numa aldeia indígena, na área do médio Rio Igapó-Açu (Silva 2013). E também no registo de Wallace (1979), que descreve as características dos conjuntos produzidos pelas sociedades indígenas do alto Rio Negro (Figura

54), onde alguns tipos de artefatos utilizados pelos indígenas daquele lugar (Carlos 2001) são encontrados em sítios arqueológicos. Há, porém, algumas exceções, como é o caso de artefatos trançados de fibras vegetais, que são consumidos pelas ações do ambiente. Por outro lado, há negativos de folhas ou de esteiras em bases de alguidares da indústria cerâmica *Paredão*. É possível, portanto, fazer associações entre os relatos históricos e o registro arqueológico, de forma que a arte de fabricar artefatos de fibras ou de palhas vegetais tem uma longa história de ensino e aprendizagem que talvez seja um dos canais de radiações de diversas técnicas ou artes presentes em quase toda a Amazônia, bem antes da chegada das sociedades portuguesas e espanholas à região. Na Amazônia pretérita o problema de desmatamento foi quase zero, os sítios arqueológicos são testemunhos disso. Assim ela não é um mito na acepção Diegues (1999 e 2004), foi sim palcos de interações (figura 50) em que as sociedades pretéritas por meio de ações no meio ambiente realizaram alterações significativas; um exemplo pode ser o processo de formação de solo de terra preta identificadas em áreas de várzea e de terra firme, e além da diversidade de palmeira necessário para o trançado (tipiti, peneira e chapéu) e para a cobertura das aldeias.



Figura 50: *Tipitis* sendo utilizados para secar a massa de mandioca. Sítio Aldeia a margem esquerda do Rio Matupiri, tributário do Rio Igapó-açu.
Foto: Carlos Augusto da Silva, abr., 2013.

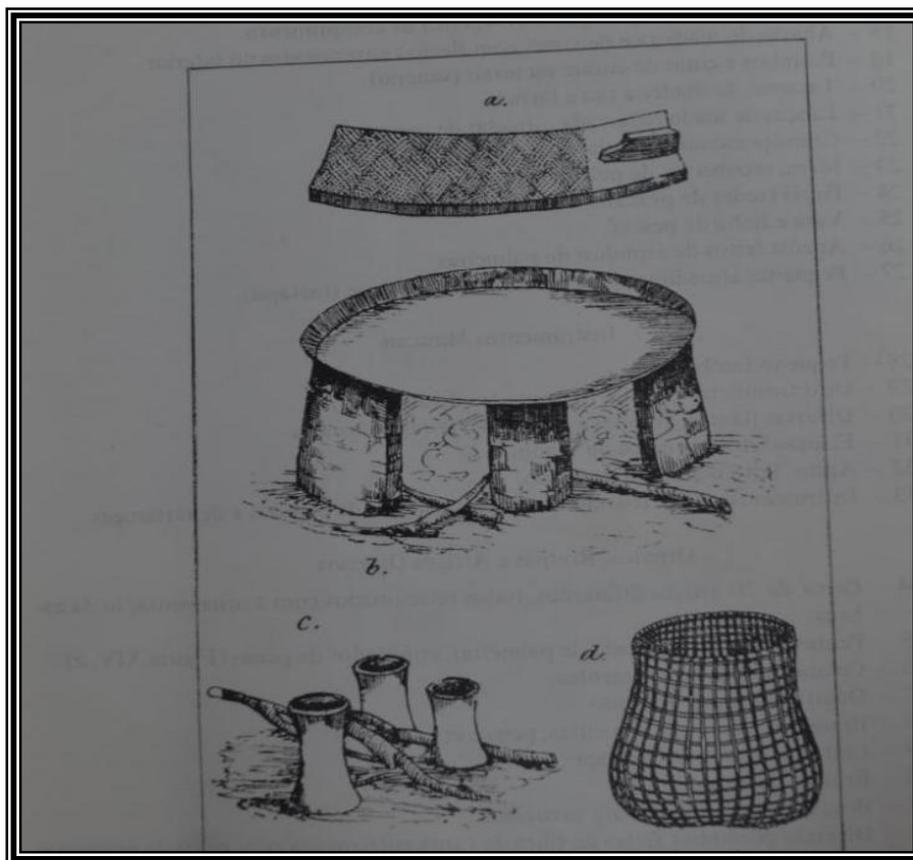


Figura 51: a- ralador para triturar a mandioca;
 b- forno de argila para assar o beiju e torrar a farinha;
 c- trepes de argila;
 d- cesto de fibra de arumã.
 Fonte: Wallace (1979, p. 306).

Feitas essas ponderações no que tange aos conjuntos cerâmicos que talvez tenham sido vários canais de comunicação entre as sociedades que ocupavam a área do médio rio Amazonas, assevera-se que os testemunhos inscritos nos recipientes ou nas diversas espécies de árvores que estão distribuídas nos antigos assentamentos humanos são, na verdade, postulados que existiam dos sistemas de comunicações intermodais com os quais canoas levavam e traziam novas fórmulas de estar no ambiente. Dito isso, chega-se à caminhada conclusiva deste trabalho, em que, na sequência, se dão as impressões de ver obras de arte procedentes talvez de esforços elaborados e pensados por milhares de indivíduos que expressaram, nas cerâmicas, saberes por milênios, no médio Amazonas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conjuntos selecionados da coleção *José Alberto Neves* para este estudo, aparentemente tinham relevantes funções nas atividades do cotidiano para as sociedades que os produziram na Amazônia pretérita. Quanto às urnas, por exemplo, tudo leva a crer que as funções eram especificamente para eventos funerários. Já os demais conjuntos tinham duplas funções: para eventos sociais e domésticos ou para fins de geração de luz no interior das aldeias.

No que tange ao conjunto de colheres ou de conchas, devido ao uso excessivo, parte do bojo foi desgastado; nos conjuntos de tigelas, de pequenas panelas havia coloração de queima, talvez de uso para cozer alimentos ou para a introdução de matéria-prima para fonte de energia. Os conjuntos são estes: *a- urnas e potes, b- alguidares, c- tigelas, d- fruteiras, e- pratos, f- vasos com flanges, g- cuias de macaco, h- colheres ou conchas, i- panelas e j- trempe.*

Entre as urnas descritas no capítulo quatro destacam-se as cores branca, vermelha e preta. A branca e a vermelha são as que predominam. Na branca, após a urna estar com a estrutura montada, ou seja, a base, o bojo, o gargalo e a tampa eram realizados os ajustes finais, com a aplicação de massa de argila especial distribuída por toda a superfície. Feita a distribuição da massa branca eram realizados os retoques de engobo vermelho e de linhas pretas em curvilíneas em torno dos órgãos dos gêneros masculino e feminino, em alto-relevo.

Geralmente na tampa da urna era esculpida a face humana, cujos destaques estão nas orelhas com pequenos orifícios em alto-relevo no lado esquerdo e no direito, possivelmente para afixar brincos ou penas de arara e de tucano, pois essas aves têm as cores impregnadas na urna. Outro destaque é que, às vezes, na tampa da urna há figura de ave, que talvez seja a imagem de um tucano, pelo fato de a cauda e o bico serem bem parecidos com os dessa ave. Barbosa Rodrigues (1875a), na sua viagem pelos rios Urubu, Jatapu e Uatumã descreveu que os índios desses rios davam preferências às penas de aves com as cores vermelha, branca e preta para serem adicionadas em cocares e em outros artefatos para serem usados em atividades sociais ou fúnebres.

Nas urnas da fase *Guarita*, geralmente, há indicação do sexo; durante o processo de análise do conjunto, observou-se que as medidas de membros como pernas e braços eram adicionadas às urnas obedecendo a rigorosas medidas, somente quando havia a indicação de

sexo. Os membros, como pernas, braços, boca, nariz, órgãos genitais eram cuidadosamente modelados e adicionados às urnas, supostamente demonstrando que a imagem dos órgãos estampados nelas fosse a figura de um bebê no útero materno ou de um ser em posição de defesa, se fosse de um guerreiro.

Outra característica frequente na urna são as reproduções em miniatura da face humana; próximo da base da urna há linhas bem finas de cor preta. A reprodução do rosto é em alto-relevo, com o que são afixados finos cordões de argilas e são desenhadas linhas nas cores vermelha e preta. Nessa miniatura a cor branca não é destacada. Porém, essa cor se destaca quando é feita uma espécie de interligação entre os complexos de aldeias, isto é, uma possível estrada interligando as aldeias centrais à grande aldeia, à margem do Rio Amazonas (Figura 52).

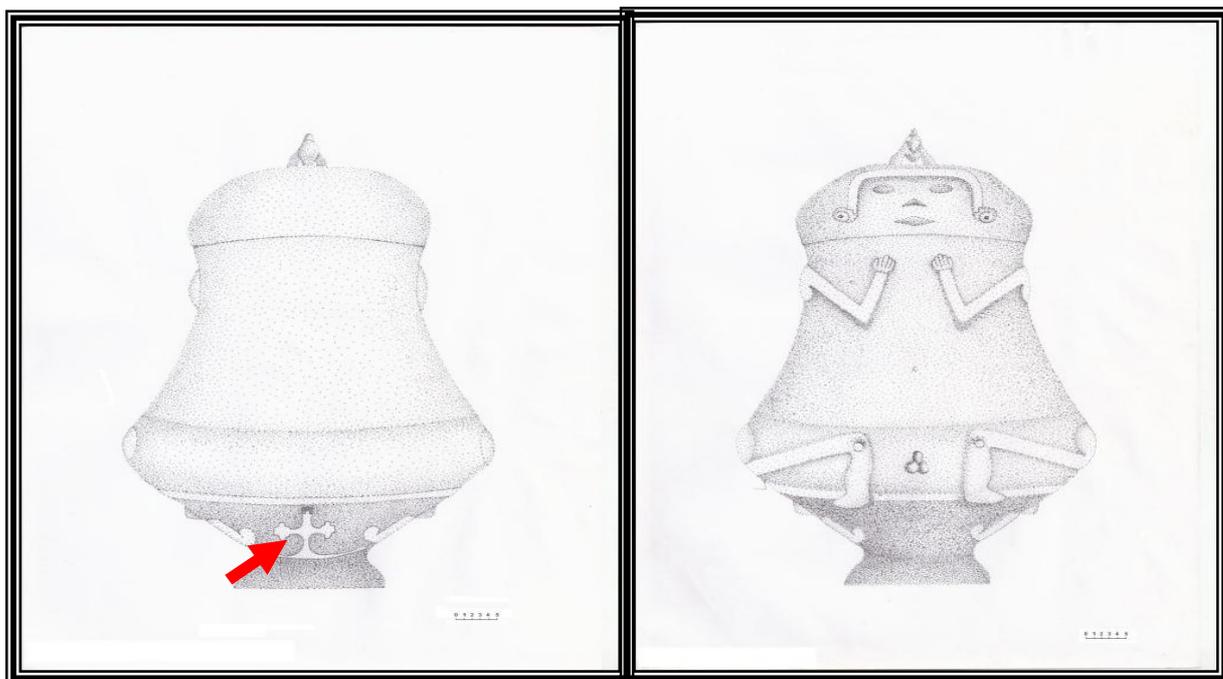


Figura 52: A seta indica a estampa em formato de rotatória, a sequência de possíveis interligações entre aldeias. A face humana, pernas, braços e órgão genital indicam o sexo masculino. Desenho: Francisco Daniel Azevedo Júnior, set., 2015.

As demonstrações impregnadas nas estampas das urnas trazem cores que representam as possíveis interações sociais. As narrativas dos naturalistas que viajaram nos principais rios tributários do médio e do alto rios Amazonas e Negro (Wallace, 1979; Bates, 1979; Barbosa Rodrigues, 1875a e 1875b; Hartt, 1885) mostram que as sociedades utilizavam vasilhames de argila (urnas) para as manifestações fúnebres e que as cores eram certos marcadores

distintivos sociais. As sociedades que ocupavam os rios Urubu, Jatapu, Uatumã, Tapajós e demais afluentes poderiam utilizar algumas dessas manifestações, de sorte que as cores estavam presentes nos vasilhames cerâmicos e também nas pinturas corporais. Nimuendajú (1924), na área do rio Madeira, em contato com as sociedades indígenas Parintintins descreve algumas das pinturas estampadas em algumas partes do corpo de homens e de mulheres.

Os *designs* talvez fossem retirados ou copiados de cores presentes nos peixes da região. As cores existentes imitavam a cabeça da pirarara e as costas e a barriga do surubim. As cores estampadas na cabeça da pirarara têm linhas paralelas em curvilíneas e pontinhos que seguem até próximo à cauda; no surubim, o formato se dá em linhas finas em espirais de cores preta e branca. As cerâmicas das fases *Silves*, *Iraci* e *Garbe* (Simões & Machado, 1987, p. 76) têm talvez certas ligações com os padrões recorrentes nas pinturas ou nas tatuagens estampadas nos corpos dos índios Parintintin e Munduruku (Hartt, 1885; Nimuendajú, 1924, pp. 243-245). As incisões eram tracejadas com fortes espinhos e coloridas com tintas de jenipapo (Hartt, 1885), em todo o corpo do indivíduo. Nos vasilhames cerâmicos, as incisões eram abertas enquanto a argila encontrava-se pouco endurecida. As Figuras 53 e 54 abaixo contêm linhas tracejadas nos fragmentos cerâmicos. Por exemplo, no fragmento “d”, as incisões são similares às nádegas do desenho do índio Munduruku; as curvilíneas no fragmento “c” têm praticamente os detalhes assinalados na figura 41, onde Nimuendajú (1924) assinalou os tipos de pinturas corporais dos índios Parintintins. A Figura do pacu em formato de losango tem similaridade com a estampa no peito do desenho do índio Munduruku.

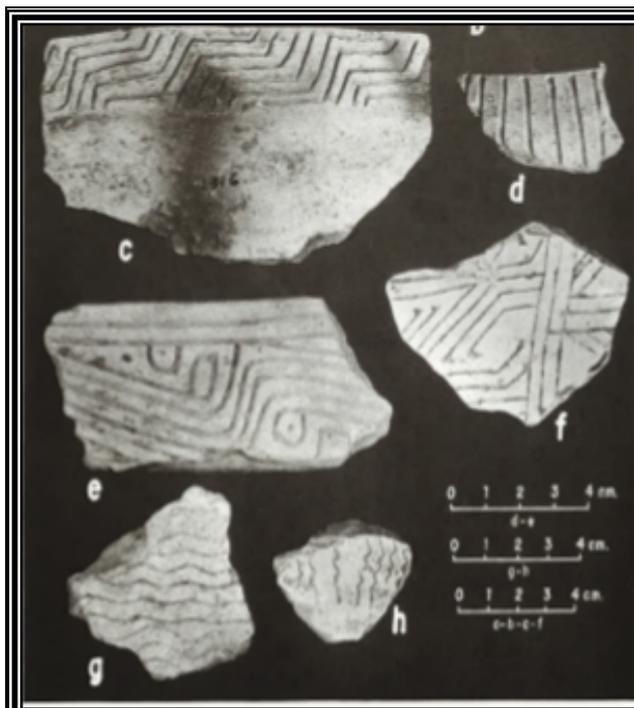


Figura 53: Fragmentos cerâmicos da fase "Iraci"; c, d, e, incisões largas; f, inciso fino; g e h, incisões onduladas (Simões e Machado, 1987, p.76).

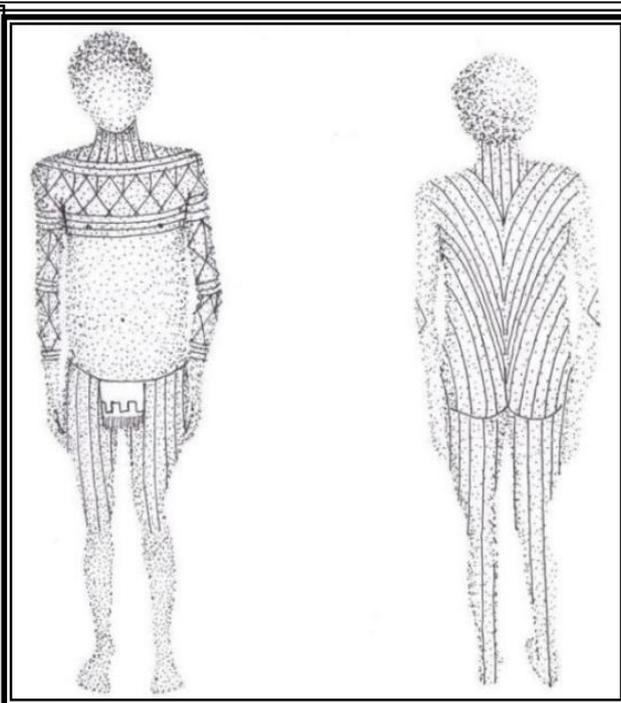


Figura 54: Desenho estampado no índio Munduruku, Hartt (1985).
Desenho: Francisco Daniel Azevedo Júnior, set., 2015.

Os potes tinham várias funções no sentido de atender às necessidades sociais. Dentre as funções, além dos eventos fúnebres eram utilizados para depositar água potável no interior das aldeias, para acondicionar bebidas, como licores de jenipapo, de abacaxi e de caxiri, e para os eventos festivos. Os potes também poderiam ser utilizados para acondicionar variedades de sementes, como de milho, feijão, jerimum e algodão; e no momento certo para o plantio eram retirados e estavam em perfeito estado de conservação.

Esse artefato, pela sua característica de armazenar quaisquer produtos, sejam líquidos, sejam sólidos foi importante para as sociedades pré-colombianas. E, com a conquista da sociedade portuguesa e espanhola na Amazônia, os potes continuaram a exercer funções de acondicionar produtos. Por exemplo, em 1850, na situação em que o naturalista Henry Walter Bates se preparava para subir o Rio Solimões-Amazonas de Manaus a Tefé, a embarcação em que conseguira a passagem tinha como proprietário um comerciante de Ega (Tefé) que havia chegado de Santarém, onde havia transportado uma carga de óleo ou banha de tartaruga, cujas embalagens eram potes de argila apropriados para as longas viagens.

O segundo conjunto avaliado foi dos alguidares, que também eram utilizados em rituais fúnebres, cuja função era fechar as urnas com estilos dos potes, e as oferendas geralmente eram enterradas em torno das urnas. Outras possibilidades eram a sua utilização

para acondicionar frutos de caioé, de bacaba, de açaí, de patauá e outras espécies para serem adicionados à água, com a temperatura entre trinta e quarenta graus célsius, no sentido de que as cascas dos frutos se desprendessem das sementes para serem feitos sucos e distribuídos no seio das aldeias, em eventos sociais ou em atividades de cotidiano. Quanto aos alguidares da coleção José Alberto Neves, as características observadas apontam que possivelmente eram utilizados em eventos sociais, pelo fato de que quase todos apresentavam linhas finas ou largas, em retilíneas, curvilíneas, com fundo branco, sombreadas na cor marrom-escuro; talvez o corante fosse de árvore de *cumaté*; ademais, havia pequenos apliques zoomorfos nas paredes dos alguidares; alguns com figuras de rãs de longas pernas para que não se tornassem escorregadios no seu manuseio, ou seja, havia a reprodução na arte de elaboração das peças para fins sociais.

No que se refere às tigelas e às fruteiras, se as observações de Barbosa Rodrigues (1875a) estiverem corretas, os conjuntos também tinham duplas funções por serem utilizados em eventos funerais e no dia a dia das aldeias. As análises dos conjuntos acusaram algumas utilidades para fins de demandas de homens e de mulheres nas aldeias ou também para serem utilizados em atividades de acampamentos. Por exemplo, em ações de plantio de manivas, de carás, de batatas e de outras espécies. Esses conjuntos talvez fossem utilizados para depositar certas quantias de alimentos ou frutos para a dieta alimentar nesses ambientes. A figura 50 é de uma fruteira que, pelas características, poderia ser utilizada em eventos de relevância social ou política.



Figura 55: Fruteira de cores em linhas vermelhas e negras na parte interna e externa
Foto: Raul Perigo, set., 2015.

No entanto, apesar de na fruteira (Figura 55) haver as cores em linhas finas em toda a peça, a argila é bem porosa, ou seja, há pequenos fragmentos dela em toda a superfície. Essa característica pode apontar que a peça tenha sido utilizada em grandes eventos sociais; ou quando o pajé fazia pedidos, por exemplo, em grandes colheitas ou na fertilidade de solo.

Pratos e vasos com flanges, como já assinalado anteriormente, eram conjuntos que também tinham importância no interior das aldeias. Na maioria das vezes, apresentavam-se quase intactos ou parcialmente fragmentados, porém com elevado grau de uso. Quanto aos pratos, talvez por serem passivos de excessos de serviços, alguns apresentavam parte das bases internas desgastadas, onde as cores foram retiradas por atritos advindos do contato com outros utensílios domésticos; já no que se refere aos vasos com flanges, possivelmente pelo uso constante, todos os que foram avaliados encontravam-se parcialmente fragmentados, alguns contendo somente as paredes e as bases.

As cuias de macacos e as colheres ou conchas foram de extrema importância para as sociedades indígenas que ocupavam a Amazônia pretérita. Por exemplo, as *cuias de macacos* talvez tenham uma longevidade, pelo fato de que, em 1848, quando o naturalista Henry Walter Bates viajava no Rio Tocantins a Cametá, em certas passagens por ilhas de áreas de várzeas, percebeu que os indígenas utilizavam pequenos “(...) recipientes de barra” (Bates, 1848, p. 66) para a retirada de látex de árvores de seringueiras (*Hevea brasilienses*), visto que homens e mulheres, a partir do mês de agosto iniciavam a temporada de extrair o látex, cujo procedimento era realizado por meio de cortes em forma de talhos na diagonal e na vertical,

onde é posicionado o recipiente para a colheita do líquido pastoso. Os líquidos eram transportados aos pequenos *tapiris*, onde eram feitos os procedimentos para formar as peles de borrachas. Se isso era praticado pelos indígenas no século XIX, então é bem provável que essa prática venha de milênios.

Os conjuntos de cerâmicas que foram coletados e estão na coleção *José Alberto Neves* têm as mesmas características descritas por Heury Walter Bates, quando de sua passagem por essas bandas da Amazônia. No tocante às colheres ou conchas parece que foram confeccionadas para fins de atividades domésticas, devido ao fato de que quase todas as peças dos conjuntos apresentavam profundos desgastes de uso. Existe a hipótese de que os conjuntos eram utilizados possivelmente para a retirada de massa de mandioca, no fundo de gamelas feitas de madeiras; ou as colheres eram utilizadas para o processo de retirada de goma. Para isso, precisava-se de recipientes para transferir a massa de mandioca diluída na água para levá-la à peneira e para a retirada do *tucupi*; e, após doze ou quinze horas, a goma de cor branco-neve ficava no fundo do alguidar e o suco do *tucupi* ficava sobre a goma. Talvez nessas atividades as colheres ou conchas tinham relevância nas casas de fazer a farinha, nas aldeias pretéritas.

As panelas e as trempes da mesma forma que os demais conjuntos, tinham talvez importância cabal; as panelas, além de serem utilizadas em rituais fúnebres, eram empregadas excessivamente em atividade para a preparação da dieta alimentar de cozer as proteínas de origem animal ou para a preparação de cozimentos de certas frutas. Por exemplo, a pupunha só é possível de ser ingerida se estiver devidamente cozida; caso contrário, pode causar fortes coceiras nos lábios e na boca do indivíduo. No caso das trempes, como já mencionado anteriormente, tudo leva à hipótese de que foram confeccionadas por necessidade de estabilizar as panelas no interior das aldeias.

Bem, já finalizando, é prudente salientar que entre os onze conjuntos da coleção *José Alberto Neves* analisados, todos vêm praticamente de quatro áreas de importantes sítios arqueológicos que estão localizados paralelamente ao rio Amazonas. Pelas características dos conjuntos são todos recorrentes ou similares à indústria ceramista dos demais rios tributários do Rio Amazonas. Por exemplo, os conjuntos cerâmicos dos Rios Urubu, Uatumã, Jatapu e dos paranás do Ramos, de Urucará e de áreas adjacentes são os mesmos que compõem a coleção *José Alberto Neves*. Assim, o que se pode concluir é que talvez houvesse processo de interfaces ceramistas na Amazônia pretérita em proporções exponenciais.

E essa escala foi retirada por meio da força impregnada pelo processo de colonização. Quanto ao mecanismo tecnológico para a elaboração da indústria cerâmica no médio rio

Amazonas, no tempero não houve mudanças com relação a outras indústrias contemporâneas, pois a análise dos conjuntos acusa em sua totalidade a existência de caraipé, de cauixi, de caco moído e de areia, além do uso de resinas de vegetais, por exemplo, a jutaicica, que é uma espécie de gelatina, quando é realizada a extração da árvore do jutaí; ou quando há desabamento de árvores próximas que venham a atingi-lo e provoquem algumas fissuras em seu caule, momento em que é expelida a gelatina, que, após dias, fica em estado sólido. A partir da daí, é realizada a coleta para o produto ser repassado a recipientes cerâmicos, logo que sai do processo de queima. A gelatina é friccionada enquanto o recipiente cerâmico estiver aquecido, funcionando como se fosse uma espécie de impermeabilizante, ou seja, evita-se que a água seja expelida do interior do recipiente cerâmico.

Os experimentos cerâmicos de exemplares reproduzidos por José Alberto Neves (comunicação pessoal, 2015) vêm demonstrando que a argila retirada com a profundidade de um metro traz menos cauixi; já, por outro lado, com a argila coletada de áreas de margens de rios ou igarapés, quando as águas estão baixando, a coleta atinge níveis de trinta a cinquenta centímetros e há intensidade de cauixi. As urnas analisadas que possuíam menor índice de cauixi e maior quantidade de caraipé apresentavam bom estado, porém, aquelas em que havia maior índice de cauixi eram bem mais pesadas e apresentavam maior índice de fragmentação. Para finalizar, a coleção arqueológica *José Alberto Neves* objetiva demonstrar a história do modo de vida dos homens, das mulheres, dos idosos e das crianças que viveram no ambiente da *terra preta do Tabocal*, que deixaram uma herança que está no assoalho negro do solo presente nas ruas, nas avenidas, nos quintais e na parte superior da localidade, nas centenas de espécies de frutos que compõem as paisagens do rio, das florestas e da terra; e nos fragmentos cerâmicos estão as digitais inscritas em cada fragmento dessa história, que jorra quando o assoalho negro é manejado.

7 REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **Ecosistema do Brasil**. Marigo. São Paulo: Metalivro, 2008.

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.

ACUNÃ, Cristóbal de, sacerdote, 1597-1675. **Novo descobrimento do grande rio das Amazonas**. Tradução de Helena Ferreira; revisão de Moacyr Werneck de Castro; revisão de José Tedin Pinto. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

ADORNO, Theodor W. (1947) **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida reduzido por Juba Elisabeth Levy... [et al.]. — São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **A Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Disponível em: <<http://antivalor.vilabol.uol.com.br>>: Acesso em: junho 2015.

AGAMBEM, George. **O que é o Contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argo, 2009.

AGASSIZ, Luíz & AGASSIZ, Elizabeth. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

AGASSIZ, Luíz & AGASSIZ, Elizabeth. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Impresso pelo Senado Federal. Brasília, 2000.

ALBUQUERQUE, Paulino Ulysses de; ALVES, Ângela Giuseppe Chaves; RAÚJO, Thiago Antonio de Souza. (Orgs.) **Povos e Paisagens: Etnobiologia, Etnoecologia e Biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA/UFPA, 2007.

ARAÚJO. Henrique José Borges de; SILVA, Idelfonso Generoso da. **Lista de Espécies Florestais do Acre: Ocorrência com Base am Inventário Florestais Rio Branco**: Embrapa Acre, 2000.

BALLÉ, William. **Transformação da paisagem e mudanças da língua: Um estudo de caso em Ecologia Histórica**. In *Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e invisibilidade*. (Orgs.) ADAMS, Cristina; MURRIETE, Rui; NEVES, Walter. São Paulo: Annablume, 2006.

BARBOSA RODRIGUES, João. **Expedição e Estudo do Vale do Amazonas: Rios Urubu e Jatapu**. Em Comissão Científica pelo Governo Imperial. Rio de Janeiro: Tipographia Nacional, 1875^a

_____. Rodrigues, **Vellozia Contribuição do Museu Botânico do Amazonas**, vol. Segunda Edição 1885-1888. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891.

_____. Rodrigues. **Expedição e Estudo do Vale do Amazonas: Rio Tapajós. Em Comissão Científica pelo Governo Imperial**. Rio de Janeiro: Tipographia Nacional, 1875b.

BARRETO, Mauro Viana. **História da Pesquisa Arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi**. Boletim do Mus. Para. Em Goeldi. Série. Anropol, 1992.

BATES, Henry Walter. **Um Naturalista no Rio Amazonas**. Tradução Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia**. 2.^a Ed. Manaus: Editora Valer, EDUA e INPA, 2007.

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia: pré-história**. Reip: Edições, 70, Ltda, 2011.

BOLLE, Willi. **Travessia Pioneira da Amazônia** (Francisco de Orellana, 1541-1542). In Amazônia: região universal e teatro do mundo. (Orgs.) BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel. São Paulo: Globo, 2010.

BRANCO, Samuel Murgel. **O desafio Amazônico**. Ed. 16^a, rev. Amp. São Paulo: Moderna, 1995.

BRASIL, **Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012**. Código Florestal Brasileiro.

BRASIL, **Lei nº 3924, de julho de 1961** - IPHAN.

CABALZAR, Aloiso. **Manejo Ambiental e Pesquisado do Calendário Anual do Rio Tiquié**. In Manejo do Mundo: conhecimento e prática dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste amazônico (Orgs) CABALZAR, Aloisio; RICARDO, Beto; ALBERTA, Lucia. São Paulo: Isa – Instituto socioambiental, São Gabriel da Cachoeira FORRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARVAJAL, Gaspar de. **Descobrimento do Rio de Orellana**. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941. (trecho entre o rio Negro e Tapajós).

CORRÊA, Marcos Vinicius Miranda. **Nas Fronteiras do Uatumã: uma Tentativa de Associação Entre Sítios Rupestres e Cerâmicos**. GLOBAL ROCK ART. Resumos e Atas Digitais - Abstracts and Digital Actas. Vol.I Congresso Internacional da IFRAO – Piauí / BRASIL, 2009.

COSTA, Fernando Walter da Silva. **Arqueologia das Campinaranas do Baixo Rio Negro: Em busca dos Pré-ceramistas nos Arredores da Amazônia Central**. 195 f. (Tese de Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009.

COSTA, Marcondes Lima da et al. **Paisagens Amazônicas sob a Ocupação do Homem Pré-Histórico: Uma Visão Geológica**. In As Terras Pretas de Índio da Amazônia: Sua Caracterização e uso deste conhecimento na Criação de Novas Áreas. (Orgs.). TEIXEIRA, Wenceslau Geraldo et al. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010

COUDREAU, Henry. **Viagem ao Tapajós**. Coleção Reconquista do Brasil, vol. 49. Editora Universidade de São Paulo. São Paulo: Livraria Itatiaia, Belo Horizonte, 1977.

CRUZ NETO, Otávio. **O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação**. In Maria Cecília de Sousa Minayo (org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade, Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CRUZ, Daniel Gabriel da. **Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO)**. f. 171 (Dissertação de Mestrado Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. **Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

DANIEL, Padre João. **Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas**. Volume 2, Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DIAS, Odegar. **As Estruturas Arqueológicas de Terra no Estado do Acre - Amazônia Ocidental, Brasil, um caso de Resiliência?** (Orgs). DIAS, Odegar; CARVALHO, Eliana; ZIMMERMAM. In Estudos contemporâneos de Arqueologia. Palmas: UNITINS-IAB, 2006.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 4.^a ed. São Paulo: Hucitec; Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Desmatamento e Modos de Vida na Amazônia** (org.). NUPAUB – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, São Paulo, 1999.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica ao Rio Negro**. 2.^a Ed. organizada, atualizada, anotada e ampliada por Francisco Jorge dos Santos *et alli*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas e Editora do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 2007.

FONSECA JÚNIOR. João Aires Ataíde da. **Levantamento regional na arqueologia amazônica: o uso de sistema de informação geográfica e sensoriamento remoto**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 675-690, set.-dez. 2013.

FONSECA, Osorio J.M. **Pensando a Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2011.

FRAXE, Terezinha de Jesus. Pinto. **Cultura Cabocla-Ribeirinha: Mitos, lendas e transculturalidade**. 2.^a edição, São Paulo: Annablume, 2010.

FRITZ, Padre Samuel. **O diário**. (Org.) PINTO, Renan Freitas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas e Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2006.

GASPAR, Maria Dulce. Sambaqui: **arqueologia do litoral brasileiro**. Coleção Descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GEERTZ, Clifford A. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

GOMES, **Antiguidade do Amazonas: Ensaio de Sciencia**. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, Editores, 1876.

_____. Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônicas MAE-USP**. São Paulo Editora da Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. Denise Maria Cavalcante. **Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, Fapesp, 2008.

_____. Denise Maria Cavalcante. **Cronologia e conexões culturais na Amazônia: as sociedades formativas da região de Santarém** – PA. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2011, V. 54 Nº 1

_____. Denise Maria Cavalcante; LUIZ, José Gouvêa. **Contextos domésticos no sítio arqueológico, Santarém, identificado, Brasil, identificado com o auxílio da geografia por meio do método GPR**. Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 639-656, set.-dez. 2013.

GUAPINDAI, Vera Lúcia Calandrini. **Fontes Históricas e Arqueológicas sobre os Tapajós de Santarém: A Coleção “Frederico Barata” do Museu Paraense Emílio Goeldi** Volume II, 1993 f 294 (Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Federal de Pernambuco).

GUAPINDAI, Vera Lucia Calandrini; FONSECA JÚNIOR, João Aires de Ataíde da. **Metodologia de delimitação no sítio arqueológico Cipoal do Araticum na região do rio Trombetas**. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Belém, v. 8, n. 3, p. 657-673, 2013.

GUAPINDIA, Vera Lúcia Calandrini. **Além da margem do rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas**, PA. 2008 f 186. (Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arqueologia).

HARTT, Charles Frederico. **Contribuição para a Arqueologia do Vale do Amazonas**. Archivo do Museu nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1885.

HECKENBERGER, Michael. **Ecologia e Poder: a base simbólica da economia política na Amazônia**. In: Amazônia Além dos 500 anos. FORLINE, Louis Carlos; MURRIETA, Rui Sérgio Sereni; VIEIRA, Ima Célia Guimarães (orgs.). Belém – Pará – Brasil, 2006.

HILBERT, Peter Paul. **Archaeologische Untersuchungen AM mittlern Amazonas**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968.

_____. Peter Paul. **Contribuição à Arqueologia do Amapá**. Boletim do Museu Paraense

Emílio Goeldi. Belém: Pará-Brasil, 1957.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIOBAL - BRASIL. **Cartas Patrimoniais** 3ª ed.rev.aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

LATHARP, Donald W. **El Alto Amazonas. Primera edición en español.** *Lima-Iquitos, 2010.*

_____. Donald W. **O Alto Amazonas.** 40.ª ed. Verbal Lisboa: Portugal, 1970.

LEVIS-STRAUSS, Claude. **A oleira Ciumenta.** Biblioteca Nacional de Portugal - Catalogação na Publicação. Edições, Ltda., 2010.

_____. Claude. **Pensamento Selvagem.** Campinas, São Paulo: 4.ª Ed., 1989

LIMA, Helena Pinto. História da Caretas. **A tradição borda incisa na Amazônia Central.** 2008. 538f. Tese (Doutora em arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LIMA, Helena Pinto; COSTA, Fernando Walter da Silva. **Arqueologia Amazônica. Relatório final: consultoria científica.** Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado de Cultura, CCPA, 2007.

LIMA, Helena Pinto; NEVES, Eduardo Góes. **Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central.** Museu Arq. Etn., São Paulo, n. 21, p. 205-230, 2011.

LIMA, Helena Pinto; SILVA, Carlos Augusto da. **Levantamento de Sítios e Coleções Arqueológicas do Médio Amazonas.** Programa Brasil Patrimônio Cultural, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Relatório I e II, 2004/2005, Inédito.

LOPES, Otavio Manoel Nunes; ALVES, Raimundo Nonato Brabo. **Adubação Verde e Plantio Direto: Alternativas de Manejo Agroecológico para a Produção Agrícola Familiar Sustentável. Embrapa Amazônia Ocidental:** Belém-PA, 2005. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/403557/1/DOCUMENTOS212EmbrapaAOriental.pdf>. Acesso em set. 2015.

MAGALHAES, Marcos Pereira. **A Phýsis da Origem: o sentido da história na Amazônia.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005.

MAPAS PEDOLÓGICOS DE MUNICÍPIOS DO MÉDIO SOLIMÕES: **Área de Estudo do PIATAM, elaborado por EMBRAPA.** UFAM/SIPAM. Manaus: 2007.

MARCOY, Paul. **Viagem pelo Rio Amazonas.** Tradução, introdução e notas de Antônio Porro. 1ª Edição em Português. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, Secretaria da Cultura, Turismo e Desporto e Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; ALBUQUERQUE, Paulino de Albuquerque. **Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia.** (Orgs. Recife: Nupeea, 2012.

MEGGERS, Betty J. **Amazônia: a ilusão de um paraíso.** Tradução de LINHARES, Maria Yeda. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MEGGERS, Betty; EVANS. C. **An experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South America**. In: Lothrop, S. (Ed.) *Essays in Precolumbian Art and Archaeology*. Cambridge, Harvard University, 1961.

MELO NETTO, Ladislau de Souza. **Investigações sobre a Arqueologia Brasileira**. Arquivos do Museu Nacional, v. 6, p. 257-553, 1885.

_____. Ladislau de Souza. **Levantamento sobre Archeologia Brasileira**. Archivo do Museu nacional do Rio de Janeiro, Volume II, Imprensa industrial, 1877.

MESORREGIÃO CENTRO-AMAZONENSE (IBGE), 2010. Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Amazonas>. Acesso em jun.2015.

MILLER, Eurico Th. In **Arqueologia Interpretativa: O Método Quantitativo para estabelecimento de Sequências Cerâmicas: Estudo de Caso**. (Orgs.). MEGGERS, Betty; ZIMMERA, Marcos Aurélio Câmara. Porto Nacional: UNITINS, 2009.

_____. T. O. **Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte. Brasília, Eletronorte**, 1992. Sentido

MORAES, Claide de Paula & NEVES, Eduardo. **O Ano 1000: Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central**. Amazônica: Revista de Antropologia, 2012.

MORAES, Paula Claide de. **Levantamento Arqueológico da Região do Lago do Limão, Iranduba, AM**. 2006 243 f. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

MORÁN, Emílio F. **Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica**. Tradução de Carlos E. A. Coimbra Jr. e Marcelo Soares Brandão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

MORAN. Emilio F. **Nós e a natureza: Uma introdução às relações homem-ambiente**. Senac, São Paulo, 2008.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alce Sampaio Dória. Ed. 14ª revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NEVES Eduardo Góes *et alli*. **Resultados Preliminares de um Levantamento Arqueológico na Bacia da Amazônia Central**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São – relatório encaminhado à 1.ª Coordenadoria Regional do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), localizado na cidade de Manaus, Estado do Amazonas, 1998.

_____. Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2006.

NEVES, E., Petersen, J., Bartone, R., Silva, C.A. 2003, **Historical and Socio-cultural origins of Amazonian dark Earths**. Lehman J., Kern, D, Glaser, B. Woods, W. (Eds.) **Amazonian Dark Earths: Origin, Properties and Management**. Dordrecht. Kluwer Academic Publishers: 1-45.

NEVES, Eduardo .Góes. **Diagnóstico Arqueológico da Área Diretamente afetada pela Implantação do Gasoduto Coari-Manaus**. Manaus-Amazonas. Museu de Arqueologia e

Etnologia da Universidade de São Paulo, 2003.

NEVES, Eduardo Góes et.al. A Tradição Pocó-Açutubo e os Primeiros sinais visíveis de modificações de Paisagens na calha do Amazonas. *Amazônia Memoria de las conferencias magistrales del 3er Encuentro Internacional de arqueología Amazónica: Impreso en Quito, Ecuador*, 2014.

NEVES, Eduardo Góes. **Duas Interpretações para Explicar a Ocupação da Pré-história na Amazônia**. In: Pré-história da *Terra Brasilis*. (Org.). TENÓRIO, Maria Cristina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

_____. Eduardo Góes. **História a Amazônia Antes da Conquista. Cadernos de arqueologia -2**. Manaus: IPHAN, 2005.

_____. Eduardo Góes. **Sobe os Tempos do Equinócio: Oito mil anos de História na Amazônia Central**. 2012, 360 f (6.500 AC - 1.500 DC). f.315 (Tese apresentada para Concurso de Título de Livre-Docente). Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo.

NEVES, Eduardo Góes; SILVA, Carlos Augusto da. **Estudo de Impacto sobre o Patrimônio Arqueológico provocado pelo Gasoduto Urucu-Porto Velho (AM-RO)**. Manaus/ AM. Relatório, 2000, Inédito.

NEVES, José Alberto. **História Concisa de Urucurituba e Vislumbres de Civilizações Extintas**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas Secretaria de Estado da Cultura, 2009.

_____. José Alberto. **Livro de Tombo I**, 1998.

_____. José Alberto. **Livro de Tombo II**, 2013.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Excursões pela Amazônia**. São Paulo: Rev. Antropol. vol. 44 n.º 2, 2001.

_____. Kurt. **Os índios Parintins do rio Madeira**. Journal de la Société des Américanistes. 1924.

NINA, Frederico Gaia. Terceiro Ciclo: **Interiorização Do Desenvolvimento**. Monografia. Faculdade de Escudos Sociais – Universidad Federal do Amazonas (UFAM) – Basil, 1995. 113p.

NODA, Sandra do Nascimento (org.). **Agricultura Família na Amazônia das águas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

PENNA, Domingos Soares Ferreira. **Apontamento sobre os ceramios do Para**. Archivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro: Volume II, imprensa industrial, 1877.

PEREIRA, Edithe. **Arte Rupestre na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. São Paulo: UNESP, 2003.

PEREIRA, Henrique dos Santos. **Agricultura e extrativismo: as escolhas de uma comunidade ribeirinha do Médio Solimões**. 1992, 167 f (Dissertação de Mestrado). Manaus: INPA/UFAM

PEREIRA, Henrique dos Santos; CAMARGO, Thaísa Rodrigues Lustosa de. **Bens, Recursos e Serviços ambientais: Bases Conceituais e Redefinições.** In Economia e Valorização de Serviços ambientais utilizando técnicos de preferência declaradas. (Org.). RIVAS, Alexandre. Manaus: EDUA, 2014.

PORRO, Antônio. **O povo das águas: ensaio de etno-história amazônica.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. Antônio. **Os povos indígenas da Amazônia à chega dos europeus.** In Comissão de Estudos da história da Igreja na América Latina - CEHILA. (coord.) HOORNAERT, Eduardo. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1995.

POSEY, Darrell, A. **Exploração da biodiversidade e do conhecimento indígena na América Latina: desafio à soberania e à velha ordem.** In Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas. CAVALCANTI, Clóvis (Org.). 2.^a Ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1999.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira, Brasília:** UnB, 1992.

_____. André. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde.** (org.) TELLES, Ténorio. Ed. 6^a, Manaus: Editora Valer, 2008.

RIBEIRA, Berta G. **Os índios das Águas Pretas: modo de produção e equipamento produtivo.** São Paulo: Campanha das Letras: ed. da Universidade de São Paulo, 1995.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **Os Horticultores de Roraima.** In (Org.) TENÓRIO, Maria Cristina. Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

ROCHA, Walter. **Campanha Arqueológica do Município de Urucurituba (CAMUR I),** 1983.

ROOSEVELT, A. **Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil,** San Diego, Academic Press. 1991.

ROOSEVELT, Anna C. **Arqueologia da Amazônia.** Tradução: John Manoel Monteiro. In: Manuela Carneiro da Cunha (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo, Cia. das Letras/FAPESP/SMC, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política,** São Paulo: Cortez, 2006.

SCHAAN, Denise. **Arqueologia do Acre: do PRONABABA às Pesquisas sobre os geoglifos.** In SCHAAAN, Denise; RANZI, Alceu; PARSSINEN, Martti (Orgs.). Arqueologia da Amazônia Ocidental. Belém EDUFPA; Rio Branco: biblioteca da Floresta Ministra Marina Silva, 2008.

SILVA, Carlos Augusto da Silva; CALHEIROS, Catarina. **Estudo de Caso: A Cerâmica Miracanguera** “Evento Internacional” no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém-PA, 2014.

SILVA, Carlos Augusto da. **A reprodução de vidas em sítios arqueológicos na Amazônia.** Manaus: EDUA, 2014.

_____. Carlos Augusto da. **Diário de campo, nas localidades do baixo rio Madeira e Purus, primeiro semestre de 2013, inédito.**

SILVA, Carlos Augusto da. **Relatório encaminhado ao Núcleo de Socioeconomia da Faculdade de ciências Agrárias -UFAM, 2013, inédito.**

_____, Carlos Augusto da. **Terreiros florístico pré-cabralinos no Amazonas.** In Fronteiras do Passado: Aportes Interdisciplinares sobre a Arqueologia do Baixo Rio Urubu, Médio Amazonas, Brasil. (Org.) LIMA, Helena Pinto. Manaus: EDUA, 2015.

SILVA, Carlos Augusto da; FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; SILVA, Michelle Andreza Pedroza. **Potencial Arqueológico do Baixo Rio Purus: Um Estudo Preliminar.** In Unidades de Conservação do Amazonas no Interflúvio Purus-Madeira: Diversidade Cultural e Gestão Social dos Bens Comuns. (Orgs.) PEREIRA, Henrique do Santos et.al. Manaus. EDUA, 2015.

SILVA, Carlos Augusto da; MORAES, Railma Pereira; NODA, Sandra do Nascimento. **O Saber tradicional na manipulação de espécie vegetal no preparo de garrafadas na comunidade Cai N´água, em Manaquiri.** 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

SILVA, Carlos Augusto da; SANTOS, Francisco Jorge. Nota de Campo, realizada durante a Expedição Humboldt, 2000, *inédito.*

SILVA, Marilene Corrêa. **O Paiz do Amazonas.** 3ª Ed. Manaus: Editora Valer, 2012.

SILVEIRA, Maura I. da. **Estudos sobre estratégias de subsistência de caçadores-coletores pré-históricos do sítio Gruta do Gavião, Carajás/PA.** Dissertação (Mestrado) - USP. São Paulo, 1994.

SILVEIRA, Maura Imazia. **Estudos sobre Estratégias de subsistência de caçadores-coletores pré-histórico do sítio gruta do Gavião.** (Dissertação de Mestrado) Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1994.

SILVEIRA, Maura Imazia; SCHAAN, Denise Pahal. **A vida nos manguezais: a ocupação humana da Costa Atlântica Amazônica durante o holoceno.** In Arqueologia da Amazônia. (Orgs.) PEREIRA, Edith; GUAPINDAIA, Vera. Belém:MPPEG, IPHAN, SECULT,2010.512 p.2 v:il.

SILVEIRA, Maura Imazio da; SCHANN, Denise Pahl. **A vida nos Manguezais.** In Arqueologia Amazônia. (Orgs.) PEREIRA, Edithe; GUANDIDAIA, Lucia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, IPHAN, SECULT, 2010.

SILVINO, Santos. **Um Europeu na Amazônia.** Capital europeia da Cultura: Guimarães, 2012.

SILVINO, Santos. **Um Europeu na Amazônia. Capital Europeia da Cultura,** Exposição: Guimarães, 2012.

SIMÕES, M. **Contribuição à arqueologia dos arredores do baixo rio Negro**. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 5. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, v. 26, 1974, p. 165-188.

SIMÕES, Mário F.; ARAÚJO-COSTA, Fernanda de. **Pesquisas Arqueológicas no Baixo Tocantins (Pará)**. *Revista de Arqueologia*. Belém, CNPq e Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 4, n. 1, p. 11-27. 1987.

SIMÕES, Mário Ferreira. **A pré-história da bacia amazônica: uma tentativa de reconstrução**. In Aspectos da arqueologia brasileira. Rio de Janeiro: Instituto de Arqueologia Brasileira, 1981 e 1982, p. 5-21 (ser. Catálogo; 2). Carajás-Pará.

SIMÕES, Mário Ferreira; ARAÚJO-COSTA, Fernanda. **Área da Amazônia Legal para Pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, publicação Avulsa, nº 30, 1978.

SIMÕES, Mário Ferreira; CORRÊA, Conceição G. **Indício das Fases Arqueológico Brasileiro**. Publicações Avulsas. Nº 18. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém: Pará-Brasil, 1972.

SIMÕES, Mário Ferreira; CORRÊA, Conceição G. **Pesquisa Arqueológica na Região do Salgado**. Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série: Belém, Pará - Brasil, 1971.

SIMÕES, Mário Ferreira; COSTA, Fernanda Araújo. **Áreas da Amazônia Legal Brasileira, para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos**. Publicações Avulsas as o Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1978, n.º 30.

SIMÕES, Mário; KALKMAN, Ana. **Pesquisas arqueológicas no Médio Rio Negro (Amazonas)**. *Revista de Arqueologia*, v. 4, n.º 1, 1987, p. 83-116.

SIMÕES, **Nota sobre duas Pontas-de-Projetil da Bacia do Tapajós (Pará)**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Novas Séries, Antropológicas, Belém, n. 62, jan. 1976.

_____. **Salvamento Arqueológico em Carajás (PA)**. In Carajás; desafio político, ecológico e desenvolvimento. São Paulo: CNPq/Brasiliense, 1986.

SIOLI, Harald. **Amazônia: Fundamentos da ecologia da maior região de florestas tropicais. Petrópolis. Vozes, 1985.**

TOCANTINS. Antônio Manoel Gonçalves. **Estudo sobre “Mundurucu”**. Revista Trimestral do Instituto Histórico Geographico Ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, livreiro-editor, 1875.

TUAN, YiFu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 2012.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (século XVI -XVII)**. Manaus: Editora Valer, 2009.

WAGLEY, C. **Uma Comunidade da Amazônia. As relações Sociais em uma comunidade amazônica**. São Paulo, Edusp (cap. 2 e 4: p.123), 1956.

WALLACE, Aldred Russel. **Palmeiras da Amazônia e seus usos**. Tradutor juramento. Manaus: EDUA, 2014.

WALLACE, Aldred Russel. **Viagens pelos Rios Amazonas e Negro**. Tradução Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

WITKOSKI, Antonio Carlos. **Terras, florestas de águas e de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007 (série: Amazônia, a terra e o homem).

WITKOSKI, et al. **Etnoconhecimento e Prática de Pesca**. In A pesca na Amazônia Central: Ecologia, conhecimento tradicional e formas de manejo. (Orgs.) FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

ZUANON, Jansen Alfredo Sampaio; COUTO Thiago Belisári d'Araújo; BARROS, Gabriel Gazzana. **Ictiofauna de Quadro Unidades de Conservação de Uso Sustentável no Interflúvio Madeira-Purus**. (Org.) GORDO, Marcelo; PEREIRA, Henrique dos Santos. Manaus: EDUA, 2015.

ANEXO A: Ilustração das aldeias na área do complexo arqueológico de Urucurituba-AM.

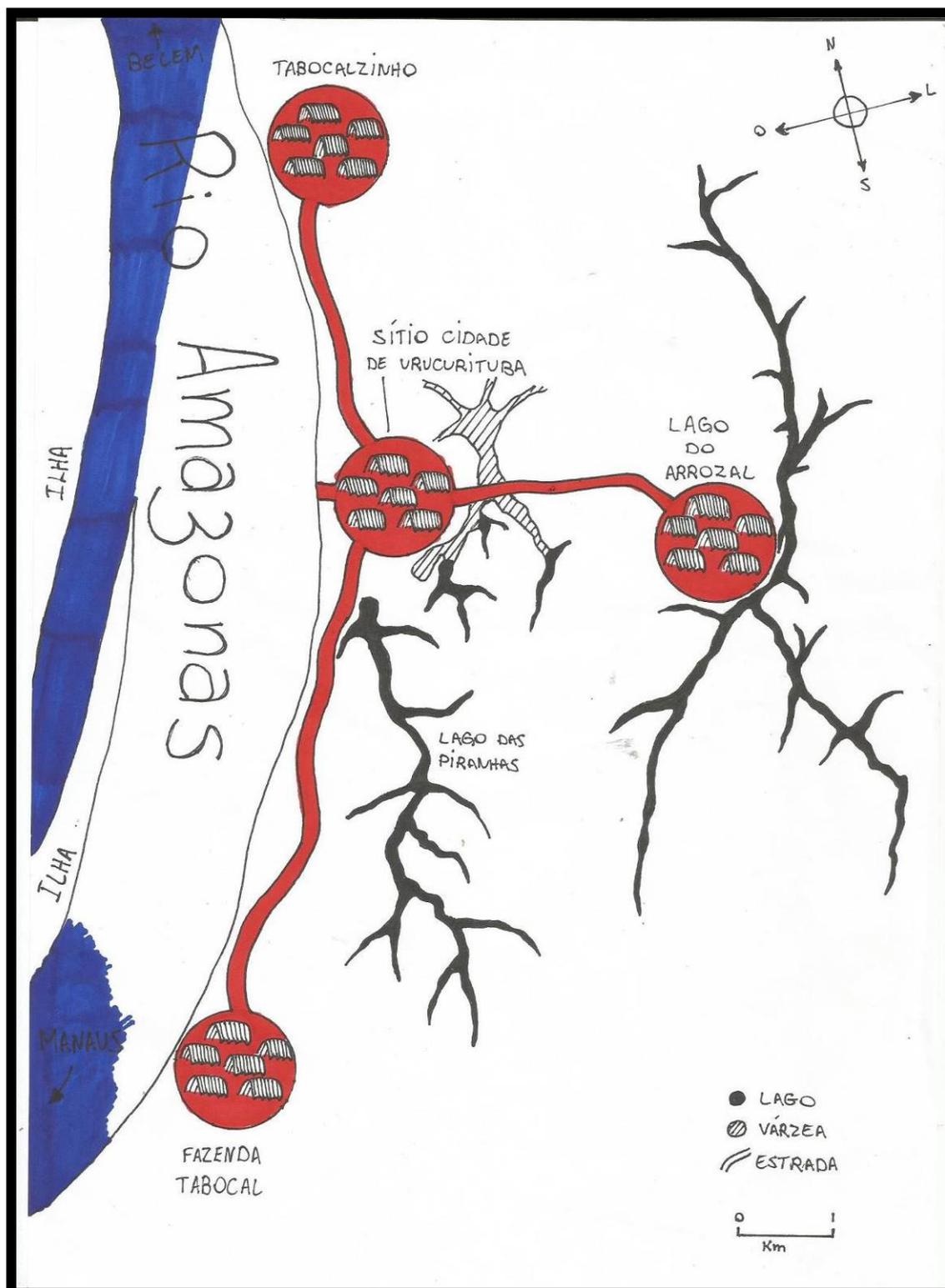


Imagem: Percepção da interação entre as aldeias pretéritas.
Desenho: Daniel Azevedo Júnior

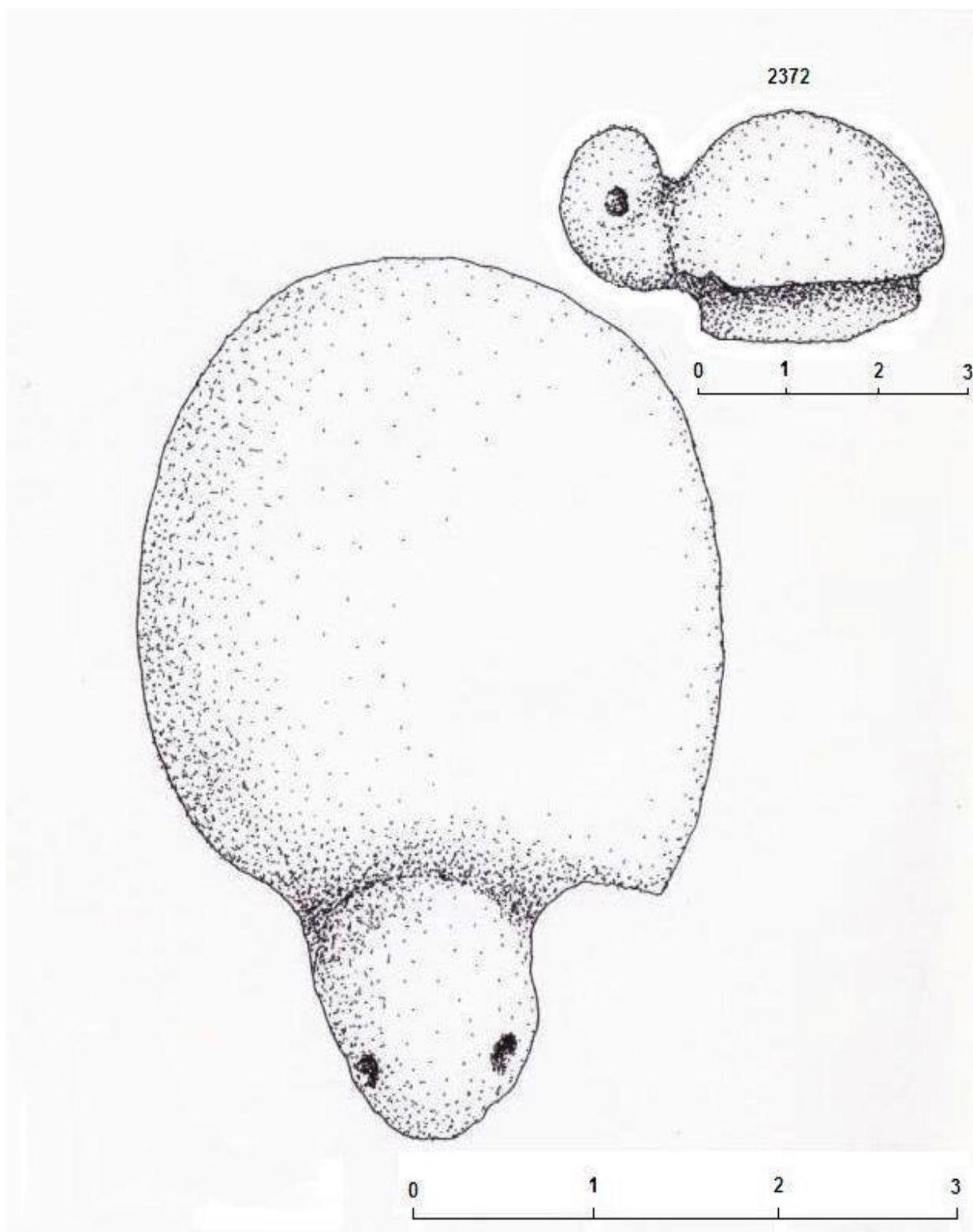
ANEXO B: Imagem de quelônio

Imagem de Tartaruga.

Desenho de Daniel Azevedo Júnior, nov. 2015.